



A POÇÃO SECRETA

Diário de uma
Garota Alquimista



A Poção Secreta

AMY ALWARD

A Poção Secreta

Diário de uma
Garota Alquimista

Tradução

Denise de Carvalho Rocha



Título do original: *The Potion Diaries*

Copyright © 2015 Amy Alward

Copyright da edição brasileira © 2017 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com Simon and Schuster UK Ltd.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2017.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Join Bureau

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: [S2 Books](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alward, Amy

A poção secreta: diário de uma garota alquimista / Amy Alward; tradução Denise de Carvalho Rocha. – São Paulo: Jangada, 2017.

Título original: *The potion diaries*.

ISBN: 978-85-5539-082-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

17.02034

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

1ª Edição Digital 2017

eISBN: 978-85-5539-085-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

*Para Juliet,
cujo talento mágico é fazer as coisas acontecerem*

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Capítulo um. A princesa Evelyn

Capítulo dois. Samantha

Capítulo três. A princesa Evelyn

Capítulo quatro. Samantha

Capítulo cinco. Samantha

Capítulo seis. Samantha

Capítulo sete. Samantha

Capítulo oito. A princesa Evelyn

Capítulo nove. Samantha

Capítulo dez. Samantha

Capítulo onze. Samantha

Capítulo doze. Samantha

Capítulo treze. Samantha

Capítulo catorze. Samantha

Capítulo quinze. Samantha

Capítulo dezesseis. Samantha

Capítulo dezessete. A princesa Evelyn

Capítulo dezoito. Samantha

Capítulo dezenove. Samantha

Capítulo vinte. Samantha

Capítulo vinte e um. Samantha

Capítulo vinte e dois. Samantha

Capítulo vinte e três. Samantha

Capítulo vinte e quatro. Princesa Evelyn

Capítulo vinte e cinco. Samantha

Capítulo vinte e seis. Samantha

Capítulo vinte e sete. Samantha

Capítulo vinte e oito. Samantha

Capítulo vinte e nove. Samantha

Capítulo trinta. Samantha

Capítulo trinta e um. Samantha

Capítulo trinta e dois. Samantha

Capítulo trinta e três. Samantha

Capítulo trinta e quatro. Samantha

Capítulo trinta e cinco. Princesa Evelyn

Capítulo trinta e seis. Samantha

Capítulo trinta e sete. Samantha

Capítulo trinta e oito. Samantha

Capítulo trinta e nove. Samantha

Capítulo quarenta. Samantha

Capítulo quarenta e um. Samantha

Capítulo quarenta e dois. Samantha

Agradecimentos



CAPÍTULO UM



A PRINCESA EVELYN



Uma pequena gota de sangue brota onde a ponta da faca pressiona a ponta do seu dedo. Ela o encosta na boca de um frasquinho de vidro e vê quando a gota cai, fazendo o líquido, no fundo, passar de rosa para um azul-escuro profundo.

Estranho.

Sempre achou que uma poção do amor ficaria vermelha, não azul.



CAPÍTULO DOIS

♥ SAMANTHA ♥

A camada de sujeira endurecida sobre a superfície convexa do frasco é tão espessa que nem o rótulo é legível. Dou uma esfregada rápida nele com o punho da manga antes de me lembrar da severa advertência de mamãe para não arruinar minhas roupas enquanto fico na loja. Em vez disso, pego o pano que enfiei no bolso do jeans aquela manhã. Outra esfregada vigorosa no vidro revela a caligrafia delgada do meu avô, cuidadosa e precisa, exceto onde a tinta borrou entre as rachaduras do rótulo, como tentáculos se espalhando por um pergaminho de linho.

Berd du Merlyn

— Não acredito... — As palavras saem da minha boca ao mesmo tempo que uma onda repentina de emoção percorre minha espinha. Tenho que colocar o frasco de volta na prateleira e fazer algumas respirações profundas para me acalmar antes de poder seguir em frente.

— O que você encontrou? — Minha melhor amiga, Anita, olha para mim do alto da escada, a algumas prateleiras de distância.

Nós duas estamos equilibradas nos degraus de escadas de mão, a três andares e trinta e seis prateleiras de altura. Fizemos um acordo. Anita me ajuda com minha maçante e colossal tarefa de fazer um inventário dos milhares de ingredientes, tinturas, poções, plantas e coisa e tal da loja da minha família. Em troca, concordei em assistir com ela ao concerto do 18º aniversário da Princesa num dos telões instalados ao redor do castelo, embora ouvir sobre a

vida da Princesa me arranque suspiros de tédio. Sem que ela note, enfio um livro na bolsa apenas por precaução.

Abro um largo sorriso e Anita arrasta a escada até onde estou. Os trilhos são antigos e empoeirados, e, mesmo com as gotas de óleo lubrificante que pinguei nas roldanas, ainda não funcionam bem.

Eu viro o frasco na direção dela, que solta um assobio baixo.

— Você acha que é o verdadeiro?

— Quem sabe? — Meu coração disparado me trai. Toda vez que procuro alguma coisa nessas prateleiras, sinto que estou cavando cada vez mais fundo, atrás de um tesouro perdido, e um dia vou encontrar algo realmente valioso. Bem que poderia ser o caso agora.

— Li, na revista *Nature & Potion*, sobre uma erva conhecida como Barba de Mago. Esse pode ser só um nome antigo dela.

Usos para a Barba de Mago surgem na minha cabeça antes que eu consiga impedir: *ingrediente-chave de poções para aliviar choques — deixe por cinco minutos na água quente (não fervente) para ajudar a amenizar o choque provocado por más notícias*. É um ingrediente relativamente comum, não seria um achado tão eletrizante.

Se, no entanto, isso for mesmo Barba de Mago — e do mago que estou pensando... — bem, de repente posso ter descoberto uma forma de pagarmos o conserto da goteira que encontrei ontem no telhado (da maneira mais difícil: sentindo pingos na cabeça) e que agora está temporariamente consertada com fita adesiva.

Seguro a parte superior da tampa e torço com toda força. Sinto uma leve resistência e então a tampa se solta, junto com uma grande lufada de poeira, que explode bem na minha cara.

A tosse seca e o abano frenético com o braço dispersam a poeira, mas meu coração se contrai.

Vazio.

Anita bate de leve no meu braço.

— Mais uma coisa para acrescentar à lista de Kirsty?

— Parece que sim. — Solto um suspiro, em seguida tiro a caneta de trás da orelha e anoto “Barba de Mago” na lista de coisas que tenho de pedir a Kirsty, nossa Coletora. E parece que vou ter de encontrar outra maneira de consertar aquela goteira.

Às vezes, se estou mais sentimental, penso em todas as gerações de Kemi que estiveram empoeirados nesses mesmos degraus, quantos grandes alquimistas examinaram o conteúdo

dessas prateleiras.

Mas depois volto à realidade: a loja está caindo aos pedaços, nossos suprimentos estão acabando e não temos nenhum bom negócio em vista para mudar essa situação.

Não foi sempre assim. A Loja de Poções Kemi foi um dia uma das boticas mais proeminentes de Kingstown. Mas ninguém precisa mais de boticas. Não quando tem megafarmácias, no centro da cidade, vendendo versões sintéticas das poções tradicionais pela metade do preço. Agora somos resquícios de um tempo que não volta mais. Relíquias.

O pai de Anita também é dono de uma loja de poções especializada nas técnicas de mistura de Bharat. Quando seu aprendiz os deixou para estudar engenharia, o senhor Patel decidiu não contratar outro — mesmo quando Anita se ofereceu para abrir mão da sua vaga na universidade para assumir o posto. Quando se aposentar daqui a alguns anos, ele vai fechar a loja definitivamente. Outro boticário entregando os pontos, enquanto a Loja de Poções Kemi se agarra à sua preciosa vida...

O senhor Patel tem sorte. Pelo menos ele *escolheu* fechar a loja, então está no controle até certo ponto. Sinto um familiar gelo no estômago quando me pergunto o que vai acontecer comigo quando o nosso tempo se esgotar.

Anita desliza a escada ao longo das prateleiras, de volta ao lugar onde estava trabalhando. Eu tento voltar a sentir algum entusiasmo com a tarefa, mas ele desapareceu no éter como as partículas de pó do frasco vazio.

— Ah, meu Deus, Sam, olha isso!

— O quê? — Vou deslizando com dificuldade até ela. O que minha amiga poderia ter encontrado? Hálito de esfinge? Ou talvez até um dente de dragão?

Ela empurra o celular na minha cara. Na tela está a Princesa Evelyn posando num dos grandes salões do Palácio.

— A Princesa vai usar, na festa de aniversário, o mesmo vestido que eu queria comprar na Prime Store para o baile de verão! Mas que droga! Agora não vou encontrá-lo em nenhuma loja! — Minha amiga faz beicinho.

— Não posso acreditar que você vai mesmo ao baile de verão.

— Vou, porque não é todo mundo que troca garotos por poções, como *algumas* pessoas que eu conheço.

— Muito engraçado. Mas você não tem um par, tem?

— Estou pedindo para os meus pretendentes fazerem fila, assim como a Princesa Evelyn, só aguardando o meu par perfeito. — Anita joga sobre o ombro seu longo cabelo preto e

brilhante, em seguida mostra a língua.

Eu jogo o meu pano em cima dela e ela ri.

— Então, quem você acha que ela vai escolher como par hoje à noite? — Anita pergunta.

— Como assim?

Anita revira os olhos para mim.

— Qual é, Sam, se vai me obrigar a ajudar você com o inventário tem pelo menos que me divertir um pouco. Eu vou dizer primeiro: acho que vai ser Damian.

— Sem chance! A Realeza nunca vai deixar a Princesa se casar com um *pop star*. Vai ser o Príncipe Stefan de Gergon. Seria bom do ponto de vista diplomático.

— Mas que *tédio*! Ah, já sei. Zain Aster.

— Você acha?

— Por que não? Arjun disse que, na faculdade, só se fala em quanto ele é amigo da Princesa. — Arjun é irmão de Anita, dois anos mais velho do que nós. Ele e Zain estudaram na mesma série na nossa escola.

— Você anda cruzando muito com Zain por aí ultimamente? — Anita levanta as sobrancelhas com um ar sugestivo.

— Isso é tudo coisa da sua cabeça, sua boba. Zain Aster não sabe nem que eu existo.

— Só porque você quer.



CAPÍTULO TRÊS



A PRINCESA EVELYN



O coração da Princesa acelerou quando Renel, o assessor mais graduado da casa real, anunciou a chegada de Zain. Ao redor do pescoço ela tinha um medalhão de prata em forma de coração, que segurava firmemente entre os dedos. No entanto, no momento em que viu Zain, ela sentiu todo o nervosismo e tensão deixarem seu corpo. Até mesmo riu quando ele foi direto até ela, como se fosse o dono do lugar, ignorando o conselheiro gaguejante.

— Evie! — Ele se aproximou dela e a envolveu nos braços. Usava uma colônia almiscarada da moda, com componentes sintéticos de laboratório.

— Você já está vestido para a ocasião! — ela notou, colocando os dedos de leve no ombro texturizado do smoking.

Ele riu.

— Mas não é a maior festa do ano? Tenho que ficar elegante para as damas. — Ele ensaiou alguns passos de dança e fingiu arrumar o colarinho.

— Você está mesmo na maior estica! — disse ela, no que esperava fosse um tom casual, mesmo que as palavras dele fossem pequeninos punhais fincados no seu coração. — Renel, pode nos dar um instante? — perguntou ela, esperando o conselheiro narigudo sair.

— Você está uma gata! — disse Zain, recuando e segurando o braço dela para admirá-la.

Ela de fato estava bonita. Seus longos cabelos loiros estavam presos na nuca, com uma fita envolvendo o grosso arranjo de cachos soltos, e seu cabeleireiro tinha incorporado levíssimos tufo dourados entre os fios do seu cabelo. Seu vestido longo, todo cravejado de cristais azuis, flutuava em torno do seu corpo delicado. Muitos estilistas tinham implorado à comissão para ter o privilégio de vesti-la em sua festa de 18 anos. Ela tinha escolhido um

estilista local, com um ateliê na rua comercial mais elegante da cidade — uma decisão considerada “ousada” e “corajosa” pela mídia. Ela tinha simplesmente gostado do vestido.

O medalhão era o único acessório que não combinava. Mas tinha sua finalidade. E agora era a hora de cumpri-la.

— Quer uma bebida? — perguntou a Princesa, repreendendo a si mesma quando sua voz saiu meio esganiçada. Ela cruzou a sala até uma mesinha perto da janela.

— Claro! — Zain respondeu.

Ela sorriu, depois lhe virou as costas para derramar o vinho de uma garrafa de cristal delicado em duas das melhores taças de Nova, cujas belas bases de estanho tinham sido polidas até ficarem brilhantes como um espelho. Com um movimento rápido, ela abriu o medalhão. Um pó de um tom profundo de azul espalhou-se pelo fundo do copo, dissolvendo-se no vinho tinto.

Ela examinou as taças de perto e soltou um suspiro de alívio — pareciam idênticas. Esperou um segundo, mas Zain não a questionou nem confrontou. Tudo seguia conforme o planejado.

— Um brinde à paixão? — ela propôs.

Ele pegou a taça que ela oferecia e brindou, batendo levemente o cristal contra a taça dela e sorrindo.

— À sua saúde, Princesa.

— À nossa! — As palavras saíram como um sussurro quando ela levou a taça aos lábios e o observou fazer o mesmo. Em seguida a Princesa fechou os olhos, jogou a cabeça para trás e bebeu o vinho de um só gole. O líquido deslizou pela sua garganta com a suavidade do mel. Um calor percorreu seu corpo, correndo pelas suas veias, até parecer que as pontas dos dedos das mãos e dos pés estavam em chamas e seu coração fosse explodir de felicidade.

Seus cílios adejaram e ela abriu os olhos.

E fitando os frios olhos azuis refletidos na base de prata no fundo da taça, ela se sentiu loucamente, profundamente e irrevogavelmente apaixonada.



CAPÍTULO QUATRO

♥ SAMANTHA ♥

O sininho preso à porta da loja toca, depois se solta abruptamente das dobradiças e se espatifa no chão. Com um suspiro, ligo o notebook e abro a lista de “Coisas para consertar”. Escrevo *Sino da entrada* debaixo de *Goteira no telhado*.

Olhando para baixo, de cima da escada, espio o movimento da saia da minha mãe quando ela sai da sala dos fundos para cumprimentar a cliente. Minha visão é bloqueada por uma das grandes vigas de madeira que cruzam a parte superior da loja e sustentam a vasta fileira de prateleiras.

Trechos de conversa vêm do andar de baixo, o som repicando nas centenas de frascos de vidro.

— Não tem problema, Moira, querida... pague na semana que vem.

Um gemido me escapa dos lábios antes que eu dispare degraus abaixo, o mais rápido possível. Mesmo assim, só chego ao nível do chão quando a porta já se fechou com um baque, atrás do traseiro avantajado de Moira.

— Mãe, sinceramente! — Sigo direto para onde deixei as poções encomendadas da semana. Toda a prescrição mensal de Moira com certeza já tinha sido entregue. Eu soco o botão que abre a caixa registradora e tudo o que vejo é o fundo da gaveta, a pilha patética de moedas deixadas ali toda noite e uma nota empoeirada de cinco libras, tão rasgada e desbotada que nem deve mais ter valor.

— Moira já tem 73 anos. Você sabe que ela pode ficar meio esquecida às vezes.

— Ah, sim, mas tão esquecida a ponto de deixar a bolsa em casa toda vez que vem aqui? — murmuro. Não adianta dar esse argumento à mamãe. Ela só vê o bem em todo mundo. O problema é que, mesmo aos 73 anos, Moira é provavelmente uma das nossas clientes mais

jovens. Para falar a verdade, as únicas pessoas que compram de nós, e não das megafarmácias, são os mais idosos, que se recusam a confiar nas substâncias sintéticas. E eu posso dizer pelo jeito como Moira se detém logo após virar a esquina, para verificar duas, três vezes, as suas prescrições, que ela esquece a bolsa de propósito sempre que vem à Loja de Poções Kemi.

O pensamento me deixa furiosa outra vez.

— Isto aqui é um estabelecimento comercial, não uma instituição de caridade!

— Sam! Quantas vezes tenho de dizer para não ser malcriada com a sua mãe?

Meu pai atravessa a porta entre as prateleiras, saindo do laboratório do meu avô. A fumaça sai em ondas lá de dentro, antes que ele consiga fechá-la novamente. Vovô está preparando as poções da semana para a nossa (reconhecidamente minúscula) clientela. Um fio de culpa se esgueira através de mim. Eu deveria estar lá ajudando, como uma boa aprendiz.

Meu pai passa um braço em torno da cintura da minha mãe e a beija na bochecha. Sorrio, incapaz de ficar chateada com Moira por muito tempo. É bom ver que os meus pais são felizes: mamãe com seu batom brilhante, saia longa e blusa florida, papai olhando para ela como se ainda fosse a bela universitária da sua turma. E, na prática, ela é mesmo da turma dele. Mamãe faz parte dos Talentosos — uma classe da sociedade com a capacidade de canalizar magia através de um objeto. O único problema é que a capacidade dela é limitada e seu instrumento — uma varinha de condão — fica o tempo todo em cima da cômoda do seu quarto, juntando poeira. Mas isso não muda o fato de ela ser do grupo dos Talentosos. Poderia ter se casado com alguém de outra família do seu grupo e ter muitos filhos com o mesmo talento. Mas, em vez disso, ela se apaixonou por meu pai, e papai é um comum — alguém sem acesso à magia. Assim como eu.

Ser comum, no entanto, é o que faz de nós grandes alquimistas. Nossa incapacidade para praticar magia nos dá a vantagem de poder lidar com ingredientes mágicos sem correr o risco de corrompê-los ou contaminá-los. Mas esse não é o nosso único diferencial. O que torna a família Kemi especial é a nossa incomparável vocação para as artes alquímicas — saber intuitivamente a receita de qualquer poção, discernir as propriedades de cada ingrediente e entender os mistérios por trás do processo de cura.

No caso do meu pai, o dom da alquimia pulou uma geração, de modo que ele nunca poderá se tornar aprendiz do seu pai. Mas, se um dia ele já se sentiu decepcionado por não ter as habilidades de um alquimista, procura não mostrar. Em vez disso, trabalha como

motorista de ônibus pela cidade. Os comuns são capazes de executar qualquer trabalho que exija interação com a tecnologia — pilotos e engenheiros de computação são, em sua maior parte, destituídos de magia. Mamãe trabalha na loja, mas também tem um segundo emprego como professora de música na escola da minha irmã Molly, por isso temos uma pequena renda extra. Mas, apesar de ambos saberem quanto as coisas andam mal nos negócios, nenhum dos dois vai me deixar fazer outra coisa que não seja ser aprendiz do meu avô.

Porque, se uma pessoa herda o dom dos Kemi, ela simplesmente não pode deixar de usá-lo.

Quando posso preparar as poções com ele (e muitas vezes isso só acontece depois de eu ter feito faxina no laboratório), meu avô conta histórias sobre a época em que nossos ancestrais eram os fabricantes oficiais de poções da família real. Agora, quem tem a honra de ostentar esse título é a Corporação Zoroaster, o principal fabricante de substâncias sintéticas de Nova. Eles nos tiraram da jogada quando o fundador da ZA, o próprio Zoro Aster, venceu a última Caçada Selvagem da história novaense. As Caçadas Selvagens eram competições acirradas entre os alquimistas, criadas pelo primeiro monarca de Nova, o Rei Auden, com a finalidade de encontrar a melhor proteção para um membro da família real, quando este se encontrava em perigo mortal. O Rei Auden tinha um lendário chifre de caça que pertencia, segundo dizem, a uma criatura pré-histórica dotada de um talento peculiar. O chifre tinha algum tipo de magia — ele convocava os alquimistas para a Caçada e determinava o vencedor adquirindo a cor dourada quando lhe apresentavam a poção correta.

O grande prêmio da Caçada Selvagem era um pote de moedas de ouro e uma dose maciça de magia real, uma recompensa muito mais preciosa. Para os alquimistas, quase exclusivamente comuns, a dose de magia era um prêmio de altíssimo valor. O que não significava que os Talentosos não dessem a vida para ganhar a competição.

E Zoro foi o primeiro Talentoso a vencer a Caçada. Ele usou os prêmios para abrir o primeiro laboratório destinado a produzir poções sintéticas para qualquer tipo de dor, queixa e enfermidade, mudando para sempre os rumos do nosso ramo. Numa só tacada, ele não só tomou dos Kemi o título de Alquimistas da Realeza, como condenou ao esquecimento a antiga arte de fabricar poções em que éramos especialistas.

As Caçadas Selvagens fazem parte do passado, agora. A família real é tão bem protegida — eles têm os melhores médicos, guarda-costas altamente treinados, o serviço secreto novaense — que é muito difícil que fique à mercê de um perigo mortal. As Caçadas se tornaram um evento diplomático usado em inaugurações de hospitais ou em cerimônias para

distribuir honras, mas não muito mais do que isso. Quando ficou evidente que o Rei e a Rainha não teriam mais filhos e a Princesa Evelyn seria a única herdeira ao trono de Nova, fizeram tudo que estava ao seu alcance para assegurar que jamais acontecesse nada a ela.

Anita toca meu braço; ela também tinha descido a escada junto às prateleiras e me seguido até a caixa registradora.

— Se não se apressar, vamos chegar atrasadas.

— Ah, querida, ela tem razão! Você não vai querer perder o início da festa! — Mamãe é declaradamente apaixonada pela família real, por isso pilhas de revistas de papel lustroso abarrotam a prateleira de baixo do balcão da loja. É claro que ela as mantém longe dos olhos do meu avô, que as queimaria no forno do laboratório se as encontrasse. — Você pode me contar tudo quando voltar.

— Você sabe que não sou muito boa em contar “quem está usando qual estilista”, “quem está chegando com quem” e essas coisas todas.

— Tire muitas fotos, então — diz ela, com um sorriso. — Molly vai querer vê-las.

— Molly vai ter uma visão muito melhor do que eu — digo. Molly é minha irmã e, embora só tenha 12 anos, é a esperança da nossa família. É Talentosa, pois herdou, contra todas as probabilidades, o dom do lado materno da família. Quando o seu talento foi detectado pela primeira vez, perguntei a ela qual era a sensação. Do jeitinho gracioso de uma criança de 8 anos, ela disse que era como nadar num rio de magia. Agora que tem 12, vai em breve ser capaz de canalizar essa magia através de um objeto, como se uma torneira se abrisse dentro dela. É por isso que meus pais andam tão felizes ultimamente. O resultado dos testes de Talento de Molly foi muito alto. Ela vai ser poderosa! Pode ter um futuro brilhante, que não dependa de uma loja a caminho da falência. Mas, para garantir esse futuro, ela precisa ir para uma escola especial de Talentosos, e isso custa dinheiro. Muito dinheiro, que não temos e não teremos se mamãe continuar distribuindo todas as nossas poções sem cobrar nada. Cada centavo poupado vai para a educação de Molly, para nos certificarmos de que ela terá todas as oportunidades. Eu poderia me ressentir disso, mas não é o caso. Ela é um investimento muito melhor do que eu.

Molly está agora lá em cima no castelo, passando o dia fora com seus amigos Talentosos.

— Você vai fazer tudo para Sam se divertir, não vai, Anita? — Mamãe balança a cabeça para mim em desaprovação, com as mãos nos quadris.

— Vou fazer o máximo, senhora Kemi.

Antes que mamãe possa nos atrasar ainda mais, saio para a rua. A velha placa de madeira com o brasão desbotado dos Kemi range acima da minha cabeça e eu me desvio instintivamente, certa de que um dia ela vai cair na cabeça de alguém.

Anita passa o braço no meu e nós seguimos pela rua Kemi, saindo do bairro dos Alquimistas. Kingstown foi construída sobre os restos de um vulcão extinto, com um imponente castelo empoleirado no topo. Muitos dos edifícios mais antigos e belos da cidade foram erigidos na encosta da colina do castelo, ao longo de uma ampla avenida conhecida como Alameda Real. O restante da cidade se espalha ao redor da colina, uma ilha de antigos edifícios alteando-se de um mar de modernidade.

A Alameda Real já está cheia de gente subindo a colina para assistir à festa. As lojas da rua, normalmente movimentadas, fecharam mais cedo por causa do evento, mas grandes telas mostram uma sucessão de propagandas anunciando tudo, desde a mais nova moda, até as melhores varinhas e sintéticos de última geração.

— Samantha Kemi! — chama uma voz profunda e estranhamente familiar. Eu me viro bruscamente, colidindo com um casal que vem logo atrás de mim. Sem dúvida não eram eles me chamando, então murmuro um pedido de desculpas. Enquanto se afastam, apressados, observo as nuances furta-cor do vestido da mulher, que se alternam entre o rosa forte e o vermelho. Efeitos de magia. Sinto uma pontada de inveja. Nunca vou conseguir comprar nenhuma roupa encantada com magia. Eu surpreendo o olhar de Anita e nós duas reviramos os olhos.

— Esses Talentosos... — ela murmura.

— Você ouviu alguém chamar meu nome? — pergunto a Anita. Ela faz que não com a cabeça e, como não ouço mais nada, continuamos andando.

Passamos por um ponto de ônibus, onde uma tela animada mostra uma imagem da Princesa Evelyn rodando num vestido de noite branco, cravejado de cristais. *HOJE À NOITE: A PRINCESA EVELYN FAZ 18 ANOS! Sintonize a ATC a partir das 19 horas.* Todo mundo que não está no castelo com a gente vai ficar com os olhos colados na transmissão, inclusive a minha mãe.

A multidão se avoluma, embora ainda falte uma hora para a festa começar, e nós somos forçadas a parar por um pequeno exército de policiais a cavalo.

— A gente deveria ter saído mais cedo — diz Anita, esticando o pescoço para tentar ver além do mar de pessoas. — Ouvi dizer que a maioria da nossa classe conseguiu convites para a festa real no Palácio.

— No castelo, você quer dizer.

— Não, quero dizer no Palácio. Lá em cima, em algum lugar — ela acena com a mão vagamente, indicando o ar acima das nossas cabeças. O castelo de Kingstown é apenas a residência oficial da família real. Sua verdadeira casa é o Grande Palácio, um castelo fabuloso, que dizem se ocultar nos céus acima de Kingstown, embora mesmo num dia sem nuvens não haja nada visível ali.

— Somente os *Talentosos* da nossa turma, então.

— Ok, você ganhou.

Ouçó um estrondo semelhante ao toque de mil trombetas estridentes. Paro no lugar e tapo os ouvidos com as mãos. O espetáculo já começou?

— Você está bem? — Anita pergunta. Ela pega a minha mão e eu acho que está com medo que eu vá correr de volta para casa sem cumprir a minha parte do acordo.

— Você não ouviu isso? — Meus ouvidos ainda estão tinindo por causa do barulho.

— Ouviu o quê?

— Samantha Kemi!

— O quê? Quem continua chamando o meu nome? — Eu me viro, frustrada, como se alguém tivesse puxado meu rabo de cavalo e depois fugido.

Anita franze a testa.

— Eu não ouvi nada, Sam.

Então, com o canto do olho, noto o anúncio no ponto de ônibus. A Princesa em seu lindo vestido cintilante desapareceu. Em seu lugar está o Rei de Nova.

E ele está olhando diretamente para mim.



CAPÍTULO CINCO

♥ SAMANTHA ♥

O Rei fala.
— Samantha Kemi, como aprendiz do alquimista licenciado Ostanes Kemi, você está convocada para ir ao Grande Palácio imediatamente.

Eu só pisco, porque qualquer coisa que exija um pensamento racional é impossível neste momento. O Rei de Nova — uma pessoa que só vi nas transmissões de TV, nos jornais e uma vez, muito tempo atrás, no balcão do castelo — está me convocando para ir ao Palácio.

Ele *pode* me convocar para ir ao Palácio? Isso deve ser algum tipo de pegadinha, porque não há nenhuma possibilidade de a família real querer alguma coisa com uma humilde aprendiz de alquimista... A menos que... Será que fiz alguma coisa errada? Mas, se fosse esse o caso, a polícia já teria batido na nossa porta, não a família real. Temos um governo, políticos e leis como qualquer outro lugar. Os membros da Realeza são autoridades com um poder simbólico, não ditadores.

Eles não podem usar magia para deter uma pessoa na rua e convocá-la para ir ao Palácio. Isso não é real. É uma piada.

— Anita, está vendo isto? — pergunto.

— Sam, eu tenho que ir.

Desvio os olhos do rosto do Rei por um segundo. Anita está com os olhos arregalados, fitando o telefone. Ela parece assustada. E se ela pode ver os olhos do Rei se estreitando mais a cada segundo que eu o deixo esperando, não está deixando transparecer. Deve ser uma mensagem particular do Rei somente para mim.

— Meu pai está sendo convocado a ir no Palácio e minha mãe quer que eu volte para casa agora mesmo — ela diz, segurando o telefone para eu ver a mensagem.

— Então vai — digo, e depois mordo o lábio inferior e engulo em seco.

— O que está acontecendo? — ela sussurra. Acho que nós duas estamos prestes a descobrir. Ela me dá um abraço rápido e depois desaparece em meio à multidão, seguindo na direção de casa.

Quando eu me viro na direção da tela, o Rei desapareceu. Por um breve instante, fico me perguntando se tudo não passou de um sonho. Agora está ali outro homem: com uma barba pontuda e bifurcada projetando-se do queixo.

— Samantha Kemi, sou Renel Landry, conselheiro da família real. Pode me confirmar se ouviu a Convocação e está pronta para se transportar até o Grande Palácio imediatamente?

Eu me pergunto que escolha tenho. O que, pelo amor de Deus, a família real pode querer comigo?

— Si-sim — gaguejo.

Mal posso acreditar que ninguém tenha parado para observar essa cena surreal, todo mundo continua passando pelo ponto de ônibus como se toda a estrutura nem sequer existisse. O poder da Realeza. O conselheiro dá um passo para o lado, a mão acenando para que eu entre na tela.

— Você já se transportou antes, não é? — ele pergunta.

Se me transportei? Finalmente a ficha cai e eu quase dou risada na cara do homem. Mas eu me recomponho a tempo e nego com a cabeça.

— Não, senhor.

Então meus olhos finalmente entram em foco e eu vejo o opulento salão atrás dele, metade de um imenso candelabro dourado sobre a sua cabeça, ricas tapeçarias na parede, e de repente me vejo tomada por uma imensa onda de curiosidade que se converte em coragem.

— Mas já vi outras pessoas se transportando e acho que posso também.

Ele me lança um olhar reprovador e sei que nem por um instante o convenci.

— Tanta confiança não é recomendável. A viagem para o Grande Palácio é longa...

A verdade é que eu não me sinto nem um pouco à vontade com a ideia de me transportar. Eu sei um pouco sobre as regras básicas: segure firme. Mantenha a boca fechada. Nunca interrompa o contato visual. Qualquer tela, ou espelho, pode ser usada para o Transporte, embora a residência dos Talentosos tenha uma tela específica para isso, conhecida como Tela de Evocação. Para longas distâncias, ou para viagens além-mar, a maioria das pessoas usa o Terminal de Transporte de Kingstown.

Mas fazer isso sozinha, partindo de um ponto de ônibus no meio da rua, é uma história bem diferente.

Posso ouvir o Rei dando uma ordem do outro lado.

— Tragam-na aqui! Estamos perdendo tempo.

Uma careta aparece no rosto de Renel e ele volta a me fitar, os olhos cheios de determinação. Eles não perdem, porém, o brilho de desprezo. Odeio o jeito esnobe com que os Talentosos olham para pessoas como eu.

— Muito bem, senhorita Kemi. Você diz que é capaz de se transportar e é imprescindível que chegue ao Palácio o mais rápido possível. — Ele estende os braços e as barreiras entre nós se rompem. As pontas dos seus dedos atravessam o vidro da tela, que ondula como a superfície de um lago sob o impacto de um pedregulho.

— Já estou indo — digo, com mais determinação do que sinto. Estendo os braços e pego nas mãos que ele estende para mim, olhos pregados nos dele, e deixo que me puxe para dentro do vidro.

O chão desliza sob os meus pés e a multidão se afasta de mim, embora eu não sinta que esteja me movendo nem um centímetro. O Talento dele é muito forte; ele me conduz com facilidade pelos fluxos de magia até o Palácio. Estou sendo puxada para cada vez mais alto, e com a visão periférica posso ver que estávamos seguindo a linha dos telhados, quando eles se inclinam abruptamente para cima. É uma sensação estranhíssima — não é como voar, já que não há vento, nenhuma corrente de ar sequer, só os olhos de Renel presos aos meus e seus braços me rebocando e puxando meus ombros.

Tudo acontece muito rápido. Quando nos aproximamos do castelo, na parte mais alta da cidade, sinto de repente que estou sendo içada na direção do céu crepuscular. Meu coração vai parar na garganta e, embora eu saiba que não deveria, sinto uma vontade irresistível de olhar para a cidade mais abaixo. É loucura, pode significar a minha morte, mas a tentação é grande demais. Eu olho.

Renel contrai o rosto numa careta, suor brotando da testa.

— Não rompa o contato visual! — ele grita, mas é tarde demais.

Estou em queda livre. A mágica que me suspendia, seja ela qual fosse, perdeu o efeito. A primeira coisa que noto é o frio. Pelo sangue dos dragões! Estou congelando! Mas então sinto meu estômago indo parar nos pés e grito enquanto o vento ruge nos meus ouvidos.

Braços irrompem através do ar e quatro mãos fortes me seguram pelos ombros. O vento e o frio desaparecem tão de repente quanto uma porta se fechando violentamente e, com um

grunhido final, sou puxada através da tela, para um assoalho de mármore lustroso.

Aterrisso com um baque que deixará, eu sei, um hematoma no meu quadril pela manhã.

Bálsamo de Azeite de Ágata — para curar uma contusão em menos de 24 horas.

Renel espera enquanto me coloco em pé com dificuldade. Uma onda de vergonha me aquece e o calor sobe pelo meu pescoço até chegar às bochechas. Como se não bastasse dar um vexame na frente do Rei e do seu conselheiro, o salão está apinhado de gente. Relaxo um pouco quando localizo o senhor Patel na multidão. O rosto dele é o único que demonstra um leve ar de despreocupação. Eu me arrasto para longe da tela na parede, tentando me misturar com a massa humana.

O Rei anda de um lado para o outro e a visão dele me deixa nervosa. Ele exibe uma silhueta dominadora em seu traje militar completo. Todos os botões cintilando com o polimento recente, obviamente preparado para aparecer na TV. Essa não é uma ocasião para pessoas como eu, com os jeans rasgados e a camiseta de banda que estava usando para o concerto. Abraço a mim mesma, desejando poder me arrastar para baixo do adorável tapete oriental e me esconder ali. Ou pelo menos colocar uma camiseta melhor.

— Podemos começar? — o Rei pergunta, desviando o olhar dos próprios passos e fitando Renel.

— Ainda falta mais um.

— Bem, não podemos mais esperar. Vamos começar. — Ele agita a mão enluvada com impaciência.

Renel solta um profundo suspiro.

— A Princesa Evelyn foi envenenada.

Ondas de choque percorrem o salão e minha mão voa para a boca. Essa é a última coisa que eu esperava. A família real é intocável. O Palácio é um dos edifícios mais seguros de Nova. Quem conseguiria ultrapassar as barreiras mágicas erigidas por uma das famílias de Talentosos mais poderosas do mundo?!

— Ela está bem? — alguém pergunta.

— Nós não sabemos. O que sabemos é que... — Renel hesita. — Ele anda até o centro do salão, onde há uma coluna alta recoberta com um tecido de veludo vermelho. Ele afasta o veludo, revelando um imenso chifre recurvado. Tão longo quanto o meu braço e preto como ébano laqueado. Cenas complexas de caçadas estão entalhadas no chifre e finíssimas listras douradas circulam ambas as extremidades. Ele flutua no centro do salão, envolto num raio de luz dourada. É de uma beleza de tirar o fôlego. E só pode significar uma coisa:

— O Chifre de Auden foi despertado. A vida da Princesa corre perigo mortal e o chifre chamou vocês aqui para que participem de uma Caçada Selvagem e encontrem a cura.

Um calafrio percorre meu corpo. Isso pode realmente estar acontecendo? Mas eu não quero questionar. As Caçadas Selvagens criaram as “estrelas do rock” da alquimia. Endireito a coluna, solto os braços ao longo do corpo e levanto um pouquinho o queixo.

— Só sobre o meu cadáver! — Ouço um rosnado atrás de mim que reconheço. Meu avô entra no salão, acompanhado de dois guardas. A boina que ele sempre usa está torta na cabeça e ele tem a aparência de quem mal teve tempo de abotoar o casaco antes de ser levado. Devem ter ido buscá-lo na loja — meu avô nunca se transportaria. Ele sacode os braços para se livrar dos guardas, anda com passos duros até mim e agarra meu braço, na frente de todas aquelas pessoas, começando a me arrastar dali.

— Ostones, pare! — manda o Rei. Ouço um ofegar coletivo e o salão mergulha no silêncio. Meu avô estremece com relutância, mas obedece e se volta para encarar o Rei.

— Os Kemi não participam de buscas reais inúteis — ele diz, entredentes. — Não precisamos ficar aqui se não pretendemos fazer parte. — Havia raiva, desafio e até um toque de medo na voz do meu avô. Seu tom provocou um arrepio na minha espinha.

— Deixe-o ir — diz a voz de um homem. Os pelos dos meus braços se eriçam quando Zol dá um passo à frente. Ele é provavelmente o homem mais rico de Nova, o presidente da ZA Corp, e amigo pessoal da Realeza agora. Reprimo o impulso de me encolher à sua presença. — Sua Alteza, com todo respeito, por que não veio direto a nós? Temos os melhores misturadores do ramo. Podemos curar qualquer mal. Criamos qualquer tipo de poção. Tenho centenas de especialistas que podem superar qualquer um neste salão. Mas uma Caçada Selvagem? Isso é realmente necessário?

— Tenho certeza de que você prefere muito mais enviar um dos seus especialistas a ter de arriscar a própria pele — retruca meu avô.

— Fique quieto, velho! — rosna Zol.

— Está sugerindo que ignoremos a convocação do Chifre de Auden e coloquemos a vida de minha filha em risco? — pergunta o Rei.

— Não, claro que não, sua Alteza — diz Zol, fazendo uma reverência.

O Rei afunda no trono.

— Acredite, se eu pudesse evitar essa Caçada, faria isso. Mas as Caçadas Selvagens protegem a minha família há séculos. Se ela foi convocada, então é porque não temos alternativa senão aceitar.



CAPÍTULO SEIS

♥ SAMANTHA ♥

— Podemos vê-la? — As palavras saem da minha boca antes que eu me lembre na companhia de quem eu estou. Mas toda a multidão se inclina levemente na direção do Rei e de Renel, como se quisesse saber a mesma coisa.

A boca de Renel se enrijece numa linha fina, mas ele anda até a janela escurecida no lado oposto do salão, toca-a e ela se torna de vidro transparente.

— No momento, a Princesa está nesses aposentos, sob os cuidados dos médicos do Palácio.

Damos um passinho à frente, ansiosos para saber o que, pelo amor de Deus, pode ter acontecido com uma das pessoas mais ricas e poderosas da Terra! Meu avô pragueja baixinho, embora também esteja intrigado. Mas não há nada para ver. Na verdade, se Renel não tivesse nos contado que havia algo errado, eu não teria suspeitado de nada.

A Princesa Evelyn está sentada em silêncio, com as mãos no colo. O quarto quase não tem mobília, apenas uma mesa simples, a cadeira em que ela está sentada e um espelho pendurado na parede mais distante.

Ela é tão bonita quanto nas transmissões pela TV. Mais bonita, na verdade. Está usando o vestido maravilhoso que Anita ama, inteiro de cristais azul-claros, mas ainda assim parecendo mais leve que o ar. Ele flutua em torno do corpo dela, quase como se estivesse imerso na água. Gostaria de saber se algo nele é encantado, mas, se for, é a magia mais natural que já vi.

Sentada ali, cercada por paredes de pedra, ela parece vulnerável, como um pássaro exótico preso numa gaiola. Ocasionalmente, olha para a frente, mas não para nós. A janela

deve permitir uma visão unilateral, só para dentro do cômodo, pois ela não parece perceber as pessoas olhando através do vidro.

— Não estou entendendo, pensei que tinha dito que ela foi envenenada... — pergunta alguém.

Renel assente.

— E foi.

— Então deixe a Zoroaster Corp ser a primeira a se juntar à Caçada — diz Zol, do fundo da sala. Ele não dá um passo à frente para olhar para a Princesa.

Ouçõ um crepitar de eletricidade e uma voz aguda encher o ar. No centro do salão, uma forma frágil emerge, envolta num longo vestido roxo. A Rainha-mãe.

— Por que confiaríamos em você, se é provável que o seu próprio filho tenha administrado a poção?! — diz ela em tom acusador.

Mais uma onda de choque percorre o salão — e eu não acho que alguns dos mais velhos no salão possam aguentar mais notícias bombásticas. O filho de Zol... Zain?! Ele está aqui também, encolhendo-se atrás do pai, com o rosto pálido. Veste um smoking, mas tem uma aparência desganhada — a gravata-borboleta solta em volta do pescoço, os botões da camisa desabotoados. Devia estar a caminho da festa da Princesa quando ele... Eu não consigo nem pensar nessa possibilidade. Não conheço Zain muito bem, mas o que sei dele me faz duvidar que envenenaria a Princesa. Primeiro da classe em basicamente tudo, o garoto mais popular da escola, o capitão do time de rúgbi dos Talentosos, aprendiz de seu pai e provável herdeiro da Zoroaster Corp — para não mencionar que é incrivelmente gato. Não parece alguém que precise recorrer a poções do amor para resolver seus problemas.

Podíamos muito bem viver em planetas diferentes.

Anita poderia refutar essa afirmação. Zain tem o hábito estranho de aparecer onde quer que estejamos — no café, onde Anita e eu pedimos os nossos frappuccinos carregados de açúcar, no recital da escola de piano de Molly e, mais recentemente, ele tinha voltado à nossa escola apenas para ser juiz da nossa competição anual de poções. Eu posso dizer até que foi uma coincidência, mas Anita está convencida de que foi por minha causa. Eu nunca concordo, mas uma vez, na cafeteria, flagrei um olhar dele e acabamos nos fitando durante mais tempo do que o normal. Ele desviou o olhar primeiro, quando os amigos perceberam, apontaram para mim e riram. Só que ele tinha olhado para mim primeiro. Eu sei que tinha.

Isso não tinha importância, de qualquer maneira. A feira de poções era a única coisa que me importava. Essa competição era minha única chance de mostrar minhas habilidades em

algum lugar que não fosse o laboratório do meu avô. Claro, o que eu aprendia na aula de poções na escola nunca poderia se comparar com o treinamento que eu estava recebendo como aprendiz do meu avô, então eu sabia que não era um jogo justo. Mas nunca tinha visto as meninas da minha turma se esforçarem tanto para fazer poções antes. Agora que *ele* era um dos juízes, de repente era um tal de todo mundo sair misturando isso com aquilo.

Eu tinha dado o melhor de mim no meu projeto, mas fazia isso *todo* ano. Desta vez decidi experimentar uma poção de óleo de alecrim com Hálito de Esfinge para tentar chegar a uma fórmula que ajudasse a melhorar a concentração. O problema foi que funcionou ainda melhor do que eu pretendia. Provei uma pequena amostra e, quando dei por mim, tinha ficado a noite inteira acordada e minha mente estava a um milhão por hora, absorvendo informações dos livros como se fosse uma esponja. Fiquei esperando pelo inevitável efeito rebote, mas ele nunca veio.

A poção me transformou temporariamente numa espécie de gênio. Eu sabia que, se tomasse mais dela, seria capaz de estudar por horas a fio, sem precisar de uma pausa. Provavelmente passaria em todos os exames sem nenhuma dificuldade. Aquele era um artigo de alto nível, bem além da média. Mas eu também sabia que era insanamente perigoso. No ano anterior tinha sido divulgado em todos os noticiários que dois garotos desesperados para passar nos exames tinham sofrido uma overdose de uma versão sintética da poção feita para combater a hiperatividade.

Eu precisava fazer mais testes. Mas antes do grande dia notei que um pouco da poção tinha desaparecido. Apenas cerca da metade continuava no recipiente. Assim que percebi, atirei a mistura na pia, quebrando o vidro em mil fragmentos, o líquido descendo pelo ralo. Peguei uma detenção de um mês inteiro do meu professor por danificar material da escola. Mas era melhor do que admitir que tinha sido idiota a ponto de fazer uma poção poderosíssima e possivelmente viciante no laboratório da escola. Em grandes doses, poderia até matar alguém, e não havia como eu entrar numa competição com aquilo.

Então substituí a poção por um tônico simples para dor de garganta. Nada muito extravagante. Preparei minha apresentação e esperei até que alguém ficasse com os louros. No entanto, Zain andou bem na minha direção, os olhos azuis cintilantes brilhando, sem olhar para o trabalho de mais ninguém, com uma roseta à moda antiga na mão. Ele estava tão perto que eu podia contar os fios de cabelo negro que caíam sobre a sua testa. Mas então ele viu o que eu estava apresentando e pude notar a confusão no rosto dele... seguida de decepção.

— Eu esperava mais de você, Sam — disse ele, e fiquei tão surpresa ao ver que ele sabia o meu nome que quase me esqueci de ficar irritada com a maneira condescendente com que falou comigo. Deu o prêmio para a garota ao meu lado. Ela tinha criado uma fórmula que borbulhava e explodia como um vulcão em miniatura. Crianças de 2 anos de idade poderiam fazer aquela poção.

Eu tinha contado cada detalhe daquele encontro para Anita. Arjun tinha nos ouvido tagarelar, revirado os olhos e dito:

— Aposto que ele estava à procura de uma poção para roubar e levar para o laboratório da ZA.

Arjun provavelmente estava certo, mas algo sobre a maneira como Zain tinha olhado para mim me fez sentir vergonha por não fazer jus à reputação dos Kemi. Como se ele tivesse esperando grandiosidade e descoberto que isso me faltava.

Vendo Zain agora, sou levada de volta àquele dia. Ele ainda tem os olhos mais azuis de todos que já vi e cabelos castanhos, quase pretos, sua marca registrada, o que o faz se destacar na multidão. Normalmente os adolescentes mais descolados têm cabelos loiros dourados, uma tentativa de imitar a Princesa em todas as coisas. Mas Zain é *tão* descolado que não precisa competir com ninguém. Meu cabelo também é castanho quase preto, mas ninguém me acha descolada por causa disso. É uma característica hereditária dos Kemi: uma marca clara da nossa herança continental que os genes loiros da minha mãe nativa de Nova não foram capazes de afetar. Às vezes eu gostaria de mudar a cor do meu cabelo, mas o custo de um encantamento desse tipo seria exorbitante.

Além do seu aprendizado na Zoroaster Corp, Zain estuda Sintéticos & Poções na Universidade de Kingstown. Não que eu fique investigando a vida dele ou coisa assim. Só sei porque esse era exatamente o curso que eu queria fazer... se não tivesse me tornado aprendiz do meu avô em tempo integral assim que terminei o ensino médio.

Apesar do suposto ódio arraigado pelos sintéticos que circula no meu sangue, eu às vezes acho que seria incrível trabalhar num laboratório de primeira linha, com todos os ingredientes ao alcance da mão e nunca mais me preocupar com dinheiro. O dom dos Kemi é uma coisa incrível — ou talvez fosse cem anos atrás, quando trabalhar com ingredientes naturais era a única alternativa.

Meu avô considera os sintéticos uma farsa, uma abominação. Eu não estou tão certa disso. Tudo o que sei é que não há nenhuma chance de um Kemi trabalhar com sintéticos algum dia, pelo menos enquanto meu avô viver. Aprisiono esse sonho no fundo de um cofre dentro do

meu cérebro, preocupada com a possibilidade de um olhar de Zain ser capaz de me fazer mudar o curso da minha carreira e devastar a minha família.

A raiva que destila da Rainha-mãe é palpável — tão espessa que posso senti-la espiralar em torno de mim, desconfortável como um cobertor numa noite quente de verão. Eu nem posso imaginar como deve ser para Zol e Zain, para os quais a fúria é dirigida de um modo direto e focado como um laser.

— Nós já descartamos Zain como suspeito — diz o Rei. — Ele se ofereceu para um teste com o soro da verdade.

— Eu ainda não confio nele em nosso Palácio — diz a Rainha-mãe.

— Volte para os seus aposentos, mãe. Isso não é da sua alçada.

Mal posso acreditar que o Rei está falando assim com a mãe. A Rainha-mãe raramente faz aparições públicas — e agora eu me pergunto se isso seria escolha dela ou uma decisão tomada em seu lugar. A Rainha-mãe contrai o rosto numa expressão ainda mais profunda de desaprovação, mas não protesta a não ser com um repuxar de lábios.

Eu me viro para olhar a Princesa. Ela está quieta há tanto tempo que parece uma estátua de cera, e tão isenta de defeitos quanto a mais perfeita delas.

O que há de errado com você, Princesa?

Um dedo ossudo cutuca meu braço e eu me sobressalto como se tivesse levado um choque elétrico. *A Rainha-mãe está me tocando.* Eu me atrapalho com a etiqueta. Nunca pensei que iria encontrar um membro da família real, nunca! E acabo fazendo uma meia reverência, meia mesura que tenho certeza de que não mostra respeito por ninguém. A Rainha-mãe não parece se importar ou é muito educada para demonstrar.

— Ostanes, esta é a sua neta? — ela pergunta.

Meu avô inclina a cabeça.

— Sim, minha senhora.

— É bonita. Tão alta! Essa altura ela não herdou do seu lado da família, então. — Sua boca está tão vincada de rugas que leva um instante para eu ver que ela está sorrindo. Ela se inclina para o meu avô. — Estou feliz que esteja aqui — diz ela. — Os Kemi nunca falharam conosco.

Fico imóvel, preocupada se o meu avô vai explodir. Mas, em vez disso, ele diz simplesmente:

— Sua Majestade — e faz uma reverência rígida. A Rainha-mãe inclina a cabeça para mim numa despedida e caminha para fora do salão.

Meu braço está formigando onde ela me tocou.

Um movimento da Princesa chama novamente minha atenção. Não consigo desviar o olhar por muito tempo — a presença dela é magnética, envolvente. Tão sutilmente que eu quase não percebo, os olhos dela piscam para o espelho. Ela olha para si mesma por um instante antes de baixar os olhos. Leva as mãos aos lábios, em seguida desliza-os suavemente pela garganta, o tempo todo olhando recatadamente o colo. Então move rapidamente os olhos para cima novamente.

E sorri.

Ela está flertando com o espelho, e nesse instante, eu descubro a verdade.

— Ela está apaixonada por si mesma! — digo quase num sussurro, colocando as mãos sobre a boca.



CAPÍTULO SETE

♥ SAMANTHA ♥

— O que disse? — sibila Zol.

De repente, todo mundo está esticando o pescoço para ver melhor. Está claro que a minha suposição está correta, mesmo quando sou quase atropelada e empurrada para a borda do círculo. A Princesa ressuscitou e está ao lado do espelho agora, sorrindo e conversando com seu reflexo. Ela não parece doente nem nada. Na verdade, parece... radiante.

Renel limpa a garganta, tentando recuperar o controle da multidão.

— Sim, sim, muito bem, Kemi. — Ele olha para mim. — A Princesa Evelyn foi envenenada por uma poção do amor, que acreditamos que ela mesma tenha preparado.

Inacreditável! Poções do amor são perigosas — para não mencionar proibidas — e a receita original foi banida por Decreto Real bem mais de um século atrás. Qualquer um que ouse até mesmo anotar uma receita nova em seus diários particulares é alvo do serviço secreto novaense. Arjun acha que o fato de a família real ter esse poder é assustador e opressivo, mas pelo menos isso mantém as pessoas seguras — com exceção, suponho, da Princesa. Estou impressionada. Não achava possível que a Realeza fizesse suas próprias poções. O talento deles é tão forte que ninguém sabe o efeito que teria sobre os ingredientes.

— Atenção! Atenção! — Renel bate palmas. Quando ninguém se vira para olhar, ele toca a mão na parede e o vidro que permite a visão da Princesa obscurece.

— Não parece que ela esteja em perigo mortal — diz alguém que não reconheço.

— Então você não sabe nada sobre a família real e não está talhado para esta Caçada — dispara o Rei. — Nós dedicamos nossas vidas para manter o fluxo de magia sob controle. Se a mente de Evelyn estiver comprometida de alguma forma...

— Ela poderia colocar toda a cidade de Kingstown de joelhos! — conclui meu avô. — Mais uma vez colocando todos nós em perigo — murmura baixinho, para que só eu possa ouvir.

O Rei não abre a boca, mas seu silêncio diz muito.

Renel toma a palavra novamente.

— Agora vocês entendem a gravidade da situação. Temos médicos em número suficiente para manter a Princesa numa condição estável. Mas isso pode mudar. A rapidez com que podemos salvá-la depende de vocês.

“Ora, não temos uma Caçada Selvagem há mais de 65 anos, então devo deixá-los cientes de que existem várias regras que não devem ser violadas. Não só a família real fará com que sejam cumpridas, como a própria Caçada exigirá que sejam.

“Regra número um: somente os participantes convocados pelo Chifre de Auden são elegíveis para competir na Caçada Selvagem. O primeiro participante ou seu aprendiz a apresentar uma poção que torne o Chifre dourado será declarado o vencedor. Submeta a fórmula errada e o Chifre permanecerá negro.

“Regra número dois: vocês são os participantes eleitos, mas ainda têm o direito de não participar da Caçada. Têm vinte e quatro horas, após a convocação do Chifre, para confirmar sua participação. Uma vez confirmada, são obrigados a participar. Em retribuição, receberão um passe aprovado pela família real, dando-lhe acesso a qualquer lugar que precisem ir para obter os ingredientes da poção.

“Regra número três: além do participante e do seu aprendiz, um Coletor pode ser escolhido para compor a equipe.

“E, por fim: como o antídoto para uma poção do amor consiste numa cura por reflexo, a poção vencedora deve estar o mais próximo possível da fórmula da Princesa. Isso significa que todos os ingredientes usados nessa poção da Caçada Selvagem devem ser naturais.”

— Majestade, com todo o respeito, isso é um absurdo! — Zol exclama. — Poderíamos ter uma poção sintética preparada em poucos dias... A busca por ingredientes pode levar semanas.

O Rei suspira.

— Zol, é a vida da minha filha que está em jogo. Não podemos correr nenhum risco.

— O Chifre de Auden chamou você porque é um mestre alquimista, além de fabricar sintéticos, certo, Zol? — pergunta Renel.

— Bem, é claro, mas... — Zol gagueja.

— Então você sabe que é fundamental seguirmos essas regras à risca.

— Por que estão tão certos de que não foram utilizados sintéticos na fabricação da poção da Princesa? — Zol pergunta. — Com exceção dos mais antigos — ele olha incisivamente para meu avô e para mim —, quase ninguém mais trabalha com poções completamente livres de sintéticos. Estamos no século XXI, pelo amor de Deus!

Renel enfia a mão no bolso do paletó e tira dali um diário fino, as páginas com bordas douradas.

— Esta é a única prova que resta da poção preparada pela Princesa. Ela começou um registro da sua fórmula, embora só tenha anotado um único ingrediente. Mas uma coisa que especificou é que sua poção foi feita com ingredientes cem por cento naturais. Parece que ela temia que o uso de produtos sintéticos fosse muito fácil de rastrear. Então vou reiterar: a poção precisa ser completamente natural.

Zol solta uma risada de escárnio, mas não protesta novamente.

Renel continua.

— Aqueles que optarem por participar receberão o nome do primeiro ingrediente como ponto de partida. Depois disso, estarão por sua própria conta e risco. O prêmio para a poção correta é um milhão de coroas e acesso a um fluxo particular de magia novaense por vinte e quatro horas. — Ele franze o nariz quando menciona o prêmio, como se tivesse um valor insignificante em vista da importância de salvar a Princesa. Mas é um valor significativo para todos os outros, apesar de tudo. — Como poções do amor são ilegais, vocês também terão de consentir que todos os ingredientes e qualquer registro da fórmula sejam apagados da memória.

Apesar dos perigos, um burburinho animado percorre o ambiente. Uma Caçada Selvagem. Uma oportunidade para criar uma poção ilegal para a família real. Uma poção *natural*. Isso é absolutamente incrível!

— Zol Aster, você ainda quer ser o primeiro a confirmar a sua participação? — pergunta o Rei, uma sobancelha erguida.

Zol endireita a postura, enquanto ajusta a gravata.

— Claro, Majestade. Sintético ou natural, a Zoroaster Corp é a melhor fabricante de poções em Nova. — Agora é a vez de o meu avô soltar uma risada de escárnio, embora Zol continue a falar como se não tivesse ouvido. — Ficaríamos honrados em prestar os nossos serviços para salvar a Princesa. — Zol e Zain se aproximam do chifre, suspenso em sua curiosa luz dourada flutuante. Antigamente, eles teriam sido obrigados a escrever seus nomes

numa folha de papel para entrar na Caçada, mas isso já não é mais necessário. Agora, há um terminal para assinatura eletrônica na frente do Chifre. Zol coloca o dedo indicador no teclado e ele verifica sua impressão digital; em seguida, Zain faz o mesmo. Algo dentro do Chifre crepita e solta fumaça.

Eles agora fazem parte da Caçada.

Mas antes que Zain tire o dedo do terminal, o Chifre sacode e o mesmo barulho estridente de trombeta que eu ouvi na Alameda Real explode no ambiente. Então alguém passa através da Tela de Evocação — sem a necessidade de ser puxado através dela. Uma mulher, vestida com uma longa túnica de capuz no tom mercúrio serpenteante da prata derretida. A bainha está desfiada e esfarrapada — num estilo tão antiquado que parece saído das páginas de um romance histórico. Com ela vem um cheiro forte e metálico, como a nódoa de cobre de uma moeda de má qualidade.

Guardas surgem das sombras e o que parece uma centena de homens uniformizados rodeiam a mulher, com as varinhas em punho.

Quando ela baixa o capuz e mostra o rosto, fico instantaneamente agradecida por todos aqueles guardas.

— Não... — O Rei levanta-se tão rápido que quase derrubo o trono. — Deve haver algum engano! Renel, verifique a lista de convocados.

A mulher sorri, todos os dentes perfeitos e os lábios de um cor-de-rosa pálido.

— É bom ver você também, irmão!

Ela seria bonita se não fosse tão aterrorizante. Seu cabelo é acinzentado como a capa e suas veias, visíveis sob a pele translúcida, são negras como a noite. Eu sei o que isso significa. É algo que acontece com os alquimistas que lidam com ingredientes que maculam a alma, bem como o cabelo, os olhos e a pele de uma pessoa. Estremeço de repugnância. Ninguém mais usa poções negras em Nova. Mas há boatos de que ainda existem alguns no continente, nas profundezas das florestas de Gergon. Essa é a prova.

— Sinto muito que tenha levado tanto tempo para eu chegar aqui — ela continua. — Acho que foi difícil para o Chifre me rastrear. É muito rude que a minha própria família tenha tirado o meu passaporte e me impedido de me transportar para o meu país de origem, não acham? Mas o Chifre de Auden não liga para as nossas leis, fronteiras e exílios arbitrários. Ele me chamou para participar da Caçada e não há nada que vocês possam fazer para impedir.

O Rei treme de raiva, o rosto enrubescido.

— Mas você não é alquimista!

— Como pode saber o que sou, Ander? Ah, não se preocupe. Eu sempre adorei a minha sobrinha, que é bem mais do que eu posso dizer a você. Agora diga, o que há de errado com ela? — Ela estala os dedos para os guardas. — Saiam do meu caminho. Preciso ver a Princesa.

— Não se atreva! — o Rei grita.

— Você não pode me deter. Eu fui convocada.

— Claro que posso, sou o Rei! — ele rebate.

— Sempre tentando burlar as regras quando lhe convém. Acho que você vai descobrir por que o Chifre fez essa escolha. Como uma mestre alquimista nascida em Nova, estou mais do que apta para participar da Caçada — diz ela, caminhando em direção à janela. — Se eu quiser. — Os guardas desferem feixes de magia sobre ela, mas os feitiços perdem o efeito antes de atingi-la. Ela toca a janela com os dedos e as unhas longas e encurvadas raspam o vidro, tornando-o transparente.

A sala fica em silêncio, todos prendendo a respiração enquanto a mulher observa a Princesa.

— Uma poção do amor. Que coisa mais pitoresca para colocar a vida dela, e o próprio país, em perigo mortal. Que imprudência a sua permitir que isso acontecesse sob a sua regência, rei Ander! Melhor para mim, no entanto. — Ela caminha até o Chifre e coloca o dedo no terminal.

O Chifre solta faíscas mais uma vez.

Ela se vira para a multidão e minha pele formiga quando seus olhos azul-nevasca se fixam em mim. Felizmente, não permanecem por muito tempo, visto que ela analisa cada um de nós, um por vez. — Sou eu quem vai salvar a minha sobrinha. Sugiro que todos se curvem graciosamente agora, enquanto podem. — Com dois saltos, ela pula de volta através da Tela de Evocação, desaparecendo para o lugar de onde veio.

A voz do Rei quebra o silêncio profundo.

— O que estão esperando para ir atrás dela?! — ele grita para os guardas, que saltam através da Tela de Evocação, tentando seguir o rastro da mulher. — Quanto ao resto de vocês, vou dobrar a oferta do Chifre. *Dois* milhões de coroas e quarenta e oito horas de energia, para quem encontrar a cura antes daquela mulher.

— Quem era? — sussurro para o meu avô, quando finalmente paro de tremer.

— Emília Thoth — ele diz, a voz grave. — Irmã exilada do Rei. Vamos, Sam. Vamos para casa.

— Não vamos nos juntar à Caçada?

Mas eu já sei a resposta.



CAPÍTULO OITO



A PRINCESA EVELYN



*E*la está ali, perto do espelho. Posso apenas espiá-la pelo canto do olho. Meu Deus, é tão linda!... Eu deveria ir até ela. Deveria dizer olá.
A verdade é que ela se sentia paralisada com a dúvida.

Eu queria ser tão corajosa quanto ela. Decidiu arriscar outro olhar e virou a cabeça bem lentamente, por cima do ombro. *Oh! Ela está olhando diretamente para mim.* Seus olhos encontraram os da outra garota, mas ela os baixou rapidamente. *Respire, Evelyn.* O ar entrava e saía pelas suas narinas em ondas profundas, e ela sentiu o rosto ficar quente. Não conseguia lembrar se enrubescer a fazia parecer mais bonita ou apenas estranha, então não queria correr o risco de se virar novamente.

Francamente, Evelyn não conseguia acreditar que a garota tinha tido a coragem de segui-la até ali, em seus aposentos particulares. Ela deveria ir lá e confrontá-la, mas estava nervosa. Evelyn repreendeu-se. Uma princesa novaense não deveria ser tão covarde.

Ela se virou, alisando as mechas do cabelo. Então engoliu em seco e olhou para a bela estranha.

— Qual é o seu nome?

Qual é o seu nome?

— Evelyn.

Evelyn.

— Verdade?

Verdade?

Era isso, então. Era o destino. De alguma forma, elas tinham o mesmo nome. Podia ver a verdade disso escrita no rosto da garota — não era piada. As duas eram iguais, uma a cara

da outra. Mas não seria bom que ambas se chamassem Evelyn.

— Eu serei Eve e você Lyn.

Eu serei Eve e você Lyn.

Ah, a menina estava simplesmente sendo divertida. Eve podia ver o brilho nos olhos de Lyn. Tudo bem; dava para ver que elas se entendiam.

Nunca tinha se sentido tão ligada a alguém antes na vida. E mal podia acreditar que apenas algumas horas atrás, quase tinha cometido um erro hediondo. Tinha sentido tanta pressão para escolher um parceiro — a pressão de seus pais, a pressão de sua magia — que tinha planejado dar uma poção a Zain. Ele era um cara legal, mas era tão masculino, tão *viril* em comparação com a delicadeza que estava à sua frente. Graças a Deus Lyn tinha lhe chamado a atenção no último instante.

Eve sempre soube que era seu dever se certificar de que usaria o seu poder de forma responsável. Ela não podia reclamar de tamanho privilégio, mas o pensamento de estar com alguém que não amava por toda a eternidade a tinha aterrorizado a ponto de levá-la ao desespero. Seus pais não se amavam, não a princípio e nem agora. Eve sabia que eles estavam sempre flertando com outros membros da corte — a intriga mantinha as colunas de fofocas cheias de assunto. A mãe tinha prontamente concordado com o casamento, porém, para ter uma vida de luxo.

Era raro que alguém da Realeza tivesse tanta sorte quanto Eve.

Ela tinha encontrado seu verdadeiro amor, e bem a tempo. *Lyn*. Elas poderiam se casar em breve. Preparativos para um casamento na família real já eram do conhecimento de todos desde que ela tinha 16 anos; eles poderiam organizar tudo em um mês se quisessem.

A mídia iria adorar e detestar ao mesmo tempo. Eles teriam um mês de cobertura geral, mas menos tempo ainda para especular sobre quem iria desenhar o vestido, escolher as cores da decoração, a música... não havia nada como um casamento real para causar burburinho na mídia. E um casamento com *duas* lindas noivas? Seria um frenesi! Uma enorme celebração. Festas nas ruas e xícaras estampadas com seus rostos e fotografias em todas as revistas. Era emocionante pensar nisso.

Ela tinha que planejar tudo! Nenhum vestido de uma loja de rua serviria desta vez, ela precisava de um estilista de categoria superior. Perguntou-se se a Casa Perrod estaria livre. Mas a quem ela queria enganar? Eles largariam tudo para atendê-la!...

Vozes interromperam seu devaneio.

— O que vamos fazer, Ander? — Era a voz estridente da mãe dela. Eve podia senti-la do outro lado da sala, andando em círculos, seus saltos altos batendo no chão. Era estranho vê-la ali, mas então Eve se lembrou — eles deviam ter vindo para conhecer Lyn. É claro que precisariam conhecê-la antes de anunciar o casamento! Ela não conseguia se lembrar de sua mãe se preocupando com ela de uma forma que parecesse maternal — babás e conselheiros reais a tinham criado. Mas podia imaginar seus pais se preocupando com a pessoa com quem ela se casaria. Eles ficariam tão aliviados!

Seu pai estava presente também, e ele se sentou no trono que levava com ele para onde ia.

— Nós não podemos fazer *nada* — foi a resposta do pai. — A Caçada foi convocada.

— Mas você é o Rei. Certamente pode impedir isso! Como podemos confiar que esses charlatões vão conseguir encontrar a cura para nossa filha quando foi *ela* mesma quem provocou toda essa confusão! Sua desprezível irmã Emí...

— NÃO diga o nome dela neste Palácio! — o Rei se irritou. — Você não tem certeza... — Ele fez uma pausa, e depois sussurrou: — de que não estará evocando a presença dela bem nesta sala. — Só um nome poderia encher a voz do pai com tanto medo. Sua tia, a exilada Emília Thoth. Aos 18 anos, ela tinha deixado o Palácio, supostamente para ir para a universidade em Gergon. Em vez disso, aos 21, liderou um golpe para usurpar o trono — uma tentativa que terminou com seu exílio oficial do país.

Emília não acreditava no contrato que ligava o poder da família real ao governo eleito de Nova. O acordo transformara-os em autoridades simbólicas, com todas as regalias, mas incapazes de usar seu poder mágico em sua capacidade total. O resultado foi a paz e a democracia em Nova. Funcionou perfeitamente.

Apenas Emília e seus seguidores com sede de poder não pensavam assim. Havia boatos de que ela ainda morava em Gergon, onde uma família real governava com punhos de aço por meio da magia. Gergon nunca tinha confirmado as alegações de que abrigavam Emília — isso equivaleria a começar uma guerra —, mas não era difícil adivinhar que a queriam lá, como uma carta na manga, caso algo desse errado em Nova.

Porque a única coisa que o Rei e a Rainha não poderiam contestar é que, se algo acontecesse a Eve, Emília seria a próxima na linha de sucessão.

— Enviamos uma equipe de agentes atrás dela através da Tela de Evocação — continuou o Rei. — Vamos encontrá-la e detê-la antes que qualquer coisa possa acontecer a Evelyn.

— Você não pode garantir! E o que dizer dos outros participantes? Ele estão todos em risco agora.

— Alguém simplesmente vai ter de curar Evelyn a tempo e Emília será banida para o lugar de onde veio. Os participantes sabem dos perigos quando se inscrevem.

— Ah! Você acha que eles estão preparados para perigos como a sua irmã? *Nada* a detém quando se trata de eliminar a concorrência.

O Rei se contorceu no trono.

— Há dez participantes concorrendo contra ela e também há outros que ainda não aderiram. Além disso, Zol vai ganhar.

— É melhor que ganhe mesmo. Onde é que está o homem, aliás? Preciso falar com ele sobre aquele seu filho imprestável.

Como se a voz da Rainha-mãe o tivesse chamado, uma porta surgiu na parede de pedra e Zol e Renel entraram. Eve revirou os olhos. Ver Zol a fez pensar em Zain. Como estava contente que a poção não tivesse funcionado! Agora ele estava livre para encontrar o amor também. O medalhão estava vazio, então era provável que ela não tivesse concluído a poção, para começo de conversa. Ou será que tinha mudado de ideia e jogado fora o conteúdo? Era tão difícil lembrar! Sua mente estava confusa, os acontecimentos só raspavam a superfície da sua consciência como giz no quadro-negro. Mas, nesse momento, ela ergueu os olhos para encontrar os de Lyn e imediatamente sentiu suas preocupações se dissiparem.

— Temos uma pista sobre o primeiro ingrediente da Caçada — disse Zol.

— Acontecerá uma Caçada? — Eve ficou animada. — Que emocionante! Mas não há ninguém aqui em perigo mortal... O que estão procurando? Espero que seja uma boa poção da sorte para o meu casamento. Isso seria simplesmente maravilhoso.

Zol olhou para ela com uma expressão tão aturdida que Eve riu. Ela não achava que já tinha visto o pai de Zain tão desconfortável em sua presença.

— Seu casamento, Princesa? — perguntou.

— Ah, que tola eu fui! Nem sequer apresentei-a aos meus pais ainda! Mamãe... Papai... Quero que conheçam alguém. Esta é Lyn. — Ela apontou para o seu amor, que continuava ali parada no lugar. — Você deveria fazer uma reverência — ela sussurrou para Lyn. Ao ver que a outra continuava imóvel, Eve riu. — Claro, você não sabe fazer reverências! Por favor, não se ofenda, mãe, para ela toda essa bobagem real é novidade. Eu vou te mostrar Lyn, é fácil. — Eve fez uma reverência no espelho e, para seu deleite, Lyn fez o mesmo. — Oh, foi perfeito! Vocês não estão simplesmente encantados com ela? — perguntou aos pais. — Queremos nos casar o mais rápido possível! — Todos olharam para ela, sem dizer uma

palavra, mas a Princesa deu de ombros e voltou sua atenção para Lyn. Seus pais mudariam de opinião com o tempo.

— Se você tivesse controlado o seu filho, isso nunca teria acontecido! — a Rainha sibilou para Zol.

— Ah, não se preocupe, eu vou conversar com ele — disse Zol, a voz carregada de raiva. — E nós é que vamos encontrar a cura, gravem minhas palavras. Como eu disse, já tenho uma equipe para rastrear o primeiro ingrediente e encontrar os outros.

Eve suspirou. Era evidente que toda aquela conversa de adultos era uma chatice para Lyn. Aquilo simplesmente não fazia sentido.

— Então, quando eu vou para a festa? — perguntou Eve, a voz alegre cortando toda a tensão. Todos os olhos se voltaram para ela. — Eu tenho um grande edital a fazer. Programar uma entrevista na televisão. Quero cobertura nacional. Ah, e contratar um fotógrafo para o nosso retrato oficial. Quero apresentar Lyn ao mundo inteiro!



CAPÍTULO NOVE

♥ SAMANTHA ♥

Meu avô e eu nos sentamos lado a lado no trajeto de bonde para casa. Saímos sem aderir à Caçada e fomos escoltados pelo Palácio, terminando no pátio do castelo, na parte alta de Kingstown, vazia depois do cancelamento do concerto de Evelyn. Acho que há uma ligação entre os dois edifícios, no final das contas.

Apesar da recusa obstinada do meu avô para se juntar à Caçada, minha cabeça dá voltas, pensando em tudo o que sei sobre poções do amor. Há uma infinidade tão grande de mitos em torno delas que é difícil identificar a verdade dos fatos. Mas mesmo que tenham sido proibidas antes do tempo do meu avô, tenho certeza de que, em algum lugar da nossa loja, há um guia para a preparação da receita original. Quem sabe, talvez a receita esteja na verdade escondida em algum lugar, no meio de centenas de livros e do imenso arquivo de grimórios dos alquimistas da família Kemi — ou diários de poções, como os chamamos agora. Isso poderia ser o que a família Kemi sempre esperou: a chance de recuperar a honra dos alquimistas tradicionais, os primeiros fabricantes de poções. E se ela nos trazer um pouco de glória também, que mal há nisso?

Eu menciono a Caçada outra vez, mas meu avô faz um gesto com as mãos, descartando o assunto e me mandando ficar quieta. Ele resmunga algo sobre a “petulância da Realeza”.

— Acham que podem simplesmente me arrastar até o Palácio, sem nem um pedido de desculpas por interromper o meu trabalho. Três poções, arruinadas. Vou ter que começar tudo de novo. E aposto que não vão nos reembolsar pelo tempo gasto também.

— Vovô, é a *Princesa*. Claro que acham que ela é mais importante do que as nossas poções. É por causa de Emília que você não quer que a gente entre na competição?

— Não é uma embusteira real que vai me botar medo.

— Então, o que é?

Ele faz um ruído de desaprovação e enterra o nariz num jornal velho que encontra no assento. Eu desisto até chegarmos à parada da Kemi Street.

Nossa casa é nos fundos da loja, então passamos em frente à porta de entrada e atravessamos um beco estreito, desviando das latas de lixo transbordantes, prontas para serem levadas. Entramos direto na cozinha, onde mamãe está servindo o jantar para Molly. Papai está ao lado da pia, os braços cruzados e os olhos fixos na porta dos fundos.

— Você está de volta! — grita Molly. Ela salta da cadeira e passa os braços em torno da minha cintura.

Meu avô passa por mim e continua em seu passo lento, sem pressa, como se não tivesse sido convocado para participar de uma Caçada Selvagem. Ele ignora os rostos curiosos do resto da família e vai direto para seu laboratório, fechando a porta atrás de si. Meus pais não parecem muito preocupados — estão acostumados com seu jeito mal-humorado, e além disso sabem que vão conseguir mais informações comigo, de qualquer maneira.

— A mãe de Sarah me mandou direto para casa assim que descobrimos que a festa foi cancelada — diz Molly. — Eu não entendo... Por que a Princesa não ia querer a festa?

Eu acariciei o cabelo dela.

— Lamento, Mols, sei que faz um tempão que você está ansiosa para ir. Mas sei por que a Princesa cancelou a festa. É por isso que vovô e eu fomos convocados para ir ao Palácio.

Agora tenho toda a atenção da família. Sento-me na cadeira ao lado de Molly e conto toda a história para ela e meus pais. Em algum momento, vejo minha mãe colocando comida na minha frente e, assim que ela se afasta, ataco o prato. Quando termino a narrativa, eles estão sem palavras. Molly é a primeira a quebrar o silêncio.

— Mas a Princesa Evelyn está bem?

— Claro que está! Só temos de nos esforçar ao máximo para salvá-la — Eu sorrio para ela, mas sei que meus olhos contam uma história diferente.

Minha mãe interpreta o meu olhar.

— Molly, foi uma longa noite. Talvez você devesse ir para a cama.

— Mas quero ouvir o que Sam tem que fazer para salvar a Princesa Evelyn!

— Ela vai contar tudo sobre isso amanhã de manhã.

Molly bufá e sobe as escadas para o quarto arrastando os passos.

— Então, como está a Princesa *de fato*? — pergunta a minha mãe.

— O mais estranho é que ela parece bem. Mas, imaginem, ela está apaixonada por ela mesma... As coisas podem piorar muito rápido e a Realeza está preocupada. Mas isso não é tudo. Nós também encontramos Emília Thoth.

Meu pai se vira para mim bruscamente.

— A irmã exilada do Rei? Como, em nome dos dragões, ela conseguiu passar pela segurança do Palácio?

Dou de ombros.

— O Chifre de Auden chama todos os alquimistas novaenses elegíveis, mesmo os que a família real baniou. Acho que o Chifre não recebeu o memorando sobre o exílio dela. A Realeza não pareceu ter muita alternativa. — Eu estremeço. — Ela parecia... tão pouco natural! Que tipo de pessoa faria aquilo consigo mesma? — Apenas as poções experimentais mais tenebrosas podem transformar uma pessoa a ponto de deixá-la com a aparência de Emília.

— Alguém com um grande rancor — diz meu pai, a voz grave.

— Como é que o seu avô reagiu? — pergunta minha mãe.

Eu quase não quero contar a eles. Mas o meu rosto fica todo vermelho e manchado quando tento mentir, e já posso sentir o calor subindo pelo meu pescoço quando penso a respeito.

— Sam... — Minha mãe põe a mão sobre a minha.

Eu suspiro.

— Ele não quer fazer a poção. Não quer ter nada a ver com a Caçada Selvagem e não vai participar.

Ela tira a mão e troca um olhar com o meu pai. Eles podem ter uma linguagem secreta entre eles, como quase todas as pessoas casadas há muito tempo, mas sei o suficiente sobre aqueles olhares para interpretar o seu significado.

— Mas por quê? Eu não entendo! Por que o vovô é contra a Caçada, se poderia ser uma oportunidade para provar nosso valor aos olhos do mundo inteiro? Pelo menos seria publicidade gratuita para o nosso negócio! Na verdade, ouviríamos a máquina registradora da loja de novo!

— Se o seu avô diz que não, ele deve ter um bom motivo — diz meu pai.

— Além do mais, Emília Thoth?! Ela é pior do que os mais sinistros pesadelos. Não quero você perto dela e da guerra em que vive com a família — diz mamãe.

— Então devo simplesmente deixar a Princesa viver o resto da vida ensandecida, mesmo que eu tenha uma chance de curá-la?

— Alguém vai ajudá-la, querida.

— Mas *eu* poderia ajudá-la! Vocês vivem me dizendo que eu tenho esse dom, mas agora que realmente tenho a chance de usá-lo, vocês não vão me deixar! — Minhas bochechas formigam com o calor. Tudo em que posso pensar é na máquina registradora da loja que nunca mais toca. Os frascos vazios nas prateleiras que nunca são preenchidos. Os anos de míseras moedas economizadas, apenas para que Molly e eu possamos ter uma educação razoável. O meu avô me ensinou a ser uma Kemi orgulhosa, mas como é possível? Nos ofereceram a oportunidade de provar o nosso valor, e estamos simplesmente jogando a oportunidade pela janela. É bem típico da minha família.

— Vou para o meu quarto.

— Sam! — minha mãe tenta me chamar de volta para a mesa, mas eu já estou subindo as escadas, os olhos enevoados por causa das lágrimas.

Eu me jogo na cama. Não sei por que minha família está criando tanta dificuldade com isso.

Há uma outra família que sei que deve estar passando pela mesma coisa. Eu arrasto o meu laptop da minha mesa de cabeceira para cima do edredom. Assim que faço o login, Anita aparece no vídeo, o rosto corado de emoção. Seu cabelo escuro está preso num rabo de cavalo e eu posso ver as tiras grossas de uma mochila sobre os ombros dela.

— Esperei você a noite toda, Sam, por que demorou tanto? Papai disse que viu você no Palácio! Nós não temos muito tempo para chegar ao... — Ela deve ter reparado na expressão do meu rosto, porque se detém no meio da frase.

— Meu avô disse não — explico.

A imagem de Anita treme quando ela estende os braços e agarra a tela do computador.

— O quê? Está brincando! Vocês ainda não se inscreveram?

Eu faço que não com a cabeça.

— Eu sei, eu não entendo também.

— Mas uma Caçada Selvagem! É praticamente uma tradição familiar dos Kemi!

— Talvez antigamente... — Dou uma olhada melhor na roupa de Anita, e é claro que ela está vestida para coletar ingredientes. Engulo a inveja e forço um sorriso.

— Agora é a vez dos Patel.

Anita vê a verdade por trás das minhas palavras, apesar de tudo.

— Ah, Sam, você deveria estar aqui. Meu pai estava hesitante também. Ele não vai, na verdade, participar da Caçada; tem compromissos na loja que não pode deixar de cumprir. Mas me tornou sua aprendiz e o Chifre de Auden aceitou a minha entrada agora mesmo. Arjun vai vir junto como o nosso Coletor. Nunca pensamos que teríamos uma oportunidade como esta na vida. Podemos não ter esperança de ganhar, mas vamos tentar.

Há uma comoção na tela e entra em foco o rosto conhecido de olhos escuros do irmão de Anita, Arjun, quando ele entra na tela contra a vontade da minha amiga, o cabelo endurecido com um pouco de gel demais.

— Oi, Sam, eu estava ouvindo. Que droga...

Eu concordo com a cabeça, mas tenho que morder o lábio para não começar a chorar.

Arjun olha para Anita.

— Ok, mana, temos que ir.

— Boa sorte, para vocês dois — gaguejo, acenando enquanto a tela do computador escurece. Nossa conversa virtual chega ao fim e eu fecho o laptop. Coloco o pijama e salto na cama, ligando o aparelho de TV que fica sobre a cômoda, no canto do meu quarto. Aparece na minha frente o rosto radiante de Evelyn, seus dentes brancos perolados à mostra, num sorriso perfeito. Na parte inferior da tela, vejo a legenda: EVELYN CANCELA FESTA DE ANIVERSÁRIO POR RAZÕES AINDA DESCONHECIDAS. A notícia, portanto, ainda não foi divulgada para a mídia.

Sinto uma pontada de culpa. O que pode ter levado Evelyn a preparar uma poção do amor quando as consequências poderiam ter sido... — bem, não acho que poderia ter acontecido algo muito pior do que o que realmente aconteceu... Mas então sinto outra coisa — uma certa admiração. Ela preparou a poção sozinha — descobriu a fórmula para uma poção que muitos tentam fazer e não conseguem.

Alguém vai curá-la.

Só não serei eu.

A imagem muda para um vídeo mostrando a Princesa e Zain. SERÁ A CAUSA UM DESENTENDIMENTO COM UM AMIGO?

A voz do locutor paira sobre as imagens. *Segundo especulações, Zain Aster foi visto entrando no castelo apenas algumas horas antes de a Princesa Evelyn ter cancelado a festa de aniversário de 18 anos.* As imagens mostram Zain sussurrando no ouvido de Evelyn, seu braço casualmente ao redor dos ombros dela. Eles parecem tão à vontade juntos, como cúmplices ou velhos amigos que conversam. Mas então algo chama a atenção de Zain e

ele afasta o braço de Evelyn. Percebo um leve ar de perplexidade nela e a expressão em seus olhos quando ela olha para ele, cheia de expectativa. Ela realmente o amava. Meu dedo paira sobre o controle remoto, mas não consigo mudar de canal, enquanto Zain está na tela.

A poção era para ele! Devia ser isso que a Rainha-mãe queria dizer. Ele poderia ter se tornado da Realeza no mesmo instante. Eu me pergunto por que ele não quis.

É difícil acreditar que apenas algumas horas atrás estávamos na mesma sala juntos. Pensando nele, eu quase coro, mesmo agora, sozinha. Reviro os olhos para a minha própria reação, então, por fim, mudo de canal e passo a assistir uma comédia de costumes sobre um grupo heterogêneo de amigos Talentosos e comuns que saem juntos de um bar. Era um programa muito radical na época em que foi lançado e eu já tinha visto todos os episódios mais de mil vezes. Mas não estou pensando em nada disso. Só consigo pensar na poção do amor. Gostaria de saber qual ingrediente a Princesa tinha anotado em seu diário. Gostaria de saber para onde Anita e Arjun estão indo. Eu repreendo a mim mesma. Preciso tirar da cabeça o que aconteceu hoje.

Alguns episódios da série depois, a casa está em silêncio. Eu me aconchego embaixo do edredom, mas mal fecho os olhos e ouço algo batendo na minha janela, como se alguém estivesse jogando pedrinhas na vidraça. Sento-me na cama, abro a cortina e me vejo olhando diretamente para o rosto de Kirsty Donovan, a Coletora da família Kemi.



CAPÍTULO DEZ

♥ SAMANTHA ♥

—Kirsty! — Empurro a vidraça para cima e a ajudo a rastejar para dentro do quarto. Ela deve ter subido pela parte externa da casa até a minha janela escalando a calha. Kirsty nunca faz as coisas da maneira normal.

— O que você está fazendo aqui? — sussurro.

Eu não a vejo há meses, mas ela parece exatamente igual — sem nenhum encantamento para acentuar sua beleza, a pele bronzeada, o cabelo louro-escuro puxado para o lado numa trança de aparência prática, mas ainda assim bonita, com os braços tonificados à mostra como sempre, exceto nos meses mais frios do inverno. Ela está usando o uniforme que é sua marca registrada também — blusa de alcinha preta, calça cinza-esverdeada com inúmeros bolsos, botas de cano alto. Kirsty é a típica Coletora. De repente, me sinto inibida no meu pijama amarelo de bolinhas.

— Estou aqui para falar sobre a Caçada, é claro! — Posso ver que os olhos dela brilham, capturando a luz dos postes de rua lá fora.

— Você está sabendo? Como?

Ela pisca.

— Tenho amigos de todos os tipos. Estou meio ofendida por você ainda não ter me pedido para ser a sua Coletora na Caçada, mas vou deixar barato. Qual é o primeiro ingrediente? Precisamos chegar na frente dos concorrentes se os sintéticos estão no jogo.

Eu volto a me jogar na cama.

— Nós não vamos participar. O vovô não quer ter nada a ver com isso.

— Não seja ridícula! — diz Kirsty. — Por que você acha que eu vim pela janela? Claro que Ostanes não vai querer, conheço dragões menos rancorosos do que esse homem! Mas um

Kemi foi chamado para a Caçada. E ele pode ser você.

— Eles querem meu avô, não eu.

— Mas você pode se sair muito bem.

— Sem chance — descarto.

— Por que não? Você pode tentar negar, mas tem o dom dos Kemi. Sabe fazer poções tão bem quanto qualquer um deles.

— Estou longe de ser tão boa quanto o meu avô, e não dá para competir com os sintéticos. Quando eles conseguirem aqueles ingredientes em seus grandes laboratórios...

— Então, pense nisso da seguinte forma. Você é a aprendiz dos Kemi. Algo que eu realmente não entendo, porque, *obviamente*, você deveria estar indo para a Universidade de Kingstown estudar Sintéticos & Poções, porque estamos no século XXI, mas tudo bem. A escolha é sua. Mas esta é a sua chance de fazer essa decisão valer a pena. Para tornar seu nome conhecido como uma grande alquimista e colocar os Kemi de volta no mapa. Você precisa da minha ajuda, claro. E estou aqui oferecendo isso a você... gratuitamente.

Ouvir Kirsty dizer isso em voz alta faz com que a oportunidade pareça real, tangível — algo que eu possa alcançar e agarrar com as duas mãos. Estou surpresa que ela esteja oferecendo seus serviços de graça. Os negócios não estão fáceis para ela também. Nos velhos tempos, cada grande alquimista tinha o seu próprio Coletor. Um mestre Kemi teria uma equipe de pessoas da sua confiança para explorar as Selvas e coletar ingredientes. Simples, não? Claro, quando você sabe que só pode colher uma determinada folha na terceira lua nova do ano e, se perder essa oportunidade, a próxima só vai aparecer dali a doze meses. Ou quando você tem que perseguir um leão-dentes-de-sabre através das Montanhas Aluptianas e arriscando-se a morrer numa luta. É um conhecimento especializado também — saber qual equipamento levar, como sobreviver lá fora, nas Selvas, e também reconhecer os ingredientes quando eles surgirem na sua frente. Os melhores Coletores saem a campo e voltam com um milhão de coisas que você não pediu, mas percebe de repente que precisa.

Sintéticos não precisam de Coletores, visto que podem criar os mesmos compostos em laboratório. Embora soubesse que não era a melhor coisa a fazer, Kirsty foi forçada a se tornar mais uma negociante, vendendo bugigangas bonitas, mas inúteis como pingentes de ametista e olhos de peixe-gaivota para turistas ávidos. Por um tempo ela ainda teve uma barraca na Alameda Real, mas Kirsty não aguenta ficar muito tempo parada no mesmo lugar e sabe disso.

— Eu ouvi falar que Emília estava no Palácio — diz Kirsty.

Confirmo com a cabeça, lentamente. A lembrança do corpo de Emília, contaminado por aquelas poções trevosas, ainda gela o meu sangue.

— Ela disse que é mestre alquimista agora.

— Emília não perdeu tempo no exílio. Já ouvi histórias sobre ela, também. — Kirsty hesita. — Além de se formar em alquimia, passou todos esses anos explorando as Selvas. Eu ouvi um guarda-florestal dizer que não existe Coletora melhor no mundo. Ela já pode estar um passo à frente na Caçada.

Meus olhos se arregalam.

— Alquimista *e* Coletora ao mesmo tempo?

— Ela vai ser uma adversária formidável! Mesmo que não esteja tentando encontrar a cura, vai saber exatamente como nos deter.

Eu engulo em seco. Não tinha considerado a possibilidade de que alguém não quisesse curar a Princesa. Mas se a Princesa morresse... então Emília seria a próxima rainha. E a vida em Nova nunca mais seria a mesma.

Não tenho certeza se estou talhada para isso. Juntar-me à Caçada significaria ir... para as Selvas. As terras ermas e desabitadas fora das grandes cidades e vilarejos. As Selvas são santuários naturais bem protegidos, onde a magia pode fluir sem controle. O acesso às Selvas é muito bem regulamentado. Meu avô acha que elas são uma piada — um dia o mundo inteiro foi selvagem, é claro, mas as cidades se espalharam como fungos até que restaram apenas superfícies relativamente pequenas de terra selvagem. Há razões para isso, sem dúvida. Este é um mundo moderno. A magia é instável nas Selvas e as cidades são lugares muito mais seguros para os Talentosos viverem, pois, quanto mais pessoas manipulam a corrente de magia, mais forte e estável ela fica. Como uma corda feita de muitas fibras retorcidas. Nas Selvas, esses fios se espalham por distâncias cada vez maiores e podem se desgastar — ou até mesmo se romper —, com consequências violentas. A magia nas Selvas é simplesmente poderosa demais para a maioria dos Talentosos controlar.

Claro, as Selvas também são perigosas para os comuns como nós: cheias de criaturas à espera de arrancar a sua cabeça. E plantas que podem fazer isso também.

As Selvas são para os aventureiros, como Kirsty. Elas não são para pessoas que preferem viver suas aventuras através de personagens de livros. Eu gosto de ficar em casa, muito obrigada, onde sei que posso sempre encontrar uma tomada para o meu laptop, nunca estou a

mais de dez passos de uma chaleira para ferver água para o chá e posso dormir embrulhada no conforto do meu edredom.

— Lugar de alquimista é no laboratório — diz meu avô, e ele de fato só sai do laboratório para jogar petanca com outros velhos. Tudo mais que ele precisa está ali.

Às vezes nós dois somos mais parecidos do que eu gostaria de admitir.

Você tem o dom dos Kemi. As palavras de Kirsty tocam meus ouvidos. Talvez eu tenha. E não posso continuar reprimindo esses sonhos sem, pelo menos, tentar torná-los realidade.

Eu salto da cama, agora mais confiante do que qualquer pessoa de pijama deveria se sentir. A adrenalina inunda meu corpo: é um ato impulsivo, precipitado, mas, se eu passar mais tempo pensando nisso, vou me convencer a desistir.

— Ok, eu vou. Amanhã de manhã — digo a Kirsty.

— Agora! — contesta ela. — Precisamos planejar o primeiro ingrediente.

O relógio na minha de cabeceira mostra que são 23h09.

— É muito tarde... — justifico, mas sei que a Realeza não vai estar dormindo. — Ok, me dê um segundo.

— Eu não vou sair daqui — diz ela com um sorriso.

Vou na ponta dos pés até o corredor. A casa está num silêncio mortal. Quando eu era pequena, meu avô costumava fazer poções noite adentro, mas agora ele toma uma poção para dormir às dez horas em ponto, então sei que não vai acordar.

Quando chego à loja, respiro fundo. Ela tem uma aparência estranha à noite, a iluminação da rua refletindo os inúmeros frascos de vidro que revestem a parede dos fundos. O ar ainda está parado. Há uma tela escura no canto, nossa Tela de Evocação particular, e eu coloco a mão no vidro. É frio ao toque. Nunca fiz isso antes, então espero que funcione.

— Renel Landry! — eu digo olhando para o vidro.

O rosto de Renel aparece atrás da minha mão e eu tenho que morder a língua para não gritar de susto.

— Chegue mais perto, Samantha Kemi. — Ele estende a mão através do vidro. Eu a pego e fico parada no lugar. Ele me puxa com força e num piscar de olhos eu chego ao Palácio. Não foi tão difícil quanto da última vez.

A surpresa deve estar estampada na minha cara quando ele estala a língua, reprovando a minha ignorância.

— Depois que você visita um lugar, fica muito mais fácil se transportar para lá novamente. Você deixou uma marca sua ao longo das correntes mágicas. — Ele caminha

rapidamente até o Chifre de Auden, que parece respirar à luz cintilante das velas do salão palaciano.

— Você sabe o que fazer — diz ele.

Dou um passo à frente e coloco o dedo sobre a tela. Assim como fez com Zol e Zain, fumaça se derrama da boca do Chifre como se ele estivesse em chamas. Eu sinto o calor no meu rosto.

— Estou participando... mas o meu avô não está.

Renel levanta uma sobrancelha.

— Ostanos não? Vou ter que falar com a família real a respeito disso. — Por um instante acho que eles não vão deixar que eu participe sozinha.

Mas então ele enfia a mão no bolso e tira um pergaminho.

— Seu passe para a Caçada e o primeiro ingrediente — diz ele, então vira meu corpo e me empurra em direção à parede atrás de mim. A parede se inclina e se rompe, então estou de volta à loja, derrapando nas lajotas de pedra, ofegante. A Tela de Evocação fica escura.

Respiro fundo algumas vezes, em seguida passo o dedo ao longo da borda do pergaminho para quebrar o selo. Meu coração dispara.

Eu já posso ter perdido minha chance de vencer.



CAPÍTULO ONZE

♥ SAMANTHA ♥

— Pelo menos não tivemos que esperar até amanhã. — Kirsty olha para o pergaminho. — Eu acho que qualquer um que tenha que pensar muito se vai participar ou não da Caçada não vai ter muita chance. Esse ingrediente é impossível de comprar.

— Estamos muito atrasadas?

O relógio dela é um dispositivo complicado, com várias faces diferentes interligadas mostrando fusos horários e fases da lua e marés.

— Acho que precisamos começar quanto antes. Tipo agora.

— O que está acontecendo aqui? — mamãe está na porta do meu quarto vestindo seu penhoar roxo. Papai está atrás dela, segurando na mão um livro de bolso com as páginas gastas. Eu não tinha sido exatamente discreta, subindo correndo as escadas da loja. Teria acordado a Esfinge com o golpe dos meus passos no chão.

Quando eles fitam Kirsty e eu, sei que já deduziram. Mas, para meu alívio, não pareceram furiosos. Apenas cansados.

— Ah, querida... — lamenta mamãe.

— Eu sinto muito. Mas quero fazer isso. Preciso fazer isso. Esta é a minha chance de... — fico sem palavras.

Papai estende a mão para mim.

— A escolha é sua, Sam. Mas não podemos ajudá-la a comprar qualquer uma dessas coisas. As taxas de Kirsty, o seu transporte para as Selvas, qualquer coisa que você possa precisar ao longo do caminho... nada disso.

— Kirsty vai me ajudar. Vai *nos* ajudar.

Felizmente, eles parecem concordar.

— Você vai ter que contar para o seu avô amanhã de manhã.

— Eu posso não ter tempo para isso. — Entrego a eles o pergaminho.

Meu pai lê o nome do ingrediente e arqueja.

— Deus meu!

— O que é? — pergunta mamãe.

— Pérola de sereia da lua cheia. Triturada. 30g. — recito, pois já memorizei.

— Temos no estoque? — papai pergunta.

Nego com a cabeça.

— Acabei de verificar antes de vir aqui para cima. — Não encontrei nas prateleiras nenhum frasco com pó de pérola de sereia. — Não sou tão sortuda assim.

— Mas a próxima Subida é hoje à noite! — diz mamãe. — Eu vi no noticiário.

— Eu sei. — Soube logo que li qual era o ingrediente.

— Você não tem tempo a perder, então — diz meu pai. Ele me devolve o pergaminho. — Kirsty, você vai cuidar bem dela?

— Vou, John. — Ela me atira a minha mochila, que estava no chão. — Me encontre em cinco minutos.

Eu aceno, sorrindo e olhando ao redor do quarto, depois jogando na mochila qualquer coisa que encontro à minha frente, mal parando para pensar sobre onde eu poderia estar indo. O que se leva para pescar pérola de sereia? Eu me troco, vestindo o que mais parece um traje de Coletora: calças com bolsos, uma camiseta preta e um agasalho quente com capuz. Jogo por cima o meu casaco impermeável e pego uma lanterna. Então coloco na mochila o item mais importante: o meu diário de poções. É um caderno brochura grosso, com uma capa de couro marrom resistente. É de longe o meu bem mais precioso. Nele estão todas as minhas receitas, todas as minhas anotações sobre os ingredientes, todos os meus sonhos sobre poções novas e diferentes. É o meu cérebro em forma de papel.

Em nossa biblioteca, temos os diários de poções de quase todos os Kemi, remontando a quase quinhentos anos atrás. Mas alguns importantes estão faltando: o da minha bisavó Cleo, por exemplo, e o de Thomas Kemi, o fundador da loja. Mas os demais formam o grande acervo de conhecimento dos Kemi, que é de longe o nosso maior trunfo.

Enfio o meu no bolso da frente da mochila.

Despeço-me de mamãe e papai com um beijo e corro para baixo, na direção da porta lateral. Jogo a mochila no assoalho do jipe 4x4 de Kirsty e me sento no banco da frente.

— Pronta? — ela pergunta.

Eu mordo o lábio e aceno com a cabeça. Temos duas horas para percorrer um trajeto de duas horas e meia, além de encontrar um barco disposto a nos levar para a Subida na última hora. Sinto que nossas chances não são boas, mas que alternativa temos?

Antes que outro pensamento possa invadir o meu cérebro, Kirsty afunda o pé no acelerador, os dedos apertando rapidamente um botão no painel, que envia uma onda de heavy metal para o ar da noite. Se alguém abriu uma janela para reclamar, nós não ficamos sabendo — já estamos na esquina, a toda velocidade pelas sinuosas ruas secundárias, rumo à rodovia para o sul: as Selvas de Nova.

Eu roo as unhas e o som de bate-estaca nos alto-falantes de Kirsty não ajuda a acalmar meus nervos.

Algumas partes das Selvas são mais acessíveis do que outras, como aquela para a qual estamos indo — a Praia de Sirena. É a Subida mais próxima de Kingstown e a única de Nova. Ninguém vai ter tempo de chegar a nenhum outro lugar. É preciso autorização para entrar, mas é uma das mais fáceis de adquirir. A praia de Sirena é sempre destaque em qualquer guia ou folheto turístico para Nova: “Venha se maravilhar com a única Subida visível da costa!”, “Contemple a beleza de Afrodite e seu clã de sereias”, “Curta as Selvas adoidado: a praia mais quente de Nova!”

Ninguém sabe ao certo por que as sereias sobem no meio da noite durante a lua cheia. Elas podem ter muitas semelhanças físicas com os seres humanos, mas os pesquisadores nunca conseguiram se comunicar com elas de nenhuma maneira significativa, pelo menos não a ponto de entender alguma coisa de suas tradições. Mas elas são umas exibicionistas, isso é certo. Sobem à superfície do mar e mostram as suas belas pérolas, cultivadas durante o mês anterior. Elas são competitivas também, passam o mês todo se preparando para a ocasião, que tem toda a pompa de um concurso de beleza e são um ótimo entretenimento para a multidão que se aglomera na praia para vê-las.

A mais bela sereia é chamada de Afrodite. Se o meu palpite está certo, outras equipes da Caçada estarão presentes na Subida, visto que quem receber delas a pérola terá instantaneamente o ingrediente mais poderoso. Esse é o desafio que as equipes vão ter de vencer: competir pela atenção de Afrodite e ter a chance de ganhar a mais poderosa pérola, ou perder essa chance e correr o risco de não conseguir pérola nenhuma.

As pérolas de sereia são as pedras mais usadas em anéis de noivado, mais ainda do que safiras e diamantes. Na verdade, a Princesa Evelyn tem uma tiara de pérolas de sereia, o

máximo da extravagância! A imagem dela pegando sua tiara para obter um dos ingredientes para a poção do amor passa pela minha cabeça.

— Talvez a gente devesse ter convencido meu pai a vir junto.

— Por que diz isso? — pergunta Kirsty.

— As sereias não respondem melhor a vozes masculinas?

— Como você sabe disso?

— Eu leio muito.

— Sua nerd!

Eu soco o braço dela e ela ri.

— Não se preocupe, vamos descobrir se isso é verdade. Se for necessário, posso te ensinar alguns truques para alterar o timbre da voz.

— E isso funciona?

Ela assente com a cabeça.

— Regra número um de uma Coletora: você precisa se virar com o que tem. Nunca conclua que está diante de um caso perdido.

Kirsty mal tira o pé do acelerador e, como a estrada está deserta — e não vemos nenhuma viatura de polícia —, chegamos antes do previsto. Com alguns minutos de sobra, vamos até a fronteira das Selvas, onde há pequenos abrigos no meio da estrada, como sentinelas em guarda. Eu me pergunto quão cheia de gente a praia vai estar. O mais provável é que esteja lotada para a Subida.

Olho para o papel na minha mão, o texto impresso em caracteres de computador. *Pérola de sereia da lua cheia. Triturada. 30g.*

Os guardam examinam os nossos documentos, e batem de leve com os dedos no meu passaporte novinho em folha. O de Kirsty é velho e surrado, mesmo que ela tenha que renová-lo todos os anos por ser Coletora.

— Você está atrasada — o guarda diz com um sorrisinho.

— Então pare de enrolar! — rebate Kirsty.

— Talvez eu devesse dar uma olhada mais atenta nesses.

Kirsty se inclina para fora da janela, agarra a camisa do guarda e puxa-o para baixo, na direção da janela.

— Quer deixar a gente passar?!

Eu engulo um grande nó de ansiedade diante da ousadia de Kirsty, mas o guarda ri e joga os passaportes de volta através da janela, para o meu colo.

O “até mais” do guarda desaparece ao vento quando Kirsty pisa fundo no acelerador novamente e arrancamos para dentro da noite.

— Aquele é o Duke. A gente costumava sair — explica Kirsty. — Mas então percebi que ele era um babaca e a gente parou de se ver.

Nunca vi Kirsty agir assim antes. Em seu elemento. Seus olhos estão cheios de determinação, seu queixo cerrado. Ela me pega olhando e me lança um sorriso largo.

— Está se divertindo? — Ela troca a marcha e acelera ainda mais. Eu agarro a borda do assento, os nós dos dedos brancos.

Uma enorme placa iluminada surge diante de nós: Praia de Sirena, 5 km. Mas nem era preciso uma placa para saber que estávamos chegando perto. Canhões projetam luzes brancas, que dançam no céu noturno. De vez em quando um fecho de luz muda de cor, para magenta brilhante ou azul neon, e tinge as estrelas de um tom pouco natural.

Um arrepio me percorre. As Selvas sempre fazem isso comigo. Eu inclino a cabeça para olhar pela janela. Alguém lá na praia vira um espesso fecho de luz para o céu noturno, projetando o imenso rosto de um urso rosnando. A mascote da Universidade de Kingstown: a Ursa Maior.

Kirsty esterça o volante para pegarmos a rampa de saída e diminui a velocidade quando a estrada pavimentada que leva até a praia fica toda esburacada. O carro vibra com as reverberações profundas dos alto-falantes, que irradiam uma música dançante para baladeiros animados. À distância, na escuridão, o horizonte sobe e desce com as ondas, e então o cheiro atinge minhas narinas — pungente e salgado e fresco. O mar. Nós chegamos.

Entramos numa das vagas de estacionamento mais distantes da costa — mas não por opção, é claro. O estacionamento está absolutamente lotado, principalmente com ônibus de balada cobertos com grafites de alguém vomitado um arco-íris sobre eles. Eu começo a tirar as coisas da mochila, mas Kirsty balança a cabeça.

— Não temos tempo — diz ela, pegamos uma lanterna de um compartimento na porta do carro.

Passamos correndo por universitários bebendo cervejas gasosas de um tom ouro pálido em garrações de um metro de comprimento, as mais baratas que encontraram. Mais impressionantes ainda são as tatuagens feitas com tintas encantadas, que brilham no escuro sobre a pele bronzeada, e os Talentosos com luzes embutidas nos cabelos e ao longo dos braços para que, quando dançam na areia, pareça que estrelas estão dançando com eles.

— Deixe pra encarar depois — diz Kirsty, me puxando. Seus olhos se voltam para o mar. Seguindo seu olhar, posso ver que já estamos atrasadas. Na escuridão, subindo e descendo com as ondas, há uma frota de barcos, amontoados como focas numa tempestade. De repente o céu em torno dos barcos se acende. Há um holofote enorme, apontando para as ondas, e a luz vem de um dos barcos no meio do oceano. “Barco” não é realmente a palavra certa para esse objeto em particular. “Iate” pode ser mais preciso, talvez “palácio flutuante” seja ainda melhor. Não é nenhuma surpresa ver as enormes letras escritas na proa: ZA. A Zoroaster já está ali.

O projetor ilumina os outros barcos que se aglomeram na mesma área — outros iates, mas também navios de pesca menores e até mesmo, penso eu, um jet-ski.

Estamos correndo para a praia agora, em direção ao cais. As luzes da profusão de barcos não chega a atingir a extremidade da doca, mas eu posso ver que um pequeno tumulto está se formando. Uma garota grita de frustração e meu coração salta — eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

— Anita! — grito para ela. Kirsty e eu chegamos ao cais, a areia dando lugar a pranchas ásperas de madeira pregadas de qualquer jeito.

— Arjun, olha quem está aqui! — Anita grita por cima do ombro e a cabeça do irmão dela aparece no final da doca. Seu rosto está contraído numa careta, mas ele se suaviza quando me vê. A espuma da arrebentação emoldura seu cabelo castanho-escuro como uma coroa branca.

Arjun está sentado num barco a remo de aparência frágil, que tenho certeza de que está fazendo água pela maneira como um dos lados está mais afundado. Também está no barco um velho vestido com uma camisa branca esfarrapada, calças impermeáveis e uma jaqueta preta. Uma cicatriz irregular atravessa seu rosto e eu me pergunto que animal selvagem lhe causou tamanho dano. Ele é pescador. As licenças para pescar nas águas selvagens são raras, por isso é mais provável que seja um fora da lei. Isso significa que é perigoso.

O barco se choca contra o cais quando uma onda se quebra aos nossos pés, e água do mar se infiltra através dos ilhoses dos meus cadarços.

As botas de Kirsty surgem ao lado das minhas com um passo firme e confiante. Aposto que os sapatos dela são impermeáveis — não há nenhum ruído revelador de dedos chapinhando dentro deles.

— Edgar! — chama ela, dirigindo-se ao velho com as mãos nos quadris. — O que está acontecendo aqui?

O velho brinca com a gola do casaco manchado de sal.

— Bom, senhorita Donovan, estou tentando negociar um acordo justo com estes jovens para levá-los à Subida.

— Negociar?! — Arjun explode. — Você quer dizer enganar, roubar, ludibriar, talvez.

Um sorrisinho aparece no rosto do velho.

— Eu ouvi os boatos também, não é? Essa não é nenhuma excursão normal para ver as vadias marinhas.

Anita, Arjun e eu recuamos, chocados. Eu nunca ouvi nada tão ofensivo quanto o insulto flagrante desse homem contra as criaturas marinhas, mas isso só estimula Kirsty a prosseguir. Ela estende os braços para dentro do barco e agarra Edgar pela gola. Puxa-o para cima e — como se o mar estivesse momentaneamente do nosso lado — uma onda se avoluma embaixo deles e o empurra ainda mais para o alto. Ela o arrasta para o cais, em seguida o joga na areia como um saco de batatas.

Anita e eu corremos para o barco antes que Edgar consiga ficar de pé.

— Eu sei com certeza que você não é dono deste barco, Ed. Perdeu sua licença para navegar quando tentou armar uma armadilha para aquela narval. Por isso, encontre outro Coletor para enganar. — Enquanto ela fala, vai desamarrando a corda que prende o barco ao cais. Com um empurrão firme da sua bota, ela empurra o barco para longe e salta dentro dele antes que flutue para longe.

— Peguem os remos! — grita. Anita e eu corremos para pegá-los e eu estendo um para Arjun, boquiaberto. Kirsty pega o outro de Anita e grita:

— Reme! Reme! — Até que ela e Arjun passam a remar no mesmo ritmo rápido.

E mesmo assim aquelas luzes parecem muito, muito, distantes no mar.

— Nós não vamos conseguir... — murmura Anita ao meu lado.

— Como sabe? — pergunto.

— Ouça! Não está ouvindo? A Subida já está começando.



CAPÍTULO DOZE

♥ SAMANTHA ♥

A princípio não consigo ouvir nada, apenas os remos subindo e descendo na água, mas, então, as primeiras notas chegam aos meus ouvidos. Elas vêm do lugar onde os outros barcos estão reunidos. Ouço um estalo alto e o holofote do gigantesco iate pisca e apaga.

Todos os outros barcos apagam suas luzes também e meus olhos levam um tempo para se ajustarem à semiescuridão. A lua cheia parece obscenamente grande, sem o halo de outras luzes diminuindo o seu brilho.

Então a primeira concha sobe. De início, ela parece só outra onda se avolumando no mar, mas logo percebo que é a borda recortada da concha de uma sereia, tão grande quanto o nosso barco a remo. Todos os outros ruídos diminuíram e o mar está imóvel como vidro. Isso torna mais fácil para Kirsty e Arjun nos impulsionearem através da água, mas Anita e eu estamos congeladas na proa do barco, paralisadas pelo pensamento de que podemos ter chegado tão perto, mas ainda assim estar longe demais.

O luar se reflete na borda perolada da concha, desaparecendo em meio às numerosas cristas e novamente refletindo nas ondas. Outra concha sobe a alguns centímetros de distância, essa mais cor-de-rosa que a primeira. Então elas parecem se multiplicar, todos os tons de um arco-íris escuro — de roxo a cinza-prateado a quase bronze. As inúmeras poções que podem ser feitas com o delicado revestimento interno das conchas surgem na minha mente:

Concha de ostras: para a redução da rosácea — acalma a pele avermelhada. Também para fortalecimento dos ossos — pode ajudar no início da osteoporose precoce.

Anita fica olhando através dos binóculos com lentes grande-angulares, mordendo o lábio inferior.

— Afrodite já subiu? — Kirsty pergunta por cima do ombro, a voz tensa com o esforço exigido pelos remos.

Anita nega com a cabeça.

— Acho que não... espera...

Eu forço a vista para tentar ver melhor e então grito de emoção quando percebo o que Anita está vendo. Uma concha está subindo, branca, de um branco brilhante, imaculado, mais brilhante do que qualquer outra. E é maior do que as outras conchas também: a própria lua se levantando do mar. Embora a água permaneça calma, os barcos se espalham e se afastam da concha, demonstrando o respeito que ela merece.

E, então, a concha começa a se abrir.

A mão dela é de um branco fantasmagórico e ela brilha também, como se a pele irradiasse a luz da lua cheia. Seus dedos são muito longos, mais como galhos do que carne, e finas teias translúcidas ligam cada um deles. Num movimento rápido, ela abre a tampa da concha e se revela em toda a sua glória. Seu cabelo deixaria verde de inveja até a mais bela modelo de Nova — ele parece se mover com vida própria, como se ainda estivesse debaixo d'água, flutuando e ondulando ao sabor de correntes invisíveis. Os fios de um branco rosado parecem brilhar ao luar, caindo em cascata pelo seu tronco nu e envolvendo sua cintura, onde a pele encontra as escamas. Sua beleza surpreende, tira o fôlego. No entanto, é a estranheza dela o mais impressionante — é tão parecida com os humanos e mesmo assim tão diferente! Seus olhos são de um tom pálido e leitoso, como se fosse cega, mas ela fita a aglomeração de barcos, examinando todos nós. Se alguma coisa pode desviar a atenção dela é a joia que carrega em torno do pescoço — uma pérola tão perfeitamente redonda e brilhante que deixa todas as outras pedras com vergonha.

— Afrodite... — sussurra Anita, tão pasma quanto eu. Afrodite é a Rainha das sereias, e como hoje é noite de lua cheia, não importa quantas vezes você a tenha visto, ela é sempre fascinante.

O nosso barco está à deriva agora. Arjun e Kirsty pararam de remar, embora a correnteza ainda esteja nos levando em direção ao círculo de barcos. Há um espaço vazio, já pronto para nós. Podemos conseguir, no final das contas.

E ainda bem que encontramos um espaço, porque os próximos segundos são tumultuados. Conchas se abrindo por toda parte, seguindo o exemplo de Afrodite, e sereias e pérolas

aparecendo mais rápido do que podemos acompanhar. Elas preenchem o círculo com as suas risadas, espirrando água uma na outra e soltando risadinhas, em geral nos ignorando.

Imediatamente, as outras equipes tentam chamar a atenção das sereias. Bem na nossa frente, num lugar privilegiado em frente à Afrodite, está o navio da ZA, com alguém de pé na proa, com os braços estendidos. O reconhecimento me atinge e eu agarro a mão de Anita.

— O que é? — ela pergunta.

— Rápido, você pode me emprestar seus binóculos um segundo?

— Claro! — Ela os tira do pescoço e os passa para mim.

Eu os aponto para o iate e ajusto o foco. Focalizo um homem de terno e colete, com o cabelo penteado para trás com gel, num estilo moderno. Ele está segurando uma varinha cravejada de diamantes brilhantes e toca a garganta com a sua ponta. Em seguida, abre a boca e começa a cantar. É a vez de Anita agarrar os binóculos.

— Ah, meu Deus — diz ela, incapaz de esconder o assombro da voz. — É o que eu acho que é? Eles realmente trouxeram Damian aqui?

— Pode ter certeza de que Zol vai fazer tudo que estiver ao seu alcance — murmura Kirsty na parte de trás do barco. — Então é isso que fascina Afrodite.

Eu constato o que ela quis dizer. Afrodita flutua em direção ao navio, intrigada com o tom melódico e suave da voz de Damian, o astro pop mais gato de Nova no momento, e esse está prestes a ser o seu público mais cativo. Esse é o maior palco que Damian poderia desejar.

— Ok, é a nossa vez. Arjun, você está pronto?

Arjun balança a cabeça tristemente.

— Não tenho a menor chance de ser melhor do que ele, pessoal. E se eu ouvir um risinho que seja de qualquer uma das duas, jogo vocês deste barco.

Anita e eu saímos do caminho para dar espaço a ele, na frente do nosso pequeno barco a remo. Arjun abre a boca, mas, a princípio, não sai nada. Ele se vira e olha para Kirsty, um brilho de suor na testa.

— O que devo cantar?

— Comece sem grandes pretensões — ela responde. — Algo fácil. Uma canção de ninar ou algo assim.

Ele se volta para a água e para o pequeno grupo de sereias, cuja atenção ainda não está garantida. Finalmente, solta as primeiras notas de uma canção infantil sobre o mar:

— *Da praia, das ondas, da areia. Caudas de sereia, castelo de areia, mãos entrelaçadas...*

A voz dele é doce, alegre até, mas não se compara com a de Damian — que encantou a sua voz profunda, suave e doce como mel para se projetar através da água. Nós três esperamos com a respiração suspensa enquanto Arjun canta. Por fim, depois que ele passa a cantar uma antiga canção popular com um ritmo ligeiramente mais forte, uma das sereias inclina a cabeça em nossa direção.

— Isso, Arjun, continue! — sussurra Kirsty, encorajando-o. Arjun evidentemente nota a atenção da sereia também e concentra sua voz nela, tentando fazer parecer que está cantando só para ela. Ela agita a cauda num movimento gracioso, como uma pétala ao sabor da brisa. Seus dedos longos cor de malva acariciam a pérola em torno do seu pescoço enquanto ela ouve a música. Kirsty me cutuca.

— Arjun está indo bem. Viu aquela pérola? Será perfeita. E deve ter essência suficiente para as duas equipes.

As equipes. Ela disse, agora, e eu nem sequer tinha pensado nisso. Eu estou numa equipe que compete com a de Arjun e Anita. Embora a gente vá se ajudar ao longo da Caçada, só uma equipe poderá vencer.

A sereia de Arjun está deslizando para nós. Estamos tão fascinados, tão absortos, que nem notamos o superiate da ZA singrando também na nossa direção. Kirsty, a mais rápida de nós quatro, grita e imediatamente pega os remos para nos tirar do caminho do iate. Enquanto Damian canta para Afrodite, o iate está prestes a bloquear o nosso caminho para a Subida.

— Ei! — Kirsty joga os remos, levanta-se do barco e grita. O movimento abrupto faz o barco balançar com força e a água espirrar no casco. — Isso é ilegal! Saia do nosso caminho!

O iate continua a se aproximar. Eu quase dou risada. Com quem é que vamos reclamar se eles nos impedirem de ter acesso a uma pérola? Ninguém vai se importar. Esta é uma Caçada Selvagem. Todas as regras, exceto as regras da Caçada, deixaram de vigorar.

Está muito mais escuro aqui, fora do círculo. Nós olhamos com espanto enquanto as ondas balançam o nosso barco, afastando-nos da ação, deixando-nos mais distantes da reunião de sereias.

A voz de Arjun fraqueja.

— Não pare de cantar! — diz Kirsty, com a voz preocupada. Seu olhar está focado num ponto afastado dos barcos, em meio ao oceano escuro. Eu sigo a linha do seu olhar e me esforço para ver alguma coisa, mas o suave subir e descer das ondas... Espere! Vejo uma leve ondulação na superfície.

— Tem outra ali! — sussurra Anita ao meu lado. Será outra sereia? Estou ao mesmo tempo esperançosa e morta de medo. Uma sereia fora do círculo da Subida é algo quase inédito. Mas existem outras criaturas no oceano, criaturas que seria muito menos amigáveis. Uma barbatana aparece na superfície da água e, embora eu só olhe para ela por um segundo, meu medo diminui: é definitivamente uma sereia! Mas a barbatana tem um sulco profundo, como se ela tivesse sofrido um ataque recente, e eu espero que ela esteja forte o suficiente para produzir uma pérola.

A poucos metros do barco, ela volta a emergir na superfície. Tenho que me esforçar para não me encolher — seu rosto está cheio de rugas, as mechas espessas dos cabelos estão em frangalhos; ela deve ser velha, mas, se é como qualquer outra sereia, também é vaidosa. Se perceber surpresa ou desagrado na expressão dos nossos rostos, certamente vai fugir.

A sereia se aproxima do barco, os lábios alargando-se num sorriso. Mas aquele sorriso é um horror!... Dentes afiados e pontiagudos, mais de tubarão do que de ser humano. Pior ainda é o mau cheiro — podridão, decadência e peixe em decomposição. Anita e eu temos que prender a respiração, mas felizmente a atenção dela está concentrada em Arjun. Ele está branco como um lençol, mas se controlando bem, e a mão de Kirsty em seu ombro está lhe passando estímulo e confiança.

Ele canta e sua voz está trêmula. Eu nem sabia que Arjun tinha esse talento todo, mas quando olho em seus olhos vejo que ele está numa espécie de transe induzido pela sereia. Os dedos de Kirsty apertam um pouco mais o ombro dele.

— Você pode fazer alguma coisa para ajudá-lo? — pergunto a Kirsty.

— Ele está fazendo tudo certo. Só precisa aguentar um pouco mais...

Os outros barcos estão se afastando agora, os motores roncando, e se o barulho interromper o transe — ou, mais provavelmente, se continuarem a jogar sujo e deliberadamente tentarem rompê-lo —, vamos perder a pérola para sempre. O fato de não termos sequer visto a pérola ainda é um péssimo sinal.

Arjun imprime à voz um tom mais urgente, mas a sereia... — “sereia” nem parece o termo certo; “mocreia” seria mais exato —, não parece ter nenhuma pressa. Lentamente, muito lentamente, ela enfia a mão dentro da concha e pega a menor pérola que eu já vi, não maior que uma semente.

Arjun estende a mão e a mocreia estende a dela, indo ao encontro dele. Mas, então, o iate da ZA buzina com toda a força, tentando dispersar qualquer sereia que ainda reste por ali.

Incluindo a nossa. Mas um brilho de astúcia ilumina os olhos dela quando ouve o ruído agudo... e ela agarra o braço de Arjun.

De repente o barco se inclina, o transe se rompe e a mocreia mergulha. Anita e eu saltamos sobre Arjun, cada uma de nós agarrando uma perna.

— Segure-o! — Kirsty grita enquanto vasculha sua bolsa. Juntos, somos mais fortes do que a criatura do mar e ela emerge novamente, sibilando e cuspidando por entre os dentes. Em seguida, com um poderoso movimento da cauda ela se inclina para a frente e morde o braço dele. O grito de Arjun enche meus ouvidos e eu a golpeio várias vezes com o punho, sem soltar a perna de Arjun.

— Sam, puxa ele de volta!

Jogo meu outro braço em torno de Arjun enquanto Kirsty atira um punhado de pó no rosto da criatura. Agora é a vez de ela gritar e libertar Arjun, esfregando o rosto com as mãos. A mocreia mergulha. Com um tranco final, puxamos Arjun para o meio do barco e desabamos em cima uns dos outros, numa grande pilha.

— Alkali — explica Kirsty. — Essa substância reage com o sal na pele e queima.

— Bem feito para ela! — disse Arjun, estremecendo enquanto Anita limpa a ferida da mordida com um anestésico natural.

Aelgi, para ferimentos no mar — ajudar a coagular o sangue e evita cicatrizes.

— Enquanto isso... — Ele abre a mão e em sua palma está a perolazinha.

Anita e eu soltamos um grito de alegria. Já estamos de posse do primeiro ingrediente!

Atraio o olhar de Kirsty enquanto ela começa a remar de volta para a costa. Ela balança a cabeça para mim, desanimada.

— Ei, Arjun, posso dar uma olhada? — pergunto.

Ele coloca a pérola na palma da minha mão. Eu a rolo entre os dedos e ela quase desaparece quando a pressiono entre o polegar e o indicador. Eu a passo de volta para Anita.

É pequena demais para as duas equipes. Menos de 24 horas de Caçada e a família Kemi já está fora do páreo.



CAPÍTULO TREZE

♥ SAMANTHA ♥

Kirsty me deixa em paz no meu silêncio. Não abrimos a boca a maior parte do caminho até em casa. Anita e Arjun me ofereceram uma carona em seu carro, mas eu não conseguiria tolerar a conversa animada. Além disso, não queria que eles sentissem pena de mim — tinham coisas mais importantes com que se preocupar, como descobrir qual é o próximo ingrediente.

Oblivium, ou amnésia permanente: misture quatro tentáculos de medusa com dois copos de água do Letes. Deixe no fogo até aquecer e depois beba na sua caneca favorita.

É disso que preciso agora. Qualquer coisa para esquecer que decepcionei Kirsty, desonrei meus pais, desobedeci ao meu avô e falhei no primeiro obstáculo.

Paro por um instante no beco entre a nossa casa e a do vizinho, as costas contra a parede. Fecho os olhos e respiro — qualquer coisa para não chorar. Os primeiros sinais de luz estão rastejando no horizonte, a aurora de um novo dia. Foi uma estupidez tentar. Quem eu penso que sou? Ir para as Selvas com Kirsty sem nenhum planejamento? É a primeira vez que sinto um gostinho de aventura e ele é amargo.

Pelo menos posso tirar minhas botas encharcadas.

Reúno coragem para atravessar a porta lateral e entrar na cozinha. Toda a família — exceto meu avô — está sentada à mesa, esperando. Eles não olham imediatamente para mim e por um segundo eu me pergunto se não sabem da notícia ainda. Só a minha mãe se levanta e pega uma travessa do forno, com uma pilha de panquecas — o meu prato favorito. O xarope de bordo sobre a mesa não é o autêntico, do tipo caro. E é quando eu percebo que eles sabem. É claro que sabem!

De repente, não consigo me conter e deixo as lágrimas se represarem nos meus olhos. Minha mãe corre para mim num piscar de olhos e eu caio em seus braços calorosos.

— Está tudo bem, querida — ela diz, passando a mão no meu cabelo, como se eu tivesse a idade de Molly outra vez. — Você tentou.

Eu balanço a cabeça encostada em seu ombro e, por fim, me liberto do seu abraço.

— Eu só pensei que...

Papai e Molly estão atrás dela. Papai olha para mim com uma mistura de preocupação e o sentimento de que já sabia que isso podia acontecer. Molly parece perturbada ao ver a irmã mais velha chorando. Eu realmente pensei que tivéssemos a chance de mudar as coisas por aqui. Agora tenho que colocar minhas esperanças de volta na prateleira.

Limpo o rosto e minha mãe me faz andar até a mesa e me sentar, pressionando-me para baixo na cadeira com as mãos sobre os meus ombros.

— Coma, mocinha. Você teve uma longa noite...

Eu despejo o xarope de bordo vermelho-dourado sobre as panquecas (*bordo — para conforto e letargia, e para aquecer o sangue*) e corto com a faca toda a pilha de panquecas, de cima a baixo.

Mas então noto algo incomum. Além do raspar de talheres nos pratos, não há nenhum barulho ao fundo. A tela acima da bancada da cozinha está apagada.

Mamãe e papai sempre assistem aos noticiários da manhã, mesmo que seja bem cedo. É um ritual diário: quem entra na cozinha primeiro liga a TV para verificar o tempo, as notícias e o trânsito. Eu tento manter a voz casual.

— Então, já podemos ligar a TV?

Meus pais hesitam. Eu pego o controle remoto e meu pior medo se materializa na tela. É o antigo brasão da nossa família. A única lembrança de que os Kemi um dia foram uma grande família agora tem um X vermelho gigante em cima. A narração começa.

Depois do anúncio chocante sobre o envenenamento da Princesa Evelyn, uma Caçada Selvagem foi convocada ontem à noite. Dos doze alquimistas participantes, a primeira a sair da Caçada é Samantha Kemi, representante da que foi um dia a renomada família Kemi. Ela foi desclassificada por não conseguir obter o primeiro ingrediente. Para o resto das equipes, a Caçada ainda está a pleno vapor, à medida que a corrida para curar a Princesa fica cada vez mais acirrada...

Minha mãe coloca o dedo sobre o meu, pressionando o botão do controle remoto. A tela escurece.

— Por que não descansa um pouco e depois vem com a gente na cerimônia de Molly mais tarde?

E assim, num piscar de olhos, o meu dia insano volta à normalidade.

— Eu vou. Só tenho que fazer uma coisa primeiro.

Com relutância empurro a pesada porta de madeira que leva da cozinha ao laboratório, pronta para enfrentar a ira do meu avô.

O laboratório fica quase o tempo todo mergulhado na escuridão, as antigas janelas de vidro impregnadas demais com a fumaça de antigos experimentos para ficarem totalmente limpas. O cheiro de querosene das lamparinas, fervendo matéria vegetal e preservando fluido, invade minhas narinas, um cheiro reconfortante e enjoativo. Leva alguns instantes para eu avistá-lo, mas isso é porque ele está debruçado sobre a mesa, e pode nem estar respirando...

À medida que ando na direção dele, vejo sua imagem distorcida através do vidro de um grande béquer — o nariz bulboso cada vez mais proeminente com a refração da luz, um olho de repente verde e enorme no vidro convexo.

— Sam, venha cá. Me diga o que estou preparando. — Sua voz é gentil, sem um traço de raiva. Eu me aproximo e fico surpresa com a fumaça fedida que emana da mistura borbulhante. A substância é de um tom vibrante de magenta. Eu engulo a náusea que sobe para a minha garganta e apoio as mãos na antiga mesa de carvalho. Os pequenos detalhes, meu avô me lembra, são os mais importantes. Como preparar poções sobre uma superfície orgânica para que os ingredientes naturais não percam a potência. Tentamos usar apenas materiais naturais, embora nem sempre isso seja possível ou prático. Na outra extremidade da mesa, meu avô destila duas gotas de um líquido dourado de um frasquinho. O líquido é bombeado através de um labirinto de delicados tubos de vidro, dá voltas e mais voltas, cada vez com um pouco de ar adicionado a ele, antes que finalmente caia numa proveta.

Prendo a respiração e me inclino um pouco mais para olhar de novo.

— Hum, parece... algum tipo de poção para dor de cabeça?

Meu avô estala a língua para mim, contrariado.

— Por que eu iria adicionar solidago a uma poção para dor de cabeça?

Solidago — para dor de garganta e carteiras vazias. Meu avô tem razão, é claro. Não é para dor de cabeça coisa nenhuma.

— Concentre-se, Sam!

Mas nada me ocorre. Fiquei acordada a noite toda e estou quase dormindo em pé. Meu avô suspira.

— Essa Caçada é um furo n'água, Sam. Você não pode esperar reviver os tempos áureos dos alquimistas apenas com a busca de uma poção. Enquanto os ingredientes sintéticos ainda dominarem, não vai existir lugar para nós.

É esse tipo de conversa que faz um antigo sentimento de frustração revirar o meu estômago.

— Por que, vovô? Se a gente atualizar alguns sistemas da loja, repuser alguns ingredientes que faltam, talvez com um pouco de propaganda... Existem pessoas que se lembram do nome Kemi. Pessoas que comprariam aqui novamente se soubessem que estamos nos modernizando.

Ele discorda com a cabeça.

— Não. Tudo o que podemos fazer é continuar estudando o nosso ofício, para que nosso conhecimento não esteja morto e enterrado quando o mundo finalmente recuperar a razão.

— Mas a Princesa...

— Eu não vou ajudar a Realeza. Eles que deem um jeito na confusão que aprontaram. E como se pode confiar em pessoas que mandam para o exílio alguém da própria família?

— Você quer dizer Emília?

Ele confirma.

— Estão se borrando de medo que o poder da Princesa passe para ela. Eu já estive numa Caçada Selvagem, Sam. Você sabe disso. E, contanto que consigam a cura, pode ter certeza de que as “regras” das Caçadas Selvagens não significam nada para eles. Eu era aprendiz de sua bisavó e, por mérito, ela deveria ter vencido a Caçada. Zoro Aster roubou a poção dela e apresentou-a como se fosse dele. O Chifre de Auden aceitou. Então, Zoro Aster disse a todos que a poção era feita de sintéticos e estabeleceu para sempre a legitimidade de sua companhia.

— Mas então alguém tem que dizer isso à Realeza!

— Você acha que já não tentei? Mas sua bisavó tinha perdido o diário de poções com a descrição da fórmula. Sem ele, era a nossa palavra contra a dele. E a maldita Realeza conseguiu a sua cura, então por que se importariam? Não viram nada de mais em nos tirar o título de alquimistas reais e entregá-lo a Zoro Aster e sua nova empresa de sintéticos. Séculos de serviço leal esquecidos da noite para o dia. Sua bisavó nunca mais foi a mesma. É por isso que você nunca pode confiar na Realeza ou nos sintéticos.

Eu tenho muitas outras perguntas, mas estou cansada demais para isso. De qualquer maneira, ele já voltou para sua poção.

— Vou descansar um pouco — digo.

Em vez de ir direto para o andar de cima, eu paro na biblioteca — meu lugar favorito na vida. Talvez ela pudesse me dar uma dica sobre o que aconteceu naquela época. Rodeada de livros, minha mente voa de volta para a poção do amor. Em algum lugar nesta sala, poderia haver uma resposta. Anita e Arjun ainda precisam da receita certa, eles não estão fora da Caçada. Talvez eu possa ajudá-los.

Corro os dedos sobre a escrita de ouro encarquilhada das lombadas, os títulos quase indecifráveis após anos de negligência. São quase todos livros de receita — alguns claramente escritos por magos malucos sem nenhuma ideia de como preparar uma poção.

Eu fico olhando para a enorme parede de livros na minha frente. Não encontro nenhum livro chamado *AS MELHORES RECEITAS DE POÇÕES DO AMOR*, mas algum deles deve pelo menos conter uma pista. Tiro três volumes mais prováveis da prateleira, empilho-os nos braços e levo-os até a mesa.

O título na capa está com a tinta quase toda descascada, mas, quando abro com reverência na primeira página, assopro a poeira e leio o título: *Quattuor usus spiritus animalis quod per trecentos annos extinctae*. Mas que ótimo! “Quatrocentos usos para o bafo de um animal extinto há trezentos anos.”

Quem estou querendo enganar? Eu dou a minha vida por livros como esse. Se não pelas palavras obsoletas e os conselhos antigos no interior do livro, pelo crepitar do pergaminho enquanto viro as páginas, despregando delicadamente uma da outra. As letras se emaranham entre si como amantes, a tinta solidificada pelo tempo e transformada em cola.

Folheio cuidadosamente o resto do livro. Nada. Mas esta é a emoção da Caçada para mim — a pesquisa, a aventura de peneirar palavras, como se fossem grãos de areia, à procura de diamantes. A quarta pilha de livros é onde encontro o primeiro deles: a palavra *filtro* — o termo usado antigamente para designar uma poção do amor. Mas a emoção se extingue tão rápido quanto surgiu quando me deparo com as evidências da purga de mais de um século atrás, quando as poções do amor foram declaradas ilegais. As duas primeiras sentenças ainda estão lá, as letras cursivas delicadas, em tinta preta, manchas escuras sobre a página: *O filtro é uma das poções mais perigosas conhecidas pela humanidade, tanto para quem prepara quanto para quem toma. Proceda com máxima cautela*. Depois disso, as letras se amontoam numa grande mancha grossa e preta, como se estivessem tentando lutar contra o

feitiço para fazê-las desaparecer. No emaranhado de letras consigo identificar algumas palavras antigas — *indicum* e *eluvium* —, mas não sei se são relevantes ou não. Ouvi dizer que, quanto mais antiga a receita, mais difícil é destruí-la. E agora as provas estão aí nessa página, bem na frente do meu nariz.

Talvez eu precise de livros ainda mais antigos — e sei onde encontrá-los!

Costumava ser um dos nossos rituais semanais, um segredo especial entre meu avô e eu. Não sei se ele já levou Molly até lá, e nunca perguntei — gosto de fingir que ele compartilhou seu amor pelos livros só comigo. Volto para a frente da biblioteca e pego a chave no gancho do lado de dentro da porta. Sempre me intrigou o fato de o meu avô guardar a chave à vista de todos, onde qualquer pessoa poderia pegá-la. Então suas palavras soaram nos meus ouvidos. “É preciso mais do que uma chave para abrir uma porta, menina. Você tem que saber onde está a fechadura.”

E eu sei.

Não estive na sala em outra ocasião que não fosse a que meu avô me levou e, quando eu peguei a chave, senti um arrepio na espinha. Nunca ninguém me proibiu de entrar na sala sozinha, mas nunca tive motivo para isso — a maioria dos livros é tão antiga que está escrita numa linguagem que eu não consigo decifrar.

O metal frio da chave é suficiente para me fazer parar. Prendo a respiração até meus pulmões queimarem, o coração martelando nos ouvidos. Não sei o que estou tentando ouvir — não há nada, só o zumbido sutil da lâmpada e o barulho abafado de panelas na cozinha produzido por papai, que está fazendo o almoço. Solto a respiração com um longo suspiro e sacudo os braços, em seguida marcho para o lado mais distante da biblioteca.

Tenho que me abaixar para chegar à prateleira à direita, e pensar que agora sou muito mais alta do que meu avô de repente me faz rir. Ele sempre pareceu um gigante na minha vida, mas agora com 1,80 metro e ainda crescendo, sou muito mais alta do que ele — e do que a maioria das meninas (e alguns garotos) da minha classe. Às vezes, odeio o meu corpo magro e os pés imensos que o acompanham, os braços e as pernas longos demais. Uma vez, no casamento da irmã mais velha de Anita, os Patel tentaram me vestir com suas roupas tradicionais — um belo sári azul e dourado, com costuras aparentes, que fez com que eu me sentisse uma princesa — exceto pelo fato de que as calças ficaram muito acima dos tornozelos e fizeram eu parecer uma gigante brincando de se vestir como uma princesa.

O livro vermelho se destaca na prateleira, mas eu posso ver por que outros passaram por ele sem olhar duas vezes. Tiro-o da prateleira e, sentando-me atrás dela, vejo a fechadura

mergulhada nas sombras da biblioteca. Deslizo a chave dentro dela, dou um quarto de volta e sinto a prateleira ganhar vida e abrir.



CAPÍTULO CATORZE

♥ SAMANTHA ♥

— Sam! Hora de ir! — minha mãe grita da escada, não percebendo que estou na biblioteca. Eu olho no relógio e meu queixo cai. Estou estudando os livros há quase quatro horas sem parar. Volto e atravesso o laboratório até a cozinha.

Mamãe franze a testa.

— Pensei que você estivesse no seu quarto, descansando.

— Fiquei um pouco... distraída. — O cansaço me atinge como um trem de carga. Um minuto atrás eu estava bem, agora estou exausta. Sei muito bem de que tipo de poção eu preciso.

Caféina — para revigorar e deixar mais alerta.

Ainda há um restinho de café no fundo da garrafa térmica do café da manhã e eu faço uma careta quando a bebida amarga e fria desce pela minha garganta. Melhor que nada.

— Vou ficar bem, mãe.

Ela sorri com ironia para mim, dando-me um olhar rápido de cima a baixo.

— Podemos esperar dez minutos para você tomar banho e trocar de roupa, se quiser.

Eu olho para baixo e posso ver por que ela disse aquilo. Ainda estou com a mesma roupa que usava na Subida. A barra da minha calça está coberta de sal da água do mar e eu franzo o nariz quando percebo que estou cheirando mais a moluscos do que a uma adolescente.

— Ótima ideia! — digo, antes de correr para o andar de cima.

Algumas horas depois, estamos batendo palmas, cheios de orgulho, enquanto Molly e seus colegas de classe dão um passo à frente e fazem uma reverência. Minha irmã está usando um

belo par de luvas de seda — seu instrumento mágico —, cujo material iridescente reflete as luzes do palco e faz suas mãos parecem brilhantes.

Talvez elas estejam brilhando de fato. O resto dela certamente está. Seu sorriso chega quase às orelhas e ela irradia felicidade. Em comparação aos outros alunos, Molly é como um farol. Mas, pensando bem, eu sou suspeita para falar.

Claro que o instrumento dela é um par de luvas. Minha linda e doce irmã não saberia usar um objeto agressivo como uma varinha ou um cajado. Ela vai ser uma curandeira, uma professora. Sua magia será suave.

Mas um dia vai precisar do seu próprio par de luvas, e luvas são caras. Elas têm de ser feitas de um material que cresça junto com ela, moldando-se às suas mãos como uma segunda pele. O melhor material seria o couro permutável — supermaleável, mas quase impossível de se comprar hoje em dia, uma vez que os permutáveis estão em risco de extinção. Luvas de seda, como as que a escola emprestou a ela, seriam mais práticas — existem lagartas nas cavernas do sul cuja seda se molda a qualquer forma. Um dos grandes centros comerciais na periferia de Kingstown as vende.

Molly praticamente salta do palco e corre para nos encontrar na plateia. Impaciente, eu me apoio num pé depois no outro enquanto ela conversa com meus pais. Algumas pessoas olham de soslaio para mim e cobrem a boca para sussurrar. Quase todo mundo está falando sobre a Caçada, embora não diretamente para a nossa família. Há uma agitação no ar, mas também medo pela Princesa. Ninguém sabe o que vai acontecer se a Caçada não tiver êxito. Mamãe atrai minha atenção.

— Você pode ficar com Molly um tempinho, até que ela esteja pronta para voltar para casa? —

Molly coloca as mãos nos quadris.

— Eu não preciso de ninguém cuidando de mim, mãe! Posso ir para casa sozinha.

Mamãe sorri e coloca a mão na cabeça de Molly, mas seus olhos estão fixos em mim.

— Esteja de volta a tempo para o jantar, ok? Não quero nenhuma de vocês muito cansada. Eu dou de ombros.

— Pode deixar.

Nossos pais vão embora e Molly dispara para ficar com as amigas Talentosas. Eu desabo numa cadeira de plástico cor de laranja, enquanto elas comparam notas sobre os seus novos instrumentos.

A melhor amiga de Molly, Alex, recebeu um anel. Os anéis são condutores de magia muito raros e poderosos. Ela provavelmente vai entrar para a política ou para o ramo dos negócios — algo que requer uma mistura de poder e diplomacia. Nenhuma delas terá que se preocupar com o futuro agora; há muita demanda para Talentosos fortes em todos os setores.

— Sam? — A voz baixa de Molly me arranca do meu devaneio. — Vamos para casa? — ela pergunta, puxando a bainha da luva.

— Já?

— Estou meio cansada.

— Está tudo bem? — Eu me levanto para ir embora, ajeitando a bolsa no ombro. — As luvas estão incomodando você?

— Só não me acostumei a elas ainda.

Nós saímos do auditório abafado, rumo ao ar quente de verão. A brisa sopra enquanto andamos na direção de casa.

— Isso tudo é muito emocionante, não acha? — pergunto.

— Acho que sim.

Eu franzo a testa. Esta não é a Molly de alguns minutos atrás — toda sorrisos e gargalhadas, sem nenhuma preocupação.

— Ok, sério, o que foi?

Ela encolhe os ombros.

— Eu pensei que o vovô fosse vir.

Faço uma pausa.

— Acho que ele tinha algumas poções para pôr em dia.

Ela encolhe os ombros novamente. Eu decido mudar de assunto.

— Então, você está autorizada a me mostrar o que pode fazer com essas luvas?

Molly olha para mim, os olhos azuis brilhando.

— Sério? Você quer ver?

— É claro!

Molly olha para os dois lados da rua, mas não há mais ninguém por perto. Ela estende o braço para uma árvore de magnólias em flor encostada a uma cerca de jardim, seus longos ramos pendendo em nosso caminho. Encontra um botão que ainda não floresceu e coloca as mãos enluvadas em torno dele. Fecha os olhos e sussurra um feitiço. Muito lentamente, o broto começa a crescer, até que uma flor branca impressionante desabrocha.

Fico de queixo caído.

— Oh, meu Deus, Molly! Isso é incrível!

— Obrigada! — Ela sorri. — Espero ficar muito boa para poder entrar na faculdade de medicina.

Dou risada.

— Está a anos de distância, você não tem que pensar nisso ainda.

A pele suave da testa de Molly se enche de vincos quando ela franze o cenho.

— Claro que tenho! Quer dizer, não sou eu que tenho o dom dos Kemi, como você. Não sei se sou boa em alguma coisa.

— Um dom meio inútil, aliás... — murmuro, olhando para a magnólia que ela fez desabrochar. — Você é que vai ficar mais rica do que um dia imaginou e ter uma carreira maravilhosa.

— E se não tiver... todo o dinheiro da mamãe e do papai que foi gasto comigo terá sido desperdiçado.

A flor irrompe em chamas.

Nós duas começamos a gritar. Molly se afasta correndo. Eu pego o galho em chamas e tento arrancá-lo antes que o fogo se alastre pela árvore toda. Depois de alguns puxões, ele se solta e eu piso nas flores em brasa.

— Molly! — grito. Mas ela já se foi.



CAPÍTULO QUINZE

♥ SAMANTHA ♥

Luzes vermelhas e azuis iluminam a Kemi Street e meu coração bate forte no peito. Meus pensamentos saltam instantaneamente para Molly. Passo correndo por viaturas da polícia e carros de bombeiros subindo na calçada, e irrompo pela porta da frente da loja.

A cena ali dentro é um desastre. Há papel espalhado por toda parte no piso de madeira escura. Um homem num uniforme azul-escuro passa por mim sem pedir licença, carregando uma caixa de ferramentas. Peritos. Mais homens de terno atrás do balcão; ainda não vi a minha família.

— Ah, graças a Deus você está aqui! — exclama mamãe, entrando pela porta da biblioteca. Ela tem que empurrar a porta com força para abri-la, por causa dos escombros. Eu finalmente volto a respirar quando vejo Molly boquiaberta atrás dela. E por uma boa razão. Se eu achava que o chão da loja estava uma bagunça, a biblioteca está muito pior. Páginas espalhadas ao vento, livros de capa dura rasgados e espalhados pelo cômodo. Nenhuma prateleira tinha escapado do flagelo — não importava quão antigo fosse o livro, quão delicado seu conteúdo, tudo estava na mais completa e absoluta ruína. Nós abrimos caminho através do que um dia tinha sido a premiada coleção do vovô, até o lugar onde um grupo de peritos estava reunido, em torno de uma estante. A porta que eu tinha destrancado antes da cerimônia de Molly.

A porta que eu não tinha certeza se havia trancado novamente.

A sala muito antiga, pelo contrário, não estava arruinada — pelo menos era o que parecia. Mas existiam lacunas nas prateleiras, como uma boca com dentes faltando, e marcas

enegrecidas nas paredes. Então, o cheiro me atinge. Acre, metálico. Eu recuo, me afastando da biblioteca antiga e do mau cheiro.

— Quem fez isso? — sussurro. Aquele era todo o mundo do meu avô e tinha sido violado. E a culpa era minha.

Um dos policiais se aproxima de mim.

— Você é Samantha?

Confirmo com a cabeça, mas meus movimentos não estão na mesma sintonia que os pensamentos na minha cabeça. Parecem desconectados.

— Sei que é difícil, mas você tem que nos ajudar aqui. Quem invadiu para roubar seus livros também tentou queimar a loja. Felizmente ela tem algum tipo de sistema de segurança integrado que apaga o fogo.

Um sistema de segurança? Não imaginava que tivéssemos qualquer outra coisa que não fosse uma tranca antiquada na porta da frente.

— Samantha?

Eu tinha me distraído. Tento me concentrar no policial.

— Esta manhã eu estava na biblioteca quando pensei em fazer uma pequena pesquisa sobre poções de amor... — Eu olho de soslaio para a minha mãe, mastigando o canto do lábio.

— Mas você já está fora da Caçada — estranha o policial, rabiscando algo em seu caderno. — Você sabe que as receitas de poção do amor foram proibidas há mais de cem anos. Se a sua família estava escondendo uma, isso pode ter consequências graves...

O calor sobe nas minhas bochechas.

— Nós não estávamos escondendo nada! Às vezes, essas magias censuradas se desintegram com o tempo. Foi um tiro no escuro, mas eu queria descobrir. Achei que o livro podia estar na antiga biblioteca, e então tive que sair... — Lágrimas umedecem meus olhos. — Eu sinto muito, mamãe! — Cubro o rosto com as mãos.

— Não é culpa sua, querida. — Seu tom suave se torna duro quando ela se dirige ao policial. — Você já tem as respostas que queria da minha filha, agora trate apenas de descobrir quem fez isso.

— Sim, senhora. Havia alguns arruaceiros soltos pela região. Achamos que viram a loja como um alvo fácil.

— Arruaceiros que roubam livros?

— Não sabemos ainda que livros estão faltando, o que faz com que seja mais difícil rastreá-los. O senhor Ostanes não está... cooperando muito. — O policial rabisca alguma coisa no bloco de notas. — Bem, pensamos que, quem quer que sejam, tenham visto vocês saírem juntos de casa.

— Então você acha que foi premeditado? — minha mãe pergunta, assustada.

O policial se apressa em tranquilizá-la.

— Não temos certeza de nada ainda. Só teorias. Mas vamos ter que fechar a loja por algumas horas, para tirar as impressões, fazer uma investigação completa...

— De jeito nenhum! — Meu avô aparece na porta. — Fora, fora, fora. Não preciso de nenhum de vocês, seus Talentosos intrometidos, na minha casa. Se quisermos vocês aqui, nós avisamos.

O policial levanta as mãos, desistindo.

— Acho que já acabamos de qualquer maneira. Se o senhor não quer que façamos mais...

— Já fizeram o bastante, obrigado.

O policial o encara por alguns segundos, e depois assente. Nem todo mundo tem coragem para discutir com o meu avô quando ele está num humor como esse, e o policial não é exceção. Ele estala os dedos para o resto da equipe e todos se apressam a sair pela porta da frente. O policial se vira para dizer algo e vovô fecha a porta na cara dele.

— Pai, você vai nos dizer o que está acontecendo? — meu pai pergunta.

— Não. E nós não precisamos de nenhum desses policiais enxeridos andando por aqui porque sei exatamente quem fez isso. John, Katie, eu preciso que vocês levem Molly daqui e deixem eu e Sam sozinhos — diz meu avô para os meus pais.

— Por quê? — Minha mãe pergunta, espantada.

— Pai, seja razoável! A nossa casa foi invadida.

— Não. Esta é uma loja de alquimistas e minha aprendiz é a única que pode ficar. Agora todos vocês saiam! — Meu avô é ainda mais intimidante quando está assim. Eles obedecem à ordem dele, portanto. Eu quero alcançá-los, para pedir que fiquem, mas se isso é importante para o negócio dos Kemi, então sei que tenho que ouvir.

— Você está sentindo esse cheiro? — Meu avô me pergunta, depois que eles se foram. Ele infla as largas narinas. — Sempre que um Talentoso faz magia, ele deixa seu próprio cheiro, um rastro. Normalmente é imperceptível, mas não aqui. Não em nossa loja.

— Um Talentoso fez isso? — Arregalo os olhos de surpresa.

— Você não reconhece o cheiro?

Eu me concentro. Leva alguns instantes, mas minha memória alcança os meus sentidos. Eu reconheço. É o mesmo cheiro metálico e doentio que me invadiu o nariz lá no Palácio.

— Não... Emília? O que ela queria na nossa biblioteca?

Meu avô confirma com a cabeça. Estende a mão e toca o pó preto que mancha a parede. Não são marcas de fogo coisa nenhuma.

— Muito provavelmente a mesma coisa que você esperava encontrar. Quando ela não conseguiu o que queria tentou atear fogo em todos aqueles livros antigos. Mas este pó neutraliza feitiços.

— Como isso é possível?

— Porque o conhecimento contido dentro destas paredes vale mais do que a vida de qualquer um de nós. Todos os Kemi sabiam disso. Por isso, quando Thomas Kemi ganhou a primeira Caçada Selvagem, gastou todo o seu prêmio em dinheiro construindo esta loja e, com ela, muitas proteções especiais, reforçadas com cada vitória desde então. De modo que nenhum Kemi jamais tivesse que se preocupar com a interferência de pessoas como Emília Thoth.

— E os livros que faltam?

— Tirei-os daqui para que a polícia achasse que fosse um assalto e se mandasse logo daqui. Mas nada nunca será levado desta loja, enquanto um mestre Kemi estiver no comando. Nada.



CAPÍTULO DEZESSEIS

♥ SAMANTHA ♥

N o dia seguinte, meu despertador dispara e praguejo por não tê-lo desligado. Sinto como se pudesse ficar escondida sob as cobertas por cem anos, se necessário. Em vez disso, adio o inevitável, encarando os adesivos fluorescentes no teto. Eu os coleí ali depois de ter ido a uma festa na casa de Ella — uma das poucas festas de Talentosos a que já fui.

A casa dela era uma das enormes mansões quase no sopé da Colina Kingstown, e eu tinha ido até lá na minha bicicleta, pedalando enquanto ultrapassava limusine atrás de limusine, na fila para a entrada semicircular de automóveis, onde desembarcariam seus passageiros vestidos a rigor. Quando tinha ouvido falar da festa, vesti sem nem pensar minha camiseta favorita, meu jeans escuro e minhas botinas — o que depois descobri, não era o look mais adequado. Quando Wilhelmina saiu da casa num vestido de baile tomara que caía cheio de brilhos, quase dei meia-volta e fui embora. Mas Anita já tinha me visto e estava tão malvestida quanto eu.

— Você não vai me deixar enfrentar todo mundo sozinha! — ela disse, e eu a contragosto atravessei com ela as imensas portas duplas, sentindo-me mais forte com minha amiga ao meu lado.

Por mais estranho que pareça, mal consigo me lembrar dos detalhes da festa agora — o início ficou enevoado por causa do meu nervosismo, mas o resto se destacou por um único detalhe: o quarto de Ella. Seus pais tinham aberto toda a casa e Anita e eu tínhamos ido explorá-la. Algumas vezes isso nos levou a surpreender sem querer alguns casais aos amassos dentro de closets, mas a maior parte do tempo nos levou a um cômodo mais magnífico e maravilhoso que o outro. Mas o quarto de Ella... esse eu nunca vou esquecer.

Abri a porta e suspirei: o teto era encantado para se parecer com o céu noturno. Mas não apenas o céu noturno como se veria numa noite normal em Kingstown — um fundo cinza-escuro enevoadado, estrelas ofuscadas pela poluição luminosa ou pelas nuvens —, mas o tipo de céu que só se pode ver do topo de uma montanha, o espaço salpicado de faixas de estrelas, galáxias branco-leitosas atravessadas por nebulosas roxas e escuras girando.

Naquela noite cheguei em casa e coleí estrelas por todo o meu quarto. Não teve o mesmo efeito, mas foi o mais perto que consegui chegar.

Agora fecho os olhos com força e tento me convencer de que a noite anterior foi apenas um sonho, um pontinho facilmente apagado da memória. Bem, exceto pelo fato de que sei que, quando descer para o café da manhã, não poderei assistir ao noticiário — essa parte da rotina ficará de fora por um longo tempo. Mas talvez voltar a trabalhar na loja, ajudando a restabelecer alguma ordem depois do caos do ataque de Emília, vá contribuir para eu me sentir normal.

As primeiras horas da manhã eu passo numa solidão abençoada. Conserto o sininho da porta e começo a limpar a bagunça. Passa pela minha cabeça o pensamento terrível de que talvez repórteres venham à loja, com seus flashes e gravadores, para transmitir à toda cidade a desgraça da família Kemi. No entanto, obviamente nem a nossa saída precoce da Caçada é interessante a ponto de virar notícia. Fomos esquecidos com tanta rapidez quanto os primeiros pretendentes da Princesa Evelyn.

Depois que amontoos os restos do ataque, prendo o cabelo empoeirado e me sento de pernas cruzadas no chão, tentando combinar os papéis como um enorme quebra-cabeça. Uma linha de texto num canto rasgado me chama a atenção — eu posso jurar que ele corresponde a outro pedaço de papel que já vi. Distraidamente prendo o primeiro pedaço de papel entre os lábios enquanto procuro o outro por todo o piso.

Por acaso, é quando o sino toca pela primeira vez naquele dia. Tiro o papel da boca e grito:

— Desculpe a confusão, mas estamos limpando a...

As palavras morrem na minha boca quando percebo quem entrou pela porta.

Zain Aster.

Sangue aflui para o meu rosto e fico imediatamente irritada com a possibilidade de ele achar que meu rosto está corado porque me sinto atraída por ele. Então, faço uma cara feia apenas por precaução. Para seu crédito, ele recua.

— Oi, Sam.

Vou para trás do balcão, colocando um grande objeto sólido entre nós. Ele está vestindo camiseta e jeans preto, o que é muito diferente do uniforme da escola com que eu estava acostumada a vê-lo antes da formatura. Evitando propositadamente contato visual até o último segundo, vejo de relance as tatuagens encantadas se mexendo em seu bíceps. Se fosse qualquer outra pessoa, eu diria que elas eram legais, mas mantive a boca fechada. Por fim, faço contato visual.

— Posso ajudá-lo?

— Bonita loja! Quero dizer... Sinto muito pelos vândalos, eu ouvi falar. Levaram alguma coisa importante?

— Não — digo, secamente. Zain enfia as mãos nos bolsos e balança ligeiramente nos calcanhares. Ele parece tão sem jeito que percebo que deve estar nervoso. Eu quase dou risada, mas rapidamente reprimo a vontade para que ele não pense que estou rindo *para* ele, em vez de rindo *dele*.

— Olha, vim pedir desculpas pelo que aconteceu. Na Subida. Aquilo não foi muito... esportivo da nossa parte.

— É, normalmente trapacear não é considerado muito “esportivo”. — De que século ele pensava que era, afinal? — Mas vocês conseguiram o que queriam, eu estou fora... só não estou entendendo muito bem por que você se preocupou em vir até aqui para me lembrar disso.

Estou esperando que ele se vire e vá embora, agora que já pediu desculpas, mas em vez disso ele dá mais alguns passos na minha direção. Até se atreve a se abaixar e pegar alguma coisa do chão. Se o balcão não estivesse entre nós, eu arrancaria das mãos dele o que quer que tenha pegado.

— Não toque em nada — aviso.

— Estou apenas tentando ajudar.

— Não preciso da sua ajuda. Além do mais, tenho que juntar as partes dos livros rasgados e não quero que elas se misturem. — Nem sei por que estou dizendo isso. Só quero que ele vá embora, mas não consigo calar a boca.

— Olha, estou me sentindo muito mal pelo que aconteceu. Posso compensar de alguma forma?

— Você não deveria estar na Caçada?

Vejo um sinal de contrariedade em seu rosto. Finalmente sinto que consegui aborrecê-lo.

— É, eu deveria. Mas nossos pesquisadores estão trabalhando para descobrir qual é o próximo ingrediente depois da pérola e eu queria que você soubesse que tentei impedir que bloqueássemos vocês na Subida.

— E está esperando um agradecimento?

— Ok, dá um tempo. — Ele ergue as mãos. — Você não entendeu. Meu pai quer que a Zoroaster Corp cure a Princesa, não importa a que preço. Mas eu quero ter certeza de que ela vai ser curada, não importa quem consiga a cura. Todos merecemos uma chance justa. É por isso que vim até aqui, para dizer que sinto muito que você esteja fora. E para pedir sua ajuda.

— Bem, a resposta é não.

— Você nem vai me ouvir?

— Não. Não entendo por que quer minha ajuda. Você não tem seus pesquisadores para fazer isso?

Ele se inclina para a frente no balcão e me lança um sorriso cúmplice.

— Eles são bons, mas acho que você é melhor.

Eu ergo uma sobrancelha e me inclino para longe dele. Seus olhos azuis me fitam com um ar travesso e ele está perto demais para que eu me sinta confortável.

— Você acha? Por quê?

Ele ri.

— Ah, qual é, você é uma verdadeira lenda!

— Não, minha família é uma lenda. Eu sou apenas uma aprendiz.

— Não tente negar. Eu vi a poção para aumentar a concentração que você preparou para a competição. Visitei sua escola alguns dias antes de julgar para ver como estavam indo as inscrições. Você é boa mesmo. Não sei por que jogou para o alto a competição, mas sei que você é um achado. Olha, entendo que nos ajudar talvez seja um pouco demais para você. Mas me deixe compensá-la pelo que aconteceu na Subida. Posso mostrar o laboratório principal da ZA para você, se quiser.

Apesar de tudo, aquilo me interessa. Uma visita a um dos laboratórios da ZA seria uma experiência incrível! Sintéticos ou não, eu daria qualquer coisa para ver os misturadores trabalhando. Também é muito difícil conseguir um convite — os laboratórios são normalmente fechados ao público e a empresa gosta de mantê-los assim. Mas me forço a voltar à realidade.

— Obrigada, mas não. Eu não vou trabalhar para os sintéticos. — De repente eu me sinto constrangida em pé ali na loja decadente, um lembrete sempre presente de como será a minha vida.

— Às vezes eu gostaria de poder trabalhar mais com ingredientes naturais.

— Sério?

— Sim, quer dizer, meu pai é alquimista, mas ele rejeita todas as maneiras tradicionais em favor dos sintéticos. Odeia a ideia de termos que sair em busca de ingredientes nas Selvas também. Se ele pudesse ficar em seu escritório e pagar alguém para ir, faria isso. Ele não confia que eu vá sozinho. — Um quê de aborrecimento cintila no rosto dele. — Além disso, a magia age de forma diferente lá.

Eu estremeço, involuntariamente.

— Acho que é porque, quando está tão acostumado a depender da magia, você esquece as questões básicas de sobrevivência.

— Pode ser. — Sua atenção se volta para um pedaço de papel amassado no balcão. Estou consciente do quanto ele está perto de mim desde que começamos a conversar. Eu poderia estender a mão e tocar seu queixo forte, se quisesse. Claro, eu não quero, mas me sinto quase tão estranha quanto no dia em que conheci a Rainha-mãe. Mesmo na escola, Zain sempre pareceu mais intangível do que a Realeza. Mas ele não é tão perfeito quanto eu pensava. Suas mãos são ásperas e um dedo tem uma queimadura química de aparência desagradável.

Hamamélis — para reduzir cicatrizes, misturada com pó de anêmona triturada, para recompor a pele.

— Uau, Barba de Mago? Acho que mais ninguém tem isso.

Eu desvio rápido os olhos das mãos dele e vejo que Zain está observando o inventário que eu estava fazendo antes de a Caçada Selvagem começar. Desta vez, estou perto o suficiente para afastar a lista dele.

— Não temos também. Estou fazendo uma lista do que precisamos para o estoque.

Mas ele mal me houve, porque seus olhos são atraídos para cima e uma expressão de assombro surge em seu rosto. Ele reparou agora nas prateleiras e mais prateleiras de garrafas, frascos e ingredientes que cobrem as paredes e vão até o teto. Eu me viro e olho tudo, tentando imaginar como deve ser ver aquilo pela primeira vez.

— Posso? — ele pergunta, apontando para o balcão, com a intenção de contorná-lo e dar uma olhada mais de perto. Na verdade, concordo porque ver Zain com aquela cara de

assombro envia uma onda de orgulho através de mim que não posso ignorar — e eu quero que ele se aproxime para ver tudo aquilo de perto.

— E nada disso é organizado e classificado com o uso da magia? Ou de um computador? Eu balanço a cabeça.

— Não, é tudo manual.

— Quem cuida de tudo isso? — ele diz, soltando um assobio de espanto. Dou de ombros.

— Eu.

— Espere aí, está falando sério? Porque eu estava brincando! Achei que seria impossível...

Eu sorrio.

— Eu tenho bastante tempo livre.

— Estou vendo...

Lanço outro olhar na direção dele, mas meu rosto relaxa quando vejo que ele está sorrindo.

— Não é fácil — digo com relutância. — Mas trabalho na loja todo fim de semana e estou tentando pôr em ordem todas as prateleiras e fazer um inventário apropriado de tudo. Por isso essa lista.

— Bem, você já chegou no W. Isso não é nada mal.

Eu faço que não com a cabeça.

— Não... é M, na verdade. M de Merlin, Barba de.

— Ah, entendi. Vou ajudar, então. Começo do Z e vou retrocedendo, enquanto você pode continuar de onde parou.

Ele parece totalmente sincero ao oferecer ajuda, mas ainda assim eu o encaro com suspeita.

— O seu pai não vai querer saber onde você está? Com a Caçada e tudo mais...

— Vai, mas ele sempre sabe como me encontrar. Acha que estou visitando Evie.

Levo um segundo, mas reconheço o nome.

— Evie... de Princesa *Evelyn*? — Não consigo imaginar como é ser tão íntimo de um membro da família real a ponto de mencionar seu apelido numa conversa.

Ele se encolhe um pouco.

— É. Eu a visitei esta manhã, mas ela não quer falar comigo. Fica só sentada lá. Olhando para si mesma. É tão estranho!

— Sinto muito. Sei que vocês eram muito amigos. Estava lá quando ela...?

Ele confirma com a cabeça. Estou morrendo de curiosidade, mas não faço mais nenhuma pergunta. Junto o cabelo num coque e prendo-o com a caneta que está na minha mão.

— Certo, bem, consulte os rótulos, anote o que está lá e se não houver nada no pote então inclua o ingrediente numa lista separada para a próxima Coleta.

Eu procuro na mesa outra folha de papel para ele usar, mas Zain já começou a anotar as coisas num tablet sofisticado que só vi em anúncios e não tenho nenhuma esperança de um dia poder comprar.

— Vou mandar a lista para o seu e-mail quando tiver terminado — diz ele, sem se virar.

— Ah, obrigada — murmuro. E me obrigo a me mexer, em vez de ficar olhando para a parte de trás da cabeça dele. Anita iria chegar a todo tipo de conclusão se estivesse aqui, observando-o me ajudar com o inventário, todo à vontade. E meu avô iria me matar — e, provavelmente, mataria Zain também —, se o encontrasse na loja. Mas eu reparo que não me importo. Zain já pegou seu primeiro frasco. E suspeitaria do interesse dele pelo estoque da família Kemi, se também não reconhecesse nele o mesmo interesse e cuidado meticulosos — e científicos — que eu mesma demonstro.

Nós acabamos entrando no ritmo. Zain verifica o estoque, enquanto eu volto a me dedicar à montagem do meu livro-quebra-cabeça, todo rasgado no chão da loja. Ele ocasionalmente menciona algo interessante que encontra ou me diz o que estava faltando. Fala também sobre os estoques das megafarmácias e, quanto mais corajosa eu me sinto, mais o interrogo sobre a ZoroAster.

— Espero trabalhar com Pesquisa e Desenvolvimento quando eu me formar — diz Zain, depois de eu questioná-lo sobre os diferentes departamentos. — Pesquisando novos tipos de drogas, novas fórmulas. Existem muitos lugares nas Selvas que nem os Coletores ousam explorar. Com magia e tecnologia novas e mais avançadas, aposto que eu conseguiria encontrar curas ainda melhores; remédios mais fortes, mais rápidos, mais baratos para todos. E quem sabe que novas doenças haverá no futuro. Você já ouviu falar sobre aquele supervírus na província de Jung?

Palavras de concordância encham a minha garganta, mas eu fico de repente tímida e não quero concordar com ele. Nós continuamos a trabalhar ao longo das prateleiras, até que a risada dele tira a minha atenção do que estou fazendo. Eu desvio os olhos da minha tarefa e o encaro.

Ele percebe o meu olhar e ri mais uma vez.

— Desculpe — diz ele, abafando o riso. — Não sabia que você tinha uma voz tão boa para cantar. Fã do Damian, não é?

Eu quero abrir um buraco no chão e me enterrar sob os pedaços de papel que estou segurando. Mas acabo rindo também.

— Ah, meu Deus... Nunca percebo quando estou cantando em voz alta! Vou ficar de boca fechada.

— Você não precisa parar por minha causa. Se fica com vergonha, começo e você me acompanha. — Ele canta outra música pop e constato que não só é bonito e inteligente, como tem uma bela voz. Eu poderia realmente odiar esse cara.

Passei tanto tempo sentada de pernas cruzadas no chão que não vejo a hora de esticá-las. Pego meu caderno e vou até as prateleiras. As escadas ainda estão no lugar onde as deixei da última vez; Emília não se interessou pelo estoque, apenas pelos livros. Subo até o local onde tinha encontrado a Barba do Merlin e recomeço. O refrão da música salta na minha cabeça. Mas, quando abro a boca para cantar, noto algo estranho na prateleira. Os resquícios de um círculo marcado na poeira. Dois frascos tinham sido aproximados apressadamente para escondê-lo, mas há um espaço um pouco grande demais entre esses dois frascos e os outros. Devolvo os frascos às suas posições originais e reflito.

O que haveria entre eles? Então me ocorre. Seria *pérola de sereia*, que não estava nas nossas prateleiras dois dias atrás? Pérola de sereia que eu não consegui obter na Subida. Pérola de sereia, o ingrediente que tínhamos o tempo todo, mas alguém tinha escondido para que não tivéssemos sucesso na Caçada. E não é difícil adivinhar quem é o culpado.

Desço as escadas, a mente tumultuada com a fúria que toma conta de mim, e paro ao lado de Zain. Ele ainda está cantando, mas se interrompe quando vê o meu rosto. Abre a boca, mas falo antes que ele possa dizer alguma coisa.

— Aquela oferta para um passeio ao laboratório ainda está de pé?

— Claro!

— Podemos ir agora?

— Humm, acho que sim.

— Então vamos.

Ele retorna cuidadosamente o frasco em sua mão à posição exata na prateleira. Então me segue para fora da loja. Eu paro para inverter a placa da frente de “Aberto” para “Fechado” e bato a porta atrás de mim..



CAPÍTULO DEZESSETE

♥ A PRINCESA EVELYN ♥

Ela sentiu o coração disparar dentro do peito, mas desta vez o sentimento era de pura agonia. Por que Lyn ainda não tinha respondido aos seus flertes? Por que ainda continuava indiferente? Será que não reconhecia a dor que estava causando a Eve; ela era tão fria e mesquinha que não podia ver como cada momento que ficavam longe uma da outra a destroçava por dentro?

Eve tinha providenciado um belo jantar para as duas, com seus melhores talheres e a finíssima porcelana com filetes de ouro, pintados à mão. Tinha feito o convite ela mesma, escrito com sua melhor letra cursiva, em papel creme espesso, gravado com seu selo.

No entanto, o assento diante dela continuava vazio.

Uma pequena caixa estava depositada no lugar de Lyn. Dentro havia um anel de pérola de sereia, a pedra favorita de Eve. Mas ela não teria chance de fazer o pedido, se Lyn não aparecesse. Como poderia recusar? Era crueldade, pura e simplesmente!

Uma dor intensa, genuína, de repente correu pelas palmas das suas mãos. Ela olhou para baixo e viu que tinha cerrado os punhos com tanta força que as unhas haviam perfurado a pele e deixado pequenas marcas vermelhas, em forma de meia-lua.

Deveria ser fácil encontrar alguém para se casar com ela e usar a coroa. Durante toda a vida soube que um dia a magia seria excessiva e ela precisaria encontrar alguém para dividir com ela esse fardo. Seus pais não a deixavam se esquecer disso. E, quando completou 16 anos, tinham começado um processo de seleção. Mais de mil jovens se inscreveram para se candidatar a seu futuro marido. A mídia entrou em frenesi. A revista *Crown* ainda publicou uma tabela semanal chamada “Príncipe ou Sapo”, com a classificação dos últimos pretendentes.

Ela gostou da ideia, porque parecia uma brincadeira inofensiva, até o dia em que a magia tomou conta dela pela primeira vez. Ela teve uma amostra de como seria perder totalmente o controle. De repente, a pressão pareceu real, intensa, como se estivesse presa numa ampulheta e a areia não parasse de escoar.

Era por isso que tinha que ser Zain.

Ele era seu melhor amigo. Ela acreditou, ingenuamente, que ele seria sua única opção. Tinha até perguntado a ele, uma vez. Eles tinham 17 anos e estavam sentados entre as torres da Torre Ocidental, uma ala que a Rainha odiava porque não importava quantas tapetes pendurassem nas paredes ou aquecedores mágicos ligassem, as correntes de ar pareciam se esgueirar através de cada fenda e fazer a porcelana rachar nos armários. Evelyn e Zain adoravam o lugar, no entanto — o vento parecia persegui-los pelos recônditos do castelo, abrindo portas secretas por trás das tapeçarias e assobiando pelas escadas cobertas de teias de aranha. Eles encontraram uma escada que levava ao topo da torre do Palácio e a suas torretas, de onde podiam ver toda a cidade de Kingstown, e que agora eram um dos seus lugares favoritos.

Às vezes, ela desejava que pudesse se misturar com o mundo lá fora, como Zain. Ele contava a ela histórias da sua vida escolar, embora muitas vezes ela desejasse que ele frequentasse a mesma academia de elite que ela. Ela respeitava a decisão dele de não deixar que seu *status* elevado de Talentoso lhe desse muitos privilégios. Ela costumava fazer piada da obsessão que ele tinha por história. Zain tinha todas as conveniências modernas que podia desejar, mas ainda assim insistia em estudar os velhos costumes — principalmente pelas costas do pai. Essa era outra razão pela qual ela e Zain exploravam a ala antiga do castelo. Zain queria ver se havia livros antigos ou grimórios escondidos por lá, algo que lhe daria uma vantagem que não tivesse nenhuma relação com sua família.

Ela entendia. Era esse o motivo, supunha, que a levava a pensar que havia se apaixonado por ele — porque ele era seu único amigo e ela estava desesperada para não perdê-lo. Agora que tinha conhecido Lyn, é claro, ela sabia que essa era uma suposição errada. Ela não amava Zain; só temia que se casar com outra pessoa significaria passar a vida com alguém que ela não conseguia suportar. Pelo menos sabia que gostava de Zain.

Naquelas torretas, com a cabeça encostada na parede de pedra — ainda quente ainda por causa do sol —, ela reuniu coragem e perguntou a ele:

— Você faria uma coisa se eu pedisse?

— O quê?

— Se casar comigo.

Ele deu risada e na hora ela achou aquilo cruel.

— Algum cara vai fazer você se amarrar e você vai se esquecer de mim rapidinho.

— E se isso não acontecer?

Ele deve ter sentido algo no tom de voz dela, porque pegou sua mão.

— Ei, relaxa! Só estou dizendo que nunca vamos chegar a esse ponto. Você nunca vai me propor casamento porque vai ter um milhão de caras querendo dizer sim... — Ele olhou para ela, com o cenho franzido. — E porque você sabe que não vou fazer isso.

O coração dela parou no mesmo instante, mesmo que soubesse a resposta o tempo todo. Ele já suportava o peso de uma centena de obrigações com o pai; ela não poderia obrigá-lo a aceitar, ainda por cima, um casamento que não queria. A questão toda era que os pretendentes tinham escolha. Ela não tinha.

Casar ou ser casada à força. *Mas estamos no século XXI*, ela pensou com raiva. Foi por isso que ela preparou a poção do amor. Queria ter o seu destino nas próprias mãos.

Mas parecia que o destino tinha outros planos.

Ela se levantou da mesa e foi até a janela. Podia ver Lyn ali, do outro lado do vidro. Acenou, mas ela simplesmente acenou de volta. Eve bateu o pé. Desejou que a outra garota deixasse de ser tão teimosa e se juntasse a ela para o jantar.

Foi então que Renel entrou. Ele estava carregando um cobertor, o favorito dela, feito da lã mais macia e alinhavado em seda.

— Vamos, Evelyn. Você já está aqui há horas. Deve estar com frio — disse ele.

Ela estava *de fato* com frio. Suas unhas estavam roxas e arrepios percorriam seus antebraços. Talvez por isso, Lyn não estivesse respondendo a ela. Talvez sentisse repulsa.

— Sim, rápido, Renel, por favor, traga o cobertor. Na verdade, por que você me deixou com tanto frio, seu homem tolo? Por acaso não viu o meu desconforto?

Renel deixou que sua pose costumeira, sempre contida, desmoronasse um pouco e substituiu-a por um sorriso aliviado. Por alguma razão, isso deixou Eve ainda mais irritada.

— Você tem certeza de que deu o convite a Lyn? Por que ela está esperando lá fora?

— Eu... eu não sei, Alteza.

— E me traga uma pomada, homem. Olha o que eu fiz. — Ela ergueu as mãos, de onde o sangue agora escorria. — Eu mal tenho forças para me curar. Sinto como se não comesse nem tomasse água há dias. Talvez possamos convencer Lyn se a mesa estiver repleta de pratos deliciosos. Traga-os agora mesmo.

— Imediatamente, senhorita — disse Renel, retomando a expressão neutra. Ele estalou os dedos e imediatamente uma garrafa de cristal cheia de vinho e uma fruteira com uma grande variedade de frutas reluzentes apareceram sobre a mesa. Então ele se aproximou e ajeitou o cobertor nos ombros dela.

E, ao fazer isso, deu um passo para o lado e ficou na frente da janela. Eve gritou e jogou o cobertor de volta no rosto de Renel.

— Como se atreve a bloquear a minha visão de Lyn! Seu homem rude e repulsivo! Não aprendeu nada esse tempo todo em que esteve aqui, seu escravo sem classe, imprestável! SAIA DA FRENTE, idiota! — Ainda assim, ele continuou a bloquear sua preciosa visão, então ela pegou uma taça na mão para provar a ele que estava falando sério. Mirou a taça na cabeça dele e atirou-a com toda a força. Ele se abaixou e a taça se despedaçou na parede atrás dele. No momento em que teve um vislumbre de Lyn novamente, viu a angústia no rosto dela. Correu na direção dela e, em sua pressa, empurrou Renel, derrubando-o no chão. Agarrou a janela que a separava do seu precioso amor e ficou aliviada ao ver que Lyn tinha finalmente decidido se juntar a ela. Eve estendeu a mão para tocá-la através do vidro e Lyn imitou seu movimento, estendendo a mão também.

Eve fechou os olhos para não mostrar a Lyn o tamanho da sua tristeza. Ainda assim, ela não conseguiu disfarçar as lágrimas apesar de seus esforços.

— Sinto muito, Lyn, querida. Nunca esperei que Renel fizesse uma coisa dessas. Pensei que podia confiar nele. Não vou cometer o mesmo erro novamente. Nunca poderia suportar se me separassem de você.



CAPÍTULO DEZOITO

♥ SAMANTHA ♥

Zain poderia ir a uma das conexões de transporte para chegar ao laboratório, mas ele opta por tomar o bonde comigo. Me irrita que *eu*, uma pobre comum, tenha que pagar a tarifa de um Talentoso rico, porque ele não vê sentido em levar dinheiro na carteira e não pode pagar um único bilhete com seu cartão de crédito sem limite.

Nós fazemos três baldeações para atravessar toda a cidade até o bairro dos sintéticos, onde ficam os laboratórios. Em contraste com os antigos edifícios de pedra de Kingstown Hill, os arranha-céus de vidro e metal dominam a paisagem aqui, com suas silhuetas nítidas, semelhantes a vidro, brilhando à luz do sol. A maioria das grandes empresas de sintéticos tem laboratórios nessa vizinhança, um competindo com o outro para ver qual tem a torre mais alta ou a arquitetura mais impressionante, mas nenhum deles consegue se comparar à ZA. Se os outros edifícios são enormes, a sede da ZA é monumental, dominada por um Z maciço precariamente equilibrado no topo por efeito de magia. Dizem que o Z é onde fica o escritório de Zol e eu me pergunto como deve ser ter um escritório maior do que a maioria das casas das pessoas comuns.

Zantium — para reduzir o ego, manter a visão de mundo normal, ter empatia.

Pensar na cura me faz rir — a letra Z e a humildade não são coisas que normalmente andam juntas — e Zain me olha, erguendo uma sobrancelha. Dou de ombros e volto a apreciar a paisagem em volta.

O bonde nos leva direto para dentro do prédio, e vejo andando por ali algumas pessoas de jaleco branco, talvez no intervalo do almoço. Os funcionários dentro do bonde devem ser comuns, do contrário por que estariam usando o transporte público? Eu quero perguntar a

Zain quantas pessoas comuns a empresa emprega, mas também não quero parecer muito interessada.

Saímos do bonde para uma plataforma de limpeza tão imaculada que eu quase tenho que proteger os olhos, tamanho é o seu brilho. Meus olhos voam para um homem vestindo um macacão verde-escuro, empurrando uma máquina que está lustrando a superfície. Quer dizer que há vagas de emprego para os comuns, também.

Zain usa sua varinha para abrir a porta de entrada. Eu me pergunto se o incomoda o fato de seu objeto ser uma varinha. Varinhas são o objeto mais comum e conhecido por ser pouco sutil. Agressivo. Um objeto básico para alguém com sangue Talentoso como ele. O objeto de Zol é um anel de pedra. Na TV ele está sempre usando o anel em volta do pescoço, não no dedo.

Certa vez li sobre uma experiência que a ZA fez para substituir varinhas naturais por sintéticas, confeccionadas com algum tipo de plástico. Não funcionou, pelo visto a magia só é transmitida através de materiais orgânicos, como a madeira. O fato ainda me enche de alegria e ao mesmo tempo uma pontada de tristeza — se ao menos isso valesse também para as poções, então a família Kemi poderia ser tão bem-sucedida quanto a ZA.

— Então, essa é a entrada do filho do CEO?

Zain faz uma careta para mim.

— É a entrada dos estagiários não remunerados.

Minha boca forma um “o” de surpresa, mas em seguida a porta se abre e me poupa de ter que dizer alguma coisa.

Mesmo sendo a entrada dos estagiários, é impressionante. O logotipo da ZA brilha em todos os lugares, numa mistura de vidro e aço polido. Zain vai direto para um elevador e eu o sigo. No reflexo deformado capto um vislumbre de mim mesma, o cabelo ainda preso num coque irregular, a roupa de trabalho desalinhada coberta por uma camada de sujeira. Prendo a respiração quando me dou conta de que algumas pessoas pagariam uma fortuna pelo privilégio de ver o que estou a ponto de ver — e estou perambulando por ali com o filho do dono, como se isso não fosse grande coisa.

O elevador vai para baixo, não para cima, e eu sinto que o laboratório é maior — muito maior — do que eu imaginava. Ele emite um sinal sonoro, depois uma voz eletrônica cumprimenta Zain pelo nome, o que eu acho muito estranho.

— Este é o departamento de Pesquisa e Desenvolvimento — diz ele. — Achei que estaria mais interessada neste setor.

Eu estou, mas digo a mim mesma que não é tão difícil assim adivinhar. Se a Loja de Poções Kemi tivesse novos clientes, eu gostaria de passar tanto tempo pesquisando novas curas quanto misturando prescrições para os clientes que já temos. Meu diário é o mais perto que chego disso — o meu grimório pessoal de fórmulas e poções, feito com base na minha experiência com cada ingrediente.

Volto a olhar para Zain e ele está digitando no pequeno tablet que eu o vi usando na loja antes. Essa é a versão mais sofisticada do meu ultrapassado diário. Mas eu não sinto inveja.

Estamos num tipo de passarela sobre os laboratórios, com uma vista de quase 360 graus das estações de trabalho. Estou feliz por estar vestindo jeans. Acho que, se eu fosse um dos cientistas lá embaixo, ficaria um pouco nervosa ao ver um grupo de estagiários olhando lá de cima para o meu trabalho, mas, pensando bem, o vidro provavelmente deve ter algum tipo de encantamento para ocultar os espectadores.

Um dos cientistas tem uma série de frascos de vidro alinhados à sua frente, todos cuidadosamente rotulados. Ele coloca cada um deles numa máquina, que parece algum tipo de centrífuga. Aperto os olhos através do vidro, tentando ler a minúscula inscrição dos rótulos e descobrir o que ele está fazendo...

A mão de Zain nas minhas costas de repente faz meus músculos congelarem.

— Você já pensou em se candidatar?

Eu me encolho mais para o canto da passarela, evitando a mão dele nas minhas costas.

— Me candidatar a quê?

Ele franze a testa para mim.

— Para um estágio. Aqui.

— Não! — exclamo, indignada. — Como se meus pais fossem deixar...

— Você já perguntou a eles?

— Para quê?

— Mas você tem talento! — Ele faz uma pausa por um segundo. — Para falar a verdade, você é a melhor que já conheci na preparação de poções.

Agora é a minha vez de franzir a testa.

— E como você sabe? A única vez que nos falamos foi naquela competição de poções na escola. E eu falhei de propósito.

Zain olha para ambos os lados do corredor.

— Eu já disse a você, passei pela sua sala de aula antes da feira de poções e vi a sua poção para ajudar nos estudos. Mas não é só isso. Tomei um pouco dela. Para ser sincero,

não acho que teria passado nos exames finais sem ela.

A passarela parece sacudir sob os meus pés.

— Você *bebeu* a minha poção?

— Shh. Fala baixo! — Ele chega mais perto. — É, eu bebi. E teria continuado a beber depois daquele dia, se você tivesse continuado a fazer. Preciso dessa poção agora mais do que nunca e nada que eu tente fazer chega aos pés daquilo... Nem parece que sou eu que está cursando Poções! — Seu rosto fica vermelho brilhante, mas eu sinto que não é por minha causa que ele está envergonhado. — Qual é, Sam, eu sou o filho do grande Zol! Você acha que ele esperaria algo menos que a perfeição? E com essa poção eu poderia manter a concentração sem parecer que estou me esforçando tanto.

Deixo escapar um longo suspiro.

— Zain Aster tomou a minha poção...

Ele franze a testa.

— Acho que eu estava desesperado. Teria dado a você o prêmio, aliás. Mas você trocou de poção.

— Sim, porque estava preocupada com pessoas como você. — Quero parecer desdenhosa com ele, porque está basicamente me dizendo que trapaceou para passar nos exames! Mas em vez disso, sei exatamente como ele se sente. Sinto esse mesmo desespero, essa mesma pressão para me sair bem. Talvez Zain esteja certo. Temos mais em comum do que eu pensava. — E eu pensando que a sua vida era fácil...

Zain suspira.

— É fácil em comparação com a maioria. Só não quero acabar como o meu pai.

— Como assim?

Ele dá de ombros.

— Deixa pra lá.

Continuamos andando e os laboratórios abaixo de nós começam a ficar lotados de cientistas retornando às suas estações de trabalho. Chegamos ao final do corredor, onde jalecos brancos e óculos de proteção estão pendurados em ganchos na parede.

— Coloque isso — diz ele, me entregando um conjunto. Eu visto o jaleco branco sobre a blusa e coloco os óculos.

— Uau! Fiquei uma graça com esses óculos! — exclamo, ao vislumbrar meus gigantescos olhos de mosca no reflexo das lentes de Zain.

— Ficam muito bem em você. — Ele sorri, seus olhos azuis brilhando, e ele não parece tão sarcástico quanto eu. Isso faz meu coração saltar uma batida. Disfarço, fazendo cara feia, e ele ri.

Nós descemos uma escada em espiral e pequenas protuberâncias de metal cutucam as solas das minhas sapatilhas. Eu provavelmente deveria estar usando botas num laboratório como este, onde existe o risco de alguém derramar algum produto químico no chão. Os técnicos de laboratório nos ignoram enquanto caminhamos através das estações de trabalho, um deles segurando um frasco contra a luz e sacudindo-o um pouco.

— Quer ver uma coisa legal? — Zain pergunta.

Eu assinto com a cabeça. Ele anda até o que parece um ser pequeno tubo e saca a sua varinha.

— Diga o nome de um ingrediente.

A primeira coisa que me vem à cabeça é algo relativamente desconhecido.

— Hera-eluviana

Hera-eluviana — para soros da verdade e poções de amarração.

Ele olha para mim por um instante, os olhos procurando o meu rosto. Abre a boca como se estivesse prestes a fazer uma pergunta, em seguida decide não fazer. Aponta a varinha para o fundo do tubo, diz algumas palavras e um segundo depois está segurando um frasco de vidro transparente cheio de um pó verde muito fino. Na lateral está escrito “hera-eluviana” numa letra perfeita. Ele o estende para mim e eu o pego.

— Impressionante, não?

Isso é que é eficiência! Mas esse pó não se parece nem um pouco com a folha verde-escura lustrosa, com gavinhas finas e recurvadas, que eu conheço como hera-eluviana. Olhar para ele faz minha garganta se fechar.

— Ei, você está bem?

Faço que não com a cabeça, afastando-me dele lentamente.

— Não, isso está errado. Eu sou uma Kemi. Não pertencço a um lugar como este.

— Você não é apenas uma Kemi, você é uma grande alquimista. Tem o cérebro de um preparador de poções. Poderia trabalhar aqui, conosco, com todos esses recursos ao seu alcance. Não tem que ser uma coisa ou outra. Você poderia ser uma alquimista e não trair a sua herança Kemi.

— Se acredita mesmo nisso, não sabe nada sobre mim. — O calor se inflama em minhas mãos, ameaçando se espalhar por todo o meu corpo. Eu preciso sair dali.

Meus olhos vagam pelo laboratório até encontrarem uma placa vermelha indicando a saída. Eu pego o caminho mais curto até lá. Esbarro num dos funcionários, que grita comigo, mas eu passo por ele cambaleando. A palma da minha mão suada escorrega na barra da porta, mas eu a empurro para abri-la e respirar ar fresco.

Um alarme soa através do edifício, mas eu o ignoro e continuo andando, enquanto tiro o jaleco e os óculos de proteção.

— Sam! Espera! — Zain grita. Ele corre atrás de mim e pega meu braço.

Eu me afasto, saindo do alcance da sua mão, mas me forço a me virar; agora que estou sem o jaleco e do lado de fora do laboratório, meu coração desacelera.

— Eu preciso ir para casa, eu preciso... — Olho para baixo. Nem tinha percebido que ainda estava segurando o frasco.

— Ei, está tudo bem. Não se preocupe com isso. Você só disparou o alarme de emergência... e roubou um dos nossos ingredientes... e provavelmente a polícia está a caminho agora. Mas tudo bem. — Ele está sorrindo para mim, tentando quebrar a tensão.

— Eu sei, sinto muito... Não deveria ter vindo. Mas... obrigada pelo convite. — Por reflexo, estendo a mão e instantaneamente me sinto uma idiota. Seu sorriso passa de divertido para preocupado, mas ele pega a minha mão e a aperta. No final de mais essa humilhação, giro nos calcanhares e sigo para a estação de bonde. Quanto mais cedo sair dali, melhor.

Zain corre para me acompanhar e eu quase grito de frustração.

— Sam, ouça, será que podemos nos encontrar de novo?

— Talvez — respondo, mas é mentira. Eu não quero ver Zain nunca mais. Só quero ir para casa, ficar com a minha família e fingir que este dia inteiro nunca aconteceu. Ele é apenas um lembrete de uma vida que nunca vou poder ter.

Desta vez, quando me viro para ir embora, ele não me detém.



CAPÍTULO DEZENOVE

♥ SAMANTHA ♥

De volta à loja, ela está exatamente como a deixei, porque obviamente o resto da família ainda não retornou. Melhor assim. Mantenho a placa de “Fechado” — de qualquer maneira, só faltam dez minutos para o final do expediente — e recolho rapidamente as folhas de papel espalhadas no chão, sem me preocupar mais com o meu sistema de organização.

Depois que a loja parece um pouco mais arrumada (como se eu tivesse passado o dia todo na arrumação, em vez de sair por aí com Zain — será que aquilo realmente aconteceu?), tiro o frasco de hera-eluviana sintética da bolsa e coloco-o no balcão, olhando para ele como se fosse uma substância radioativa. A ideia de trazê-lo para a loja faz de mim uma rebelde. Sinto como se estivesse sendo observada, como se a própria loja estivesse me julgando por contaminá-la com a presença de um sintético.

Aquele não foi um ataque de pânico qualquer. É como um traidor se sente.

Mas eu também me sinto traída. Se a minha vida está vinculada à loja a ponto de eu nem conseguir pensar em fazer alguma coisa diferente sem que o pânico me deixe banhada em suor, então preciso fazer algo por mim mesma. A Caçada é a minha oportunidade. Um dia serei o mestre da Loja de Poções Kemi e não vou me dar por vencida sem lutar.

Penso na pérola de sereia e sei o que tenho que fazer. Preciso fazer uma poção. É uma daquelas que pode ser perigosa se tomada na dose errada, então tenho que ser supercuidadosa. Pego meu diário na bolsa, procuro a página de que preciso e leio a lista de ingredientes várias vezes antes de começar.

Vou até as prateleiras e examino os frascos, as mãos nos quadris, mordendo o lábio inferior enquanto faço isso. Tenho que levar em conta muitas variáveis:

1. O alvo da minha poção é forte e sua mente vai resistir aos efeitos dela.
2. Ele conhece poções, e, se houver algo errado com a minha, vai perceber no ato.
3. Eu definitivamente não posso preparar a fórmula errada.

Não. As consequências disso não me fazem apenas tremer, elas me fazem querer vomitar! Mas se eu fizer direito, isso pode mudar tudo.

Reunir os ingredientes é jogo rápido. Já sei que tenho tudo em estoque, o que é um alívio. Entro na sala dos fundos com os braços cheios de frascos. Uma vez lá, começo a separar as quantidades exatas de cada ingrediente, pesando-os cuidadosamente e colocando-os em tigelinhas de madeira. Depois volto para a loja e recoloco os frascos nas prateleiras, para ninguém perceber, ao primeiro olhar, que eles foram usados.

Volto para o laboratório e começo a fazer a poção.

Cada uma delas tem uma fórmula básica que funciona com qualquer pessoa, exceto se essa pessoa tiver imunidade natural. Eu tenho imunidade natural ao soro do sono. A mistura normal de lavanda, camomila e pelo de bicho-preguiça quase não faz efeito em mim. Mas adicione um toque de mel de abelha e é tiro e queda. A doçura aciona as células do meu cérebro que reagem à poção e então *já era!* Eu caio no sono.

Não acho que o meu alvo tenha imunidade natural contra a poção que estou preparando, mas há uma boa chance de que tenha desenvolvido resistência a ela.

Terminei a poção base agora e ela já está borbulhando sobre um pequeno queimador de chama azul. O líquido é absolutamente transparente; se não fossem as bolhas, mal daria para saber que há um líquido dentro do frasco. Isso é bom. É exatamente como deve ser.

Mas algo está faltando e essa constatação me atinge como um raio. Corro de volta para as prateleiras da loja, me agacho para ficar na altura da mais baixa e meço meia colher de chá de um pó branco finíssimo.

Ouç o novo sino sobre a porta da loja tocar, parecendo mais alto do que nunca, como um alarme disparando em meu cérebro. Primeiro ouço a voz da minha mãe, sua alegria ao ver que a loja voltou ao normal, seguida da voz grave do meu pai, meu avô arrastando os pés e a risadinha de Molly. Levanto-me bem lentamente, tomando cuidado para não derramar o pó.

— Oi, Sam!

— Oi, mãe. Fez boas compras?

Ela confirma com a cabeça, enquanto desenrola o lenço do pescoço e atira-o no gancho perto da porta.

— Sim, acho que temos tudo de que precisamos agora. Quem está com fome? Vou colocar o jantar na mesa.

— Eu! Eu! Eu! — Molly salta junto com cada palavra, seguindo mamãe através da porta até a cozinha.

— O que você tem aí? — pergunta meu avô, apontando a cabeça em direção à colher de pó na minha mão.

— Ah, é essência de glicínia... Estou fazendo uma poção para alguém de pouca idade, então pensei em deixá-la mais fácil de digerir.

— Bem, não se esqueça de adicionar uma gota de óleo de rosas para ajudar a essência a misturar bem, do contrário corre o risco de estragar a fórmula.

— Claro, vovô! — digo com um sorriso, mas me remoendo por dentro por quase me esquecer desse detalhe crucial. Eu provavelmente teria notado depois de misturar a essência, ou pelo menos é nisso que quero acreditar. — Só vou terminar isso aqui e já entro para jantar.

— Ok, só não demore muito, querida — diz meu pai.

Acrescento a essência de glicínia assim como a gota de óleo de rosas. Tiro a poção do fogo e distribuo pequenas porções do líquido em diferentes frascos, até a última gota. Só vou precisar de um frasco para a minha experiência, mas não há por que desperdiçar uma boa poção.

Respiro fundo e entro na cozinha. Gostaria de saber se alguém vai perceber quanto estou tremendo.

— Molly, pode pegar o suco do vovô para mim e colocá-lo na mesa? — pergunta mamãe.

— Preciso mesmo? — ela diz com má vontade.

— Não esquentar, eu faço isso — digo. Molly não podia ter dito aquilo em hora melhor.

— Obrigada, Sammy!

Vou até o liquidificador, onde minha mãe acabou de bater a dose diária de vitaminas do meu avô — espinafre, alface, suco de limão e um pedaço de Erva de Trigo fresca, do vaso que fica no peitoril da janela. Ele nunca começa uma refeição sem essa vitamina — diz que ela mantém seu cérebro tinindo.

Eu despejo a mistura verde viscosa do jarro do liquidificador num copo de fundo grosso, acrescentando o meu soro no último segundo. Quase deixo o frasco cair, mas consigo manter

a calma, enfiando-o vazio de volta no bolso do jeans, num movimento rápido. Coloco o copo sobre a mesa na frente do vovô, que agradece com um grunhido e, em seguida, ocupo o meu lugar habitual na outra extremidade da mesa. Mamãe coloca um prato de lasanha na minha frente, e, embora o cheiro de queijo derretido normalmente aguce a minha fome, minha boca está seca. Até meu avô tomar um gole. E... nenhuma reação. Ele não percebe nada de errado com a bebida.

— Está tudo bem, Sam? — pergunta mamãe. Todo mundo já está devorando o jantar, mas os meus talheres ainda estão sobre a mesa.

— Ah, desculpe — digo, pegando o garfo e espetando a lasanha. — Estou sonhando acordada.

— Bem, coma ou a comida vai esfriar.

Dou algumas garfadas e está delicioso.

— Aconteceu alguma coisa na loja hoje? — pergunta meu pai.

— Na verdade, Zain apareceu aqui.

— Zain? — Meu pai parece intrigado.

Pego outro pedaço de lasanha e continuo a mastigar.

— Zain... Zain Aster? — pergunta minha mãe.

Confirmo com a cabeça e tenho que abafar um risinho ao ver o olhar aturdido do meu pai.

— Aquele merdinha, preparador de sintéticos! — murmura vovô da cabeceira da mesa.

— Vovô! — repreende mãe. — Não enquanto estamos comendo!

— O que ele queria aqui? — Há uma discreta ponta de raiva na voz do meu pai também, embora eu esteja mais intrigada com a explosão do meu avô.

— Acho que para ver como estou me saindo depois de ter sido eliminada da Caçada — digo com um encolher de ombros. — Nos encontramos de vez em quando na escola.

— Ah, eu *tenho* que contar isso a Sarah — diz Molly, já com o celular na mão e entrando no grupo dos Talentosos. — Estava doida para ver ele no concerto.

— Sem celulares à mesa! — diz mamãe para Molly, que coloca o aparelho de lado fazendo beicinho. Então minha mãe levanta a sobrancelha para mim. — Foi... simpático da parte dele. Você nunca falou desse menino antes. Suponho que a Zoroaster esteja na frente da Caçada agora.

— Zol e seu bando de assecclas não conseguiriam preparar uma verdadeira poção do amor nem se a receita dançasse na frente da cara deles! — vocifera meu avô.

— Mas nós poderíamos, não é, vovô? — pergunto, sem me sentir preparada ainda para um contato visual.

— Bem, é claro que poderíamos.

Mamãe estala a língua e diz:

— Chega de falar em Caçada agora, ok? — Se ela pudesse alcançar a perna do meu avô e chutá-la por debaixo da mesa, faria isso. E se eu não tivesse um pressentimento com relação ao que está por vir, essa conversa teria me tirado do sério. Mas eu tenho e, portanto, consigo me manter forte. Ela coloca a mão sobre a minha e a aperta. — Você tentou com o primeiro ingrediente, Sam, mas agora tem que se concentrar na loja novamente. Você estava tão adiantada no seu inventário, não estava?

Eu sorrio para ela, infinitamente grata por ser tão protetora com relação à minha sanidade. Mas então afasto a minha mão da dela e mantenho o olhar focado na mesa.

— Nós *achávamos* que não tínhamos o primeiro ingrediente, mas tínhamos o tempo todo, não é, vovô?

Mamãe diz meu nome naquele tom agudo que quer dizer “Pelo amor de Deus, o que está fazendo, Sam?” e papai bate as mãos na mesa com tanta força que os talheres saltam.

— Sua mãe já disse, basta!

Em meio a toda aquela comoção, eu mal ouço a resposta do meu avô.

— Sim, claro, está sob a pia do laboratório.

Eu não consigo olhar para minha mãe ou meu pai — embora ambos estejam calados agora, digerindo as palavras do vovô —, enquanto permaneço imóvel na minha cadeira, paralisada pelo olhar dele. Sua testa está franzida, os lábios repuxados numa linha reta, como se ele estivesse tentando recuperar o controle da própria boca. Ele está olhando para mim com uma intensidade que eu não posso suportar, mas também não consigo me virar ou desviar o olhar. Ele parece tão zangado! Mas há algo mais. Algo que me dá esperança de que ele não vá me matar. Ou talvez seja apenas uma ilusão.

— Molly — diz ele, sem desviar o olhar nem por um instante. — Me traga um copo d’água. — Molly se levanta da mesa, tão rápido que sua cadeira quase desaba no piso de linóleo, e corre para a pia. — Não, não, da torneira, do jarro no meu escritório. — Ela obedece imediatamente.

Esperamos até que ela retorne. Meus pais estão pasmos com a revelação de meu avô e também ainda não têm certeza sobre o meu envolvimento.

— Pai — diz meu pai. — Você sabia o tempo todo que...

Meu avô levanta a mão para impedi-lo de continuar e espera o copo d'água que Molly está trazendo. Ele toma toda a água, limpa a boca e respira fundo.

— Pensei que eu era imune a soros da verdade, Samantha.

Mamãe perde o fôlego e o sangue some do meu rosto.

— Mas de alguma forma, você criou uma poção à qual não sou imune. — Para minha surpresa, ele toma mais um gole do suco e limpa os cantos da boca com o guardanapo. — Hmm... o que é? Você ajustou a fórmula base e... a fortaleceu!

Só consigo assentir, ainda cautelosa.

— E, claro, a essência de glicínias não era para nenhuma criança, mas para um homem velho. É... criativa. Eu sabia que você era boa em poções, mas não tinha noção de que era *tão* boa assim! Você vai ser uma grande mestra alquimista daqui a algum tempo.

Fico vermelha até a raiz do cabelo, mas não posso esquecer por que me arrisquei tanto a ponto de arranjar tanta encrenca.

— Então você vai me ajudar com a Caçada? Não podemos deixar que os sintéticos ganhem.

— Eu deixei os sintéticos ganharem muito tempo atrás, Sam. — Ele parece triste, cansado. — Mas você é a alquimista que provavelmente vai ganhar a Caçada Selvagem. Não vou atrapalhar.

Isso é tudo que eu queria ouvir. Levanto da cadeira, dou a volta na mesa e beijo-o no topo da cabeça, o cabelo branco fino fazendo cócegas no meu nariz.

— Mas estamos fora, Sam — diz meu pai, coçando o queixo. — Já foi anunciado.

— Além disso, é muito perigoso — acrescenta mamãe. — Nós já fomos roubados, para sorte dos Talentosos. A ZA sabotou você na Subida... quem sabe o que podem fazer se você chegar perto da vitória!

— Se todo mundo achar que estamos fora, isso talvez seja uma vantagem — reflito. — Posso dar conta, mãe. Vou tomar cuidado.

— Sam?

Eu me viro e Molly está atrás de mim. Ela segura na mão um porquinho de cerâmica, que está estendendo para mim.

— Não é muito, mas pode ajudar um pouco.

— Mols, você não precisa fazer isso!

— Mas eu quero. Sei que você pode superar qualquer pessoa na Caçada. — Ela coloca o cofrinho na mesa e me dá um abraço.

— Molly tem razão — diz meu pai. — Vamos ajudar de todas as maneiras que pudermos. Esse é o seu sonho e nós vamos apoiá-la.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Minha mãe me dá um tapinha na mão.

— Coma primeiro. Termine o seu jantar. Então você pode começar a fazer a poção mais procurada deste mundo, está bem?

Eu sorrio, a empolgação dos meus pais é quase tão grande quanto a minha.

— Mas, Sam, se você der uma poção para o seu avô novamente, vai ficar de castigo pelo resto da vida, entendeu?

Eu não vou discutir.

Devoro o resto do jantar e depois vou para o laboratório do meu avô. Debaixo da pia, como ele tinha revelado, está o pote de pérola de sereia em pó. Ela ainda tem uma leve luminescência, meio rosa esbranquiçado. Dou uma viradinha no frasco e, em vez de se comportar como um pó normal, ele mais parece um líquido. Na verdade, em vez de cair em grãos individuais, lembra mais ondas batendo contra o vidro.

— É lindo! — A voz do meu pai me pega de surpresa.

Eu giro mais uma vez o frasco e observo novamente.

— Este não é o pó de uma pérola de sereia comum, é? Ela pertencia a Afrodite. Quando estávamos no barco, fiquei olhando para ela. Estas eram as cores dela. — Olho mais de perto o rótulo. *Recolhida numa noite de lua cheia, 1942.* — E é poderosíssimo; mesmo que não seja fresco, será forte.

— Houve uma época em que a Loja de Poções Kemi só tinha os melhores ingredientes — diz ele.

— Queria ter vivido nos bons tempos — digo, incapaz de tirar os olhos da pérola de sereia.

— Talvez você volte a viver. Sabe, seu avô disse bem. Ele viu de perto o surgimento dos sintéticos, assistiu Zoro enganar sua bisavó e roubar dela a vitória. Naquela época Zoro estava tentando dar legitimidade aos sintéticos. Agora Zol está tentando protegê-los. E com Emília saindo da toca... ela é tão perigosa, Sam... Gostaria de poder ir com você. Para protegê-la. — Ele sorri tristemente. — Mas você é a participante, por isso eu não poderia ir mesmo que quisesse.

Os mesmos medos me afligem. Mas, se eu deixar que eles me controlem, aos poucos vão me paralisar.

— Vou levar Kirsty comigo. E vou ligar para Anita e Arjun, avisando que estou de volta. Talvez, se trabalharmos juntos, um de nós consiga fazer a poção primeiro.

Ele assente.

— E agora? Já pensou em qual pode ser o próximo ingrediente?

Eu mordo o lábio inferior.

— Já pensei em algo. É apenas um palpite. Mas se eu estiver certa... acho que vou precisar de uma passagem de avião.



CAPÍTULO VINTE

♥ SAMANTHA ♥

— Você voltou para a Caçada! — grita Anita do outro lado da linha.

— Sim! Meu avô tinha um pouco de pó de pérola escondido no laboratório. Dá para acreditar? — A linha crepita e está cheia de estática, por isso não ouço a frase seguinte.

— Nita, eu mal consigo ouvir você... recebeu meu e-mail?

— Desculpe, é que... chamada à distância é cara... recebi seu e-mail... guarde bem o seu pó de pérola porque alguém foi roubado noite passada. Melhor trabalharmos juntos do que deixar os Zs ganharem! Vejo você aqui em breve.

— Espere! Onde encontro vocês? — pergunto, mas ela já desligou.

O telefone vibra novamente.

— Anita?

Mas não é ela.

— Sam, é Kirsty. Estou indo buscá-la agora. Seu pai me mandou dinheiro para reservar os voos. Já peguei algumas roupas para você, agora é só catar a escova de dentes e pôr o pé na estrada.

— Ok, mas... — Ela desliga antes que eu possa começar a falar. Por que todo mundo está desligando na minha cara?

Eu me sento na cama e aperto a ponta do meu edredom. Estou prestes a viajar para o outro lado do mundo, de Nova para Bharat, um país com uma das maiores áreas selvagens do mundo. As Selvas de Bharat abrangem desertos, florestas e montanhas, até algumas das cidades mais densamente povoadas do mundo. A capital, Loga, tem dez vezes mais habitantes que Kingstown.

Nunca usei meu passaporte antes e é a primeira vez que vou a um país que pode me provocar o maior choque cultural. É como saltar para o que há de mais radical em termos de aventura, com os dois pés e sem colete salva-vidas.

E tudo para encontrar a *verdadeira* hera-eluviana. Desde que eu a vi ser mencionada num livro antigo, e, depois, diante da reação de Zain quando pedi o pó eluviano no laboratório, tive o palpite de que ela é um dos ingredientes. Só que desta vez *eu sei* que é algo que não temos — ela é rara e, por ser extremamente volátil e precisar ser acondicionada em caixas de madeira especiais, nós não a mantemos em estoque. Além disso, é perigoso para os Coletores também. A hera-eluviana nasce nas profundezas das sombrias florestas tropicais da península de Bharat.

Acho que tenho pelo menos dez minutos antes de Kirsty chegar, mesmo que ela fure todos os faróis vermelhos e desvie do trânsito subindo nas calçadas. Corro pela casa como uma louca, mas, antes de desligar o laptop, entro no site do Connect — a rede social mais popular de Nova. Me deparo com um número surpreendente de pessoas com quem mal falo me enviando solicitações de amizade — e um número duas vezes maior partindo de completos estranhos. Eu nunca fui uma grande fã do Connect, mas só porque ele parece mais um lugar para Talentosos se reunirem e me excluïrem on-line. Então meu perfil está, claro, definido como “só para amigos” e contém o mínimo de informações sobre mim.

Percorro rapidamente os novos pedidos de amizade, confirmando e negando à medida que prossigo, mas um nome faz com que meu dedo procure o botão “Excluir solicitação”. Zain Aster. Mais uma vez.

Eu hesito por um momento, então, antes de me convencer do contrário, aperto “Confirmar”. Imediatamente o perfil dele aparece na tela diante de mim. Dezenas de fotos, as mais recentes atraem o meu olhar, pois foram obviamente tiradas na Subida. Zain está de pé ao lado do pai no iate, Zol estendendo a pérola na frente dele, aninhada na palma da mão.

Meu pai me chama do corredor.

— Kirsty vai chegar a qualquer segundo. Está pronta?

Então eu reparo na mais recente atualização de Zain.

Zain Aster está prestes a voar para Bharat. Loucura. @TheKTTransportLounge

Meu estômago revira com a ideia, apesar de ser tão boa quanto a confirmação de que meu palpite estava certo. É um país grande, digo a mim mesma. As chances de topar com Zain na

floresta são muito pequenas.

Uma hora mais tarde, estou sentada dentro do terminal do Aeroporto Internacional de Kingstown, esperando Kirsty comprar revistas e lanches para a viagem. Ao contrário de Zain e seu pai, não há nenhuma chance de irmos para o Terminal de Transporte KT — é simplesmente caro demais.

Abro meu diário, alisando as páginas no colo. Olho as receitas, minha caligrafia caprichada cobrindo as páginas. Abro numa página em branco. Então escrevo no topo:

Poção do amor

** pérola de sereia da lua cheia. Triturada. 30g.*

** hera-eluviana*

Ouçó o clique revelador de uma câmera atrás de mim e fecho rápido o diário. Olho ao redor e uma garota, não muito mais velha do que Molly, está apontando o celular para mim.

— Ei, o que está fazendo? — pergunto.

— Você é aquela garota da TV, não é? — ela pergunta. — Meus amigos não vão acreditar. Você está na Caçada! Pode me dar o seu autógrafo?

Eu hesito por um instante.

— Claro, se você me mostrar a foto antes.

Ela encolhe os ombros e me entrega o celular. Abro o zoom, mas dou um suspiro de alívio quando vejo que não dá pra ver o nome dos ingredientes no diário.

— Ei, será que a gente pode fazer uma *selfie* em vez disso? — ela pergunta.

— Hum, não sou...

Antes mesmo de eu acabar de falar, ela tira a foto. Se essa vai ser uma prática habitual, eu realmente preciso treinar minhas poses. A garota diz um rápido obrigada e corre para se juntar aos pais.

— O que foi aquilo? — Kirsty vem e despeja sua pesada bagagem de mão no assento entre nós.

— Será que ela acha que sou famosa?

Kirsty franze os lábios.

— Vamos precisar ter mais cuidado. Não é só na mídia que temos de ficar de olho, mas em todo mundo com um celular. De qualquer maneira, não acho que sua volta vá continuar

sendo segredo por muito tempo.

— O que devemos fazer?

— Tenho uma ideia. Vou mandar uma mensagem aos meus contatos em Bharat. Até chegarmos lá, todo cuidado é pouco. Ainda não sabemos o que estamos procurando — ela baixa a voz —, além da hera, e precisamos mudar isso. — Ela aponta para a bolsa. — Então pegue um livro e mergulhe nele. Temos muita pesquisa a fazer.

— O que estou procurando?

— Vamos ver... Você *acha* que a hera é um ingrediente, mas não tem certeza. Vou confiar no seu palpite, mas um palpite não vai ser suficiente. Não se quisermos vencer a ZA e o resto. Eles podem se dar ao luxo de pagar o transporte, o que já os coloca horas à nossa frente. E o revés com as pérolas nos coloca atrás até mesmo das equipes comuns, como seus amigos Patel. Atrás... mas não de fora. — Ela se inclina para a frente de um jeito conspiratório. — Mas temos uma vantagem.

— Qual? — pergunto.

Ela coloca o dedo na minha testa.

— Isto. — Em seguida, aponta para a testa dela. — E isto. Sua habilidade para preparar poções. Meu nariz para encontrar ingredientes. Estamos indo para as profundezas das Selvas agora, Sam. Se conseguirmos descobrir que elementos podem entrar numa poção do amor, ter uma dica de qual é o próximo ingrediente, podemos conseguir de fato uma chance nessa Caçada. — Uma sequência de sinais sonoros soa nos alto-falantes do aeroporto e nos preparamos para partir. — Vamos. Temos um voo de nove horas pela frente. Podemos muito bem torná-lo mais produtivo.



CAPÍTULO VINTE E UM

♥ SAMANTHA ♥

O calor de Bharat me atinge assim que desembarcamos do avião, e eu tiro o blusão que estou usando. Minha camiseta azul-clara está grudada na pele. A umidade e o calor são tão raros em Kingstown que parece até que desembarcamos em outro planeta.

— Espere aqui — manda Kirsty, um pouco antes de sairmos da alfândega para pegar a bagagem. Quando ela volta, está com duas echarpes prateadas nas mãos.

— Coloque um na cabeça.

— Por quê, esse é o costume em Bharat? — pergunto, enrolando o lenço na cabeça.

— Vai ajudar você a passar despercebida na multidão, mas, o que é ainda melhor, é perfeito para frustrar qualquer *paparazzo* que estiver por perto. Experimente tirar uma foto minha.

Eu tiro o celular do bolso e bato uma foto dela com flash. A imagem mostra uma luz branca brilhante ofuscando o rosto inteiro.

— Isso é genial! — exclamo.

Ela sorri.

— Certo, agora vamos. — Kirsty dispara em meio à horda que se aglomera no portão de desembarque, como uma flecha de um arco esticado, e eu me esforço para acompanhá-la. Fico de olho nas câmeras, mas o aeroporto está tão cheio que é impossível dizer quem vem e quem vai, naquele mar de gente.

Durante todo o voo, nós nos debruçamos sobre os livros que Kirsty trouxe com ela, mas eu estava com um bloqueio mental. Espero que o meu cérebro ainda esteja processando

informações, mesmo que agora tenha de usar todos os meus sentidos para captar as imagens, sons, cheiros de Bharat.

— Aqui! — Anita grita para nós, passando por baixo da barreira e me abraçando. — Finalmente! Arjun está esperando na picape. Vem, vamos cair fora daqui agora mesmo. — Os olhos de Anita me fitam com um brilho travesso. — Vamos para um lugar que nenhum outro participante conhece. É o tipo de lugar que você só encontra se tiver conhecimento do terreno.

Kirsty acena com a cabeça.

— Podem ir na frente! Arjun é um dos melhores aprendizes de Coletor que já vi em anos, então confio nos instintos dele.

Anita fica vermelha, cheia de orgulho pelo irmão.

Quando saímos do aeroporto, tenho de parar um instante para recuperar o fôlego. Todos os lugares são de uma cor e um cheiro exuberantes. Chifres sendo soprados, vozes gritando e a música metálica de Bharat saindo estridente de um rádio antiquado, amarrado à garupa de uma *scooter*. Dou um salto para trás quando sou quase atropelada por um riquixá, puxado por um homem incrivelmente magro, mas forte, carregando uma garota num lindo vestido florido, com um guarda-sol extravagante.

— Cuidado! — avisa Anita, pegando a minha mão para atravessar a rua. Não acho que já tenha feito uma travessia tão perigosa na minha vida. Não só preciso me desviar dos riquixás, como também de vans com janelas escuras, motocicletas e carregadores levando bagagens descomunais, estampadas com o nome de algum estilista de luxo.

A picape a que Anita nos leva tem luzes de freio quebradas e um para-choque que parece se manter no lugar só à base de preces e fita adesiva. Kirsty e eu nos acomodamos na parte de trás, enquanto Anita se aperta ao lado do irmão, no banco da frente inteiriço. Mas não é Arjun que está no volante.

— Sam, Kirsty, este é o nosso primo, Vijay — diz Arjun.

Vijay sorri, estende a mão na direção do espelho retrovisor e pega na estatueta de um deus pendurada ali, como o purificador de ar no carro de Kirsty. Murmura uma oração rápida e dá o arranque no motor em direção ao caos.

Não me admira que precise rezar. Os nós dos meus dedos ficam brancos de tanto que me agarro ao assento (mencionei que não há cintos de segurança?), mas Vijay parece ter algum tipo de sentido sobrenatural que lhe guia através do tráfego.

Até Kirsty parece rígida, então seguro firme e me concentro em não pôr para fora minha última refeição. Nós não vamos para Loga, a capital, o que me decepçiona um pouco. Viajamos até Bharat e nem vou conseguir ver as principais atrações que estampam os cartões-postais: o palácio de tijolos vermelhos que já abrigou a família real de Bharat ou a enorme estátua dourada do deus-elefante de várias cabeças. Ainda assim, quando saímos da cidade, as estradas não estão mais um caos. Kirsty relaxa e eu a acompanho. É quando percebo quanto estou cansada. É como se eu não dormisse há dias.

— Então o que vocês sabem até agora? — Kirsty pergunta.

Arjun e Anita se viram para olhar para nós.

— Sabemos de fonte segura que algumas equipes estão por aí à procura do jasmim dourado como o próximo ingrediente — diz Arjun. — Alguém entrou em contato com nossos parentes que moram nas Selvas para tentar conseguir um guia.

Jasmim. *Flores nativas de toda a península de Bharat, desde as montanhas Kang até muito mais além, na província de Shan.* Eu quase bato na testa, por não ter deduzido algo tão óbvio.

— Claro! Faz todo o sentido. É o ingrediente perfeito para uma poção do amor.

O jasmim branco é uma flor bem comum que pode ser encontrada na maioria das lojas de poções, até mesmo em Kingstown. Eu já a usei em muitas poções, quase sempre a contragosto —, pois é mais usada para... bem... aumentar a virilidade. Sim, quando o velho senhor Waters da mercearia na esquina veio me pedir uma poção para a virilidade, imagens mentais indesejáveis me fizeram estremecer. Fiquei em dúvida se deveria colocar a quantidade *errada* de jasmim, para que não funcionasse. Claro, isso não seria nada bom para a reputação já combalida da nossa loja, por isso cumpri apenas o meu dever. Mas, quando a nova senhora Waters veio me pedir pessoalmente para começar a sabotar a receita, fiquei feliz em atendê-la. De qualquer maneira, essa não era, de forma alguma, a sua única utilização: o jasmim é uma planta versátil, que serve para estimular qualquer coisa, desde a autoconfiança até a felicidade pura e simples. A versão dourada é mais rara, mas, quando misturada à água fervente, libera uma magia ainda mais poderosa.

— Então você concorda? Isso é bom! Quando escreveu no seu e-mail contando do seu palpite sobre a hera-eluviana, comemoramos. Podemos conseguir esses dois ingredientes no lugar para onde estamos indo.

— E que lugar é esse? — pergunta Kirsty.

Vijay decide juntar-se à conversa e se vira também.

— A minha aldeia! Dissemos não a esses outros participantes. Por que iríamos ajudá-los? A Caçada Selvagem é uma tradição novaense; como já não somos uma colônia novaense, não temos vontade nenhuma de ajudar seus alquimistas e Coletores a saquear nossas Selvas. Mas vocês, vocês são da família.

— Ei, Vijay, será que não é melhor você manter os olhos na estrada? — diz Arjun, que agora está segurando o volante e dirigindo do banco do passageiro.

Para meu alívio, Vijay recoloca as mãos no volante e se concentra na estrada novamente. Eu espreito por cima do ombro dele e vejo o velocímetro mostrando 16 kph. Sim, o equipamento está definitivamente quebrado.

— A nossa aldeia é importante porque dizem que é o refúgio da deusa Daharama — diz ele. — A Deusa do Amor.

Arregalo os olhos ao ouvir isso.

— Uau!

— Diz a lenda que todos os seres vivos que punham os olhos em Daharama se apaixonavam perdidamente. Por fim, ela decidiu que, para reduzir ao mínimo o número de pessoas apaixonadas, ela viveria numa aldeia isolada, longe do resto da humanidade. Foi a nossa aldeia que ela escolheu.

— Sério? Conheço bem as lendas de Bharat e me lembro de que centenas de aldeias afirmam ser a morada de Daharama — diz Kirsty.

Vijay cospe para fora da janela.

— Isso é tudo heresia. A nossa é que é a verdadeira.

O entusiasmo dele diminui um pouco e fico irritada com Kirsty por arruinar a história.

— Bem, não conheço as lendas de Bharat. Continue, pode haver uma pista na história que possa nos ajudar com a poção do amor.

Kirsty engole sua indiferença e Vijay continua.

— As pessoas ainda vêm visitar a deusa, é claro, incluindo casaizinhos que querem sua bênção para que lhes conceda uma vida de amor e felicidade. Ela recebia qualquer um que fazia a longa viagem, mas só aparecia atrás de uma pesada cortina de seda, para que ninguém pudesse colocar os olhos nela. Em sinal de respeito e gratidão, os peregrinos lançavam aos seus pés guirlandas de flores de jasmim.

“Daharama viveu em paz assim por um longo tempo, mas ninguém pode ser uma deusa do amor sem provocar um pouco de ciúme. Até mesmo ódio. A lenda da nossa aldeia diz que Daharama passou um dia sem receber nenhum visitante. Ela estava muito cansada, pois fazia

muitos anos que não tinha um dia livre. Decidiu relaxar a mente e saiu para fazer uma caminhada na selva, nas proximidades, onde poderia conseguir comida e lenha, e poupar seus abnegados servos de cumprir suas obrigações por um dia.

“Mas o que a levou a não receber nenhum visitante foi a deusa ciumenta Lakishi, sua irmã, diferente dela em todos os sentidos. Lakishi tinha feito os peregrinos se extraviarem para que pudesse encontrar Daharama sozinha. Então, quando Daharama caminhava pela selva, Lakishi abordou-a com seu familiar, um enorme tigre branco conhecido como Gar. Mas Daharama tinha naquele momento escolhido tirar o véu, para dar uma olhada mais de perto numa bela flor de jasmim que crescia numa árvore muito alta. Lakishi avistou Daharama, e, de repente, seu ódio se dissipou e foi substituído por um amor incondicional.

“O problema é que o tigre também se apaixonou por Daharama. E considerou Lakishi uma rival por competir com ele pelo afeto de Daharama. Arreganhou os dentes e rosnou ferozmente para Lakishi, que estava muito encantada com Daharama para notar. Ela avançou alguns passos para dar na irmã um abraço amoroso e naquele instante Gar decidiu atacar. Seu imenso corpo derrubou as duas irmãs no chão e a cabeça de Daharama foi esmagada contra a própria árvore que admirava. Percebendo o que tinham feito, Lakishi implorou para Gar matá-la também, o que ele de fato fez. Depois, o próprio Gar saiu correndo pela selva e morreu de coração partido.

“O sangue de Daharama infiltrou-se no chão onde ela morreu. As raízes do jasmineiro absorveram seu sangue e suas pétalas e se tingiram de cor-de-rosa. Consideramos a flor rosa que floresce lá como um presente da deusa, que temos o dever de proteger.”

— É a flor de jasmim mais rara e potente que existe, muito mais do que a dourada — explicou Arjun.

— Jasmim cor-de-rosa... Estou impressionada. E vale uma fortuna no mercado negro — diz Kirsty. — E vocês vão nos dar essa flor assim, a troco de nada?

— Temos protegido o jasmim há muitas gerações, mas, para a nossa família e para a sua Princesa, sim. Vamos deixar que vocês colham duas flores. Anita e Arjun já disseram que vocês são como se fossem da família para eles e, por isso, são para nós também.

— Ficamos profundamente agradecidas. — Kirsty estende o braço por sobre o banco da picape e coloca a mão no ombro de Vijay.

— Muito obrigada — digo, quase sem acreditar em tamanha generosidade. — Então, podemos ir buscar o jasmim cor-de-rosa, e em seguida a hera-eluviana? — pergunto, embora não seja propriamente uma pergunta. Já posso sentir a poção tomando forma na minha

cabeça, as peças do quebra-cabeças girando, girando e então finalmente se encaixando. Eu retiro o diário da bolsa e adiciono *jasmim cor-de-rosa* à minha lista de ingredientes.

Kirsty continua a interrogar Vijay sobre os outros ingredientes nativos de Bharat, mas minhas pálpebras vão ficando pesadas à medida que percorremos aos solavancos a estrada esburacada. Mal estou acordada quando Kirsty apresenta nossos passes na fronteira das Selvas.

Acordo com o corpo dolorido de tanto sacudir na picape e pisco para afastar o sono e olhar os arredores. Do lado de fora da janela, só o que vejo é um redemoinho verdejante, uma selva exuberante que ocasionalmente avança até o vidro da picape e roça na lataria como um longo dedo verde. A estrada não é nada além de lama — muito diferente daquela em que estávamos antes. É difícil acreditar que esse é o principal acesso à aldeia da família dos Patel. Mas, enfim, o que eu conheço deste lugar?

Um pouco mais adiante na pista, a selva acaba abruptamente e os primeiros sinais de civilização começam a surgir: uma série de bandeirolas amarradas numa árvore, um balde de madeira abandonado de ponta-cabeça, de onde brota uma camada de musgo, como se a selva estivesse reivindicando-o para si. E um rosto de repente aparece em meio à folhagem, me fazendo pular de susto, mas é apenas o olhar inquisidor de uma menininha.

Vijay pisa com força nos freios e eu voo bem na direção do seu encosto de cabeça.
— Chegamos.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

♥ SAMANTHA ♥

N o momento em que saímos da picape, somos rodeados por crianças descalças e radiantes. Uma das garotinhas pega meu braço e coloca uma pulseira da amizade nele. Kirsty enfia a mão no bolso e encontra uma bala, embalada num papel dourado cintilante. A garota grita de alegria e sai saltitando, o precioso doce já desembrulhado e consumido.

— Você pode precisar de um pouco disso enquanto estivermos aqui — diz Kirsty, tirando um saco de balas da mochila e colocando na minha. Eu sorrio agradecida, desejando ter tido mais tempo para me preparar para a minha primeira viagem além das fronteiras de Nova.

Duas crianças pegam as minhas mãos, e, junto com Arjun, começamos a brincadeira do “um-dois-três-subindo”! Kirsty ri e nos diz que ser levantado no ar é uma brincadeira de que todas as crianças gostam.

Nós seguimos por um caminho de terra estreito através da selva, onde três pessoas mal poderiam andar lado a lado, que dirá fazendo brincadeiras, mas de algum modo conseguimos. Está escuro na trilha, e eu inclino a cabeça para trás, olhando para a copa que se estende sobre nós, galhos grossos como as torres de uma catedral, nem um pouco dispostos a deixar nem mesmo o sol forte de Bharat se infiltrar até o chão da floresta. Há uma abundância de ruídos farfalhantes nas árvores, de criaturas invisíveis, mas a atmosfera é incrivelmente pacífica.

A própria aldeia se funde de modo tão perfeito com a selva que eu só percebo que chegamos quando as crianças largam minhas mãos e se dispersam pelos cantos e para dentro das cabanas.

— Venham comigo — diz Vijay, acenando em nossa direção. Ele nos leva a uma casa empoleirada sobre palafitas, o primeiro andar bem acima do solo. Embora eu não veja carros por aqui — apenas uma motocicleta enferrujada do lado de fora de outra cabana —, há um grande sinal de civilização: uma enorme antena parabólica se projeta do segundo andar da casa, como uma espécie de cogumelo. Obviamente alguém ali faz questão de não perder nenhum noticiário.

A porta da casa se abre enquanto subimos a primeira escada. Um homem grande com barba pontuda, vestindo um turbante e uma túnica cor de laranja, sai e abre os braços.

— Bem-vinda, jovem Kemi! — cumprimenta ele. — Sou Nalesh Patel, pai de Vijay.

Eu sorrio e murmuro:

— Pode me chamar de Sam — mas ele continua, sem esperar por mim.

— Pensamos que você tivesse saído da competição para nunca mais voltar! Não consigo acreditar que deixou Zoroaster fazer aquele truque sujo com você naquele barco.

Fico envergonhada ao pensar que o mundo inteiro deve ter visto aquele momento.

— Quanto da Caçada eles estão mostrando na TV?

— O máximo que podem. Agora todo mundo está aqui em Bharat. Embora eu não ache que a notícia de que você está de volta já tenha se espalhado.

— Bom, gostaríamos que continuasse assim — diz Kirsty. — A Caçada Selvagem é a notícia mais quente do momento e os olhos do mundo estão voltados para cá. É por isso que é tão importante que a gente comece um passo à frente dos concorrentes.

— E temos muitos deles, se todo mundo está mesmo aqui — murmuro.

— Nem todos estão. Anita não contou que roubaram o ingrediente de um deles? Pelo menos uma equipe já está fora da Caçada. — Kirsty levanta a voz. — Então, onde está esse jasmim cor-de-rosa de que você falou, Vijay?

— Amanhã, na primeira hora da manhã, vou levá-las até lá.

Kirsty e eu trocamos olhares.

— Não vamos agora? — pergunto.

— Daqui a pouco escurece — explica Vijay. — Grandes felinos e cobras até maiores do que eles andam pelas profundezas da floresta à noite. A trilha até o jasmim ainda estará lá amanhã de manhã.

Eu só quero descansar após a longa viagem, então lanço um olhar suplicante para Kirsty. Ela olha para a floresta, mais escura e agourenta a cada instante, embora o sol nem tenha se posto ainda. Tremo só de pensar em ir lá, mas vejo que Kirsty está se coçando de vontade de

começar imediatamente. Talvez os Coletores estejam sempre de prontidão, preparados para a próxima aventura, mas eu sou uma alquimista. Preciso dormir.

Kirsty se rende. Quando entramos na casa, vemos o noticiário sendo projetado num lençol branco preso à parede. A tela está dividida em quatro, cada quadrado representando uma equipe diferente. Zain está num deles, chegando ao terminal de transporte. Com um par de óculos aviador de aro de ouro e uma jaqueta de couro preta, ele tem uma aparência descolada sem fazer o mínimo esforço.

Solto uma expressão de desgosto ao mesmo tempo que Anita, o que nos faz ter um acesso de risos. Ela vem e pega a minha mão, me levando para longe da tela.

— Aposto que os Zs levam seus próprios estilistas na Caçada. Eles se preocupam mais com as câmeras do que com a poção.

De repente, o cheiro de canela e cominho flutua pela sala.

Canela — para aguçar a mente, desfazer coágulos sanguíneos, aliviar gripes e resfriados.

Cominho — para facilitar a digestão e clarear a pele.

Meu estômago ronca de expectativa e Vijay coloca uma tigela de arroz nas minhas mãos. Eu passo a tigela para a senhora Patel, a tia de Arjun e Anita, que está vestida com um impressionante sari verde-escuro, e ela espalha curry sobre ela.

A primeira garfada praticamente explode na minha boca — minha língua novaense não está nem um pouco acostumada com o sabor picante. Os Patel de Bharat riem do meu desconforto até que a senhora Patel fica com pena de mim e me passa uma bebida calmante feita de iogurte. O que me conforta é que Arjun e Anita parecem estranhar a comida também, embora Kirsty esteja devorando todo o conteúdo da sua tigela.

O próximo prato a ser servido é uma cesta cheia de frutas de aparência exótica. Ela vem acompanhada de uma das garotinhas que estava segurando a minha mão no início do dia. Em sua mão agora há um cajado de madeira rudemente esculpido e despido de sua casca. Vijay lhe dá um tapinha encorajador nas costas.

— Vá em frente, Pari — diz ele. — Mostre a eles o que você vem praticando.

Ela hesita por um instante, em seguida pega uma das frutas de aparência mais exótica, um pomo cor-de-rosa com folhas verdes cheias de arestas, formando padrões como estrelas ao redor das bordas. Ela a coloca delicadamente sobre a mesa na nossa frente, segurando-a com ambas as mãos até ter certeza de que não vai cair. Em seguida, levanta o cajado, aponta para a fruta, fecha os olhos e inclina a cabeça para trás.

E então faz algo que eu não esperava: um passe de mágica.

— É uma varinha! — sussurro, afirmando o óbvio. As folhas se desenrolam da fruta, assumindo o formato de uma estrela sobre a mesa e deixando o centro cor-de-rosa brilhante parecendo nu e vulnerável. Então, lentamente, a casca cor-de-rosa se separa da polpa branca e macia da fruta. Quando ela está completamente descascada, a menina abre os olhos e, com um movimento rápido do pulso, divide a fruta em quatro partes — uma para cada um de nós.

Eu olho da garotinha para Vijay, enquanto explodimos em aplausos entusiasmados.

— Vijay! Ela é uma Talentosa. E muito poderosa, se consegue extrair tanta magia dessa varinha aqui nas Selvas. Ela vai para a escola?

Kirsty coloca a mão no meu braço para me calar, mas Vijay encolhe os ombros.

— Ela vai ajudar na lavoura, como os outros com poderes mágicos. Eles podem fazer o trabalho com muito mais facilidade do que nós e é por isso que são tão valorizados. — Ele envolve a menina num abraço.

— Aqui, os Talentosos são importantes, mas suas famílias não podem pagar para enviá-los para a escola, como fariam em Nova — diz Kirsty.

Dói em mim saber que, embora eu seja uma comum, ainda levo uma vida melhor, porque vivo em Nova, do que um Talentoso de outro lugar. Talvez se eu contasse a Renel sobre essa menina, ou mesmo a Zain, eles pudessem ajudá-la...

Kirsty registra o olhar na minha cara.

— Você não pode “salvar” cada criança Talentosa com que se deparar. E eles precisam dela aqui também.

Eu mordo o lábio.

Agora que o jantar acabou, Kirsty, Arjun, Anita e eu vamos para a sala de estar — uma grande varanda ao ar livre. Há almofadas coloridas, de tecido gasto, espalhadas por todo o cômodo e um dossel de lanterninhas coloridas pendurado acima. O ambiente é mágico. Com alegria eu afundo numa almofada enquanto Arjun acende uma lamparina e o cheiro quente e picante de incenso se espalha no ar.

Anita ocupa um banco de frente para mim e franze as sobrancelhas.

— Agora Sam, desembucha. Como é que de repente você tem Zain Aster em sua lista de amizades do Connect? Desde quando vocês são grandes amigos?

Com toda aquela agitação, eu não tinha tido tempo para colocar Anita a par das novidades ainda, e fico vermelha sem conseguir evitar. Tento fazer um ar de indiferença.

— Ele veio até a loja alguns dias atrás. Disse que se sentiu mal com a sacanagem que a equipe dele fez comigo.

— Puxa!... Legal da parte dele. — Anita levanta uma sobrancelha, surpresa.

— Sim, muito legal — diz Arjun. Ele revira os olhos. — Aposto que só queria uma chance de bisbilhotar um pouco o estoque dos Kemi para ver se ainda tinha sobrado alguma coisa valiosa depois do roubo.

As palavras dele doem e essa dor é inesperada. Franzo a testa para o irmão da minha amiga.

— A ZA não roubou a gente. O vovô acha que foi Emília Thoth, tentando nos impedir de encontrar a receita.

Anita sente um arrepio.

— Papai nos contou que ela apareceu no Palácio. Parece horrível, embora certamente não seja forte o suficiente para ser uma ameaça real. Ela não viveu no exílio quase a vida toda?

— Parecia que ela tinha tomado um banho nas poções proibidas, não apenas se interessado por elas. — Lembro-me dos longos fios do seu cabelo cinza-ardósia, o tom pálido da sua pele e a curva medonha das unhas em garra. Tremo só de pensar que alguém pode se submeter a tamanho horror. — Acho que ninguém deve subestimá-la. Essa é a oportunidade que ela estava esperando. Se alguma coisa acontecer com a Princesa, Emília é a próxima herdeira. Ela provavelmente nos roubou. E se roubou a pérola de sereia também?

— Por que ela quer participar da Caçada? — pergunta Anita, passando os braços em torno de si mesma.

— Provavelmente para garantir que ninguém encontre a cura — diz Arjun.

— Deve ser por isso que ela está estudando para ser alquimista — eu digo. — A Caçada Selvagem dá a ela um passe livre para o Palácio, em Nova, livrando-a da sua condição de exilada. É um jogo e tanto, esse que ela teve de jogar, mas parece que a aposta valeu a pena.

— Chega de falar de Emília! — diz Arjun. — Se ficarmos longe dos holofotes, com sorte ela vai se concentrar em outras equipes que possam parecer uma ameaça maior.

— Mas ela já atacou os Kemi uma vez — diz Kirsty. — Temos que ter cuidado. Manter os olhos abertos e ficar espertos.

— Vamos dar uma olhada no perfil de Zain para ver se há alguma pista! — Anita pisca para mim e abre o laptop.

— Você consegue conexão aqui?

Anita ri.

— Sim. Nem sempre há água quente aqui, mas sinal de TV e conexão com a internet não faltam nunca!

Chego mais perto dela e faço o login com o meu nome, mas, quando procuro Zain, vejo que ele me excluiu. Não é mais meu amigo no Connect. Aquilo me deixa magoada.

— Ah, tanto faz — digo. — Não tenho mesmo o mínimo interesse pelos seus #ProblemasdeTalentosos. — Fecho o laptop e respiro fundo. — De todo modo, pessoal, eu acho que tenho uma teoria. — Os três voltam os olhos para mim, cheios de expectativa. — Posso estar completamente errada, claro, mas... Estive pensando sobre a pérola de sereia e a hera-eluviana. As duas coisas têm qualidades que podem ser necessárias para “construir” o amor, como tijolos. Pérola de sereia, para a beleza. Hera-eluviana, para a lealdade. E agora, jasmim cor-de-rosa, para a paixão. Estamos buscando o mais alto nível, o céu é o limite em termos dessa poção, certo? Então acho que o próximo ingrediente vai ser pelo de abominável.

— Para a solidão? — Arjun pisca. — Como é que isso se encaixa numa poção do amor? Eu sinto meu rosto ficar quente.

— Bem, não sei ao certo, porque nunca estive apaixonada, mas...

— Não, você está certa — diz Kirsty, e então ela deixa escapar um longo suspiro. — Abomináveis são como pinguins, só têm um parceiro a vida inteira. Não só isso, são persistentes em sua busca pelo amor. Percorrem as montanhas em busca do amor verdadeiro, resistindo a todos os outros contatos até encontrá-lo. A solidão é o preço que pagam por essa busca. É o ingrediente perfeito. Ninguém a não ser você poderia ter juntado esses ingredientes, Sam. Você é uma inspiração.

Anita se inclina para a frente.

— Então, depois de colher o jasmim, encontramos a hera-eluviana e em seguida vamos para as montanhas.

Kirsty confirmou com a cabeça.

— Sim, e a hera não será fácil. Vai ser cruel, para dizer o mínimo. — Ela me lança um olhar cheio de significado, o que faz com que eu me contorça um pouco no lugar. — Pode ser melhor a gente se dividir para ir atrás dos ingredientes, assim avançamos ainda mais rápido. Não creio que seu avô vá ter qualquer um desses ingredientes escondidos em algum lugar, não é?

Eu faço uma careta.

— Vou enviar por e-mail as minhas ideias para ver o que os meus pais acham.

Quando abro meus e-mails, no entanto, vejo que minha caixa de entrada está lotada de mensagens de outros Coletores, fornecedores e oportunistas, tentando me vender ingredientes a preços ridiculamente altos. Vários estão oferecendo pó de Afrodite a um preço exorbitante, e vai saber se é autêntico ou não?

— Quem vai comprar jasmim dourado por duzentas mil coroas?!

— Você está brincando! — exclama Arjun.

— Não, olha aqui...

— Obviamente, os vendedores de ingredientes raros já ficaram sabendo qual será o próximo ingrediente que todo mundo está procurando. Alguém está vendendo hera-eluviana a preços estratosféricos? — Kirsty pergunta.

Eu faço uma busca rápida, mas não encontro nada.

— Bom, então pelo menos sabemos que ainda temos uma vantagem.

Ergo a cabeça da tela quando o cheiro de incenso que pairava no ar tão docemente torna-se acre nas minhas narinas.

— Tem alguém sentado muito perto de uma vela? Estou sentindo cheiro de coisa queimada.

Instintivamente todos se afastam da lamparina mais próxima, mas não encontramos nada de errado. Olho para cima e, contra o céu noturno, vejo uma linha de fumaça subindo até as alturas.

— Fogo — sussurro.

Todas as cabeças se viram, e então é uma corrida maluca para ver quem consegue sair da varanda mais rápido. Arjun passa pela porta primeiro e Vijay e o senhor Patel, com semblantes preocupados, vão atrás dele. Nós seguimos atrás, Kirsty agarrando a bolsa e me instruindo para calçar as botas. Eu faço isso o mais rápido possível, quase deslizando escada abaixo na minha pressa.

— Está vindo da selva! — diz Vijay, com urgência.

— Vamos, Sam, rápido! — Kirsty pega uma lanterna na bolsa e o fecho de luz ilumina o espesso emaranhado verde à nossa frente, tão denso que quase poderia ser uma parede. Ela me lança outra lanterna, que eu não consigo pegar e cai no chão.

— Estamos indo para onde está pegando fogo? — Eu preferia ir na direção oposta.

— Isto é uma floresta tropical, Sam. E estamos na estação das chuvas. As árvores não pegam fogo por conta própria.

Kirsty já está correndo.

— É lá que está o jasmim cor-de-rosa.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

♥ SAMANTHA ♥

Eu mantenho a lanterna apontada para as costas de Kirsty enquanto corremos. A última coisa que quero é iluminar a escuridão da selva e ver alguma aranha enorme olhando para mim — ou os olhos brilhantes de um felino selvagem carnívoro.

Mais preocupante, porém, é que a floresta está ficando mais clara à medida que a fumaça vai se tornando mais espessa e pesada. A luz parece vir em rajadas por entre as árvores.

De repente uma daquelas explosões está bem na nossa frente, uma serpente de fogo laranja e amarelo contorcendo-se através da folhagem. Eu não consigo evitar: grito. Alto.

As chamas param, interrompidas como se alguém fechasse uma torneira, justo quando Kirsty e eu paramos. Então uma voz de mulher sussurra uma palavra, e um borrião de luz azul explode em torno de nós. As luzes vêm do chão, iluminando as árvores ao redor.

Demora um minuto para que os pontos pretos desapareçam da minha visão e meus olhos se ajustem à nova luz.

Os olhos de Kirsty se ajustam mais rápido do que os meus.

— Emília.

— Senhorita Donovan, que bom vê-la!

Minha visão desanuvia. Vejo Emília, seu longo vestido cinza e a capa substituídos por um macacão cinza elegante. Ela não se parece com uma alquimista chamuscada, e sim com uma Coletora feroz. Viro-me para Kirsty.

— Você a conhece?

É Emília quem responde.

— O mundo dos coletores é pequeno, não é? Claro que conheço a famosa Kirsty Donovan, Coletora independente dos alquimistas que um dia foram os mais proeminentes de

Nova. Ela é uma raça rara. Quando eu quis aprender a ser uma Coletora, sabia que tinha que aprender com o melhor. O homem que treinou Kirsty me treinou também.

— Antes que você o matasse. — Kirsty cospe no chão, que chia em contato com a saliva. — Como você nos encontrou aqui?

— Você pode saber encobrir seus rastros, mas aquela outra equipe não é tão astuta. Estou rastreando aqueles dois desde que deixaram Kingstown — embora só tenham ficado realmente interessantes quando me levaram a *vocês duas*. Agora posso acabar com duas equipes ao mesmo tempo! Eu adoro ser eficiente. Quer dizer, quem diria que aqueles Patel bem-comportadinhos estavam escondendo um *jasmim cor-de-rosa* na manga. É uma pena ter sido necessário destruir tudo.

Seu cabelo antes desgrenhado está amarrado num rabo de cavalo elegante e, nas costas, ela carrega um lança-chamas de aparência assustadora. Ao redor dela, a fuligem está caindo como uma espécie de neve perversa.

— Não é justo! — grito, incapaz de me conter. Só consigo pensar no jasmim e nas nossas chances virando fumaça.

— Nada é justo na vida ou numa Caçada Selvagem, querida. — Emília dá alguns passos na minha direção, mas Kirsty fica na minha frente.

— Nem mais um passo! Tenho Pó de Salamandra aqui comigo e não tenho medo de usá-lo.

Eu tremo. *Pó de Salamandra — um composto terrível que faz arder os olhos e a pele, provocando uma coceira incontrollável.*

Emília para onde está.

— Isso é um aviso, Kemi. Hoje destruí o ingrediente. Continue na Caçada e posso não ser tão tolerante com você da próxima vez. — Ela pega um frasco de vidro do cinto e lança-o no chão na nossa frente.

Kirsty me empurra para o chão quando uma fumaça espessa se espalha no ar.

Eu afundo na terra, o calor do solo queimando meus joelhos. Uma onda sonora atravessa a floresta e eu quase esperava que fosse Emília, de volta para tripudiar mais um pouco. Mas então a fumaça se dissipa e ouço alguém ofegar, surpreso, chocado com a cena na nossa frente: Anita. E um uivo angustiado da pessoa que chega agora: Vijay.

Emília desapareceu.

Um fluxo de palavras se derrama da sua boca. Não é preciso ser especialista em línguas para adivinhar o que ele está dizendo.

Anita afunda de joelhos ao meu lado. Enterra as mãos nas cinzas, que formam um turbilhão, como se ela estivesse procurando alguma coisa.

— Bem, ela realmente vai nos atrasar agora — diz Kirsty.

— Espere aí, você ainda está planejando continuar depois disso? — Anita pergunta. — Ela não vai desistir.

— E nós também não. — Kirsty puxa com nervosismo a ponta da sua trança. Percebe os meus olhos fixos nela, então joga a trança para trás como um chicote. — Vamos, Sam. — Ela passa por nós, determinada, e começa a andar de volta para a aldeia. Eu me apresso para acompanhá-la.

— Será que conseguimos encontrar mais jasmim cor-de-rosa?

— Não. Estamos correndo contra o tempo. A gente vai ter de se contentar com o dourado. Vamos buscá-lo em outro lugar. É o ingrediente mais fácil da lista. Temos que tomar mais cuidado. É de uma Caçada Selvagem que estamos falando aqui e já cometemos o maior erro: subestimar os adversários.

De volta à vila, Kirsty vai direto à cabana onde havia uma moto estacionada do lado de fora. Ela bate e fala com o homem que abre a porta, apontando para a moto. Eles travam um diálogo acalorado e gesticulam freneticamente, mas parecem que chegam a algum tipo de acordo. Kirsty fica com a moto.

— Pegue suas coisas! — diz ela para mim. — Temos de partir agora.

— Mas e Anita? E Arjun?

— Só uma equipe pode ganhar a Caçada.

Fico momentaneamente atordoada.

— Mas eles nos contaram sobre o jasmim cor-de-rosa!

— E você contou a eles sobre a hera. Vocês estão quites.

— E se a gente se separasse, como você sugeriu...

— Essa era uma possibilidade antes, mas as coisas mudaram. Vai saber quantos participantes Emília já prejudicou.

Estou prestes a protestar novamente, mas Kirsty não me deixa.

— Sam, eles vão nos atrasar. A gente precisa chegar ao jasmim hoje mesmo. Emília disse que seguiu nosso rastro até aqui por causa deles. Agora eu sei onde encontrar a hera-eluviana, então vamos dar o fora daqui.

— Mas a hera-eluviana pode nem ser um dos ingredientes da lista. É só uma teoria!

Kirsty me segura com força pelos ombros e me olha direto nos olhos.

— É a sua teoria e isso basta pra mim. Se os seus instintos não estiverem certos, então estamos fora da Caçada de qualquer maneira. Eu confio em você.

Sua fé cega em mim me deixa orgulhosa e apavorada ao mesmo tempo. Mas, quanto mais penso nisso, mais os ingredientes fazem sentido — pérola de sereia, jasmim, hera-eluviana, pelo de abominável. Há mais uma coisa que não consigo identificar, mas esses ingredientes parecem se encaixar no meu cérebro, como as peças de um quebra-cabeça. Eu posso senti-los se fundindo para formar a poção do amor, cada ingrediente acrescentando uma qualidade diferente. E mais do que isso, posso visualizar a poção e os meus dedos já coçam para começar. Sinto que estou certa e Kirsty pensa assim também. Ela balança a cabeça, um leve sorriso no rosto, e passa por mim, de volta para a casa de Vijay, onde ignora o ar de interrogação nos rostos da família e pega a minha mochila.

Eu quero isso. Quero ganhar essa Caçada. Sabíamos que aquela aliança não poderia durar para sempre, que em algum ponto teríamos que nos separar — se não agora, um pouco mais adiante. Então, realmente faz a diferença quando? E, juntos, parece que não temos muita sorte...

Arjun e Anita saem da selva enquanto estamos acomodando a bagagem na motocicleta, a mochila maior entre as pernas de Kirsty, a outra nas minhas costas.

— Sam? — Arjun fala meu nome num tom de acusação; ele já adivinhou o que está acontecendo.

— Aonde você está indo? — pergunta Anita. — Eu...

Arjun estende um braço para detê-la, para impedir que ela fale o que está prestes a dizer.

— Ela está indo embora — diz ele, com praticidade. — Deixe que vá.

— Eu... Eu sinto muito, pessoal. Kirsty...

Agora sou eu que ele impede de continuar falando.

— Você é a Kemi, não tem que fazer o que ela diz — contesta Anita. — Nós somos mais fortes juntos. Pensei que tinha dito que, se um de nós ganhasse, isso seria melhor do que os sintéticos ganharem. E agora temos um motivo ainda maior. Sabemos que Emília está tentando nos sabotar. Se trabalharmos juntos...

Eu tomo uma decisão, montando na garupa da motocicleta.

— Não há tempo. E nós vamos ficar mais seguros separados. Emília não pode pegar as duas equipes ao mesmo tempo.

Dói ver o olhar irritado no rosto de Arjun e ainda mais a expressão magoada no rosto de Anita.

— Não vá! — diz ela, deixando cair tudo o que está nas mãos e correndo na minha direção. Naquele momento Kirsty dá partida no motor e arranca. Anita grita de novo, sobre o barulho da moto, e se aproxima a tempo de se lançar nas minhas costas. Mas depois começamos a ganhar velocidade e nos afastar. Eu olho para trás por cima do ombro para vê-la de joelhos, com Arjun correndo para ajudá-la, e um poço profundo de culpa enche e transborda no meu peito.

Quando paramos para encher o tanque, eu tiro a mochila das costas. Ali, marcadas nela como um tapa, estão as impressões digitais de Anita, enegrecidas pela fuligem e a sujeira, olhando para mim com um ar de acusação.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

♥ PRINCESA EVELYN ♥

Ah, assim era muito melhor.

Ela tinha finalmente, *finalmente*, conseguido permissão para ficar num quarto sozinha com a bela Lyn. Na verdade, onde quer que olhasse, ela podia vê-la, refletida várias e várias vezes nos espelhos. Era o que ela tinha pedido.

— Leve-nos ao quarto de vestir — ela tinha dito a Renel. — Assim posso mostrar a ela as minhas lindas roupas. Mas não tinha sido por causa das roupas que ela queria levar Lyn até lá. Era por causa dos espelhos. Assim ela podia ver Lyn refletida em 360 graus, em toda a sua glória.

Ela se sentia mais ousada, agora que estavam sozinhas. Estendeu a mão para tocar Lyn e ela fez o mesmo. Mas uma barreira, uma pequena faísca de eletricidade, mantinha as duas a um fio de cabelo de distância uma da outra.

Lyn corou. Ela realmente corou ao pensamento de um único toque.

Ela era tão modesta... E ainda mais bonita por causa disso.

Eve se perguntou se teria sido assim nos tempos antigos, quando um simples olhar poderia ser considerado impróprio. Lembrou-se de que tinha rido uma vez, quando lhe disseram que os homens costumavam desmaiar com a visão de um tornozelo nu. Que as mulheres desmaiavam sob um olhar mais persistente.

Agora ela achava que isso poderia ter um fundo de verdade. Uma agonia requintada despertada por algo insignificante.

Ela queria tentar uma coisa. Ergueu a palma da mão e olhou para ela. Apenas a palma. Nada agressivo, nada de ofensivo. Então ofereceu-a a Lyn, que retribuiu o gesto. Mas à medida que se aproximava mais e mais, era como se um ímã as detivesse a uma pequena

distância uma da outra. Ela podia *sentir* a mão de Lyn, mas não no sentido físico... podia sentir a química entre elas, de forma sólida, como uma parede. Ela podia empurrar a mão, mas não conseguia se aproximar mais dela. Sentia arrepios percorrendo a coluna, seu sangue gelado nas veias e, então, quente novamente. Era possível realmente sentir amor por alguém que você nem conseguia tocar?

Sim, claro que sim!

Ela retirou a mão e descansou-a discretamente no colo outra vez.

Se não podia ter mais nada, o que não daria para ter um vislumbre do tornozelo de Lyn.

Um toque da sua palma.

Um olhar dos seus olhos.

Isso ela poderia ter. Ela olhou para a frente e, sim — lá estava aquele olhar.

Ouviu uma batida na porta e Renel entrou. Eve fitou-o friamente.

— Eu disse que não queria ser interrompida.

— Eu sei, minha Princesa...

— Como ousa me desobedecer? Depois do que aconteceu da última vez?

— Eu sei...

— Você ainda assim está me interrompendo? Saia, homem horrível!

Mas ele não saiu.

Eve sentiu a raiva crescendo dentro dela e viu o medo se intensificando no rosto de Renel. Ótimo! Deixe que sinta medo! Ele deve temer sua ira. Deve obedecê-la. Ela não iria parecer fraca na frente de Lyn.

O espelho atrás da cabeça de Renel rachou e com ele uma das imagens refletidas de Lyn.

— Olha o que você fez! — Eve gritou.

Renel não se virou nem saiu do cômodo como ela esperava, em vez disso correu na direção dela.

— Evelyn, você precisa se acalmar!

— Fique longe de mim! O que está fazendo? — Ele a tinha pego pelos ombros, e doeu.

— Você está perdendo o controle!

— Eu não estou! Você é que está!

Os espelhos por toda a sala começaram a se quebrar, um milhão de fragmentos caindo no chão, espalhando vidro e prata pelo chão de pedra. Um calor abrasador percorria seu corpo, enviando ondas de energia através de seus dedos. Será que Lyn tinha gostado dessa exibição?, Eve se perguntou. Ela teria ficado impressionada?

Talvez ela pudesse fazer mais.

Concentrou a sensação de calor nas palmas das mãos. Bastava bater palmas e ela poderia causar terremotos de rachar o piso, poderia quebrar as barreiras que a separavam de Lyn. Mas então Renel cobriu sua boca com um pano e ela desmaiou. A última coisa que fez foi olhar nos olhos de Lyn e pensar, “eu te amo”.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

♥ SAMANTHA ♥

Viajamos quase quatro horas seguidas, parando, por fim, num hotel de aparência decrépita nos arredores de um vilarejo. De acordo com Kirsty, tínhamos de ir sempre para o norte, e o ar em torno de nós com certeza já estava alguns graus mais frio. Kirsty bate na porta até que um homem sonolento a abre. Ele concorda com relutância em nos arranjar um quarto, mas, quando vemos as acomodações, fico com a nítida impressão de que ninguém se hospeda ali há anos. Décadas talvez. Há enormes teias de aranha em todos os lugares — mas as aranhas de Bharat provavelmente são grandes o bastante para construir teias daquele tamanho toda noite, sem derramar uma única gota de suor. Elas provocam um arrepio involuntário na minha espinha.

Mas pelo menos o Wi-Fi funciona.

Quando consigo me conectar, entro em contato com os meus pais para dar as últimas notícias. Kirsty me avisa para não dar todos os detalhes de onde estamos. Eu também decido deixar de fora a parte de Emília, mas acontece que não somos a única equipe a ter problemas. Kirsty e eu não tivemos a chance de ver os noticiários ainda, então meu pai me coloca a par das últimas notícias.

— Todo mundo sabe que você está de volta agora. Uma garota postou no TalentChat uma foto sua no aeroporto. E havia fotógrafos em Bharat seguindo Anita e Arjun e eles viram você sair do aeroporto e entrar na picape deles, embora não tenham conseguido boas fotos do seu rosto. E perderam a pista de vocês graças a um motorista maluco. Pensei que Kirsty tinha dito que iria manter você em segurança...

Meu estômago contrai. Então Kirsty estava certa. A mídia estava na cola de Anita e Arjun. Isso significa que não foi muito difícil para Emília nos encontrar.

— O que estão dizendo de mim?

— Estão dizendo que você está... não está atraindo muita atenção no momento.

— Então eles acham que eu não tenho muita chance. — O pensamento me enche de decepção, embora eu saiba que não deveria me sentir assim. Kirsty diria que essa é uma vantagem. E se Emília estiver de fato vindo atrás de nós, então ela acha que somos uma ameaça. Isso me dá uma estranha sensação de satisfação.

— E as outras equipes? — pergunto.

— Dois participantes abandonaram a Caçada — diz meu pai. — Não a ZA — acrescenta, prevendo a minha próxima pergunta. — Os estoques que eles tinham de pó de pérola de sereia foram roubados em dois ataques diferentes. Um dos alquimistas era o presidente de uma pequena empresa de sintéticos, aberta pouco tempo atrás, e seu laboratório foi incendiado. Incêndio criminoso, aparentemente.

— Isso está começando a parecer obra de Emília — murmuro.

— Por que diz isso? — A preocupação transparece no rosto de minha mãe. — Emília fez alguma coisa contra você? É o que dizem, mas até agora ninguém encontrou uma prova contra ela.

— Não, mamãe, está tudo bem — digo, me odiando por cada mentira.

— O concorrente prejudicado está tentando reivindicar uma indenização da Realeza, fazendo bastante estardalhaço, mas pelo jeito é um dos riscos da Caçada.

— Tudo o que posso dizer é que, graças à Deusa, você e os Patel estão cuidando uns dos outros — diz mamãe. — Talvez seja melhor se você voltar...

— Eu não posso, mãe. — Minha voz fraqueja quando eu conto por que nos separamos de Arjun e Anita, e uma pequena dúvida começa a se esgueirar na minha cabeça.

Mamãe claramente desaprova, mas está se esforçando para me deixar descobrir como consertar os meus erros sozinha. O desejo irresistível de que meus pais estivessem aqui comigo, em Bharat, me atinge de forma tão intensa que não consigo segurar as lágrimas. O rosto de minha mãe fica imediatamente preocupado outra vez. Eu enxugo as lágrimas depressa.

— Alguma novidade sobre a Princesa? — pergunto, quebrando o silêncio.

— Não, mas eles não estão deixando a mídia chegar perto dela. Houve uma tempestade sobrenatural na noite passada e a imprensa acha que pode ter sido causada por ela. Estão falando até mesmo em evacuar uma parte de Kingstown — diz minha mãe.

— Parece perigoso. Agora é a minha vez de pedir que sejam cuidadosos.

— Preocupe-se apenas com você. Qual é o plano de vocês agora? — pergunta meu pai.

— Amanhã vamos sair atrás da hera-eluviana.

— Vamos nos embrenhar na selva em uma hora, no máximo — diz Kirsty do outro lado da cama, onde está estudando alguns mapas.

De repente, ouço uma batida forte na nossa porta. Kirsty salta para abri-la. Posso ver mamãe e papai esticando o pescoço, como se isso fosse ajudá-los a ver além dos limites da tela.

— Ok, mãe, pai, tenho que ir. Ligo assim que conseguirmos a “Heviana”. — Kirsty se vira para sorrir para mim; estou até falando como uma Coletora agora, usando sua gíria para hera-eluviana.

Mando alguns beijinhos para os meus pais, que retribuem, e em seguida fecho o laptop com força. Levanto uma sobancelha para Kirsty, que encolhe os ombros e abre a porta.

É um homem — outro hóspede, ao que parece. Seu rosto está vermelho e inchado, com o suor e o esforço que aparentemente fez.

— Vocês são a equipe Kemi? — Ele saca um bloco de notas e é então que nós duas nos damos conta: é um jornalista.

— Saia daqui! — diz Kirsty, batendo a porta.

Ele bate de novo, mas nós ignoramos.

— Como é que ele nos encontrou? — pergunto.

Kirsty gesticula com as mãos freneticamente.

— Não faço ideia.

As batidas na porta se tornam mais urgentes.

— Vá embora! — grita Kirsty.

— Por favor! — grita o homem do outro lado da porta. — Juro que não vou seguir vocês! Só achei vocês duas por sorte. Minha equipe sofreu uma emboscada na selva, daquela exilada maluca. Ela levou tudo, o meu dinheiro, o meu equipamento, a minha identificação...

— Não é problema nosso!

— Ela me bateu e, quando acordei, estava sozinho. Ainda bem que ela não encontrou a minha van, senão eu estaria preso aqui, mas fiquei sem gasolina...

— Ainda não é problema nosso!

— Por favor! Já ouviram o que eles estão dizendo sobre vocês nos noticiários? Estão chamando vocês duas de fracotes. Estão tentando desacreditá-las. Eu posso contar a história de vocês.

Kirsty e eu trocamos um olhar.

— Nisso ele tem razão — diz ela. — É melhor ter alguém do nosso lado. Precisamos assumir o controle desse circo da mídia antes que eles assumam por nós. — Para quem você trabalha? — ela pergunta em voz mais alta para o jornalista ouvir.

— Para a *Gazeta Novaense*.

— Você é Talentoso ou comum?

— Comum!

Kirsty abre a porta novamente.

— Muito bem. Olha, nós estamos fugindo de um ataque da Emília também. Ainda estamos na Caçada.

Ele parece aliviado ao ver que conseguiu obter algum tipo de declaração e, agora que está um pouco menos esbaforido, posso ver que é muito mais jovem do que pensei. Se não estivesse ofegando como se tivesse corrido uma maratona, eu podia até dizer que ele é bonitinho.

— Agora que você tem a sua notícia, que tal uma cerveja? Em sigilo, é claro — diz Kirsty, que pelo jeito acabou de chegar à mesma conclusão que eu sobre a aparência do jornalista.

— Ótima ideia.

— Sam, você quer descer e comer alguma coisa?

Eu nego com a cabeça.

— Não, vou dormir... depois de me livrar das teias de aranha, é claro.

— Ok. — Kirsty leva o jornalista para fora do quarto e fecha a porta atrás de si. Graças a Deus.

Quando desligo a luz e estou prestes a pular na cama, meu telefone toca, as vibrações fazendo pedaços da pintura do teto caírem na minha cabeça. Pego o celular da mesa de cabeceira, mas não reconheço o número de quem enviou a mensagem de texto. O medo toma conta de mim quando me pergunto se a mídia teria descoberto o meu telefone, mas não é um jornalista.

É Zain.

Olá!, começa a mensagem.

Meu coração bate mais rápido, mesmo quando leio essa palavrinha — e me parece uma resposta emocional incrivelmente patética, principalmente porque não consigo me impedir de senti-la.

Estou pensando na melhor maneira de responder quando o telefone vibra novamente.

Você está em Bharat? Vi você num noticiário, no aeroporto. Desculpe ter te excluído do Connect. Meu pai descobriu e meio que surtou.

Agora o entusiasmo que eu sentia azedou um pouco. Ele só estava me escrevendo para saber onde eu estava? E para dizer que o pai dele me odeia? (Não que isso seja uma surpresa.)

Eu nem digito nada e o telefone vibra outra vez.

Ah, droga, deu tudo errado. Meu pai está se sentindo ameaçado por você. Na verdade eu também, mas não pelas razões que você pensa. Você me odeia agora?

Não posso deixar de rir. Não só porque é como se Zain tivesse lido meus pensamentos, mas porque ele realmente parece nervoso. Suas mensagens confusas parecem mais algo que eu mesma escreveria.

Eu finalmente escrevo uma resposta.

Não te odeio. Vou mostrar ao seu pai no final.

Alguns segundos depois, o telefone vibra.

Não duvido nem por um segundo.

Eu adormeço e sonho com garotos de cabelos pretos e olhos azuis brilhantes.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

♥ SAMANTHA ♥

Eu acordo e me sento ereta na cama. Kirsty ainda não está no quarto. Não é difícil que ela tenha simplesmente se levantado mais cedo do que eu, mas, enquanto esfrego os olhos para afastar o sono, percebo que não tocaram em nada no quarto desde que eu caí no sono. Sinto o meu estômago se contrair e uma cena de Emília sequestrando Kirsty passa pela minha cabeça. Essa seria uma maneira de me tirar da Caçada.

Eu visto a mesma calça e a mesma blusa do dia anterior. Não há tempo para me preocupar com o visual aqui.

Enquanto amarro as botas, sinto um desejo imenso de estar no laboratório. A exaustão ameaça levar a melhor sobre as minhas faculdades mentais, mas não vou deixar. Ainda assim, toda a Caçada está confirmando o que eu já sabia: sou um rato de laboratório, uma misturadora de poções, uma pesquisadora, não uma Coletora. A vida de Kirsty — o total desapego aos relacionamentos, as aventuras mirabolantes, o tempo todo evitando o perigo — não era para mim. Eu gosto da ideia de aventura, mas não todos os dias. Não nesse ritmo. Eu quero tempo para pensar, e, neste ritmo, sinto que corro o risco de não perceber algo crucial.

Meu telefone vibra e meu coração dá um salto, mas não é Zain desta vez. É Kirsty. Eu agradeço aos céus por ela estar bem.

Me encontra aqui embaixo para o café da manhã? Traga as mochilas.

Olho para as nossas duas mochilas enormes e solto um gemido.

Kirsty está sentada a uma mesa do refeitório, o dono do hotel e o jornalista na frente dela, rindo de uma de suas piadas. Admiro por um momento a sua capacidade de encantar simplesmente qualquer pessoa.

— Aí está você! Sam, este é Daniel, o escritor que se interessou pela sua história. E Raj, nosso anfitrião. Rápido, tome café e vamos dar o fora. Precisamos chegar a essa heraeluviana rapidinho. Pelo menos somos só nós duas agora.

Eu faço uma careta ao me lembrar do que fiz a Anita e Arjun, e me distraio olhando as opções que tenho de café da manhã. Não tenho muita escolha, então pego uma banana por ser mais seguro. Essa é uma dica que meu pai me ensinou. Em caso de dúvida, escolha frutas descascáveis. Raj me oferece café, que aceito de bom grado. Mas esse café é diferente — é grosso, quase cremoso, e temperado com canela, cominho e outras especiarias que não consigo identificar. É um pouco chocante para se tomar logo de manhã, mas decido que gosto.

Anseio por um *latte* com baunilha e calda de caramelo do Magic Café — que, apesar de onipresente nas ruas de Kingstown, provavelmente não vou encontrar nas profundezas da selva de Bharat. Uma vez, levei um desses ao nosso laboratório para me certificar de que não tinha nenhum tipo de substância mágica, mas não — às vezes as melhores poções são as mais simples: apenas deliciosos grãos de café, moídos para deixar a bebida mais perfumada, filtrados com água e misturado com leite cremoso e várias colheres de açúcar. Não é preciso muito para cativar uma pessoa... mas e para fazê-la se apaixonar perdidamente?

Isso é um pouco mais complexo.

Kirsty me dá um tempinho para tomar o café e então me apressa:

— Bora? A gente vai pegar a van de Dan em vez da moto.

— Ele vai vir com a gente?

— Vou — diz Dan. — Vocês vão ganhar tempo se forem na minha van.

— Raj tem combustível que a gente pode comprar. — Kirsty se levanta e pega as mochilas. Eu tomo isso como uma dica de que já estamos de partida e a sigo, deslizando para a parte de trás da van. Kirsty salta para o assento do motorista, mesmo quando Dan se aproxima e fica do lado da porta. Ele hesita por um segundo, em seguida, atira as chaves pela janela aberta, no colo dela. Ela sorri.

Bem, ele deve ter um pouco de cérebro, se é inteligente o bastante para deixar Kirsty assumir a liderança.

A parte traseira da van está cheia de cordas sujas de terra, e há um balde cheio de mosquitos. O trajeto deve incluir uma escalada. Ah, que alegria...

— Acho que eu devia ter seguido vocês desde o início. Devem ter passado por um bocado de ação! — diz Dan, tentando folhear seu bloco de anotações enquanto Kirsty dirige.

— Ação demais para o meu gosto — respondo.

— Emília Thoth estava esperando uma oportunidade para levar a família real à bancarrota. Talvez ela ache que é essa.

Meus olhos se arregalam.

— Será que ela realmente quer que a sobrinha morra?

— Para ter uma chance de ficar com a coroa? Sabe-se lá até onde ela é capaz de ir... — diz ele. — Consegui me manter um passo à frente da Realeza até agora. Eles aparentemente enviaram o serviço secreto atrás de Emília. E ninguém conseguiu capturar uma imagem dela, nem de relance. Está fazendo o jogo do gato e o rato com a mídia. Quer ser temida, não ultrajada. E sabe como prender a atenção de todo mundo.

— Bem, quando Sam salvar a Princesa, eles não terão nada com que se preocupar — diz Kirsty. — Sério, não sei o que está escrito nas estrelas, mas essa garota tem todos os genes dos Kemi e nela ficaram ainda mais fortes. A família real tem sorte de tê-la nessa Caçada. Mais até do que se tivesse o seu avô. Ele é o velho mais irritante e teimoso que existe neste mundo.

— Ei, calma aí! — reclamo.

— Estamos falando de Ostanes Kemi, certo? — Dan coloca a ponta da pena na boca. — O mesmo Ostanes que, quando era aprendiz aos 12 anos de idade, salvou a Rainha-mãe da morte certa quando ela contraiu coqueluche? Que, depois, aos 14 anos, criou uma poção que livrou Nova da varíola de ébula?

Eu desvio os olhos para Dan. Tinha me esquecido de que meu avô salvou a vida da Rainha-mãe. Não admira que ela tenha parado para dizer olá para mim no Palácio.

Kirsty levanta a sobrancelha.

— Pelo que estou vendo, você fez sua lição de casa.

— Ostanes Kemi é um gênio! Bem, pelo menos até a última Caçada Selvagem — ele conclui.

— E é por isso que nunca vou fazer poções para um sintético. E por isso eu vou vencer esta Caçada e recuperar a reputação do nome Kemi.

— Um objetivo admirável! — concorda ele.

Por alguma razão continuo à espera de ver um penhasco, uma montanha ou alguma grande rocha para usar o equipamento de escalada, mas, para onde quer que olhe, tudo o que vejo são árvores, árvores e mais árvores. Já mencionei árvores?

A van agora está diminuindo de velocidade.

— Chegamos — Kirsty finalmente diz. — Todos para fora.

— Ei, não vou deixar a minha van aqui! — contesta Dan.

Ela lhe lança um olhar fulminante e ele muda de ideia. Realmente tenho que pedir algumas dicas a Kirsty um dia desses.

Nós nos arrastamos pelo mato denso, eu imprensada entre Kirsty e Dan.

— Cuidado com a heluviana — ela sussurra.

— Como assim? — diz Dan.

— Simplesmente guarde seus pensamentos para si mesmo. A heluviana suga as emoções e você não vai querer que ela sugue você.

Eu viro o pescoço para apreciar a majestosa floresta. Não há ninguém ali além de nós e sinto que estou num lugar sagrado — uma catedral natural, uma biblioteca viva, um laboratório orgânico.

É lindo, sobrenatural até, mas me dá arrepios. Não por causa da vida selvagem ou da flora surpreendente. É que continuo esperando ver línguas de fogo saltarem na minha frente, lançando em torno das árvores um anel ardente de destruição. Será que Emília só ficará feliz quando tiver nos aniquilado para sempre?

Então eu me lembro. Nós somos uma ameaça. Um sentimento quente de orgulho aquece meu peito e eu levanto o queixo um pouco mais. Ela acha que podemos ganhar. Um imenso amor por minha família se agita dentro de mim. Os genes dos alquimistas Kemi podem estar ausentes no meu pai, mas ele ainda é meu ídolo e sinto falta dos seus abraços reconfortantes. Ele teria me aconselhado melhor sobre os Patel. A minha mãe, ela é a alma da família. Desistiu da sua herança de Talentosos para ficar com o meu pai e, apesar de seu jeito meio aéreo, é ela quem mantém a família unida.

Depois, há o meu avô, a fonte de conhecimento do meu universo. Obstinado, antiquado, ríspido, e a pessoa que mais me entende neste mundo, mesmo que eu não o entenda o tempo todo. E, por último, minha irmã. A querida e doce e Talentosa Molly. Sou tão protetora com relação a ela...

Sinto que estou meio à deriva, pairando fora de controle, enquanto penso no amor pela minha família. A sensação que me envolve é como um cobertor, dando-me a certeza de que

nada nunca vai dar errado. Nada pode dar errado. O apoio que me oferecem me causa uma sensação de leveza, como voar numa nuvem que sustenta meu peso. É a melhor sensação do mundo.

Uma voz distante quebra meu feliz estupor. Uma voz masculina. Apenas um vago lampejo de reconhecimento a registra, eu sinto o meu corpo recuar para longe dela. Eu me envolvo ainda mais no casulo de amor da minha família. Está quente aqui. Ouço outra voz, feminina.

— Shh, não deixe que ela ouça você. Se acordar muito depressa, vai entrar em pânico.

Eu reconheço a voz, mas ainda não me liberto dos meus pensamentos protetores. Sinto que me recolho ainda mais dentro deles, e ouço a voz feminina soltando um palavrão.

De repente, eu me lembro de algo sobre a heluviana. Instintivamente, luto para me libertar. Os fios que se emaranham em volta de mim ficam mais apertados, prendendo-me ainda mais dentro do casulo. Mas isso não é um casulo de amor. É uma prisão. Essa é a hera, alimentando-se do meu amor, roubando minhas emoções. Que idiota eu sou!

Felizmente, a voz de Kirsty consegue me alcançar.

— Fica fria, Sam! Estou quase livrando você disso.

Tento me acalmar, mas não consigo deter o medo — enquanto novas emoções despertam, a heluviana agarra meu pescoço e aperta. Não consigo abrir os olhos. É como se dedinhos segurassem as minhas pálpebras e, por mais que eu tente, não consigo abri-las. Tento levantar os braços para agarrar o que está segurando os meus olhos fechados. Mas não consigo movê-los também. Estão colados nas laterais do meu corpo e, quando tento mexer as pernas, a hera me obriga a fechá-las. Ela me aprisionou completamente.

Sinto um puxão no meu pé e depois um ardor, como se algo muito áspero apertasse o meu tornozelo e tentasse me puxar para baixo. Todos os pensamentos sobre a minha família são expulsos da minha cabeça enquanto me concentro na dor.

O aperto da heluviana se afrouxa. Meus olhos se abrem.

Mas eu gostaria que eles ainda estivessem fechados.

Estou muito no alto. A heluviana me arrastou por entre as árvores da selva e estou tão no alto agora que mal consigo ver o chão, apenas os ramos, as folhas e uma longa, longa queda...

Ah, droga! Luto contra o desejo de fechar os olhos novamente, para retornar àquele lugar de amor onde me sinto segura e centrada, e sem tanto medo.

Ouço o meu nome.

Meu tornozelo volta a doer. A heluviana me solta.

Eu caio. Solto um grito.

Penso na minha mãe e a heluviana me aperta. Segura. Estou em segurança.

— Sam — a voz surge de novo, mais urgente. Viro a cabeça na direção do som, mesmo quando sinto a heluviana rastejar até o meu pescoço e se preparar para cobrir meu rosto novamente. Por fim, vejo Kirsty. Ela está pendurada num dos troncos de árvore nas proximidades, uma fina espiral de corda enrolada ao redor da árvore. O equipamento de escalada. Então é para isso que ele servia.

— Sam — chama ela, sem alterar a voz. — Se for além da copa, não vou conseguir alcançar você. As árvores aqui em volta não vão sustentar o meu peso.

Quando ela diz isso, meu cérebro — que orgãozinho mais estúpido ele é! — salta para os pensamentos de segurança, amor, e a heluviana responde. Ela me puxa para cima, para mais alto nas copas das árvores.

Então me lembro de algo mais sobre a heluviana. Algo incrível. Algo que poderia fazer essa provação valer a pena.

Eu me viro para olhar para Kirsty pela última vez e, nessa fração de segundo, ela lê a minha mente. Um pânico instantâneo surge em seu rosto. Ela abre a boca para gritar comigo.

Mas eu estou sendo puxada para cima rápido demais agora, para que ela possa fazer alguma coisa. Em vez disso, ela gesticula freneticamente, apontando para o seu tornozelo. Olho para o meu, onde senti a dor, e a vejo — um pedaço de corda está enrolado na minha perna.

É tarde demais para prestar muita atenção nele agora, porque a heluviana perdeu a paciência comigo e seus tentáculos se estendem rápido para cima. Ela não vai me deixar escapar desta vez.

Enquanto ela sobe através das copas das árvores, a luminosidade do sol ofusca meus olhos. Abaixo, no chão da floresta, a luz é diáfana, filtrada pelas folhas, mas lá em cima vejo a pura e intocada luz do dia. Não posso deixar que isso me distraia do meu propósito, porém, e eu pisco furiosamente para me livrar dos pontos pretos diante dos meus olhos.

Estranhamente, estar acima do dossel de árvores é menos assustador do que estar logo abaixo. As copas das árvores parecem sólidas, como um outro nível do chão. Imagino que, se eu despencar daqui, vou cair sobre as folhas e a queda vai ser amortecida, como se eu caísse num colchão verde. Mas meu cérebro sabe que isso está longe da verdade.

A heluviana é como um tapete sobre o dossel das copas. Ela fica no topo das folhas das árvores, um ser simbiótico, esperando que o animal certo — ou, neste caso, um ser humano

— chegue perto. Por um momento, acho que temos sorte de tê-la encontrado em meio aos quilômetros e quilômetros e quilômetros de floresta à nossa volta. As folhas são estrelas de cinco pontas delicadas, absolutamente deslumbrantes em sua complexidade. Pequenos veios brancos se estendem e serpenteiam através do verde-escuro das folhas. Eles sugam a emoção — e sua favorita é a felicidade. É a flor da heluviana que estou procurando. Não faz parte da poção, mas ainda poderia mudar tudo. Uma enorme flor branca tão valiosa e rara que eu só vi em gravuras; nunca tivemos na loja.

Meus instintos de Coletora deixam muito a desejar, mas eu li sobre a flor da heluviana num livro antigo, fascinada porque nem mesmo os sintéticos tinham sido capazes de reproduzir o efeito da flor da heluviana com substâncias químicas. É usada em muito poucas poções, mas as que a contêm são astronomicamente caras. Se eu conseguisse colhê-la... bem, poderia fazer com que alguém me pagasse uma soma astronômica agora mesmo.

Olhando à distância, sobre o dossel das árvores, tudo que eu posso ver é verde. Por um instante, acho que corri esse risco por nada. Mas então, finalmente, vejo uma pétala branca balançando levemente ao sabor da brisa. Ao mesmo tempo, porém, um longo galho de heluviana puxa com força o meu lábio inferior. Ela quer me consumir.

Eu começo — por falta de descrição melhor — a nadar na direção da flor branca. Puxo a hera, tanto quanto ela tenta me puxar. Ela está enrolada em volta do meu corpo, mas quando estendo os braços ela se move comigo. Mais galhos começam a se erguer e rastejar em torno da minha cabeça, cutucando meus ouvidos, minha boca, meu nariz; um deles tenta até entrar na minha pálpebra. Eu achei que ficaria com mais medo, mas minha mente está desanuviada: ou eu chego onde está a flor da heluviana ou a heluviana vai me pegar. Simples assim. E nessa batalha pela sobrevivência, vou fazer tudo que posso para vencer.

Eu me aproximo da flor, finalmente, com os galhos da heluviana no meu cabelo, no meu pescoço. Mas ela ficou mais complacente. Ali, há tanto tempo entregue a si mesma, ela se esqueceu de proteger seu tesouro mais precioso: a flor. Hastes finas e verdes serpenteiam em torno do meu corpo, prendendo meus braços dos lados. Quando finalmente estou perto o suficiente da flor, não tenho como pegá-la. Dou uma estocada para a frente, arremessando todo o meu peso para impulsionar o movimento, e mordo as pétalas preciosas, arrancando a flor da haste, prendendo-a entre os dentes e abocanhando-a.

Acho que ouvi o grito da heluviana. Só que não é um grito, é um guincho da hera desfazendo o emaranhado de galhos em torno de mim. As folhas expelem uma substância viscosa, um óleo, que deixa os galhos lisos — lisos demais para eu agarrar, mas também

para manter a pressão em torno de mim. Ela me odeia, me quer longe dali. Está ferida e por minha causa.

Eu agora estou caindo. O esforço de manter a flor da heluviana na boca contribui para me manter ridiculamente calma, considerando as circunstâncias. Como eu pude achar que conseguiria ficar lá, apenas com uma corda em volta do tornozelo para me segurar? A esse ritmo, se a corda me segurar, a minha perna provavelmente vai ser arrancada antes de eu me salvar. Isso vai ser divertido.

O dossel das árvores passa veloz por mim — ao contrário de alguns momentos antes —, como se eu estivesse rebobinando a minha vida. Folhas, galhos, ramos batem na parte de trás da minha cabeça, nas minhas costas, mas a flor da heluviana continua entre os meus dentes, enquanto eu tento resistir ao impulso de engolir a saliva.

Talvez a morte seja assim. Minha vida passando diante de mim numa retrospectiva.

Meus músculos relaxam. Estou satisfeita com a minha decisão.

Então, não há mais folhas debaixo de mim, apenas um espaço aberto. Estou caindo através do dossel e agora, sem resistência, caindo mais rápido ainda. Por fim, sinto medo. Meu coração para de bater, literalmente.

Há um momento de dor. Bato contra um material ligeiramente flexível e, com o impacto, meu corpo é impulsionado para cima novamente. Ouço gritos em torno de mim, gritos altos. Salto de novo e começo a rolar no que agora percebo ser uma rede. Vejo Kirsty gesticulando loucamente para Dan, tentando levantar a rede até chegar a mim, mas é tarde demais. Estou quase fora da borda. Nesse instante alcanço uma mão, fazendo gestos frenéticos, tentando agarrar, até eu me segurar num dos buracos da rede. O resto do meu corpo é arremessado para o lado e o meu pulso arde de dor quando a corda o queima. Mas ela me segura. Eu fico ali, pendurada. Mas estou viva, ainda muito acima do chão da floresta.

A rede afunda novamente quando Kirsty a escala. Ela joga uma corda para mim.

— Prenda a corda no cinto.

Eu faço exatamente o que ela diz. Depois de ter prendido com firmeza o mosquetão na minha cintura, ela balança a cabeça com um ar de repreensão, então me puxa, sobre a segurança relativa da rede. Do outro lado, posso ver Dan, o rosto pálido com o choque e a testa úmida de suor. Kirsty revira os olhos para ele.

— Eu disse a ele para manter a rede frouxa, não esticada, idiota inútil... — Então, ela me puxa para um abraço apertado. — Você é louca, sabia disso?

Eu não respondo. Ela me dá um tapinha nas costas, em seguida faz um gesto, apontando o outro lado da rede e o tronco da árvore. A partir daí, fazemos um rapel pelo tronco, de volta até o chão da floresta.

Eu quase caio de joelhos e beijo o chão. Nunca fiquei tão feliz em vê-lo.

— Bem — diz Kirsty. — Não sei você, mas pelo menos consegui pegar um pouco da heluviana enquanto você estava sendo sugada. — Ela estende três ramos da planta do mal. — Não é muito, mas deve dar para a poção. Nem posso acreditar... todo esse trabalho e isso é tudo o que conseguimos.

Eu pego a mão dela, com a palma para cima. Então abro a boca. Dali cai a flor da heluviana, brilhando com a minha saliva.

Dan e Kirsty olham para ela, boquiabertos.

Então Kirsty me puxa para outro abraço apertado.

— Sam, você é um gênio!

Eu por fim me permito sorrir, antes que o meu corpo relaxe e eu desmorone no chão da floresta.



CAPÍTULO VINTE E SETE

♥ SAMANTHA ♥

Kirsty e Dan se revezam atrás do volante da van e já é tarde da noite quando fazemos o check-in no hotel mais extravagante que Kirsty conseguiu encontrar em Loga, com vista para o Palácio Vermelho. É tão luxuoso que tem até um elevador privativo que leva do saguão até as suítes da cobertura. Mas o melhor é que eles têm também uma entrada separada e assim conseguimos evitar os *paparazzi* — e impedir que Emília descubra nosso paradeiro.

Eu me encanto com as intrincadas filigranas douradas que recobrem o teto, cintilando contra o mármore branco frio. De certa forma, isso me lembra a heluviana, mas a essa distância posso admirá-la em vez de temê-la. Um pouco mais perto e eu poderia mudar de ideia.

Kirsty está fechando a venda da flor da heluviana. Ela a vendeu através de um de seus raros agentes de confiança, pois ela mesma não tinha contatos para encontrar o comprador certo para esse ingrediente. A quantia que conseguimos é suficiente para pagar a próxima etapa da nossa viagem, este quarto de hotel — uma extravagância na qual Kirsty insistiu — e ainda ficar com alguma reserva.

Dan escreve um texto sobre a minha experiência na selva e o posta no blog da *Gazeta Novaense* com o título “A Caçada fica mais quente para Sam Kemi”. Kirsty garante que ele evitou qualquer referência aos ingredientes reais e à nossa localização, para o caso de qualquer dos outros participantes ler o blog.

Por causa da diferença no fuso horário, o post chega a Nova junto com as notícias da manhã. E então é como se a internet explodisse diante dos nossos olhos. Antes que eu me dê conta, o blog recebeu milhares de visitantes e compartilhamentos no Connect, no TalentChat

e em todas as outras redes sociais do planeta. Minha caixa de entrada recebe uma enxurrada de e-mails.

Quase instantaneamente, artigos são publicados em resposta, alguns me chamando de heroína por arriscar a vida para salvar a Princesa, outros alegando que estou na Caçada apenas para conseguir publicidade gratuita para a loja e nunca vou conseguir tantas curtidas quanto a ZA Corp. Obviamente, a Caçada é uma notícia ainda maior do que imaginávamos. Eu não consigo parar de rolar a tela do meu celular para ler todas as mensagens, que me emocionam e me aborrecem em igual medida.

No final, Kirsty tem de confiscar meu telefone e laptop só para ter certeza de que vou ter uma boa noite de sono.

Na manhã seguinte, revigorada após uma noite numa das camas mais confortáveis em que já dormi na vida, eu deliberadamente evito a internet, exceto para enviar um e-mail ao meu pai, dizendo que pagaremos a passagem para ele vir para cá. Precisamos que ele traga vários equipamentos e ingredientes importantes, para que eu possa começar a preparar a poção. E, depois de tudo que passei, um abraço do meu pai não seria nada mal.

Para chegar mais rápido, meu pai vai ter de se transportar. A princípio, ele recusa a sugestão. Nunca se transportou antes, e essa é provavelmente a distância mais longa que ele percorrerá em toda a sua vida. Ele sugere um avião, mas não temos tempo.

Por fim, consigo convencê-lo. Temos recursos para pagar os melhores porteiros Talentosos de Loga para puxá-lo, juntamente com todas as garantias que o dinheiro pode comprar, então não há nenhuma chance de ele cair. Eu assisto através do telão quando ele fica de frente para a Tela de Evocação. É uma coisa incrível de se ver, e fico orgulhosa do meu pai. Ele mal se encolhe durante toda a viagem, mesmo enquanto o mundo passa voando por ele a uma velocidade vertiginosa.

Apenas quinze minutos depois, meu pai está conosco no saguão do hotel. Quando aterrissa, corro para abraçá-lo e ele me aperta com força.

Nós optamos pelas escadas; depois da dessa viagem meu pai não quer tirar os pés do chão nem que seja por alguns andares. Quando chegamos à porta do quarto, finalmente consigo relaxar.

A porta da nossa suíte se abre. Eu vejo o rabo de cavalo de Kirsty caído sobre o braço do sofá. Ela capotou. Ainda está dormindo. Eu sorrio. Acho que ela não dormia de verdade havia muito tempo, especialmente desde que escapei por pouco da heluviana, e estou feliz

que possa descansar um pouco. Além disso, ela vai precisar de toda a sua energia para onde estamos indo.

E isso também permite que eu tenha o meu pai só para mim um pouquinho mais.

Coloco o dedo indicador sobre os lábios e aponto para Kirsty. Meu pai assente com a cabeça, pegando a mala, e eu o levo para o escritório (sim, este quarto de hotel é tão grande que tem seu próprio escritório), que vasculhamos inteiro em busca de escutas clandestinas. Dan nos deixou paranoicas com isso e, depois de ele ter visto em seu e-mail que outra equipe tinha sido eliminada por causa da interferência de Emília, percebemos que não podemos correr nenhum risco.

No escritório, a heluviana descansa dentro de uma cesta de vime, a tampa mantendo-a sob controle. Só de olhar para ela meu estômago se contrai, como se ela pudesse se multiplicar sob o meu olhar até ficar grande o suficiente para me consumir novamente. Kirsty me assegura de que não há nenhuma chance de a hera me alcançar quando estou nos outros cômodos, e eu fico grata por ela não rir da minha cara por pensar que um mero raminho pode se transformar na planta monstruosa que encontramos na selva.

Meu pai abre a mala e retira cuidadosamente dali cada peça do equipamento. Ele trouxe um pequeno pote de cerâmica, um aquecedor portátil, um almofariz e um pilão, além de um frasco de vidro cheio de pérolas de sereia. O último item que ele tira da mala é um frasco bulboso repleto de um líquido cor-de-rosa escuro: a base patenteada da poção de água de rosas Kemi.

— Então, o que vamos fazer primeiro? — meu pai pergunta, depois que termina de tirar tudo da mala.

Deixo escapar um suspiro curto e agudo. Agora é pra valer. Não se trata mais do nível de aprendiz. Mas sim do nível de mestre alquímico.

— Este tipo de hera-eluviana não vive muito tempo depois de arrancada; logo vai secar. — Penso no frasco de pó de eluviana sintética que tenho. Outra razão pela qual os sintéticos ganharam destaque: os pós não são tão perecíveis. — Temos que misturá-la e transformá-la em pasta primeiro.

A heluviana fica melhor quando misturada com água de rosas. Mas como isso se aplica a uma poção do amor? Como posso extrair os aspectos da segurança, da confiança e do conforto do amor que a hera-eluviana reproduz para usá-los nesta poção? Tenho certeza de que ela é um ingrediente-chave, mas algo está faltando. Abro o meu diário e o folheio até chegar à página da poção do amor.

— Para fazer a pasta vou misturá-la com a base de água de rosas e depois adicionar a pérola — continuo. — Tem quem deixe a pérola para o fim, mas, se eu acrescentá-la logo de início, a heluviana pode absorver um pouco da beleza da pérola de Afrodite. Uma vai reforçar a outra.

— Confie em seus instintos, querida.

Um sorrisinho aparece no meu rosto, mas então minha testa se franze. Retiro a tampa do frasco que contém a pérola e despejo um pouco do pó fino no fundo do pilão. Então, olho a cesta de vime e engulo em seco.

— Pai? Você acha que poderia cortar a heluviana para mim? Ela precisa estar cortada em pedacinhos de uns dois centímetros, para liberar os óleos. Mas eu não quero tocá-la.

Papai não sabe os detalhes do que aconteceu na selva — mas até pelo *videochat* meus pais puderam ver os vergões no meu rosto, pescoço e braços, onde as vinhas agarraram minha pele nua. E o fato de eu ter uma flor de heluviana só podia significar que me coloquei em perigo. Ele sabe que é má ideia me perguntar sobre isso agora, mas tenho certeza de que, quando a Caçada terminar, vou ouvir um sermão sobre correr riscos...

Enquanto verto gotinhas de água de rosas sobre a pérola no pilão, meu pai corta a heluviana, jogando os pedacinhos na mistura, um por um. Quanto mais heluviana ele adiciona, mais ela vai adquirindo a cor da pérola, um suave branco rosado. Eu trituro tudo, até que os ingredientes se transformam numa pasta grossa.

Quando a massa está pronta, eu a tiro do pilão com uma colher e a passo para um frasco de vidro. Depois tampo o frasco e o entrego ao meu pai.

— Você está preocupada por não ter o jasmim? — meu pai pergunta.

— O jasmim só vai entrar mais para o fim, eu acho. Mas, assim como eu nunca usaria nada que não fosse heluviana fresca, quero saber a procedência exata do jasmim e como ele é cultivado, antes de comprá-lo.

Meu estômago embrulha quando penso em tudo que Emília destruiu — não só um lugar de grande significado religioso para os Patel e os outros aldeões, mas também o ingrediente perfeito para se usar numa poção do amor. Segundo a lenda de Daharama, o jasmim cor-de-rosa é uma flor com uma grande associação ao amor. O que quer que compremos nunca será capaz de substituir esse potencial, e isso me incomoda mais do que deixo transparecer.

— Essa pasta vai ficar estável em alguns dias, mas acho que você vai precisar mexer de vez em quando — explico.

Meu pai balança a cabeça, mas uma ruga aparece entre as sobrancelhas.

— Eu tenho que ficar no hotel durante 24 horas antes de poder me transportar novamente. Vocês duas não podem ficar um pouco mais?

— Infelizmente, não. — Kirsty aparece na porta, completamente vestida. Engulo em seco, mas sei que é verdade.

Meu pai sorri para Kirsty, mas sei que ele está preocupado.

— Então, vocês sabem qual é a próxima parada?

Nós duas dizemos que sim com a cabeça.

— Para o norte — digo. — O próximo ingrediente é o pelo. Pelo de abominável.

Ele olha para mim, aturdido. Assusta-me ver o meu pai, que normalmente representa um pilar de força no meu mundo, parecer tão assustado por mim.

— Vocês estão indo para as montanhas? Mas isso é... loucura!

— É uma Caçada Selvagem, John. Nunca vai ser como um passeio no parque.

— Mas Sam não está preparada para isso! As pessoas treinam durante anos para enfrentar aquelas montanhas.

— Pai, está tudo bem — eu respondo, embora mal possa acreditar no que estou dizendo. Num piscar de olhos, sei que meu pai iria me deixar voltar para casa, esquecer a Caçada, voltar a comer lasanha caseira e a preparar prescrições para os aposentados de Kingstown. Ele não me julgaria. — Fui eu que escolhi isso. Vou tomar cuidado.

— Não é mais uma questão de tomar cuidado. É de estar preparada para perigos que você nem pode imaginar!

— Sam, é melhor a gente ir — avisa Kirsty.

— Você pode me dar pelo menos mais alguns minutos a sós com a minha filha antes de partirem?

Kirsty levanta dois dedos — *dois minutos* — e, em seguida, gira sobre os calcanhares.

Papai olha para mim e suspira.

— Olha, eu não vou dar mais um sermão, agora por causa das montanhas. Mas sua mãe e eu achamos uma pena que os Patel não estejam mais com vocês. Eu preferia quando eles estavam por perto para ficar de olho em você. Daquele jeito, vocês cuidavam uns dos outros.

— Eu sei, pai, mas...

— Espere, não terminei. Estamos orgulhosos de você, Sam. Realmente orgulhosos. Você já fez muito, e toda a família acredita que você pode vencer essa Caçada. Até mesmo o seu avô. Mas não somos apenas nós. O mundo está de olho em você agora, Sam. Até a imprensa, depois de ver os desafios que você superou até agora. Você é o azarão e desta vez o azarão

vai chegar na frente. Então, vamos ter certeza de que vai vencer. Chute o traseiro de alguns sintéticos por nós, ok?

Eu concordo com a cabeça, tentando não chorar. Ele me puxa para um abraço de urso, e, por fim me afasta, mas não sem antes me dar um último beijo na testa.

— Vou levar esta pasta de volta para a loja. Ela vai estar esperando por você. Todos nós estaremos. Se cuide, querida.



CAPÍTULO VINTE E OITO

♥ SAMANTHA ♥

Deixamos o hotel pela cozinha, saindo num beco onde um caminhão está estacionado. Eu tremo quando Kirsty faz com que eu me esconda num pequeno vão entre os vários engradados da caçamba do caminhão. Ela e Dan se escondem ali também, e me dá um certo consolo saber que vão viajar tão desconfortáveis quanto eu.

Kirsty explicou o plano para mim antes. Apenas algumas passagens nas montanhas seriam acessíveis para eu escalar sem nenhum treinamento. Mas não só Kirsty sabia disso, como Emília também. Se os Abomináveis são o ingrediente certo e ela sabe para onde vamos agora, temos que encobrir ao máximo o nosso rastro. Ela esperaria que nos transportássemos para as montanhas ou fôssemos de avião para lá, por isso estamos optando pelo caminho mais longo. Quando chegamos a uma estação de ônibus, finalmente posso me esgueirar para fora da caçamba do caminhão e esticar as pernas doloridas.

E estou muito feliz por termos escolhido o caminho mais longo. No momento em que chegamos à movimentada cidade de Pahara, no sopé das montanhas, um vento forte está soprando, tão violento que o aeroporto e o portal principal de transporte estão ambos fechados. O vento açoita o ônibus, mas o motorista percorre as estradas tortuosas montanha acima com facilidade. Talvez com facilidade demais. Eu me aconchego na minha jaqueta e agarro os braços do assento, rezando para o ônibus não derrapar na próxima curva montanhosa e cair num abismo. Não importa quanto eu me sinta insegura, os assentos e o corredor estão tão apinhados de gente e de malas — juro que vi até uma galinha — que não há como eu escapar dali mesmo que quisesse.

Foi muito estranho ter comprado pesadas roupas de inverno em Loga, onde as temperaturas pairavam entre quente e escaldante, mas agora, quando olho para fora, vejo

quanto são necessárias. A neve cobre o chão e os dedos delicados da geada se espalham na base das janelas. Moradores caminham na estrada usando casacos de capuz com forro de pele. E nós ainda não chegamos nem no início da nossa aventura.

Kirsty já se adiantou e providenciou nosso próprio sherpa, que nos levará montanha acima. Ele, no entanto, não vai nos levar diretamente para onde pode morar um abominável. Kirsty e eu concordamos que encontrar um abominável de verdade não está nos nossos planos. Embora reclusos por natureza, eles são criaturas assustadoras. Avistamentos são raros e muitas vezes acabam da pior maneira possível. Recentemente houve uma onda de ataques, visto que um número cada vez maior de pessoas escala as montanhas. Os Talentosos devem ter incluído o item “aventuras” em suas listas de coisas para fazer antes de morrer.

Tudo que precisamos é de um tufo de pelos de abominável e, para isso, precisamos encontrar uma caverna ou uma rocha onde um deles poderia ter parado para coçar as costas. Estamos no início do verão, por isso os abomináveis devem estar trocando de pelo. Se não estiverem, estamos em apuros.

Apesar das precauções que tomamos para encobrir os nossos rastros até aqui, eu me pergunto se alguma das outras equipes estará aqui também. Kirsty parece achar que sou a única que tem um palpite com relação aos ingredientes, mas adivinhar a combinação de ingredientes não foi tão difícil. Arjun e Anita sabiam sobre o abominável — será que vou vê-los lá também? Meu coração dói por causa da culpa, embora esteja misturada com uma centelha ínfima de esperança. Espero que eles possam me perdoar. E os Zs têm todos aqueles pesquisadores trabalhando para eles. Certamente um deles vai descobrir.

Kirsty já fez esta trilha antes. Ela ficou conhecida por causa disso; é o seu grande feito. Portanto, desta vez, eu me sinto totalmente confiante de que vamos conseguir esse ingrediente sem muita dificuldade. O ônibus chega à sua primeira parada, numa aldeia a meio caminho do topo da montanha. Felizmente, a maioria dos passageiros desce aqui. Um pouco além está a entrada oficial para as Selvas e temos que mostrar nossos passes.

Kirsty coloca as pernas sobre o assento entre nós, agora vazio.

— Não falta muito agora — diz ela, jogando uma garrafa de água para mim e outra para Dan. — Beba tudo. Precisa se manter hidratada aqui em cima. Você se adapta muito lentamente à altitude — outra razão por que escolhemos o ônibus em vez do avião. Qualquer pessoa que voa — ou pior, se transporta — até aqui em cima fica com um terrível mal de montanha, especialmente se logo em seguida parte numa jornada. Pelo menos tivemos uma

aclimação mais lenta. O ideal seria passar algumas noites nesta aldeia, mas não podemos nos dar esse luxo.

Uma rajada de vento sacode o ônibus sobre o eixo, provavelmente enferrujado, e Kirsty sorri.

— Bem, espero que esse tempo signifique que alguns dos nossos concorrentes não conseguiram subir a montanha. O próximo ônibus só sai daqui 24 horas e, se tivermos sorte, até lá já pegamos o pelo e estamos de volta.

— Você acha que já está perto de descobrir a cura? — Durante o trajeto montanha acima, Dan tinha aproveitado para me entrevistar. — Depois do abominável, qual é o próximo ingrediente?

Essa é a pergunta que eu tenho feito a mim mesma. Passo todo o meu tempo livre escrevendo em meu diário, pensando nas minhas suspeitas com relação aos ingredientes e ouvindo a minha própria intuição. O ato físico de escrever, de colocar a caneta no papel, me ajuda a resolver os problemas que o meu cérebro não consegue resolver por conta própria. Mas dezenas de fórmulas fluem da caneta para o papel e nenhuma delas parece a certa. Eu não consigo identificar o próximo ingrediente.

— Não tenho certeza. Estamos perto, mas ainda não chegamos lá.

Kirsty me aconselha a tirar uma folga.

— Você vai precisar de toda a sua energia na escalada — diz ela. — Poupe o seu cérebro e descanse o máximo que puder.

Mas no momento em que o ônibus para em frente ao alojamento de onde sairá nossa expedição, fica claro que nossos esforços para ficarmos lá sozinhos falharam. Zol está do lado de fora, com o rosto vermelho, gritando com um pobre sherpa.

As portas do ônibus se abrem e seus gritos aumentam de volume.

— Pagamos um dinheirão e queremos subir a montanha hoje à noite! Está vendo esses passes? Está vendo? Não é culpa nossa que as portas se fecharam pouco antes de o nosso guia chegar.

Pego minha mochila no porta-bagagem acima da minha cabeça. No momento em que olho pela janela novamente, a gritaria parou. Mas ainda assim, meu coração quase para. Se Zol está lá, isso deve significar que Zain também está. Então eu o vejo, numa jaqueta vermelha justa, tentando acalmar o pai.

Naquele momento, ele olha para o ônibus e me vê encarando. Um rubor sobe imediatamente ao meu rosto e eu desvio o olhar.

Desço do ônibus e fico atrás de Kirsty. Sou atingida por uma rajada de ar frio e fico grata por isso, pois é uma desculpa para a vermelhidão do meu rosto. O sherpa com que Zol está discutindo vê Kirsty e corre até ela, curvando-se profundamente. Ela se curva também. Em seguida, eles se abraçam.

— Jedda!

— Kirsty, senhorita, é uma honra tê-la aqui outra vez!

Kirsty sorri calorosamente.

— Não, não, a honra é minha. — Ela levanta a sobrancelha para Zol. Ele obviamente não está sentindo frio — na verdade, parece que está saindo vapor das suas orelhas.

Jedda balança a cabeça lentamente.

— Ele quer subir as montanhas, mas mesmo com o seu passe, não posso deixá-lo ir sem um guia.

Destemida como sempre, Kirsty ri e olha para Zol.

— Está falando sério? Está pensando em subir lá sem um sherpa? É loucura.

Zol cruza os braços.

— O nosso guia não poderia nos levar no meio da tempestade. Mas o meu filho e eu temos Talento suficiente para não precisar de ajuda nestas montanhas.

— O Talento só vale até aqui. A altitude faz coisas malucas com a magia. Eu seria mais cautelosa, se fosse você. Por que não pega outro guia?

— Porque *não* existe outro sherpa aqui, criatura! Por alguma razão, este lugar esquecido por Deus só tem um guia no momento.

Dan está atrás de Kirsty, tomando notas num bloco de papel.

— Quem é esse aí? — Zol pergunta.

— Esse é Dan. Ele é um jornalista da *Gazeta Novaense*.

— Você trouxe um jornalista aqui pra cima? Está maluca? Assim que ele enviar qualquer coisa pela internet, aquela louca, Emília, vai saber onde estamos.

— Achamos que seria melhor ter alguém conosco para contar o nosso lado da história. E não se preocupe, ele não é burro a ponto de enviar seus posts aqui de cima.

— Ainda assim é um risco ridículo! — explode Zol, mas Kirsty o ignora.

— Jedda, onde estão os outros sherpas? — ela pergunta.

O homem dá de ombros.

— É Festival de Verão. A maioria já foi para casa comemorar com a família. Dois estão no acampamento-base. Estou aqui apenas porque você me reservou, Kirsty senhorita. A

temporada dos abomináveis só começa daqui duas semanas. Ainda é muito perigoso em Hallah.

Hallah. A grande montanha, e a primeira de uma imensa cordilheira que se estende por toda a fronteira norte de Bharat. Um bom lar para o arisco Abominável. Eu olho para cima, pela primeira vez, e realmente a vejo. Uma pequena cabana fica situada no início de uma das principais rotas para cima. A montanha parece longe daqui e eu mal posso acreditar que a estarei escalando em breve. Só esse pensamento basta para me tirar o fôlego.

— Eu disse a Mestre Zol que ele poderia esperar dois dias, até que os outros sherpas descessem, mas ele não quer. E, se me permite dizer, seria melhor que todos vocês ficassem num único grupo. É mais seguro assim.

— Não! — eu grito, antes que possa me conter. Mas o meu protesto é quase abafado pelo não do próprio Zol.

Kirsty fica em silêncio. Em seguida, assente.

— Tudo bem, tem razão. É mais seguro assim.

— O que você está falando? — pergunto a Kirsty. — Você não quer cooperar com os Patel, mas agora concorda em ajudar a equipe da ZA?

— Você não sabe como é lá em cima, Sam. A montanha pode se voltar contra você num instante. É muito mais seguro num grupo maior. — Ela olha além de mim, para Zol e Zain. — Olha, ninguém gosta deste arranjo, mas vamos subir ao acampamento-base juntos. Então, podemos seguir nossos caminhos separados e a ZA pode usar um dos sherpas que estão lá em cima. Feito? — Ela estende a mão para Zol.

Ele não a toma.

— Tudo bem — diz. — Mas o jornalista fica.



CAPÍTULO VINTE E NOVE

♥ SAMANTHA ♥

Partiremos na primeira luz da manhã, por isso vamos ter de passar a noite no alojamento da montanha.

A janela da sala de jantar no segundo andar oferece uma vista surpreendente do Monte Hallah. O pico aqui se ergue drasticamente da terra, o primeiro de uma série de montanhas que se estendem além do meu campo de visão, subindo e descendo como ondas congeladas no tempo. Um manto branco cobre o terço superior da superfície visível da montanha — encrespado e intacto.

Como se cumprindo um desejo que eu ainda não tinha feito, delicados flocos de neve começam a cair do lado de fora da janela. Eu assisto enquanto o sol se põe, banhando a montanha com um brilho rosado. É uma cena pacífica.

Eu tremo e olho para a minha caneca de chocolate quente. Por instinto sei que as palavras “montanha” e “pacífica” neste caso não combinam muito.

Chocolate — tantos usos que é uma bobagem enumerá-los todos, mesmo mentalmente.

Estou sozinha agora. Zol não desceu para jantar, felizmente. Zain desceu, mas se manteve à distância enquanto Kirsty e Dan estavam por perto. Eu o ouço falando ao celular com sua equipe de técnicos de laboratório, na sede da ZA. Eu me lembro do meu pai chegando ao nosso quarto de hotel em Loga e levando para casa a pasta. Pergunto-me como as coisas seriam diferentes se eu tivesse recursos para levar um laboratório completo comigo a todos os lugares. Ou mesmo se o meu avô tivesse concordado em vir junto. Ele é a única pessoa que conheço que deve sentir a mesma urgência que eu, quando penso na poção. E continuo voltando para palavras de Dan, cheias de temor. Eu às vezes me esqueço de que o meu avô era mais jovem do que eu quando fez algumas das suas poções mais importantes.

Zain me olha algumas vezes durante o jantar, mas eu evito sustentar o seu olhar. Ainda assim, sinto um gelo no estômago, o que torna mais difícil comer. Estômago idiota, traidor!

Eu me viro ao ouvir uma tossinha estranha. Agora ele está de pé ao meu lado, vestido com as roupas mais casuais com que já o vi: um moletom azul desbotado e puído nos punhos, jeans rasgados e um gorro de malha cobrindo todo o cabelo, exceto os fios mais rebeldes.

Ele nunca pareceu tão gato. Também estou com roupas confortáveis, mas ele consegue parecer descolado sem fazer nenhum esforço, e eu só consigo... parecer desleixada.

— Alguma chance de eu conseguir uma bebida quente aqui?

Lentamente descanso a caneca no colo e engulo a bebida com um grande gole.

— Peguei o último restinho de chocolate, então acho que agora só tem café instantâneo. E preto. O leite acabou.

— Neste momento, acho que tomaria até um instantâneo morno em vez do expresso quente e fumegante de todo dia.

Dou risada.

— Sim, muito melhor do que um *latte* de baunilha extragrande.

— Com certeza. — Ele deixa cair duas colheres de chá cheias de café instantâneo numa caneca e anda em direção à garrafa de água quente.

— Eu colocaria açúcar — sugiro. — Ajuda a tirar o gosto de água suja.

— Tem razão. Não é só boa em preparar poções, hein? Você é barista também?

— Sou uma garota de muitos talentos.

— Aposto que sim. — Ele sorri. — Estou feliz que ainda esteja na Caçada. Não tinha certeza se iria vê-la novamente, com Emília fazendo todo o possível para nos deter.

Eu queria não ter terminado a minha bebida tão rápido. Agora não tenho nada para fazer, além de segurar a caneca e olhar para ele. Felizmente, Zain continua a falar e não percebe minha falta de jeito, as mãos inquietas.

— Todo mundo parece esquecer que no centro disso tudo há apenas uma garota. As coisas estão ficando muito ruins para Evelyn, sabe? Eles tiveram que contê-la... mas a situação pode ficar ainda pior. Evelyn é tão insanamente forte!

— Você está realmente preocupado com ela, hein?

— Estou preocupado que nenhum de nós consiga salvá-la. Se não conseguirmos... Eu nem quero pensar no que isso vai significar para ela. Para toda a cidade de Nova. E esta Caçada Selvagem... achamos que estamos reunindo os ingredientes certos, mas vai saber... Ela levou

anos para preparar a poção. E se deixarmos de perceber alguma coisa? E se ninguém fizer a poção do jeito certo?

— Acho que é por isso que convocaram a Caçada, para encontrarem o melhor...

— Mas estamos arriscando a *vida* de Evelyn. — Ele faz uma pausa. — E a Caçada *também* convocou Emília, que só está pensando em poder. Ela não quer que Evelyn seja curada. — Ele bate com o punho na mesa. — A pior coisa é que eu não consigo acreditar que Evelyn escondeu a poção de mim esse tempo todo! Se ela estava tão desesperada para conseguir ajuda, eu teria feito algo. Quero dizer, nós éramos amigos. Grandes amigos, ou pelo menos era o que eu pensava.

Esse parecia um desabafo, algo que ele precisava pôr pra fora havia muito tempo, então deixei-o terminar. Depois de alguns instantes de silêncio, eu disse:

— Zain?

— Sim?

— Você acha que ela fez a poção pra você?

— O quê?

Eu não respondo, só toco a borda da minha caneca vazia.

— A poção do amor? — Ele suspira. — Sim. Parece que sim.

— Então ela arriscou tudo, primeiro. Por você.

Nós ficamos sentados ali em silêncio. Se continuássemos por mais tempo, seria mais perigoso do que a caminhada até a montanha.

— É melhor eu dormir um pouco — digo. — Vejo você amanhã?

Ele assente com a cabeça.

— Boa noite.

— Boa noite. — Eu salto do parapeito da janela. Só tenho chance de dar alguns passos antes que Zain me chame de volta.

— Sam?

Eu me viro, hesitante. Se olhar, posso não conseguir tirar os olhos dele novamente.

— Olha... — Ele se atrapalha com a caneca de café e derrama um pouco. Solta um grito de dor, então eu salto para pegar algumas toalhas de papel e, antes que eu perceba, estou limpando o café quente da parte de trás da mão dele. Ele ri. — Já está melhor. O que eu queria dizer é que você não me respondeu antes, quando perguntei se poderia vê-la depois que tudo isso acabar.

Concentrei toda a minha atenção na minha tarefa de limpar o café da mão dele, mas ele colocou a outra mão sobre a minha. Deixei que ele a mantivesse ali por um segundo, antes de me afastar. Lembro quem ele é. *Zain Aster*.

— Hum, não sei...

— Ok, não responda agora. Quando isso acabar?

Eu mordo o lábio e assinto com a cabeça, em seguida vou para o meu quarto.

Kirsty não está lá. Eu me deito na cama, ouvindo o coração disparado no peito. Tudo o que eu quero agora é ligar para Anita e contar o quanto a minha vida está insana agora. Gostaria de saber se ela está em outro alojamento da montanha, em algum lugar, pensando em mim. Ela provavelmente me odeia.

Eu abraço um travesseiro com força contra o peito. Só vou poder dissecar as palavras de Zain quando voltar da montanha. Então posso pensar no quanto é injusto que o cara por quem eu sou louca, que acabou de me convidar para sair, com quem eu quero sair, seja o meu maior adversário.



CAPÍTULO TRINTA

♥ SAMANTHA ♥

Eu pensei que estava em forma, mas escalar esta montanha — mesmo que só até o acampamento-base — aos poucos está me matando. Saímos tão cedo que vimos o nascer do sol no horizonte e foi algo de tirar o fôlego — literalmente. O céu agora é de um azul tão claro e vibrante que faz qualquer outro céu azul que eu já vi parecer cinza e turvo. À frente, a neve cobre o chão como um cobertor cintilante que se estende até onde os olhos podem ver. De vez em quando um arbusto rompe o chão congelado e surgem flores brancas, bonitas como flocos de neve, crescendo em cachos. Eu apanho um punhado e as guardo na mochila.

Pétalas de doçura-da-montanha — para delírios e esquizofrenia. É também um remédio poderoso para combater a insônia.

Elas são adoráveis, e seria perfeito em nosso estoque. Talvez eu tenha no sangue um talento para Coletora, afinal.

— Vamos lá, sempre em frente!

Kirsty está a poucos passos de distância com os polegares nas tiras da mochila. Eu reviro os olhos para ela e não me incomodo em responder. Ela está mal-humorada desde que teve de deixar Dan no hotel. Mas eu estou concentrada. Posso fazer isso.

O primeiro sinal de bandeiras tremulando sobre o topo da colina é uma visão incrivelmente bem-vinda. Dou outra mordida numa barrinha de cereais para continuar. Parece que ajuda, porque, de repente, alcanço o resto do grupo. Eles estão olhando para a cabana que marca o acampamento-base. Uma linha de bandeiras se agita no teto da cabana, representando as nacionalidades das pessoas que escalaram a montanha.

— Algo errado? — Kirsty pergunta para Jedda. Ele tem em torno de 1,65 metro de altura — é uns bons dez centímetros mais baixo do que eu —, mas parece um gigante pela imensidão da sua mochila. Está carregando os suprimentos da ZA — barracas, sacos de dormir, alimentos, equipamentos para o preparo de poções, tudo. Kirsty e eu dividimos a nossa bagagem entre nós.

Jedda morde o lábio inferior.

— Deveria haver fumaça saindo da chaminé da cabana, mas não há nada.

— Ah, não me diga que você mentiu para nós — disse Zol, levantando os braços, exasperado. — Não há ninguém aqui, não é?

— Tenha um pouco de respeito! — diz Kirsty, lançando para Zol um olhar zangado enquanto Jedda dispara pelo caminho da montanha até a cabana. Seguimos de perto, a urgência dele me preocupa. Há uma eletricidade curiosa no ar aqui em cima e eu me pergunto se é porque estamos embrenhados nas Selvas — o ar está tão fresco que quase faz a minha pele pinicar. Mas há outra sensação além dessa, algo que parece errado — e provavelmente está sendo causado pelo nervosismo de Jedda. Ele agora está andando na direção da cabana tentando parecer relaxado, mas posso ver que as articulações dos seus dedos estão brancas enquanto ele aperta a mochila.

Kirsty ultrapassa-o e chega à cabana primeiro. Ela bate na porta. Como numa cena de filme de terror, a porta se abre ao seu toque. Isso não é boa coisa. Aqui, neste frio, com este tempo... Eu não consigo imaginar que alguém tenha deixado a porta aberta por acidente.

Ela dá um passo para dentro, rapidamente seguida por Jedda e o resto de nós. A cabana está completamente deserta. Papéis estão espalhados por toda parte, as portas dos armários abertas, um deles é um amontoado de madeira no chão. Os armários estão completamente vazios. De alguma forma, não acho que essa deva ser a aparência de um acampamento-base.

Não é muito grande, tem apenas um cômodo principal e um banheiro, e eles estão vazios. Não há outros sherpas aqui e nenhum sinal de outras equipes da Caçada também. Bem, exceto pelo fato de que o lugar foi saqueado.

Eu olho para Kirsty. Ela está pensando a mesma coisa.

Emília.

Jedda enfia a mão na mochila e tira dali um rádio. Ele tenta se comunicar com a aldeia, mas só ouve estática. Franze a testa.

— Normalmente temos sinal aqui em cima, apesar de ser tão alto — diz ele.

Gostaria de saber o porquê daquele crepitar elétrico que eu senti lá fora, se é que tem alguma coisa a ver com isso.

— Precisamos voltar — diz Jedda.

— Não! — todos dizemos ao mesmo tempo, em seguida olhamos uns para os outros com nervosismo.

Eu pronuncio as palavras que todos estamos cautelosos demais para mencionar.

— Nós todos estamos aqui por causa do pelo do abominável, não é? — Espero alguém se pronunciar e então Zain assente com a cabeça. — Bem, vamos encontrá-lo juntos e depois dar o fora daqui.

Zol parece que está prestes a explodir em fúria, mas a sua ira e o seu poder não significam nada aqui em cima nas montanhas. Ou talvez ele esteja com o rosto tão corado porque está ainda mais fora de forma do que eu. Tira uma caixinha do casaco e pega dali um comprimido vermelho.

— O que é isso? — Kirsty pergunta.

— Zolorantium. Ajuda com o mal da montanha.

— Sei... — ela zomba.

— Tem sido muito elogiado por grandes Coletores, alpinistas e esquiadores.

— Todos eles, provavelmente, viajam com seu próprio estoque de folhas de coca. — Kirsty me oferece algumas folhas e eu as pego. — Melhor mastigá-las — diz ela, quando olho para as folhas em dúvida. Então, num gesto generoso para Kirsty, ela oferece as folhas para Zol.

Ele torce o nariz, como era de se esperar, e lhe mostra dois comprimidos vermelhos, em vez disso.

— Muito bem — diz ele. — Vamos indo, não é? Não tem sentido ficar brincando aqui enquanto alguém está evidentemente tentando nos impedir de encontrar o abominável.

Pela primeira vez, estou de acordo com Zol. Eu não quero ficar nesta cabana vazia, no alto desta montanha aterrorizante, por mais tempo do que o necessário.

— E se for Emília? — pergunto.

— Então quero só ver aquela mulher vir atrás de mim! — Zol diz, estufando o peito. — Ela deveria ter ficado no exílio.

— Ei, olhem isto!

Zain ajoelha-se em meio aos escombros. Há uma moldura quebrada em sua mão. Ele acena para mim e me passa a foto. Corro os dedos suavemente sobre a imagem, evitando

cuidadosamente o vidro quebrado. É a foto de uma jovem, seus lábios vermelhos são o único toque de cor na foto em preto e branco. Seu cabelo está preso num coque e ela está vestindo uma jaqueta estilo militar de gola alta. Embora a expressão em seu rosto redondo seja solene, há um brilho nos olhos que eu reconheço. Acho que reconheço.

— Cleópatra Maria Kemi — Zain lê, olhando para uma plaquinha de ouro que também foi arrancada da parede. — Parece que ela esteve aqui há mais de um século; a primeira mulher a subir a montanha. Parente sua?

— Minha bisavó — digo quase num sussurro.

— Sério? — Ele levanta uma sobrancelha. — Isso é épico!

Eu engulo em seco e balanço a cabeça. Um sentimento de orgulho toma conta do meu coração. Isso é o que eu sempre soube. O legado Kemi. A minha bisavó Cleo foi uma pioneira. Talvez eu possa ser uma pioneira também. Quero levar a foto comigo, mas ela pertence a este lugar. Eu a penduro de volta na parede, ajustando a moldura até que ela fique perfeitamente reta.

Nós nos reunimos lá fora, o vento soprando forte. Jedda aponta para uma passagem que leva adiante na montanha.

— O último abominável foi visto naquela trilha. Querem começar por ali?

Kirsty e Zol assentem com a cabeça. Após uma verificação rápida nos suprimentos, começamos a subida. Agora estou gostando da ideia de calçar botas pesadas. A subida é muito mais acentuada aqui e eu preciso sentir a sola aderindo bem às encostas geladas.

Pontilhando a montanha, posso ver as entradas negras e bocejantes das cavernas que abrigam os abomináveis. O sistema de cavernas é tão extenso que poderia haver um abominável nos observando agora e nunca saberíamos.

De vez em quando, Kirsty para e olha através dos binóculos. Ela observa as montanhas em varreduras amplas, concentrando-se nas cavernas, mas também nas extensões aparentemente planas de neve branca. O que pode parecer um terreno plano por causa da imensa extensão de neve, branca e sem sombras, é na verdade uma encosta íngreme.

Eu desenrolo o cachecol do pescoço. Apesar da temperatura baixa, estou quente por causa do exercício e do sol. Kirsty olha para mim, em seguida me passa os binóculos.

— O que devo procurar? — pergunto.

— Rastros — diz ela. — Abomináveis são muito difíceis de rastrear. Mas procure sulcos profundos na neve e depois todas as rochas próximas. Rochas, nuas, ainda não cobertas de neve. Elas vão ser a única maneira de encontrarmos o pelo. Árvores talvez, mas estamos

indo muito além da linha de árvores agora, por isso esses arbustos vão ficar cada vez mais escassos.

Eu faço uma varredura lenta e uniforme da montanha mais próxima, mas não consigo ver nada. Devolvo os binóculos para Kirsty.

— Tudo bem — diz ela. — Teríamos que ser muito sortudas para encontrá-lo no ato. Eu esperaria pelo menos uma noite na montanha.

Zol zomba alto.

— Eu não vou passar uma noite nesta montanha maldita, se puder evitar.

— E eu suponho que você tenha algum dispositivo para rastreamento de abomináveis...

— Na verdade, tenho — diz ele. — Isto é porque vocês, Coletores comuns, não passam de hippies desempregados. Talentosos têm outras maneiras de lidar com isso. Imagens de satélite, detecção de calor, relatos de avistamentos recentes, tudo é acessível por meio dos nossos equipamentos. Eu não preciso me preocupar em varrer toda a cadeia de montanhas com um par de binóculos.

Espero Kirsty explodir de raiva, mas ela ri.

— Você não acha que há uma razão para a maioria dos Coletores serem comuns ou, quando são Talentosos, não usarem magia? Não pense que sintéticos podem substituir instintos que foram aperfeiçoados com a experiência, como fez com as poções e seus ingredientes.

Zol não está escutando. Ele tirou o anel do pescoço e a joia brilha delicadamente na palma da sua mão. Enfia a mão no bolso e encontro o meu celular. Previsivelmente, não há nenhum sinal aqui. Olho para o anel dele. Se ele conseguir acessar suas imagens de satélite e sei lá mais o que por meio de magia, isso nos ajudará muito. Aceleraria o processo. Assim, apesar do que Kirsty diz, eu rezo para que funcione.

Algo funciona. Depois que ele sussurra algumas palavras, um mapa da cadeia de montanhas pisca diante de nós, iluminado por uma sobrenatural luz incandescente verde. Zain se gaba:

— Olha só, nós estamos bem aqui. — Ele aponta para uma luz azul piscante. — Deu certo, viu? Agora, vou descobrir se há animais de grande porte por perto e que poderiam ser abomináveis... não poderia ser outra coisa, certo? — Ele olha para Jedda, que observa o mapa com os olhos arregalados e, lentamente, se afasta. Eu me pergunto se ele já viu algo mágico como isso antes. Mas Kirsty está recuando também. Ela faz um gesto com a cabeça, sinalizando para eu me afastar rápido. Eu franzo a testa.

De repente ouço um assobio, como ar sendo sugado por um aspirador, e meus olhos são ofuscados pela luz verde. Eu grito e caio no chão. Quando minha visão retorna, vejo Zol com o rosto cheio de fuligem preta. Ele está tossindo e cobrindo os olhos. O mapa se foi; seu anel está soltando fumaça. Eu olho para baixo e vejo que estou coberta com o mesmo material preto que Zol. Fuligem mágica.

— Meu anel! — Zol agora parece estar em pânico. — O que vou fazer sem ele? Temos que voltar. *Precisamos* voltar. — Ele se vira e anda em direção contrária.

Kirsty ri. Ela não está nem um pouco suja com o resíduo preto.

— Você não pode sobreviver sem esse objeto apenas por um dia?

— Não! — diz Zol. — Nem por um único instante. Eu... Eu nunca fiquei sem ele. — O homem parece um bebê que acaba de perder seu cobertorzinho. Esqueci como os Talentosos são dependentes dos seus objetos.

— Nós não podemos voltar agora. É a altitude — diz Kirsty. — Ela mexe com a sua magia. Especialmente nas Selvas. É *por isso* que a maioria de nós, “Coletores hippies”, somos comuns. Eu disse que a magia é imprevisível nessas regiões.

— Bem, pelo menos uma coisa boa resultou disso — Zain diz, tentando acalmar o pai. — Agora sabemos onde encontrar um abominável. Eu vi o lugar antes de o mapa explodir. Ele está aqui perto. Do outro lado daquela passagem na montanha.



CAPÍTULO TRINTA E UM

♥ SAMANTHA ♥

Eu quase abracei Zain, quando ele disse que tinha avistado o abominável. Valeu a pena até mesmo ter caído de cara na neve congelada e caminhar o resto do dia com a roupa coberta de pó preto. Ele encontrou um abominável! Isso significa que podemos sair daqui rápido. E isso é uma coisa boa também porque, no decorrer do dia, o frio parece estar ficando ainda pior.

Eu enrolo o cachecol mais firmemente no pescoço, tentando conter minha respiração quente. O problema é que, quando o ar escapa — em volta do nariz e das maçãs do rosto —, ele congela rápido, criando cristais que arranham a pele. O dia ainda está ensolarado, mas qualquer calor que o sol possa fornecer é dissipado pelo vento.

Está frio demais até mesmo para pensar em Zain. No entanto, quando ouço a voz dele, levanto a cabeça e sou recompensada com outra rajada de vento frio. Mas suas palavras valem a pena.

— Estou vendo uma trilha! — diz ele. — Ele está realmente perto.

Kirsty corre até ele e eu os alcanço alguns segundos depois. Na nossa frente, há dois sulcos paralelos cortando a neve. Podemos literalmente seguir os passos do abominável se mudarmos nosso curso.

Jedda faz alguns cálculos e passa vários instantes examinando a neve.

— Podemos continuar, mas com precaução. Essas trilhas nas montanhas são estreitas e a neve esconde precipícios. — Mais animado, o nosso grupo segue os rastros.

Vemos uma série de cavernas lá no alto, acima de nossas cabeças, paralela à nossa rota. Estão bem acima, mas me causam arrepios. Elas se parecem com dezenas de olhos negros pontilhando a montanha.

Enquanto estou distraída, Jedda grita. Ele salta para trás, mas sua perna está presa numa armadilha metálica de aparência horrível. Kirsty dá um passo à frente, mas Jedda agarra o braço dela para impedi-la. Ela salta para trás no instante em que outra armadilha brota do chão.

— Que droga é essa? — ela exclama.

Em seguida, uma figura aparece na curva do caminho à nossa frente.

Meu coração quase sai pela boca. É Emília Thoth. Ao seu lado alguém que eu suponho ser o sherpa desaparecido, os olhos apreensivos. Na mão dela, uma arma.

— Sam e Kirsty! — diz Emília, com a voz firme enquanto aponta a arma para nós. — Eu não disse para desistirem da Caçada? E Zol, estou surpresa que você tenha chegado até aqui. Acho que esses pesquisadores seus devem estar fazendo um bom trabalho.

— Emília, seja razoável... — diz Zol, a voz trêmula. Ele procura seu anel, mas sua mão paralisa quando ele se lembra.

— Eu fui *razoável* quando alertei a todos para pararem de procurar a cura. Outros, como seus amigos, os Patel, ficaram muito felizes em atender meu pedido.

Meu coração salta.

— O que você fez com eles? — grito.

Emília continua, ignorando a minha explosão.

— Mas você me desobedeceu, então agora é a minha vez de ser *pouco razoável*. E como é que você vai me impedir? A magia não funciona aqui, mas eu não preciso me preocupar. Sou tão treinada nas artes comuns quanto nas dos Talentosos.

— O que você vai fazer? Atirar todos nós da montanha?

Eu quase mato Kirsty por ser tão petulante. Emília parece enlouquecida, seus olhos brilhando ao sol. Ela não é uma mulher que se possa desafiar.

— Eu já despachei uma equipe da montanha assim. Como você acha que achei este simpático sherpa, que me mostrou o caminho para que eu pudesse enchê-lo de armadilhas?

— A voz dela é fria. Mais fria do que a montanha. — Ninguém vai salvar a Princesa, exceto eu. Nova esqueceu qual é o verdadeiro poder. É hora de lembrá-los.

— Emília... Senhorita Thoth... — Zol tem um sorriso afetado, um tom suplicante na voz.

— É futura *Rainha* Emília, na verdade.

— Rainha Emília... por favor, poupe a mim e ao meu filho. Podemos ser úteis. Meu filho tem um Talento forte! E eu tenho o poder da Zoroaster Corp para apoiar o seu reino.

Emília arqueia a sobrancelha.

— Seria uma pena matar um garoto tão talentoso, mesmo que ele cheire à nova magia. Você está certo, vocês poderiam ser úteis. Mas você — ela volta seu olhar fulminante para mim —, você é apenas uma escória ordinária no meu caminho. Um dia posso ter respeitado o seu ofício, estudei-o até! Mas você deixou suas habilidades apodrecerem e perdeu a utilidade. Então, adeus, Kemi.

Penso em Arjun e Anita.

Penso na Princesa Evelyn.

Penso na minha família.

Penso na minha bisavó, a primeira mulher a conquistar esta montanha. Ela não teria desistido. Ela não teria recuado.

— Não! — Agora estou realmente em estado de choque, porque, do nada, encontrei coragem. Talvez o ar da montanha esteja me deixando louca, mas dou um passo na direção de Emília, ignorando a arma e o medo das armadilhas.

— Não me provoque, Kemi!

— Sam, não! — Kirsty grita.

Meu coração se enche de medo, mas eu continuo andando, depois começo a correr. Minha visão embaça e eu não consigo ver Emília claramente, mas posso senti-la. Posso sentir seu braço estendido. A arma apontada para o meu peito.

— Você já era — diz ela. Seu dedo aperta o gatilho.

Por um segundo, não noto a neve se movendo debaixo dos meus pés. Minhas botas pesadas perdem o apoio, meu tornozelo vira e debaixo da trilha não há terra firme, apenas vazio... vazio e um declive acentuado.

Tudo acontece muito rápido. A terra se desintegrando sob os seus pés obriga Emília a dar alguns passos para trás. Kirsty corre até Emília, derrubando-a no chão. Enquanto isso, eu continuo a deslizar pela neve.

A arma dispara. O barulho ecoa na montanha. Eu pareço ouvi-lo novamente. *Bang. Bang.* É um eco? Ou é Emília atirando no resto do nosso grupo, um por um?

Zain grita meu nome. Pelo menos, acho que grita. Ele está vivo. Mas sua voz fica cada vez mais fraca à medida que eu caio na neve, descendo a encosta. Tento estender os braços para agarrar algo, qualquer coisa, mas não consigo pegar nada. Eu me sinto impotente enquanto deslizo e logo não consigo nem gritar lá pra cima.

Uma grande rocha interrompe a minha queda, minhas costas se chocam contra a pedra dura. A dor dispara pela minha coluna e eu gemo de agonia. Rangendo os dentes, abro os

olhos para ver Kirsty lutando com Emília; Kirsty vai perder. E Zain corre ladeira abaixo atrás de mim, meio deslizando, meio se arrastando. O pai gritando acima dele.

Muito mais preocupante é o ronco que parece vir de dentro da própria montanha. Mas eu sei do que se trata, porque, quando olho para a montanha, posso ver o movimento acima de suas cabeças. Ela parece quase bonita, como se o céu descesse sobre nós, ganhando rapidamente velocidade.

Avalanche.

Jedda pode sentir isso agora, e está gritando, sua perna ainda presa à armadilha. Todos podem sentir o chão tremer. O pânico é evidente em seus rostos. Emília desaparece montanha abaixo, na direção de onde veio — arrastando o outro pobre sherpa. Kirsty ajuda Jedda com a perna, puxando as mandíbulas da armadilha para que se abram e ele possa se arrastar para fora. Ela começa a andar na minha direção, mas Jedda a puxa para longe, para o outro lado da montanha.

Estou imóvel diante da onda de neve.

Exceto Zain. Zain continua vindo. Zain chega ao lugar onde estou.

— Você está...

Suas palavras se perdem em meio ao rugido. Ele puxa meu braço, sem se preocupar com a minha dor; só o que conta é a nossa sobrevivência. Francamente, não me importo com a dor. Nós nos lançamos numa corrida desenfreada, mantendo-a o mais horizontal possível.

A neve cobre o lugar onde os outros estavam antes.

A neve atinge a minha rocha. Engole-a. Corremos até que a neve engolfe as nossas pernas. Eu aperto a mão de Zain e a neve me leva. Imediatamente cubro a boca com a mão. Regras básicas sobre como sobreviver a avalanches.

Com o outro braço, eu me agarro a Zain até que a força da neve nos arraste para longe um do outro. A minha mão sobre a boca cria um pequeno bolsão de ar, então, quando finalmente paro de rolar, consigo respirar um pouco. Então começo a nadar. Nado através da neve, tentando desesperadamente ir para a superfície. Agradeço aos céus pelo céu azul, porque, se estivesse cinza, eu poderia ter nadado mais para baixo, em vez de para cima.

Zain emerge na superfície ao mesmo tempo. Seu rosto está machucado. Seus óculos de sol racharam e quebraram contra o nariz, fazendo um corte profundo, que sangra muito. Mas ele está bem. Bem, pelo menos do pescoço para cima. O resto de nós está profundamente enterrado na neve.

Eu olho em volta, tentando localizar os outros. Mas a neve levou-os para longe de onde estamos e não há nenhum sinal deles em lugar algum.

Nós talvez sejamos os únicos sobreviventes.



CAPÍTULO TRINTA E DOIS

♥ SAMANTHA ♥

Eu vou morrer na montanha. Isso é fato no momento. Sinto uma dor latejante na base da coluna e não sei quanto ainda vou conseguir andar. Conseguimos abrir caminho através da neve, para longe da avalanche, e caminhar em terreno mais sólido. Mas a avalanche também confundiu a tal ponto o nosso senso de direção que não sabemos dizer de que lado viemos.

Deixo escapar um gemido e ele deve parecer mais primal e mais cheio de agonia do que o primeiro, porque Zain para e se vira, a preocupação estampada no rosto.

— Você está bem?

— Minhas costas...

Ele levanta uma das alças da minha mochila, então gesticula para eu tirá-la dos ombros.

— Deixe eu levar isto um pouco.

— Mas você já está com a sua mochila...

— Só por um tempo. Até encontrarmos um lugar para passar a noite.

Ele tem razão. Faixas roxas e vermelhas já adornam o céu, sinais de que a noite está próxima.

— O que você leva aqui?

— Minha barraca, o saco de dormir, alguns suprimentos... e os equipamentos para preparar as minhas poções. Kirsty está com a maior parte dos alimentos. E todas as outras coisas de sobrevivência, cordas, mosquetões, fogão.

— Você substituiu a comida por um kit para preparar poções?

— Não achei que ia me separar de Kirsty!

— Uma típica alquimista! — ele murmura. Faço uma careta e ele suaviza o tom. — Bem, você tem uma barraca, já é mais do que eu. — Ele franze a testa. — Não estou nem com a minha bússola, porque achei que poderia identificar as direções usando a minha varinha.

Eu dou de ombros.

— Não tenho bússola também. Kirsty é que carrega. Mas não se sinta tão mal; as montanhas podem interferir nos equipamentos magnéticos também. Portanto, não são apenas os Talentosos que estão com um problema.

— Isso faz com que eu me sinta só ligeiramente menos idiota.

Continuamos a caminhar, na esperança de encontrar algum lugar antes de escurecer onde possamos montar a barraca sem medo de ser levados pelo vento e cair de um penhasco ou ser pegos por outra avalanche.

— Olha, ali! — Zain aponta para uma plataforma de pedra acima de nós. — Parece um bom lugar.

Concordo. Não quero discutir nem participar das decisões. Só quero parar de andar, ser resgatada e ir para casa.

Zain caminha na minha frente. É claro que vamos ter que escalar uma pequena parede de pedra até chegar à plataforma. Com as minhas costas doendo do jeito que estão, não sei se vou conseguir.

Zain está cheio de confiança, apesar de tudo. Ele joga as mochilas primeiro, então acho que agora somos obrigados a chegar lá em cima ou ficamos sem a nossa bagagem. Se eu estivesse me sentindo mais forte, eu o socaria.

Ele consegue alçar o corpo usando apenas um par de agarras. Depois olha para mim lá de cima.

— Podemos passar a noite aqui. Tem até mesmo... bem, você vai ver. Acha que consegue?

Eu olho para ele e cerro os dentes. Tento escalar o paredão, minhas costas latejando. Levanto o joelho até o peito, descansando o pé na parte mais plana de rocha que consigo encontrar, tentando usar a força das pernas, tanto quanto possível.

— Pegue a minha mão — diz Zain.

Meus braços tremem, meus dedos ficam azuis, minhas coxas queimam. Eu engulo em seco e me concentro na mão dele. Que escolha tenho?

Eu me lanço para cima, dando um grande impulso. Ele pega meu pulso e eu pego o dele. Então, meus pés deslizam pela parede congelada, mas Zain me segura. Ele me levanta com toda a força, arrastando-me para cima e por sobre a borda, e quando vejo estamos ali

deitados na neve juntos. Seus braços estão em torno de mim, e eu sinto alívio por ter conseguido. Conseguimos juntos.

— Ainda bem que você não é baixinha — diz ele com uma risada.

— Tenho pernas longas — respondo.

Então olho para cima. Atrás de nós vejo a boca de uma enorme caverna.

— Não vamos dormir aí, vamos?

— Pode ser mais seguro.

Eu estremeço.

Ele me envolve num abraço apertado.

— Sim, eu sei; estou apavorado também. Ok, prós e contras: se formos para a caverna, lá pode ser mais quente e seco, mas ninguém vai conseguir nos ver se estivermos lá. Então, vamos montar a barraca o mais perto da caverna possível, mas não lá dentro. De acordo?

— De acordo.

Montamos a barraca. Bem, Zain faz a maior parte do trabalho. Eu ajudo a posicionar os polos, desejando que tivéssemos uma daquelas barracas caríssimas, em que basta a tração de uma corda para que fiquem de pé. Eu quero fazer mais, mas minhas costas não deixam. Em vez disso, me sento na frente da caverna e respiro até a dor passar, enquanto o observo. Ele parece um urso em seu enorme casaco forrado de pele. Usa calças para neve e seu rosto ainda está manchado de sangue seco.

— Venha cá — eu digo. Ele caminha até mim. Eu enxugo o rosto dele com a mão enluvada, até limpar a maior parte do sangue. Seria ótimo se eu pudesse pôr uma faixa de algas sobre o corte ou pelo menos um emplastro, mas não temos nada.

— Obrigado — ele diz, e seu rosto está muito perto do meu. Ele ainda é o garoto mais bonito que eu conheço, apesar de tudo. Então Zain volta à tarefa de montar a barraca.

Meu estômago ronca. Luto para ficar em pé. Não é justo ficar sentada ali enquanto Zain faz todo o trabalho.

— Vou ver se encontro algo para acender uma fogueira... talvez assim a gente possa ter algo para comer. — Faço um gesto apontando a caverna.

Ele tira um pouco de cabelo do rosto, colocando-o sob o gorro.

— Tudo bem, mas não vá longe demais.

— Eu não acho que conseguiria. Vou ficar à vista.

Ando até a caverna. Lá está mais quente e os meus olhos custam para se adaptar à escuridão depois do brilho lá de fora.

Bastam alguns passos para que o teto da caverna se expanda, crescendo em altura. Rochas e detritos se espalham pelo chão, e — vejam só — alguns arbustos secos também. O suficiente para conseguirmos algum tipo de graveto. Eu os recolho.

Ouçó algo bocejando baixinho no fundo da caverna e isso me faz derrubar todos os galhos. Olho para a escuridão, meu coração batendo na boca. Uma batida, duas batidas. Mas não há nada lá. Nada se move que eu possa ver e o som não se repete. Recolho os galhos do chão e corro para a entrada.

Zain está terminando de montar a barraca.

— Encontrei alguns galhos. — Eu lhe estendo o meu lamentável suprimento de galhos. — Provavelmente não vai bastar para fazer uma fogueira decente. Também ouvi algo... na caverna.

Zain olha para a escuridão da boca da caverna.

— Provavelmente o vento. Que tal entrarmos na barraca e ficarmos aquecidos lá dentro?

Eu me arrasto para dentro da barraca e deixo as botas no pequeno toldo da frente.

— Poderíamos fazer xixi em garrafas e dormir com elas para nos aquecer — eu digo.

— Que coisa mais nojenta! — Zain diz, franzindo o nariz.

— É melhor do que ver seus dedos dos pés caírem.

Agora que estou sem as botas, meus pés se sentem livres — quase mais leves do que o ar. Eu continuo rastejando para dentro da barraca e me enrolo no meu saco de dormir, levantando-o até o queixo. Zain segue atrás de mim. Sob o plástico laranja brilhante da barraca, sua pele brilha. Ele tira as próprias botas e o casaco. A camiseta justa que está usando por baixo delineia os músculos dos braços e eu posso ver o contorno das tatuagens através do tecido.

Depois que ele entra e fecha o zíper, sua presença parece ocupar toda a barraca. Ele estende o corpo, a cabeça do lado da entrada, e mesmo encolhida ao máximo na parte de trás, os pés dele acabam perto dos meus. Ele deve ter notado meus dedos dos pés encolhidos para não tocar nos dele, mas não se move. Na verdade, aproxima os pés dos meus, até que eles se toquem dentro dos sacos de dormir. Tento não recuar novamente e relaxo.

— Aconchegante, não acha? — ele diz, com um sorriso.

— Eles... eles vão nos encontrar, não vão? — E, de repente, não consigo me conter. Lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto. Não posso deixar de pensar que estamos aqui, perdidos nas montanhas, nas Selvas, sem magia ou dispositivos de comunicação comuns. É

bem difícil alguém nos encontrar aqui. Pelo menos parece que é, na calada da noite, nesta minúscula barraca.

Imediatamente, Zain está ao meu lado. Ele passa os braços em volta dos meus ombros trêmulos e me abraça, me apertando contra o peito. E fica abraçado a mim enquanto choro.

— Pela manhã, vamos sair daqui — garante ele. — Você vai estar a caminho de casa em alguns dias. Sã e salva. Você e eu, nós vamos encontrar o caminho de volta.

— Juntos?

— Juntos. — Ele encontra a minha mão embaixo do saco de dormir e entrelaça os dedos nos meus.

O vento lá fora uiva, açoitando a barraca. Uma forte rajada derruba uma haste e uma das cordas é arrancada do chão, batendo contra a barraca. O ruído é mais assustador do que o acontecimento em si e nós dois pulamos de susto, o que nos faz rir. Eu enxugo os olhos. Já chorei o suficiente nesta montanha.

Zain me passa uma barra de cereais.

— Não é um bife suculento com purê de batatas, mas vai servir.

— Eu faria qualquer coisa para ter um pedaço da torta de frango da minha mãe.

— Não pense nisso — diz ele.

Desembrulho a barra de cereais, que está semicongelada e dura. Pelo menos isso vai fazer a experiência de comer durar um pouco mais.

— Você acha que a Princesa Evelyn imaginou que pudesse causar tudo isso? — Eu me arrependo de ter feito a pergunta quase imediatamente, quando o sinto transferindo o peso do corpo para longe de mim.

— Você quer saber se eu acho que ela imaginava que a tia louca iria ameaçar os outros com armas, e duas pessoas ficariam presas na encosta de uma montanha? — Ele balança a cabeça. — Não. Mas Evelyn não é muito de pensar nas consequências a longo prazo... — Ele faz uma pausa. — É injusto. Eu acho que ela só estava desesperada para encontrar alguém em quem confiar para compartilhar o seu poder.

— Bem, a cada ingrediente eu fico ainda mais impressionada que ela realmente tenha conseguido criar uma poção do amor de verdade.

— Ela é muito inteligente, Sam. Acho que você iria gostar muito dela.

Eu zombo.

— Se ela é parecida com vocês, Talentosos... — Então eu me calo. — Desculpe, mas você sabe o que quero dizer.

— Eu sei. E ela não é. Mas, pensando bem, ela provavelmente seria meio estranha com você, pois talvez nunca tenha conhecido uma pessoa comum na vida. Ah, deve ter cumprimentado algum comum numa festa ou algo assim, mas nunca realmente passou um tempo com um deles. Eles a mantêm sempre tão protegida! Imagine nunca ter feito nada errado sua vida inteira. Como você lida com isso quando as coisas começam a desmoronar?

Eu balanço a cabeça, mas não acho que entenda, de verdade.

— Você parece um bom amigo, apesar de tudo.

Ele ri, mas a risada parece falsa.

— Ela tentou me dar uma poção do amor, então não sei o que isso faz de nós. — Ele olha para mim. — Você vai dar um jeito nisso, não vai? Encontrar a poção do amor? A ZA poderia até encontrar os ingredientes, mas fazer a mistura certa, preparar a poção direito... você é quem tem mais chance de conseguir isso.

— Ah, claro... com os seus investigadores e grandes laboratórios sofisticados...

— É preciso mais do que isso para ser um bom alquimista, e você sabe. — Ele olha nos meus olhos, passando de uma pupila para outra. — Eu nunca conheci ninguém que preparasse poções tão bem quanto você.

— Bem, de que adianta isso se todo mundo agora usa sintéticos?

— Venha trabalhar para a ZA. Precisamos de pessoas como você lá.

— E trair o legado Kemi e decepcionar o meu avô? Acho que não. Conheço o meu lugar e ele é na nossa loja. Em nenhum outro lugar. Pode ser difícil para você entender isso...

— Eu sei mais sobre decepcionar pessoas do que você pensa...

Eu reviro os olhos.

— Que seja...

— Você não acha que sou uma grande decepção para o meu pai? Recusei a Princesa. Recusei a chance de ser da família real. Nunca disse a ele que ela me pediu para casar com ela, mas ele suspeita. Agora sabe com certeza. E agora tenho que salvá-la. Porque fui eu que coloquei a vida dela em perigo... Que droga! O país todo corre perigo se a coroa for para Emília Thoth — ele suspira. — Mesmo que isso signifique admitir que a ZA não pode criar a poção e tenha que me certificar de que você vai fazer isso.

— Por que você acha que a ZA não pode fazer a poção? Vocês têm dinheiro e Talento e seu pai é um grande alquimista e *você* é o aprendiz dele e é o primeiro da classe em tudo, estuda na melhor universidade...

Ele olha para mim, sob as sobrancelhas castanho-escuras. Solta a minha mão e eu imediatamente sinto mais frio. Eu queria ter coragem para estender o braço e pegá-la de volta.

— Porque, embora os pesquisadores possam nos ajudar a encontrar os ingredientes, meu pai e eu é que temos de fazer a poção. E tanto o meu pai quanto eu somos uma fraude.

Eu perco o ar, mas as comportas que represavam os pensamentos de Zain vêm abaixo e agora ele não para.

— Meu pai não é nenhum grande alquimista. Meu avô era o cérebro da família, o dono das grandes ideias, mas ele tinha muito pouco Talento para ser digno de nota e Talento demais para ser um grande alquimista. Ele teve essa ideia de que os ingredientes poderiam ser feitos sinteticamente, de modo que não importasse se você era Talentoso ou comum, ainda assim podia aprender a preparar poções. Ele queria que todos tivessem a mesma chance, queria tornar o jogo mais justo.

— Ele não tornou o jogo mais justo. Ele destruiu o jogo e fez com que ele tomasse um rumo completamente diferente — eu interrompo, incapaz de esconder a amargura da voz.

— Esse é o xis da questão: ele não tornou mesmo. Você já ouviu a história de como a nossa empresa foi fundada?

— O quê? A história de como seu avô, o grande Zoro Aster, ludibriou para vencer a Caçada e usar o prêmio para fundar a empresa? Sim, já ouvi.

Zain teve a decência de corar, pelo menos.

— Eu estava querendo conversar com você, para contar a verdadeira história, há muito tempo. Mas, mesmo quando íamos para a escola juntos, nunca parecia uma boa hora. Você sempre me evitava quando eu estava por perto.

— Sim, mas...

— Entendi, eu sou o inimigo. Mas não tem que ser assim. E não acho que eu seja seu inimigo. Porque há alguns anos, no leito de morte, meu avô me contou a história verdadeira... que ele e sua bisavó trabalharam *juntos* na última Caçada Selvagem. Havia um ingrediente que ninguém conseguia encontrar para salvar a Rainha Valeri II — o olho de centauro. Quando parecia que eles não conseguiriam desenvolver a cura naturalmente, Zoro contou a Cleo sobre sua ideia de produzir ingredientes sintéticos. E ela sugeriu a versão sintética do olho.

— Não. — Eu balancei a cabeça, mal digerindo as palavras dele.

— O quê?

— Você está mentindo. Meu avô me disse que Cleo criou a poção, mas Zoro roubou e divulgou-a como se fosse dele. Ele disse a todos que tinha usado seus novos e desnecessários ingredientes sintéticos para fazer a poção. E assim ele ganhou. Trapaceando.

O rubor de Zain se transforma num vermelho brilhante de vergonha.

— Meu avô fez um monte de coisas erradas, mas ele não era um ladrão. Sua bisavó não queria usar a versão sintética da poção, então Zoro apresentou-a. E o Chifre ficou dourado. Ele usou seu prêmio para fundar a Zoroaster Corp e se sentiu ameaçado pela sua família, então cortou relações com os Kemi. Isso foi errado. Mas estou dizendo isso porque sei que não há como meu avô ter criado essa primeira poção por conta própria. Eles trabalharam juntos — e eu posso provar isso para você. Ele disse que o diário da sua bisavó tinha um cadeado onde havia engastada uma pedra de âmbar. Era muito incomum e chamou a atenção dele. Como eu poderia saber disso, se meu avô não tivesse trabalhado com ela?

— O diário dela se perdeu! Você poderia ter inventado qualquer coisa.

— Eu não estou inventando isso, Sam. Por favor, preciso que você acredite em mim. Não há como meu pai e eu produzirmos a poção certa. Mas eu posso ajudar *você* a fazer isso.

— Para depois poder roubá-la de mim? Eu acho que todo este ar puro da montanha fez mal para a sua cabeça. Eu iria embora agora, mas não há outro lugar para onde ir.

— Não, mas eu tenho dinheiro, recursos...

— Mas o seu pai...

— Dane-se o meu pai! Isso é muito mais do que uma rivalidade mesquinha. Não temos que ser como nossos pais, como nossos avós. O que interessa é salvar a vida de Evie!

— Eu tenho que sair daqui — digo. Não sei o que estou fazendo, mas antes que descobrisse já estava com as botas nos pés, vestindo o casaco e saindo da barraca. Ando uns poucos passos, sabendo que estou presa nesse lugar, mas preciso de ar fresco.

— O que está fazendo? Está louca? — grita Zain.

Do lado de fora, sorvo grandes lufadas do ar enregelante da montanha. Olho para cima e vejo o céu. Só tive alguns segundos para mim, porque Zain já aparece do meu lado.

— Você está tremendo — diz ele. — Volte para dentro.

Mas eu não estou tremendo, estou pasma. Aqui fora, o céu noturno é o mais claro que eu já vi, e é tão cheio de estrelas! Nunca imaginei que o universo tivesse tantas estrelas. E fosse tão colorido. Há cor-de-rosa e verde, misturado com pontos brilhantes de luz. Uma estrela cadente segue seu caminho através do céu, me deixando impressionada.

— Eu sonhava ver um céu como este! — digo. Penso nos adesivos no teto do meu quarto.

— E nunca pensei que veria.

— Eu acho que há muita coisa que você vai conseguir, se estiver disposta — responde Zain.

Estou com frio agora, e o deixo me levar de volta para dentro da barraca. Meu coração está gritando “mentira, mentira, mentira” para as palavras de Zain. Mentalmente estou me perguntando por que ele mentiria? Por que o meu avô odeia os sintéticos, com uma intensidade que beira a loucura? Por que ele odeia as Caçadas Selvagens? Sempre diz que os alquimistas têm que ficar no laboratório. Mas minha bisavó conquistou esta montanha. Eu olho para Zain e tento falar, mas minha voz só sai num sussurro.

— Ainda não sei por que deveria confiar em você...

— Porque estou dizendo a verdade. Este é o meu verdadeiro eu. Vou provar isso para você. — Ele pega a varinha, vira-a de forma que aponte para o rosto dele e sussurra um feitiço baixo demais para eu ouvir.

— O que está fazendo? — Estou com raiva de Zain, com tanta raiva, que quero sair correndo montanha afora, mas não quero que ele se machuque lançando um feitiço em si mesmo, especialmente depois do que aconteceu com o anel de seu pai. Mas o que acontece me surpreende tanto que esqueço minhas preocupações.

Lentamente os encantamentos vão se dissipando dele, tão habilmente aplicados que eu sempre achei que ele não fazia uso daquele toque de vaidade — exceto pelas tatuagens. Seu cabelo preto — a sua marca registrada — empalidece e adquire uma tonalidade marrom caramelado, a luz do lampião dando-lhe um brilho quase dourado. As tatuagens desbotam também, desaparecendo, e até mesmo as sobrancelhas se deslocam um pouco, perdendo sua aparência bem cuidada e parecendo mais rebeldes, menos delineadas. Ele sorri ao ver meus olhos arregalados e percebo que até mesmo seus dentes perderam seu alinhamento perfeito — um dos dentes agora se sobrepõe a outro, ainda que levemente. Mas seus olhos não mudam. Eles são do mesmo azul deslumbrante que sempre foram.

O que posso dizer? Ele ainda é lindo!

Seu sorriso oscila um pouco e eu percebo quanto está nervoso.

— Eu não quero trabalhar contra você, Sam.

Eu não o deixo dizer muito mais, porque, antes mesmo de pensar, eu me inclino para a frente e o beijo. Então me afasto e ele sorri.

Eu não o enxergo direito, mas o som do vento lá fora passa a ter a batida do meu coração e as batidas do coração *dele*, que parecem exponencialmente mais altas.

Seus dedos traçam o contorno do meu pescoço, até alcançar a base do meu ouvido e se encaixarem no meu cabelo. Ele me puxa para perto e seu beijo fica mais urgente e profundo.

Mas então o nariz dele roça na minha bochecha, e é um choque gelado. A temperatura caiu consideravelmente. Quando nos afastamos, eu posso ver sua respiração aquecendo o ar entre nós.

Eu não consigo evitar; tenho que rir.

— O que é tão engraçado?

— Ah, não sei... É a minha primeira vez beijando Zain Aster! — Ele faz uma careta, quando eu finjo que vou desmaiar ao falar seu nome. — E nós estamos presos no meio de uma montanha com uma ameaça de morte iminente pairando sobre nossas cabeças. Não é bem como eu imaginava.

— Hmm, eu acho que devia ter levado você para jantar e ver um filme primeiro.

— Bem, se a gente conseguir descer daqui, então você me leva.

Ele sorri, mostrando os dentes ligeiramente tortos.

— Pode ter certeza.



CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

♥ SAMANTHA ♥

Passamos o resto da noite tremendo, aconchegados um ao outro, mas mais pelo calor que isso proporciona. A sobrevivência supera o romance. Eu sei que hoje terei um longo dia de caminhada pela neve e meu corpo já está protestando. À primeira luz do dia, eu quero acabar logo com isso. Não posso ficar enfiada na barraca por mais tempo.

Minha agitação acorda Zain. Ele olha para mim e meus olhos se arregalam. Ainda é estranho vê-lo sem os seus encantamentos, e à luz laranja da barraca isso parece ainda mais estranho. Ele meio que sorri e pega seu gorro, puxando-o para cobrir o cabelo, meio constrangido.

— Ok — ele diz, esfregando os olhos para afastar o sono. — Vamos arrumar as nossas coisas rapidamente e, então, vou usar uma fórmula mágica para tentar encontrar o caminho de casa. Acho que vale a pena arruinar uma varinha para fazer isso.

Eu já estou dobrando meu saco de dormir e depois enfiando-o no fundo da mochila. Debates se seria melhor abandonar a barraca; a corda solta rasgou a lateral, tão feroz soprou o vento. Mas existe a realidade tácita de que poderemos precisar dela novamente — outra noite na montanha.

Eu amarro o cadarço das botas e saio da barraca. A paisagem me faz parar de repente. Em tudo ao meu redor, até onde os olhos podem alcançar, o sol está nascendo ao longo dos magníficos picos da cordilheira, tingindo a neve com tons de cor-de-rosa, laranja e amarelo. E a uma distância ainda maior, posso ver a montanha mais alta do mundo: o Monte Oberon, dominando a paisagem até mesmo aqui, neste horizonte de gigantes. É áspero e escarpado, uma beleza bruta.

Zain está arrumando as coisas dentro da barraca, atrás de mim.

— Sam, você deu uma olhada dentro da caverna ontem?

— Bem, não exatamente... — digo, sem tirar os olhos da paisagem. Quero me embriagar de tudo isso, pois pode ser a última chance que tenho de estar aqui.

— Talvez haja pelo de abominável lá.

Eu tremo, involuntariamente.

— Se você quiser conferir, fique à vontade.

Ele se aproxima e coloca as mãos nos meus ombros. Eu olho para ele.

— Não vai durar mais do que cinco minutos, ok? Uma verificação rápida, só para que isso não se torne um completo desperdício, e depois vamos para casa. Sem mais desvios. Combinado?

— Combinado.

Mesmo agora, olhando para a entrada da caverna, eu tenho que virar as costas para ele. Lembro-me do barulho de algo bocejando que ouvi ontem, e isso me perturba. E se tivesse sido mais do que apenas o vento?

Preparo as nossas mochilas, para que possamos colocá-las nos ombros e ir embora no segundo em que Zain estiver pronto. Eu me sinto um pouco tonta, aérea. É mais provável que o meu corpo esteja reagindo à altitude. Abro a aba na base da minha mochila e puxo do fundo o saco vermelho amassado de ingredientes para poções. Preciso mastigar umas folhas de coca, como Kirsty sugeriu.

Estou prestes a colocar o saco vermelho de volta quando um movimento do lado da borda atrai minha atenção. É a neve. Está desmoronando sobre a borda.

— Zain? — Eu falo sobre o ombro. Meu primeiro pensamento é que a borda está desmoronando. Mas então algo acontece e eu mudo de opinião. A realidade é ainda mais apavorante. — Zain?! — sibilo alto.

— Sam? O que é? — Eu ouço os passos dele ecoando na caverna, vindo em minha direção.

Mas é tarde demais.

Porque agora eu posso realmente ver o que está acontecendo. Uma enorme mão — dedos negros retorcidos e com unhas longas e afiadas — aparece na borda. Os dedos enterram-se na neve, procurando apoio.

Zain derrapa até parar ao meu lado.

— O que foi?

Eu não respondo, porque, assim que termina de falar, ele vê também. Põe o braço na minha frente e nós dois damos vários passos para trás. Não sei por que ele acha que o braço vai adiantar alguma coisa. Se o que está aparecendo na nossa frente é o que eu acho que é, então já estamos mortos.

Zain tira a varinha de onde ele a guarda, logo abaixo do braço. Espero que seja inteligente o bastante para lembrar que provavelmente só tem uma chance contra aquela coisa e nada mais. Se ele falhar... Já mencionei que está tudo acabado?

Outro braço aparece e é tão longo que parece quase duplamente articulado, além de torcido em ângulos pouco naturais. A neve adere ao seu pelo, que o recobre como uma jaqueta.

Em seguida, a cabeça aparece. Não — não a cabeça, uma corcunda, um grande calombo que se ergue acima do corpo. Seus olhos, quando aparecem, são escuros, pequenos e redondos como bolas de gude. O abominável nos vê e por um momento parece que está prestes a fugir e nos deixar ali.

Zain acha que a corcunda é a cabeça. Ele aponta a varinha para o abominável e, antes que eu possa gritar para ele parar, ele a faz explodir. A criatura grita de dor, mas não é um grito normal. É um guincho tão alto quanto o de uma alma penada, me obrigando a cobrir os ouvidos com as mãos.

O normalmente solitário abominável é uma criatura que foge da espécie humana se tem uma chance — mas agora Zain só o deixou com raiva. Ele corre para a borda, mas, como tínhamos, é muito alto para saltarmos sem quebrar as pernas ou o pescoço ou as duas coisas.

O abominável já está escalando o nosso platô. Seu rosto é completamente negro e a corcunda está chamuscada onde Zain o atingiu. Ele tem o dobro do tamanho de Zain, que tenta, em vão, usar a varinha de novo, mas ela está fumegando, como que numa combustão espontânea. Dali não sairá mais nenhuma magia.

Eu pego a mão dele.

— Vamos! — Há somente um lugar para onde podemos ir. Voltar — voltar para a caverna. Encontrar um lugar para nos esconder, esperar até ele ficar entediado, descobrir algum tipo de plano.

Corremos para dentro da caverna. O abominável para perto das nossas mochilas — talvez pense que elas também são uma ameaça, paradas ali, como outros seres humano. Então ele as tira do chão com suas grandes mãos, rasgando-as e estraçalhando-as com as unhas. Ele rasga a nossa barraca, lançando tiras de tecido laranja no ar. Em seguida, ataca com os dentes e é

quando sei que perdemos nossa pequena vantagem. Nada nessas mochilas vai ter um gosto bom. Ele as atira para o lado.

— Por aqui! — Zain agarra meu braço. Ele escolheu um caminho onde o túnel serpenteia através de um canal estreito. O abominável nos viu, porém. Ele vem em nossa direção a meio galope e toda a caverna estremece com o seu movimento. Estalactites se quebram e caem sobre o monstro, esfacelando-se em suas costas. Não admira que o feitiço de Zain não tenha surtido nenhum efeito. Sua pele deve ser extremamente dura, se estalactites antigas que teriam facilmente nos matado não causam nenhum estrago nele.

Nos segundos que a criatura leva para chegar à entrada do túnel estreito, já sabemos que estamos num beco sem saída. Batemos contra a pedra dura e eu giro nos calcanhares. Se este é o meu fim, vou encará-lo com bravura.

Zain escala a parede, tentando encontrar algo, qualquer coisa, que possa nos ajudar a atravessá-la ou lutar contra o monstro. Mas não há nada.

A única vantagem é que o abominável não pode chegar até nós. Ele estende o braço através do túnel estreito, as garras, aquelas unhas, chegando tão perto de nós que eu grito e não paro de gritar. Zain me segura, prensando-me contra a rocha, tanto quanto possível, fazendo o abominável guinchar de frustração. Por fim aquelas garras recuam e talvez ele perceba que não tem nenhum lugar para ir, porque se senta na entrada do túnel. Eu pego uma pedra do chão e risco uma linha no nosso pequeno recanto. Ela marca até onde as garras do abominável vão. Nós não podemos passar dessa linha. Zain olha para mim e sinaliza que entendeu.

Então ele segura a cabeça entre as mãos.

— O q-que vamos fazer? — gagueja. — Ah, Deus, nós nunca vamos sair daqui. Vamos morrer aqui.

Ele tem razão. Nós poderíamos morrer aqui. É assustador vê-lo abalado assim. Eu estaria agindo da mesma forma, se não tivesse um plano.

Em pânico, Zain joga no chão a sua varinha fumegante e ela cruza a linha. O abominável estende o braço ao longo do túnel outra vez, tentando alcançar a maléfica peça de madeira que o feriu. Mas eu preciso da varinha. Eu salto e a agarro também.

As unhas do abominável arranham minha mão. Eu grito de dor. Zain me puxa de volta.

— O que está fazendo? — ele grita.

Aperto a mão no meu peito. Sangue escorre do machucado e eu não posso olhar para ele, caso contrário talvez desmaie. Zain pega um lenço e o amarra firmemente em torno da minha

mão. Os músculos do meu braço se contraindo. Eu o mantenho apertado contra o corpo.

— Por que você fez isso? — ele sussurra.

— Eu tenho um plano, mas preciso da sua varinha.

— Bem, você poderia ter falado...

— Não deu tempo! Se você pelo menos não tivesse surtado! — Lágrimas turvam minha visão. Minha mão está ardendo muito. Por sorte, os abomináveis não têm garras venenosas. Pelo menos acho que não têm.

— Sinto muito — ele abraça meus ombros, com cuidado para não pressionar a minha mão. — Certo, um plano? Isso é mais do que eu tenho. Posso ajudar?

— Eu acho que você vai ser obrigado agora. A única coisa que estava comigo quando a criatura atacou é isso. — Aponto para o saco de ingredientes que deixei cair no chão. — Acho que tem alguma coisa aí que pode nos ajudar.

Zain pega o saco vermelho. Ele abre o cordão e espia lá dentro.

— Oh, Deus, Sam, eu poderia beijá-la!

— Não vamos começar isso de novo. O plano ainda não funcionou. E, sinceramente, não tenho certeza se vai funcionar a esta distância. Pelo menos... não com o abominável acordado. Talvez a gente tenha que esperar um pouco.

Zain dá de ombros.

— Eu acho que não podemos ir a lugar nenhum.

— Verdade.

— Por que você precisa da varinha?

— Está fumegando. Olhe para ela. — A varinha ainda emite um brilho vermelho. Ainda solta fumaça. Eu a sopro e as brasas brilham. É um fogo levemente mágico, é claro.

Nós nos sentamos na parte de trás da caverna, esperando o abominável mostrar quaisquer sinais de cansaço. Depois de uma hora, ele finalmente se acalma e para de arranhar as bordas do túnel. Mas seus olhos negros redondos ainda olham para nós com um brilho de raiva. E ele fica nisso por muito tempo.

— Ok — digo. — Pegue algumas pétalas do saco e coloque-as em torno da varinha. — É a doçura-da-montanha que coletei mais cedo. Um sedativo pesado que afeta apenas abomináveis. A natureza muitas vezes mantém seus remédios por perto. Eu tenho sorte de meus instintos me guiarem nessa viagem até aqui.

As pétalas precisam ser defumadas, do contrário não vão funcionar. Mas elas não vão parar na ponta da varinha.

— O cordão — digo. Zain assente e tira o cordão do saco. Em seguida, ele amarra as pétalas na varinha. Imediatamente a fumaça, que era preta, fica azul-clara. Está funcionando. Eu fico atrás da mistura fumegante, que colocamos bem perto da linha. Então começo a acenar para o túnel.

O abominável fecha um olho. Pode ser por causa da minha mistura, não dá pra saber.

— Nós vamos ter que chegar mais perto dele.

— Mas... está funcionando?

— Eu não sei. Se tivermos sorte, ele já deve estar com sono. Mas não temos um estoque muito grande de pétalas de doçura-da-montanha.

Ele pega a minha mão, minha mão boa.

— Vou na sua frente, ok? A varinha é minha. Eu decido.

— Mas a ideia foi minha!

— E você já se machucou por causa dela. Mas me promete uma coisa? Se acontecer alguma coisa, quero dizer, qualquer coisa, você vai passar por ele e correr. Correr tão rápido quanto puder e sem olhar para trás.

— Vamos fazer isso juntos. Eu não vou deixar você aqui.

— Não seja teimosa!

— Não estou sendo teimosa. Estou apenas dizendo. Nós dois vamos sair dessa ou nenhum de nós vai. Vai ser assim ou eu não faço.

Ele olha nos meus olhos, mas não vê nenhum sinal de fraqueza.

Por fim, ele cede. Não tem muita escolha.

— Pronto?

— Pronto.

Nós passamos por cima da linha juntos. Em seguida, ambos paramos, a respiração presa na garganta. Acho que o meu coração nem está mais batendo! O abominável não se move. Talvez a fumaça sedativa tenha surtido efeito.

Damos outro passo. Zain tenta ir na minha frente, apesar de nosso acordo, mas eu o alcanço. Ombro a ombro, damos mais um passo. Ainda nenhum movimento. Outro passo. Então um movimento. O abominável solta um grunhido baixo, muda de posição. Nós seguramos a varinha, com as pétalas ainda fumegantes na ponta, a fumaça azul flutuando até a criatura. Ele tenta se levantar, mas continuamos seguindo em frente. A fumaça fica mais forte. Eu posso ver o abominável gemendo, lutando para se mexer, seus olhos revirando desfocados. Vai funcionar.

A fumaça serpenteia em torno do monstro, atraída para ele, flutuando para ele, fixando-se na pele da criatura, em seus olhos. Ele consegue ficar de pé — é forte, esse abominável —, mas quando tenta dar um passo adiante desmorona no chão de repente, sonolento. Estamos quase na boca da caverna. O abominável cai e fica deitado no chão. Ele abre um olho para mim com esforço.

Zain começa a correr na direção da entrada da caverna, para a luz, para a liberdade e a saída.

Por um segundo, eu não vou com ele. Fico olhando para o abominável e ele de volta para mim. Zain grita meu nome.

A fumaça começa a se dispersar. Mas eu não posso ter vindo até aqui para nada. Simplesmente não posso. Eu encaro o abominável, mas ele só tem força suficiente para tentar me golpear. Eu salto para trás.

— Corre, Sam! — grita Zain e me afasto, relutante, da criatura. Então localizo um tufo de pelos preso no chão, embaixo de uma estalactite caída. Eu consigo pegar um punhado, arrancando-o de sob a rocha.

Agora eu corro.

E não olho por cima do ombro. Posso sentir o abominável tentando ficar em pé, trombando com a parede da caverna e fazendo outras estalactites caírem do teto. Eu desvio dos destroços caídos, pura adrenalina me mantém seguindo em frente. Posso ver que Zain está gritando para mim da entrada da caverna, sua silhueta brilhando do lado de fora, mas de repente não posso mais ouvi-lo. O gorro está saindo por causa de um vento forte e é arrancado. Então, atrás dele se eleva um enorme helicóptero, lâminas batendo no ar frio da montanha. Zain agarra o corrimão da porta e salta para o helicóptero no primeiro passo, o outro braço estendido para mim. Eu corro com a mão aberta e ele me puxa para cima. Estou dentro do helicóptero, um cinto de segurança já está sendo passado em volta de mim. Lá embaixo, o abominável não está mais visível. Ele não vai chegar perto desta besta voadora aterrorizante. Mas à medida que nos afastamos da montanha, de volta para a segurança, para casa, juro que ouço um grito lamentoso, quase humano, vindo das profundezas da caverna.



CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

♥ SAMANTHA ♥

— Se já não estavam prestes a me matar antes, agora seus pais vão fazer isso com certeza — diz Kirsty. — Eu juro, ser um Coletor normalmente não é tão emocionante *assim*.

— Sério? Estou desapontada — respondo, com um meio sorriso. Estamos de volta a Pahara, num hotel pequeno, mas aconchegante. Kirsty me contou como ela, Jedda e Zol tinham conseguido a duras penas voltar para o acampamento-base e que Emília tinha escapado mais uma vez, voltando para o outro lado da montanha com seu sherpa. Os três não queriam deixar a montanha, mas sabiam que não conseguiriam nos encontrar sem ajuda. A perna de Jedda precisava de tratamento urgente, mas ele já estava se recuperando. Eu não sei quanto Zol deve ter pago para conseguir que um helicóptero saísse atrás de nós. Ele provavelmente poderia ter comprado a montanha com a mesma quantia de dinheiro.

Foi o ataque de Zain ao abominável — sua tentativa inútil de usar a varinha — que nos ajudou no final. Isso e os retalhos da nossa barraca laranja que o abominável jogou ao vento. Claro que, quando Kirsty viu o primeiro sinal de uma barraca rasgada, sua mente chegou à pior conclusão. Em sua cabeça, tínhamos sido estraçalhados junto com a barraca. Felizmente, porém, Zol se recusou a acreditar que o filho não sairia daquela montanha vivo.

Quanto aos meus pais, eles estavam fora de si, mas não havia por que virem a Bharat se eu iria tomar o próximo voo para casa. (Depois do meu calvário de quase-morte, eles não iam deixar que eu me transportasse para lugar nenhum. E nem havia como eu manter a concentração necessária, de qualquer maneira.) Outras pessoas fizeram a viagem — ou seja, a mídia. Não havia como nos esconder dos repórteres desta vez, nenhum material reflexivo para afastá-los. Os flashes espocaram no rosto de Zain e no meu, quando descemos do helicóptero e corremos para o hotel ao som dos seus gritos:

— Zain! Zain! Quanto ainda falta para você curar a Princesa?

— Sam, o que a sua família pensa de você se aliar à ZA Corp?

— Vocês estão juntos, agora?

Nós não somos aliados, eu não acho que Zain e eu estejamos juntos, mas graças a mim nós dois temos o ingrediente.

Sim, eu tinha dividido o pelo com ele. Claro que eu tinha dividido. Mesmo que o meu orgulho não me deixasse cogitar a ideia de trabalhar com ele para chegar a uma cura, não iria frustrar suas tentativas. Alguém tinha de ganhar a Caçada — e não podíamos deixar que fosse Emília Thoth.

Evidentemente, quando conto isso a Dan e Kirsty naquela noite, a reação deles é bem diferente.

— Você deu a metade do pelo do abominável para a ZA?! — exclama Dan. Seu tom de voz está carregado de ceticismo. Ele está fazendo anotações para seu artigo, mas não me importo com a imagem que vou passar.

— Claro que sim! Zain ajudou a salvar a minha vida. Duas vezes, na verdade. Uma vez com Emília, outra vez na caverna.

— Está me parecendo mais que *você* salvou a vida dele — diz Kirsty, os braços cruzados sobre o peito.

Ela está certa. Tudo que Zain diz é que eu o salvei na montanha com a minha mistura improvisada de doçura-da-montanha com fogo de varinha. Para a imprensa, seus pais e todo mundo, Zain vem insistindo em dizer que sou uma heroína.

Eu não consigo tirar a história dele da cabeça. Ouvi-la me encheu de peças de um quebra-cabeça que não pensei que estivesse incompleto. O diário desaparecido da minha bisavó Cleo. A recusa absoluta do meu avô até mesmo para levar em consideração a ideia de sintéticos. Seu ódio virulento pelas Caçadas Selvagens.

Mas sem o diário de Cleo, receio que nunca saberemos a verdade.

Sempre pensei que o legado dos Kemi era ficarmos presos ao passado, enraizados nos nossos antigos costumes. Ligados a nossas tradições, como se fossem hera-eluviana em torno dos nossos corações. Mas e se isso não fosse verdade? E se ser um Kemi significasse ser conhecido pelo progresso, pela inovação? Volto a pensar naquele retrato na parede do acampamento-base no monte Hallah. Minha bisavó tinha percorrido todo o caminho montanha acima mais de cem anos atrás, sem os suprimentos e equipamentos modernos. Ela tinha sido uma aventureira, uma heroína.

— Bem, isso não importa agora. Já dei a ele e o que está feito está feito — digo.

— Claro que importa! — discorda Dan. — Especialmente agora que você e os Zs são os únicos participantes ainda com *chance* na prova.

Meu rosto empalidece.

— Não há mais ninguém? O que aconteceu com Arjun e Anita? — pergunto, temendo a resposta.

— Segundo as notícias, todos estão bem.

Solto um suspiro de alívio.

— Foi por um triz — continua Dan. — Um feitiço foi entregue pelo correio para o laboratório deles. Felizmente, alguém tinha chamado o senhor Patel e ele não estava presente no momento da explosão.

Eu deixo cair a cabeça entre as mãos.

— Isso é horrível! Esperem, por favor, eu tenho que falar com Anita.

Ligo para o número dela, mas ninguém atende, nem ela nem Arjun. Escrevo um e-mail, tento o Connect, passo uma mensagem de texto pelo celular e basicamente os bombardeio com mensagens, sem sucesso. E não os culpo. Nem posso imaginar o que devem estar passando.

Agradeço à minha estrela da sorte por eles estarem seguros e ilesos.

— Eu odeio Emília! — digo, tirando os olhos do celular. Meu corpo inteiro está tremendo de raiva. — Nós temos que detê-la.

— Mas ninguém conseguiu pegá-la em flagrante — explica Dan. — Ouvi dizer que alguns estão até começando a torcer por ela. Dizendo que estamos todos fazendo Emília de bode expiatório por causa do seu passado e que ela merece outra chance...

— Depois do que ela nos fez na montanha?! Ela quase matou todo mundo!

— Mas ninguém viu.

— Claro que não! Estamos nos escondendo da mídia, lembra-se?

— Ei, não vá querer descontar em mim!

Kirsty cutuca Dan.

— Já chega por esta noite. Sam, você devia ir dormir. Vamos para casa amanhã e então podemos pensar no próximo ingrediente.

O ingrediente seguinte. Agora a pressão aumenta.

Eu me preparo para ir para a cama, prestando muita atenção em tudo que antes era só rotina — escovar os dentes, por exemplo, e colocar meu pijama de bolinhas favorito.

Cada momento parece um luxo, mas especialmente deitar numa cama decente e me aconchegar sob um edredom. Eu tomo uma decisão para amanhã. A segunda coisa que vou fazer quando voltar (a primeira é dar grandes abraços em toda a minha família) é ir até a casa dos Patel e pedir desculpas. Milhões de desculpas. Implorar de joelhos, se for preciso.

Apesar do cansaço, não consigo parar de pensar. Pego meu diário, pensando no meu avô. Acho que ele ficaria orgulhoso do meu truque com a doçura-da-montanha. Faço algumas anotações numa página separada:

Abomináveis. Características: solitários, teimosos, reclusos; costumam a se zangar, mas guardam rancor por muito tempo. O sono profundo pode ser desencadeado pela fumaça de pétalas de doçura-da-montanha. O pelo do abominável (grosso, quebradiço, 10 cm de comprimento) pode ser usado em poções do amor.

Quando finalmente apago o abajur da mesinha de cabeceira, ouço uma batida leve na porta. Eu me pergunto se Kirsty teria esquecido alguma coisa. Acendo a luz novamente e vou até a porta.

É Zain.

— Oi — diz ele. Seus encantamentos — os normais — estão de volta. Sinto uma pontinha de decepção e ainda mais constrangimento por estar de pijama.

— Oi — é tudo que consigo responder.

— Eu posso...?

— Ah, claro. — Dou um passinho desajeitado para trás, esbarrando na mobília. Nós paramos sem jeito aos pés da minha cama.

— Como vai você?

— Melhor agora. Eu ainda... — Fecho os olhos, só por um instante, mas por trás deles está o abominável e suas garras. Os arranhões estão quase curados agora, cicatrizados num passe de magia com uma poção que eles têm aqui. Eu faço uma anotação mental dos ingredientes, é claro. *Hamamélis — para cicatrizes. Millefolium — para coagulação do sangue.* Mas a lembrança ainda está lá. Eu estremeço, involuntariamente.

— Você foi incrível ontem! Sério. Pensei que eu ia surtar quando ficamos naquele beco sem saída... mas você manteve a cabeça fria.

— Sua varinha fumegante me deu a ideia.

Zain fica vermelho de vergonha.

— Fiquei pensando no que o meu pai disse na montanha. O que ele falou foi horrível.

Coloco minha mão sobre a dele.

— Seu pai disse o que achava que precisava dizer para salvar a sua vida. Ele estava apenas tentando protegê-lo. Estava desesperado.

— Foi ridículo.

— Sabe de uma coisa? Eu não culpo seu pai. É menos ridículo do que perseguir alguém com uma arma.

Um sorriso repuxa seus lábios.

— É, acho que sim.

— Por sorte, tinha colhido aquelas pétalas de doçura-da-montanha.

— Bem, você salvou a minha vida. — Ele segura minha mão com mais força. — Sério, você é uma garota incrível!

— Pare com isso — digo com firmeza.

Ele solta a minha mão e parece um pouco magoado.

— Sam, estou falando sério...

— Não, eu ouvi o que você disse ontem. Você não gosta de mim. Gosta dessa ideia que você tem de mim. Estava esperando o momento certo para falar comigo, porque acha que, como pertencço a esta família antiga, sou de alguma forma especial. Então me deixe acabar com a sua ilusão, Zain: eu não sou especial. Evelyn é especial. Ela é uma princesa. Eu sou apenas eu. Então, ou você gosta de mim pelo que eu sou ou você precisa me deixar em paz.

— Eu gosto de você pelo que você é, Sam.

— Você nem me conhece direito — rebato.

— Certo, tudo bem. Tem razão. Meu avô era obcecado por vocês, pela família Kemi, e isso me fez querer conhecê-la. Ele achava que tinham algum tipo de poderes místicos, alguma fonte de conhecimento alquímico. Mas agora eu sei a verdade. Você é apenas inteligente, Sam. Muito esperta. É por isso que gosto de você. E quero te conhecer melhor, se você deixar.

Eu baixo o olhar e fito a estampa do edredom, incapaz de olhar para Zain. Ele disse tudo o que eu queria ouvir e eu não consigo evitar que o meu coração traiçoeiro se derreta todo. Ele estende a mão e toca a minha bochecha.

— E mais, você salvou a minha vida.

Eu olho para Zain e ele pisca. Dou risada, não consigo evitar.

— Nós salvamos um ao outro — digo.

— Exatamente. Você é a única pessoa em todo o mundo que sabe o que nós passamos. Realmente sabe. — Ele tira a mão e meu rosto está queimando onde ele tocou.

— Foi uma espécie de primeiro encontro muito insano — eu digo.

— Uma história para contar aos netos. — Ele sorri e parece estranho. — Eu tenho que me transportar de volta para Nova daqui a algumas horas. Meu pai...

Não quero ouvir isso, mas antes que eu possa pensar melhor, ouvimos um estrondo quando as persianas da janela do hotel batem na vidraça, sacudidas pelo vento. Isso nos faz dar um pulo de susto. Normalmente eu teria dado risada, mas estou muito tensa depois do abominável.

— Você pode ficar comigo até eu dormir? — pergunto, odiando quanto a minha voz parece frágil. Mas ele é a única pessoa no mundo com quem quero estar agora.

— Claro!

Volto para a cama, descansando a cabeça no peito de Zain, ouvindo a batida do seu coração. Fecho os olhos e flutuo para um sono profundo.

Quando acordo, há uma xícara de café sobre a mesinha lateral, que ele encantou para manter aquecida. Murmuro algo sobre técnicas de flerte dos Talentosos, mas tenho que admitir: as táticas dele são muito boas. Enquanto saboreio o café, o calor se espalha da minha boca até os dedos dos pés. Avisto algo dentro da xícara: palavras encantadas para aparecerem logo abaixo da linha do café:

Você é especial para mim, Samantha Kemi.



CAPÍTULO TRINTA E CINCO

♥ PRINCESA EVELYN ♥

— O que está acontecendo... onde estou? — Ela abriu os olhos, um sonho bom com Lyn se dissipando no ar. Havia alguém no quarto com ela. Mas não era Lyn, como seu coração desesperadamente ansiava — era outra pessoa. Zain.

O rosto dele estava contraído de preocupação, a testa vincada. Ele tinha uma cicatriz entre os olhos que ela não se lembrava de ter visto antes. *Não combinava com ele*, pensou, e riu de si mesma.

— Me diga como você fez isso, Evie — ele sussurrou. — Por favor...

Ele parecia estranho também. E então ela percebeu que era porque ele tinha um bronzeado estranho em torno dos olhos. Será que tinha viajado para esqui sem ela? Que injustiça! Então ela pensou em Lyn. Talvez Lyn não gostasse de esqui. Isso explicaria por que ela não tinha ido também.

— Eu não sei do que você está falando — ela disse.

Zain cruzou o cômodo e colocou a mão sobre a dela. Evie a afastou. Ele olhou para ela, os olhos muito abertos.

— Como você está se sentindo? Ouvi falar do acidente com os espelhos...

— Eu estava dormindo... — ela começou, mas quando disse aquilo, algo na frase imediatamente soou falso. — Ah, Deus, Zain, eu lamento tanto!

— Shh, shh — ele disse. — Está tudo bem.

— Tudo bem? Não, não está, não. Eu tentei dar a você uma poção do amor! Espere!... Você não está aqui agora porque me *ama*, está? — De repente o estômago dela embrulhou de tanto pavor. E se ele fosse a razão de Lyn não estar ali?

— Não, não! — Zain lhe assegurou. — A poção do amor... não me afetou.

— Melhor assim. Há alguém que você *precisa* conhecer. Ela é o amor da minha vida, Zain. Ela é incrível. Lyn? Onde você está, Lyn? — A voz de Evie subiu alguns decibéis quando ela olhou ao redor, para o quarto vazio. Havia marcas quadradas mais escuras no papel de parede, onde antes algo estava pendurado, embora Eve não conseguisse lembrar o quê.

— Calma. — Zain manteve a voz baixa, mas ela podia ouvir a urgência em seu tom, e sentiu um movimento atrás das paredes, alguém prestes a entrar. — Eu preciso saber qual é o último ingrediente da sua poção. Por favor, Evie...

— Não me chame assim! — ela gritou. — Só Lyn pode me chamar assim! O que você fez com ela? Onde ela está? Devia estar aqui comigo! — Ela ouviu um estalido ao mexer o braço e só então se deu conta de que estava algemada à cama. — Foi você que fez isso? — ela perguntou a Zain, que recuou, balançando a cabeça com veemência. — Foi você, não foi? Para nos manter separadas? Como ousa?

— Não, não, Evie... Evelyn. Você sabe que eu nunca faria isso. Estou tentando ajudar você.

— Me ajudar? Eu não preciso de nenhuma ajuda!

As algemas se desfizeram como papel embaixo d'água. Os pais dela, Renel, Zain achavam que podiam contê-la, mas nada podia. Não enquanto insistissem em ficar entre ela e o seu verdadeiro amor.

— Ela se soltou! — gritou Zain. O quarto estava sacudindo. Alguém foi atirado contra as paredes — Renel — e estava gritando também.

— Eu disse que isso não ia funcionar! — trovejou ele.

Mas ela não estava nem aí. Estava flutuando agora, flutuando muito acima da cama. Ela podia sentir a magia no éter e a atraía para si, soltando faíscas como raios na direção das paredes. Ela encontraria Lyn, onde quer que estivesse. Colocaria aquele palácio abaixo para encontrá-la, se fosse preciso.

Os tijolos se desintegraram e o belo mosaico de azulejos que havia no teto despencou na cabeça de Zain, mas ele tinha tentado separá-la do seu amor, portanto ela não se importava com o que acontecesse a ele.

Evelyn intensificou ainda mais a magia. Sentiu a magia de Renel, da sua mãe, do seu pai e da sua avó sendo usadas contra ela, mas ela podia ser mais forte do que todos eles — será que não percebiam isso? Estava tão magoada por fazerem isso com ela! A culpa era deles.

Tudo o que precisavam fazer era levá-la até Lyn, para que se encontrassem; então ela seria feliz novamente.

Ouviram mais um estrondo, como um terremoto embaixo do cômodo, mas como era possível se o Palácio não estava assentado no chão?

Lyn, Lyn, vou encontrar você. Espere por mim. Espere por mim.

Ela sentiu um toque em seu pé, tão suave que poderia ter imaginado. Olhou para baixo e viu que de alguma forma Zain tinha conseguido rastejar em direção a ela. Renel estava gritando para Zain, algo que soava como “Pare!”.

Sim, é melhor você parar, Zain. Podemos ter sido amigos um dia, mas isso não vai me deter se você ficar no meu caminho.

Então ela viu o que ele tinha nas mãos. O relógio de pulso dele. Ou melhor, a parte de dentro do relógio, que era espelhada. E nela, Evelyn teve um pequeno vislumbre de Lyn.

Imediatamente ela sentiu seu poder, sua magia, se concentrar naquele pequeno ponto. *Lyn, a pessoa que eu amo.* Ela voltou para o chão. Então sentiu uma pontada de dor no pescoço e caiu nos braços de Zain.

— Ela apagou? — perguntou Renel.

Ela queria gritar “não!”, mas seus lábios, suas cordas vocais, não obedeceram. O que quer que tinham feito a ela impediu-a de se mover ou falar.

— Acho que sim — disse Zain. Ele a colocou suavemente na cama e acariciou seus cabelos. Ela desejou que ele ficasse longe. Não queria sentir seu toque, e sim o de Lyn.

Houve uma oscilação de energia no ar e seus pais atravessaram as paredes e entraram no quarto.

— O que aconteceu? — perguntou o rei. — O teto da sala do trono quase desabou na minha cabeça. O lustre quase matou a Rainha.

Ótimo!, ela pensou. Bem feito! Quem manda sedarem a própria filha!

— É a Princesa, senhor. A poção está tirando todo juízo dela; ela está perdendo o controle de sua magia. Nós lhe demos um sedativo mais forte, mas ele não vai segurá-la por muito tempo.

O Rei se virou para Zain.

— Quanto falta para o seu pai concluir a poção?

— Eu... eu não sei, Majestade.

— Bem, trabalhem mais rápido!

Ah, então era esse o plano deles. Queriam me ferir, afastando a única pessoa que realmente amei.

Renel falou em seguida, o tom incerto.

— Senhor, os médicos estão dizendo que pode levar apenas alguns dias até que ela fique completamente fora de controle. O governo está nos pedindo para levá-la para uma prisão subterrânea que prepararam. Se a magia tomar conta do organismo dela...

— Nem pense nisso! Mas Evelyn não pode ser levada para muito longe do Chifre. Quando a poção estiver pronta, vamos precisar administrá-la imediatamente.

Será que o sedativo afetou o meu coração? Porque parece que ele parou de bater por um instante. Será que meu amor por Lyn está realmente causando tanto mal? Durante toda a minha vida, meus pais me incentivaram a me casar. Agora que escolhi alguém, eles querem me castigar por isso. Justamente como a minha tia previu!

— Como quiser, senhor. Eles podem começar a evacuar uma parte da cidade. A família real estará colocando vidas em risco.

— É para isso que serve essa maldita Caçada Selvagem! Alguém vai encontrar uma cura.

— E se for a sua irmã?

— Se Emília ganhar, então a mágica nos salvará a todos.

Minha tia está a par de tudo? Emília é a única pessoa do planeta que sabe o que é ter a vida arruinada pela família real de Nova. E agora ela está conspirando para me manter longe de Lyn? Não faz sentido.

— Você deveria ter se livrado daquela mulher quando teve a chance! — acusou a Rainha.

Claro que você iria querer isso, sua mulher fria e cruel! Tudo o que importa é a sua posição na vida. Eu nem sabia que tinha uma tia. Não até que as cartas dela começassem a chegar. Como elas chegaram ao Palácio, eu ainda não sei. Mas apreciei cada palavra. Ela entendia as pressões a que sou submetida. Ninguém mais tentou entender.

— Não podemos matar um herdeiro novaense.

— Então você deveria ter trancado sua irmã numa masmorra de onde ela nunca mais poderia sair, em vez de deixá-la vagando por aí à solta...

Minha tia me inspirou. Me inspirou a tomar o futuro nas minhas próprias mãos.

— Não estamos na Idade Média, Richeline! Não podemos mais colocá-la num calabouço. Temos alquimistas melhores do que ela e alguém vai curar Evelyn. Fique de olho nela — o Rei disse a Renel, como se ela fosse um cão raivoso em vez de sua amada filha. Ele então saiu do quarto.

Eu preciso me livrar deles, de alguma forma. Não posso deixá-los separar Lyn de mim.

— Amor — ela disse, forçando a palavra a sair apesar da paralisia.

— O quê? — perguntou Zain se inclinando, aproximando a orelha dos seus lábios. — O que você disse, Evelyn? — Seus olhos ainda estavam fechados, mas ela sabia que ele tinha ouvido. Ela o amaldiçoou por ser tão lento.

— Apaixone-se e... — disse ela. Em seguida, seu corpo desistiu de lutar e deixou o sedativo fazê-la mergulhar num sono profundo e impotente.



CAPÍTULO TRINTA E SEIS

♥ SAMANTHA ♥

Meus sonhos durante o voo para casa são sombrios e estranhos. Afrodite dança diante dos meus olhos, seu corpo rodopia e se contorce. Ela usa pulseiras verde-escuras de heluviana que me atraem para ela, para que eu me envolva em seus braços. No entanto, quando olho para Afrodite novamente, ela é a mocreia, com a pele toda cheia de manchas e os dentes podres. No sonho, eu grito, mas é o grito triste do abominável. Uma luz branca e brilhante nos interrompe, tão pura e imaculada que eu tenho vontade de me curvar à sua presença. Estou de joelhos, rezando para a luz. Algo suave e gentil acaricia meu rosto. Levanto a cabeça e são pétalas salpicadas de neve do jasmim cor-de-rosa.

Kirsty me sacode para que eu acorde.

— Ei, Terra chamando Samantha! — Eu pisco para afastar o sono e vejo que minhas pernas estão espremidas de encontro ao assento na minha frente. Kirsty não quis pagar por lugares melhores — o dinheiro da flor de heluviana não vai durar para sempre e temos mais ingredientes para encontrar —, mas ela não é tão alta quanto eu. — Você está chutando os passageiros da frente.

— Desculpe, sonhos estranhos — digo, com esperança de ficar acordada até chegarmos em casa.

Nós pousamos em Kingstown e sou abordada pela minha mãe, que abre caminho em meio à multidão e aos seguranças para chegar até onde estou e me dar um abraço apertado.

Meu pai fica um pouco de lado, segurando a mão de Molly. Minha mãe vai abraçada comigo até onde eles estão e então me solta apenas por uma fração de segundo para deixá-los me abraçar também.

— Eu... estou... tão... feliz... de... ver... você — diz mamãe, entre beijos na testa. Eu imagino meu rosto, coberto de batom rosa brilhante. Gostaria de tatuar a marca de batom ali, esse símbolo do amor da minha família.

Eles chamaram um táxi para me levar para casa e eu nunca fiquei tão feliz de entrar na Kemi Street e ver a fachada da nossa loja. Algumas coisas mudaram, no entanto. A placa é nova. Ela é feita em estilo antigo, com o brasão da família esculpido num belo pedaço de madeira escura, mas brilha com a pintura nova. Há algo diferente com as janelas também. As vidraças quadradas parecem artisticamente foscas em vez de endurecidas com uma camada grossa de sujeira, fuligem e poeira.

— Gastamos um pouco do dinheiro da heluviana reformando a fachada da loja — diz meu pai, vendo minha expressão e interpretando-a com exatidão. — Havia tanta gente da imprensa aqui, jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas... Todos querendo notícias suas.

Meu pai sorria de felicidade. Eu sei que deveria fazer o mesmo, mas em vez disso sinto a pressão cada vez maior. Eles tiveram um gostinho da vida que poderíamos viver e gostaram. Isso é o que eu queria, mas agora cabe a mim tornar isso realidade.

Abro um sorriso, embora ele não seja tão largo. Mas é melhor do que nada.

Dentro da cozinha, tudo é agradável e familiar. Nada mudou aqui.

— Eu vou ver o vovô — digo. Todas as perguntas que estavam aguardando no fundo da minha mente começam a borbulhar. Atravesso a cozinha e vou para o laboratório, onde o encontro em sua mesa, como sempre.

— Bem, você viveu muitas aventuras, mocinha!

— O que aconteceu na última Caçada Selvagem? — Eu tento manter a voz calma, mas meu coração está batendo nos ouvidos. Meu avô para de trabalhar e coloca ambas as mãos sobre a mesa. Ele tira os óculos de meia-lua e esfrega os olhos.

— Eu já contei essa história. A Realeza quebrou as regras e deu aos sintéticos a vitória. E sua bisavó perdeu a vida por isso.

— Você nunca me disse que ela tinha ido para o Monte Hallah.

— Eu não sabia.

— Como podia não saber? Você era o aprendiz dela!

Ele me encara.

— Mestres não compartilham todos os seus segredos com seus aprendizes.

— Então ela disse a você que criou o primeiro sintético?

Meu avô bate as mãos sobre a mesa e eu recuo.

— Mentira! Quem lhe disse isso? — Ele irradia uma raiva feroz, mas ela se dissipa quase tão rapidamente quanto surgiu. Ele afunda na cadeira, seus dedos traçando um dos nós da mesa de madeira. — Ela não me deixou ir junto na etapa final da Caçada. O último ingrediente estava nos dando muito trabalho — Olho de Centauro —, não conseguíamos encontrá-lo em lugar nenhum. Você pode imaginar alguém pedindo a um centauro para doar seu olho? E eles protegem os corpos dos centauros mortos com mais ferocidade do que qualquer outra criatura na Terra. Não, não havia como conseguir esse ingrediente.

— Nós tivemos uma discussão. Ela me mandou para casa e que eu deixasse a Caçada. Eu sabia que ela estava tramando algo, inventando alguma coisa... mas, sem seu diário, nunca descobri o que era. E, então, tudo o que eu soube depois disso foi que o tolo do Zoro Aster tinha vencido a Caçada e Cleo, perdido seu diário de poções. Ela nunca mais foi a mesma depois disso. Em um ano, ela morreu. Seu diário nunca foi encontrado. De uma só vez, perdi tudo.

Estendo a mão e a coloco sobre a dele.

— Você tinha 16 anos. Não havia nada que pudesse ter feito.

— Havia tanta coisa que eu poderia ter feito! Eu não deveria ter ido embora. Mas isso tudo é passado agora. — Ele afaga sua longa barba. — Há algo que você pode fazer — diz ele. — Confie nos seus instintos.

Meu avô volta para sua mesa e recomeça a escrever no seu diário. Ele está me dispensando, mas de um jeito gentil. Ele me contou mais nos últimos dez minutos do que em toda a minha vida.

Então algo me ocorre. Talvez não seja nos meus instintos que eu deva confiar. Talvez seja nos meus sonhos. Eu dou meia-volta abruptamente, trombando com a mesa e fazendo os frascos de vidro tilintarem. Felizmente nada se quebra.

A cabeça do meu pai aparece na porta do laboratório.

— Está tudo bem aqui?

Corro em direção à cozinha.

— Kirsty voltou?

— Ela acabou de chegar.

— Ótimo, porque acho que sei qual é o próximo ingrediente.

Respiro fundo antes de começar. Se eu estiver certa, o próximo ingrediente requer uma capacidade altamente especializada para coletar ingredientes. Além disso, é algo tão bem protegido que é quase ilegal — você precisa passar por várias etapas e obter diversas

autorizações do governo para adquiri-lo pelos trâmites legais. Pergunto-me como a Princesa Evelyn conseguiu isso. Será que fez tudo sozinha? Será que pagou alguma quantia exorbitante para que alguém fizesse por ela? Talvez tenha um no quintal do Palácio e nós nem sequer saibamos. De qualquer forma, eu duvido.

Sigo meu pai até a cozinha, onde minha mãe, Molly e Kirsty estão esperando por mim, todos me olhando com expectativa.

— Cauda de unicórnio.

Ouçó todos perderem o fôlego ao mesmo tempo.

— Oh! — exclama Molly, com os olhos arregalados. — Eu sempre quis ver um unicórnio. — O brinquedo favorito de Molly é um unicórnio de pelúcia com um chifre cintilante que ela ganhou quando fez 6 anos. Eles são, de longe, sua criatura favorita.

Kirsty deixa cair a cabeça entre as mãos.

— Unicórnio! Isso é um problema para nós. — Os unicórnios só podem ser abordados por virgens. Vamos apenas dizer que isso coloca Kirsty em desvantagem.

— Por quê? Eu posso conseguir — digo.

— Pode? — Kirsty levanta uma sobrancelha.

— Kirsty! — reclamo, indignada. Não consigo acreditar que Kirsty está me perguntando isso na frente dos meus pais.

— Eu vi Zain sair do seu quarto na noite passada.

— Não! Nós não... — O sangue aflui para o meu rosto.

Ela ergue a mão.

— Não precisa surtar. Não é isso que estou perguntando. Essa coisa de os unicórnios só aparecerem para virgens é um equívoco comum — diz ela.

— Mas nada... Eu não posso acreditar que você acha que... Eu ainda sou... — Meu rosto fica quente, depois mais quente ainda e eu adquiero um tom patológico de beterraba.

Kirsty ri.

— Você quer que eu traga um copo d'água?

Mostro a língua e relaxo quando percebo que ninguém está realmente me julgando.

— O que você quer dizer, então? Por que eu não poderia conseguir a cauda de unicórnio? Achei que era por isso que a maioria das Coletoras especializadas em unicórnios pertence àquela ordem religiosa que faz votos de castidade.

— Não é “virgindade” no sentido físico. A antiga palavra para “amor” na verdade pode ser traduzida de muitas maneiras e apenas uma implica o físico. Torna-se um mito muito mais

interessante dessa forma, não é? — Kirsty ergue as sobrancelhas. — Mas acontece que os unicórnios são ainda mais exigentes do que isso. Então eu tenho que perguntar, Sam... você já se apaixonou?

— Não! — Mas então meu coração salta no peito. Será que isso ainda é verdade? Eu hesito. — Pelo menos... eu não sei. Não tenho certeza.

— Isso não vai enganar os unicórnios.

— Ah, Sam, eu não sabia! Você tem um namorado? — minha mãe pergunta.

Eu mordo o lábio.

— Bem, ao longo das últimas semanas, Zain e eu temos passado mais tempo juntos. Então, na noite passada, nós conversamos...

Agora meu pai está irritado. Ele bate o punho na mesa.

— Ele sabia!

Meu rosto fica branco com a declaração do meu pai. Minha mãe se vira para ele, a preocupação em sua voz.

— John...

— Bem, é claro que ele sabia! Aquela cobra... Ele deve ter planejado isso. Fazer com que Sam acredite que está apaixonada pouco antes de encontrar um unicórnio! Você não acha um pouco suspeito?

— Ele não “fez” eu acreditar em nada! Suponho que você ache que ele planejou toda aquela noite na montanha e os abomináveis também? — rebato. — De qualquer forma, isso não é da sua conta. — Lágrimas fazem meus olhos arder. — Zain se preocupa comigo. Nós nos preocupamos um com o outro. Ele queria trabalhar *com* a gente para encontrarmos a cura, não contra nós. — Eu encaro o meu pai, que felizmente tem a decência de parecer envergonhado com a sua explosão. Posso vê-lo estendendo a mão, querendo se desculpar, voltar atrás no que disse, mas estou zangada demais para deixar. — Vamos encontrar uma maneira, vamos pagar alguém...

Kirsty começa:

— Vou ligar para as Irmãs e fazer uma cotação — mas então outra voz a interrompe.

— Eu posso fazer isso — diz Molly. — Posso pegar a cauda de unicórnio.

— Não! — eu e meus pais dizemos ao mesmo tempo.

Agora é a vez de Molly se ofender. Ela se levanta, as pontas das tranças castanho-escuras tremulando.

— Vocês nunca me deixam ajudar! Sou forte também e nunca me apaixonei. Eu posso fazer isso.

— Não, é muito perigoso para você, Molly — insisto.

— Eu faço parte desta família. Esta é a nossa Caçada.

Olho para ela. De repente, ela parece muito mais velha do que os seus 12 anos. Kirsty está olhando para ela também.

Mas o meu pai balança a cabeça.

— Molly, está absolutamente fora de questão. Vamos contratar uma Coletora especializada, assim vocês duas podem ficar em segurança. E não vamos esquecer que Emília ainda está lá fora. Quem sabe o que ela pode fazer.

— Isso é tão injusto! Você deixa Sam fazer o que quiser, mas nunca me deixa fazer nada.

— Ela sai correndo da cozinha e eu a ouço subir as escadas de dois em dois degraus até o quarto e bater a porta com força.

Eu me levanto da mesa. Não posso sequer olhar para o meu pai ou para a minha mãe, e definitivamente não para Kirsty. Estou com raiva, mas também estou com vergonha, o que só me deixa mais irritada com eles, por me fazerem sentir vergonha. Estou apaixonada por Zain? Eu nem tenho certeza. Mas sei que as coisas mudaram entre nós e que este ardor em meu peito é novo e desconfortável. Para ser sincera, eu ainda não consigo acreditar que ele saiba o meu nome! Muito menos que possamos ser... bem... *especiais* um para o outro... depois do que passamos. Eu nem sequer ousa colocar em palavras o que se passa na minha cabeça. É possível colocar um feitiço em algo apenas pensando sobre isso? Pode-se arruinar algo antes mesmo de começar, com a pressão da expectativa? Claro que sim, e é por isso que eu não digo nada. Nem mesmo para mim mesma.

Ele não sabia — não poderia saber — qual é o próximo ingrediente. Ele poderia imaginar, eu suponho. E agora estou duvidando dele, duvidando de mim e isso faz com que eu me sinta ainda pior.

— Preciso dar uma volta. — Quando saio de casa, não ouço nenhuma palavra de protesto, nem “esteja de volta às dez” ou “aonde você pensa que vai?”. Eles apenas me deixam sair. Estarão ocupados tentando encontrar uma Coletora especializada, de qualquer maneira.

A sensação de enjoo continua em meu estômago, corroendo minhas entranhas, enquanto o ar frio sopra na minha pele. E se eles estiverem certos? E se ele apenas tiver me usado na noite passada? Sou uma idiota por acreditar que realmente poderia haver alguma coisa entre nós?

Eu realmente não me importo em saber aonde vou, apenas deixo meus pés me levarem para longe de casa. Mas eles têm vontade própria e logo é bastante óbvio que estou caminhando para o único lugar onde eu poderia encontrar uma resposta. Ou, se não uma resposta, então talvez um grande abraço. Se eu conseguir que ela me perdoe, é claro.

Anita.

A caminhada passa a ser uma corrida, molhada por uma leve garoa. Eu viro a esquina, voando através do portão da frente dos Patel, até quase colidir com a porta da frente, e tento recuperar a compostura. De repente, estou com medo. Preciso de Anita mais do que preciso de ar, mas é bem provável que ela não vá me perdoar.

O que eu fiz foi muito ruim, afinal.

Mesmo que eu não bata na porta, devo ter causado tumulto suficiente para que me ouvissem, pois posso ouvir alguém destrancando a fechadura. Dou um passo para trás, me afastando da soleira, e passo as mãos no cabelo, tentando parecer mais apresentável.

A mãe de Anita abre a porta. Ela fica obviamente surpresa, mas suaviza sua reação com um sorriso gentil. Eu sempre adorei a senhora Patel. Foram seus dotes culinários que me apresentaram ao curry e ao pão naan e ela nunca levantou a voz, mesmo quando Anita e eu roubamos seu kit de henna e derramamos gosma preta no seu tapete feito à mão.

— Entre, Sam, querida.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta uma voz, de maneira agressiva.

Paro na soleira e olho para dentro da casa, onde Anita está de pé no topo das escadas. Entro arrastando um pouco os pés enquanto a senhora Patel fecha a porta atrás de mim. Ela lança um olhar que eu não consigo ver para Anita, que revira os olhos. Em seguida, a senhora Patel desaparece na sala, me deixando no corredor, e eu me sinto como se tivesse apenas alguns centímetros de altura.

Anita cruza os braços sobre o peito.

— Você não deveria estar em algum lugar por aí coletando coisas?

— Vim aqui para pedir desculpas...

— Bem, agora já pediu. Vejo você por aí. — Ela gira sobre os calcanhares.

— Espere, Anita. — Ela hesita, o que é incentivo suficiente para mim. Salto até os primeiros degraus, tão familiarizada com a casa que ela poderia muito bem ser a minha. — Sinto muito. *Sinto* muito mesmo. O que aconteceu em Bharat... aquela não era eu. Eu não estava com a cabeça no lugar.

Os ombros dela afundam um pouco. Subo mais um degrau.

— Eu... eu fui arrastada para essa coisa toda da Caçada. Não posso nem acreditar que magoei você assim.

— Você realmente me magoou.

— Eu sei...

— Teríamos ajudado você, apoiado você até o fim, mesmo que não fôssemos nós que fizéssemos a poção...

— Eu sei.

— E Arjun está totalmente arrasado também. — Ela se vira agora, para me encarar. — Você deve um pedido de desculpas a ele.

Eu me encolho.

— Claro. *Claro*.

Ela abre os braços e eu subo correndo as escadas de dois em dois degraus e mergulho em seu abraço. No mesmo instante, nós duas explodimos em lágrimas.

— Eu sou tão idiota! — digo entre soluços.

— Sim, você é — ela responde, mas há riso em sua voz agora. Nossas lágrimas nos transformaram em duas figuras ridículas, agarradas uma à outra no corredor. Ainda abraçadas, nós atravessamos o corredor em direção ao quarto dela e desabamos na cama.

— Então, o que aconteceu? — pergunta ela, finalmente.

— Do que você está falando?

— Bem, parece que você acabou de atravessar um espinheiro. Você correu até aqui? Algo deve ter acontecido... foi Zain?

Meus olhos se arregalam.

— Como você sabe?

— O resgate estava em todos os noticiários e vocês dois pareciam muito à vontade um ao lado do outro em todas as fotos, depois do resgate na montanha.

Fico vermelha, mas então as palavras saem da minha boca antes que eu possa detê-las.

— Passamos por tanta coisa na montanha... E então tivemos uma conversa meio maluca depois de voltar para o hotel e eu me senti tão próxima dele... Acho que ele sente o mesmo por mim. Uau, eu nunca tinha admitido isso em voz alta antes! Mas então descobri que o próximo ingrediente é cauda de unicórnio.

— Está brincando! Sério? — Anita pergunta, os olhos arregalados.

— Aparentemente, o que dizem sobre os unicórnios não é verdade. Não é preciso ser virgem, e sim nunca ter se apaixonado... e por causa dos meus sentimentos por Zain, Kirsty e

papai estão convencidos de que ele me usou para nos impedir de obter o ingrediente. Eles acham que ele me enganou por causa da Caçada, mas isso é loucura, porque eu sei que ele não é assim.

— Ele não é mesmo, Sam? — Anita olha para mim.

— Olha, eu sei que você não o conhece muito bem, mas a gente realmente tem uma ligação. Quer dizer, salvamos a vida um do outro e ele também me entende pra valer. Ele sofre o mesmo tipo de pressão em casa. E eu sei que sempre que vinha à escola ele parecia ter nariz empinado, ser metido à besta, mas, quando a gente fala com ele, percebe que Zain não é assim... — E eu continuo tagarelando, mas ela permanece quieta. E isso começa a me irritar ligeiramente.

Ela vê isso na minha cara, porque pergunta.

— Sam... você já teve alguma notícia de Zain desde que voltou?

Checo o meu celular, embora saiba que não há nenhuma mensagem dele. Entro na internet e faço o *login* no Connect. Nada lá. Ele nem sequer me adicionou novamente como amiga.

Eu quero manter a esperança, o coração leve, mas ele está tornando isso muito difícil. E esse olhar no rosto de Anita — isso é pena?

— Não faz tanto tempo desde que voltamos da montanha — eu digo na defensiva. Mas, mesmo na minha boca, as palavras parecem vazias.

Anita se inclina na minha direção e pega um controle remoto na mesa de cabeceira.

— Você não viu nenhum noticiário desde que voltou para casa, não é?

Nego com a cabeça, de repente me sentindo tremer por dentro.

Ela coloca a mão no meu braço e aperta.

— Sam, você é minha melhor amiga. Eu não vou poupar você, colocando paninhos quentes, ok? Só quero que saiba que eu te amo e que, em geral, os garotos são uma droga.

Sinto o coração apertado. Não tenho certeza se consigo respirar. Não sei aonde Anita pretende chegar com isso, mas não pode ser nada bom. Eu me abri para Zain, mesmo tendo o palpite de que não era a melhor coisa a fazer. *Por favor, não me diga que o meu palpite estava certo*, imploro para a televisão.

Ela aperta um botão no controle remoto e liga a TV. Já está passando o principal noticiário do dia, a incrível história de um terremoto numa região remota do globo.

E agora, no noticiário nacional... após o caos devastador de ontem à noite no Palácio, a Princesa Evelyn parece ter piorado. Ouvimos agora que o governo está pensando em

evacuar Kingstown Hill, e com a Caçada sofrendo vários reveses, alguns temem que o tempo esteja se esgotando para a queridinha da nação.

— Ah, não... — murmuro. — O que aconteceu com Evelyn?

Anita me silencia com as mãos. Eu calo a boca e não desgrudo os olhos da tela. Não conseguiria parar de assistir de qualquer maneira, não depois de ouvir as seguintes palavras do apresentador:

O filho do CEO da Zoroaster e amigo da Princesa, Zain Aster, a visitou hoje cedo e saiu de lá fazendo uma declaração chocante.

— *Falei com a Princesa Evelyn e posso confirmar que o veneno que ela tomou foi uma poção do amor preparada para mim* — diz Zain, diante dos flashes dos fotógrafos e dos gritos furiosos dos repórteres.

— *Zain, Zain, diga, por que a Princesa sentiu necessidade de usar uma poção do amor? Você não sente o mesmo por ela?*

Eu posso ver a testa vincada de Zain, seu rosto, a imagem de preocupação.

— *Eu não sei por que Evie quis usar uma poção do amor.* — Sua voz engasga quando ele fala e a ponta da faca é cravada no meu coração. — *Eu sempre amei a Princesa Evelyn. Eu a amo agora. E vou fazer qualquer coisa para recuperá-la. A equipe da ZA está fazendo tudo o que pode para ganhar a Caçada e estamos confiantes de que conseguiremos a cura. Antes que seja tarde demais.* — Ele não parece ele mesmo. Parece mais velho, mais sério. Zain deixa a tela, descendo as escadas do Palácio sob o alarde dos repórteres, que gritam seu nome.

A âncora do noticiário surge de novo e parece que está, ela mesma, à beira das lágrimas.

— *Nós aqui, do News 21, torcemos para que Zain consiga curar a Princesa do seu mal de amor. Sabemos que esses dois estão destinados a ficar juntos.*

Anita muda de canal com um clique. Outro noticiário aparece na tela, mas desta vez é um programa com quatro comentaristas, todos debatendo sobre a Caçada. Um deles é Dan, mas sua postura derrotada e o rosto pálido indicam que ele não está conseguindo defender muito bem qualquer lado do debate em que esteja. Uma mulher tão bronzeada que sua pele cor de laranja chega a brilhar menciona meu nome.

— *Essa tal Sam Kemi* — diz ela — *está obviamente apenas tentando seduzir Zain para que ele não tenha chance de salvar a Princesa.*

— *Isso não é verdade* — refuta Dan. — *Ela...*

Mas a mulher o interrompe.

— *Você não estava na montanha, por isso não podemos mais confiar nos seus relatos “ao vivo”, Dan. Vou dizer uma coisa a essa garota comum: o verdadeiro amor pode tudo, senhorita, de modo que você poderia muito bem sair de cena.*

Anita corre para desligar a TV. Ela pega a minha mão, mas eu quase não a sinto. Todo o meu corpo está dormente. Tento absorver tudo o que eu ouvi. Tudo que Zain disse sobre Evelyn e como ele se sente em relação a ela e como ele se sente sobre mim... era tudo mentira? Cada palavra dele?

Mal posso acreditar que me deixei enganar.

Fui uma total idiota. E agora a mídia se voltou contra mim também. Mas eu não me importo com eles. Só consigo pensar em Zain.

Meus pais estavam certos. Ele deve ter descoberto qual é o último ingrediente quando estávamos no hotel e então decidiu ter certeza de que eu nunca conseguiria obtê-lo sozinha. Ele é esperto. Soube o que fazer para que eu me apaixonasse. E eu me apaixonei. Mas desta vez não há nenhuma rede de segurança. Só uma queda brusca e dolorosa.

Desabo na cama de Anita e ela acaricia o meu cabelo delicadamente.

— Sinto muito, amiga.

Eu me amaldiçoo por um dia ter ousado não valorizar a nossa amizade. Só o que eu quero é me encolher como uma bola e deixar minhas emoções me levarem como uma concha numa praia.

— Olha o que a Caçada fez conosco... Meu pai está devastado por causa do laboratório — Anita diz, seus longos cabelos fazendo cócegas no meu rosto. — Ele acha que não vale a pena reformar. Acho que vai ter que se aposentar mais cedo ou encontrar outro emprego ou...

Eu me sento.

— Vai ficar tudo bem.

Ela sorri, segurando as lágrimas.

— Só vai ficar tudo bem se tudo valer a pena. Você tem que ganhar. Como vai a Caçada, sem contar o unicórnio?

— Fico o tempo todo sentindo como se estivesse um passo atrás. Eu não sei se a cauda do unicórnio é o último ingrediente ou se tem mais algum... Parece que estamos perto, mas ainda não tenho o jasmim.

Os olhos de Anita se iluminam.

— Vem comigo — diz ela, levantando meu queixo e pegando minhas mãos. — Eu tenho algo que pode ajudar.

— O que é? — Eu não consigo pensar em nada que possa me ajudar nesta situação. A menos que seja algum tipo de tônico para a perda de memória seletiva.

Voltamos ao andar de baixo e atravessamos a cozinha, onde o cheiro doce de *chai* flutua no ar.

— Vocês, meninas, não querem uma xícara de chá? — a mãe de Anita pergunta.

— Ainda não, mãe — Anita responde por nós duas, dirigindo-se para o jardim.

Espremida num canto há uma pequena estufa.

— Ali dentro — ela diz.

Eu levanto o trinco da porta e uma onda de calor me atinge primeiro, logo seguida pela umidade. Tudo ao meu redor são plantas exuberantes, folhas verdejantes e saudáveis. E no canto, o vislumbre de um rosa vibrante.

Jasmim cor-de-rosa.

Eu me viro, quando Anita se espreme para entrar na estufa ao meu lado.

— O quê? Como?

— Ah, então você viu.

— Como eu poderia não ver isso? Pensei que Emília tivesse queimado tudo!

— Ela queimou. Mas, como eu teria contado a você se não tivesse saído com tanta pressa para montar naquela motocicleta, ela não queimou até as raízes. Eu consegui salvar uma raiz e fazê-la brotar aqui. Eu estava levando para mostrar a você quando partiu.

A lembrança me atinge. As impressões digitais escuras de Anita na minha mochila. Escuras porque ela tinha escavado as cinzas e a fuligem, procurando pela raiz.

Anita dá de ombros.

— Como eu disse. Está tudo bem. Eu te perdoo e você vai precisar do jasmim para completar a poção, agora que não temos mais chance. E você precisa vencer Zain mais do que nunca agora. Então, é seu.

Meus olhos se enchem de lágrimas novamente. Eu dou um passo à frente e a puxo para um abraço.

— Muito obrigada. Vou fazer com que todos saibam que você me ajudou. Agora temos que esperar para ver se os meus pais conseguiram contratar uma Coletora para a cauda de unicórnio.

Então, como que por magia, meu telefone vibra. Eu o tiro do bolso e meu coração se aperta. Não é ele ligando para me pedir desculpas, como pensei que poderia ser, ou para oferecer algum tipo de explicação. Porque eu não significo nada para ele, absolutamente

nada, não quando ele declarou para todo o mundo que estava esperando, o tempo todo, por esse momento.

A ligação é da minha mãe.

Eu fico em dúvida se atendo ou não. Mas não posso ficar brava com eles por muito tempo. Não quando estavam certos.

Atendo.

— Sam? Ah, Sam, graças a Deus! — A voz dela está cheia de medo.

— O que foi? — pergunto. Estendo o braço e pego a mão de Anita, que me olha com curiosidade.

— É Kirsty. Ela foi embora e levou Molly com ela.

— O quê?! — guincho.

— Elas levaram seu passe da Caçada, por isso não podemos nem sequer segui-las. Ah, Sam, o que vamos fazer? É tão perigoso!

— Não se preocupe. — Minha mente está a mil por hora, minhas palavras são tranquilizadoras, mas na realidade eu não faço ideia de como vamos buscar Molly. Minha mãe está certa. O lugar para onde ela vai, onde os unicórnios estão... é mais perigoso do que qualquer outro em que já estive, inclusive a montanha. — Não se preocupe, vou descobrir um jeito. Já estou indo. Vou pedir para o senhor Patel me levar para casa.

Desligo o celular e sinto o sangue fugir do meu rosto.

— O que foi, Sam? — pergunta Anita.

— Kirsty levou Molly para Zambi. — Eu corro da estufa quente e úmida, na direção do ar fresco do lado de fora. Ando pelo jardim. — O que eu vou fazer? Kirsty é tão imprudente... ela só quer conseguir o ingrediente, não importa como.

— Nós iremos — diz uma voz, da porta dos fundos da casa.

Eu ergo os olhos e vejo Arjun parado lá.

— Nós iremos — ele repete. — Ainda temos dois passes para a Caçada. Se você e eu sairmos agora, podemos alcançá-las.

Eu corro até ele, quase o derrubando com um abraço. Ele dá um tapinha nas minhas costas, sem jeito.

— Sinto muito, Arjun.

— Tudo bem. Depois você me paga.

— Combinado.

— Vamos, então. Vou levar vocês. Meu pai me emprestou o carro hoje mais cedo — diz Anita. — Mãe? Estamos...

A senhora Patel acena com a cabeça antes de Anita terminar de falar.

— Vão atrás da sua irmã — diz ela, mas não antes de me puxar para si e me dar um beijo na testa. Ela faz o mesmo com Anita e Arjun antes de se despedir com um aceno.

Atravessamos o corredor e entramos os três no carro.

Isso cai bem, nós três juntos novamente. E vamos trazer Molly de volta.



CAPÍTULO TRINTA E SETE

♥ SAMANTHA ♥

— Sinto muito, mas não posso diminuir os preços — diz Joan, uma atendente morena amalucada, com lábios encantados vermelho-brilhantes, atrás do balcão no Terminal de Transporte Kingstown.

— São 20 mil coroas para o transporte a Zambi esta noite. Estamos com muita procura. Vocês não ouviram falar da evacuação? Todo mundo está indo embora, com receio de que os terremotos piorem.

— Mas nós precisamos ir até lá! É para a Caçada! Você não quer ser responsável pela morte da Princesa, quer? — Eu não me preocupo mais em ocultar minhas idas e vindas.

Ela estreita os olhos um pouco para mim, como se tentasse se lembrar do meu rosto.

— Espere aí! Você é aquela garota Kemi, certo? Vi você na TV ontem à noite. O que está tentando fazer agora? Quem sabe o que pode fazer para deter aquele pobre garoto, Zain. — Ela olha para Arjun. — Você é outro otário que ela está instigando a ajudá-la?

Deixo escapar um grito abafado de frustração.

— Você sinceramente acredita em tudo que os noticiários dizem? — Anita pergunta, com rispidez.

Joan franze os lábios e martela o teclado com os dedos.

— Não há nada que eu possa fazer. Há um voo para Zambi saindo do aeroporto em quatro horas. Vocês têm que passar uma noite em Ellara, mas vão estar lá amanhã à noite.

— Não temos até amanhã à noite! — eu grito, batendo as mãos no balcão.

— Agora, acalme-se, mocinha, ou eu vou ter que chamar o segurança — Joan parece alarmada, com a mão sobre o telefone.

— Ora, ora, ora, que confusão é essa? Deixem um velho passar.

Eu reconheço aquela voz. E me viro para trás.

— Vovô! O que está fazendo aqui?

— Sam, vim para levá-la para casa. Arjun, Anita, vocês devem ir também.

— O quê? Mas Molly...

— Obrigada, senhor — diz Joan, que abandona qualquer pretensão de ser gentil conosco.

— Sua neta está passando dos limites.

Meu avô está tão perto do balcão que praticamente se debruçou sobre ele. Ele estende o braço para afagar a mão dela.

— Eu sinto muito que eles tenham incomodado você — diz vovô, estalando a língua com um ar desaprovador. — Essa juventude de hoje... — Mas então ele pega o pulso da atendente com força. Ela se contorce, parecendo desconfortável, mas meu avô é a própria imagem da fragilidade e ele começa a tossir. A tosse evolui e se transforma num acesso, até que todo o seu corpo está tremendo.

— Vovô — Eu tento confortá-lo, mas ele acena para mim com a mão livre. Então enfia a mão no bolso e tira dali um lenço. Olha para Joan, abre o lenço e sopra uma nuvem de pó em seu rosto. O pó cai sobre ela como uma camada de açúcar de confeitiro, em seguida, desaparece. A tosse de vovô para imediatamente.

— Então duas passagens para Zambi? — ele pergunta a Joan, com um sorriso maroto.

— Imediatamente, senhor. Aqui está, senhor. Transporte com segurança.

Vovô precisa rebocar Arjun e eu para longe do balcão, porque nós dois estamos de queixo caído, aturdidos com o que ele acabou de fazer.

— Rápido, a poção não vai durar muito tempo.

— O que o senhor fez com ela? — Arjun pergunta.

Meu avô pisca para mim.

— Pó de Charme! — Eu solto um longo suspiro. — E funcionou muito bem! — Outra poção proibida, incrivelmente difícil de fazer. Ele não perdeu nem um pouco o jeito. — Mas o que vai acontecer quando ela se recuperar?

— Não vai perceber nada errado. Não sou um Kemi a troco de nada — diz ele. — Agora, mexam-se.

Dou um abraço em Anita, então atravessamos correndo a zona do portal para chegar à área de segurança, além das telas de lançamento.

Viro-me para Arjun e vejo pequenas gotas de suor aparecendo em sua testa.

— Você está bem?

— Eu nunca me transportei...

— Ah, uau, esqueci! — A minha primeira experiência foi terrível. — Pra falar a verdade, é maneiro. Basta lembrar as regras. Principalmente manter o contato visual.

Ele balança a cabeça.

— Acho melhor eu me acostumar com isso se quiser ser um bom Coletor. Vamos. Se eu pensar muito tempo, vou perder a coragem.

— Você vai primeiro. Vou estar bem atrás. Só tenho que fazer um telefonema.

Quando aterrisso, o lugar está um caos. Arjun treme violentamente e os guardas o envolvem com cobertores reflexivos.

— Ele está sofrendo um choque de Transporte — um dos médicos diz.

— Vocês não têm uma poção para isso? — pergunto.

Meteorito prata triturado, misturado com essência de bolsa-de-pastor e fios de verme fluorescente, para tirá-lo das correntes de magia e ancorá-lo ao chão terrestre, o lugar a que pertence.

Uma poção que iria ajudar. Não que eu a tenha. Gostaria de poder desligar o meu cérebro. O médico retira uma cartela de pílulas, o logotipo ZA impresso nelas.

— Tome, isso vai ajudar. Vou pegar um pouco d'água.

— Já estou me sentindo melhor — diz Arjun. — Eu... eu vou ficar bem.

O médico dá de ombros.

— Tome isso e vai se sentir mais normal. Se isso não acontecer — ele se volta para mim —, faça com que ele fique aquecido e repousando, para evitar alguma sequela a longo prazo.

— Pode deixar — digo, pegando as pílulas da mão do médico.

Assim que saímos do terminal, o calor é extremo, mas de uma forma diferente de Bharat — é muito seco. Eu me pergunto por um instante por que vivemos na terra da garoa e do tempo nublado quando há outros lugares no mundo com um clima muito melhor.

Ligo meu celular — imediatamente começo a pagar roaming, mas o que posso fazer — e vejo que Anita nos enviou detalhes sobre como entrar com o nosso carro alugado nas Selvas. Embora Zambi não seja um país particularmente bem desenvolvido, suas leis são muito mais rigorosas, no que diz respeito às florestas, do que as leis de qualquer outro lugar do mundo. Trata-se de um lugar perigoso e imprevisível. Dizem que a fonte de toda a magia dos Talentosos está em Zambi. Se a mágica de Nova flui em correntes, aqui ela flui como uma

cachoeira. É como se a magia brotasse da terra, e até mesmo uma simples comum como eu sente como se pudesse pegá-la com as mãos.

Pegamos as chaves do carro e felizmente o motor funciona sem nenhum problema. Como viemos pelo portal, esta é provavelmente a área mais nobre de Zambi. Tudo é bem cuidado, árvores de rododendros alinham-se nas ruas, em fileiras uniformemente espaçadas, e há até mesmo um chafariz luminoso, que parece particularmente ostensivo, considerando o fato de que mais de oitenta por cento das selvas de Zambi estão no período da seca.

— Você está bem para dirigir? — pergunto a Arjun. Ele oscila ligeiramente, os olhos desfocados.

— Acho que só preciso descansar um pouco.

— Ok, você descansa, eu dirijo. Pode ser meu copiloto. — Eu o ajudo a entrar no carro e ele despenca contra a janela. Ainda não quer tomar os comprimidos e tudo o que tenho a lhe oferecer além disso é água. Eu pressiono uma garrafa em sua mão e o forço a tomar alguns goles.

— Sêrio, estou bem. Só meio zonzinho.

Quando já estamos do lado de fora da estação do portal, dirigir pelas ruas passa a ser um tipo totalmente diferente de desafio. Não é nem de perto tão ruim quanto em Bharat, mas estou tentando identificar a nossa rota e prestar atenção na estrada à minha frente também. Queria que tivéssemos pegado o GPS do senhor Patel emprestado.

As Selvas de Zambi. Mal posso acreditar que esta vai ser a minha primeira vez aqui — nesta viagem enlouquecida e frenética. Numa caçada pela cauda de um unicórnio. Mas desta vez não é apenas para conseguirmos o ingrediente. Eu preciso salvar Molly.

As Selvas de Zambi invadem quase todas as grandes cidades do país, e por isso não levamos muito tempo para chegar a um dos seus limites. Uma vez eu vi, num documentário sobre a natureza, um leão-dentes-de-sabre andando pelas ruas de Jambo e causando pânico em toda a cidade. Nos bairros ricos, eles têm que colocar arame farpado no nível do solo para impedir que os crocodilos de cauda dupla deem um mergulho em suas piscinas.

A entrada das selvas é apenas uma pequena cabana com um telhado de palha e um guarda sonolento. Eu paro em frente a ele e lhe entrego nossos passes.

— Tudo deve estar em ordem, senhor — digo, no meu tom mais educado possível, mesmo que esteja morrendo de pressa e querendo dizer para ele andar logo.

— Fiquem aqui, não posso deixá-lo passar. — Ele se levanta, se espreguiça e começa a se afastar do carro, andando na direção de outra pequena construção com uma placa em que

está escrito GUARDA DAS SELVAS. Sem pensar, saio do carro e vou atrás dele.

— Espere! Senhor, pode me devolver os nossos passes?

— Não, tenho que passá-los para o meu gerente examinar.

— Por favor...

Então eu me lembro de algo. Algo que Kirsty me disse uma vez sobre os guardas das Selvas, o emprego ingrato que têm, forçados a proteger uma fronteira que quase ninguém quer atravessar.

— Eu sei que você quer consultar o seu gerente, mas será que isso não ajudaria a acelerar as coisas? — Eu mostro a ele uma nota de vinte dólares. Ele embolsa a nota e me devolve os passes.

— Podem passar.

Volto para o carro, as mãos tremendo.

— Você acabou de subornar esse cara? — Arjun pergunta, com a cabeça encostada na janela.

— Eu acho que sim.

— Samantha Kemi, você é uma fora da lei.

Sorrio para ele e acelero o motor. O carro avança com tudo e entramos nas Selvas.

Algo semelhante à euforia — talvez seja a adrenalina — finalmente toma conta de mim. Estamos nas Selvas! Conseguimos! E apenas algumas horas se passaram desde que descobrimos que Kirsty levou Molly. Talvez haja realmente uma chance de alcançarmos as duas aqui, antes que alguém se machuque.

Tiro o celular do bolso, prestes a mandar uma mensagem para meus pais, contando a boa notícia.

— Droga!

— O que foi? — Arjun pergunta com a voz fraca.

— Não tem sinal.

— Sério? — Ele se endireita no banco e pega o celular no bolso. — O meu também não. É estranho. Fiz um curso de comunicação nas Selvas no último semestre. Zambi é uma das primeiras áreas de floresta completamente coberta com sinal, porque os riscos são muito altos. As equipes de resgate precisam conseguir sair daqui rápido.

— Droga! — digo de novo.

— Alguma coisa, *alguém*, deve estar interferindo no sinal.

Bato as mãos no volante. Tenho três suposições.

— Emília. — Eu não ousa tirar os olhos da estrada, que parece cada vez menos uma estrada e mais como uma trilha aberta a golpes de facão, se insinuando através da grama alta da savana. — O que você acha que devemos fazer?

— Seguir em frente.

— Mas para onde?

Ele coloca o polegar e o indicador no canto interno de cada olho e aperta. É o que ele faz sempre que está tentando se lembrar de algo. Não sei quantas vezes já o vi fazer isso em dias de prova. Seja o que for, funciona.

— Unicórnios... ok. Não conheço muito sobre isso, sabe? O primeiro ano de treinamento de um Coletor consiste no básico. E isso não é básico.

Eu desvio para evitar os galhos de um enorme baobá pairando sobre a estrada.

— Vamos lá, Arjun. Sei que você sempre vai atrás de mais conhecimentos. Deve ter lido alguma coisa...

— Sim, espere. Ok. Ok.

Dou uma parada numa enorme savana aberta. Como vamos encontrar Kirsty e Molly aqui? Relva, planícies e árvores, até onde os olhos podem ver, mas nenhum sinal de outro carro. Nenhum sinal de vida. E se elas foram para as Selvas e viraram à esquerda, em vez de seguir em frente? E se viraram à direita? Poderíamos vasculhar a savana por dias e não encontrar nenhuma pista de onde estão.

Eu tento não me perguntar se vamos topa com Zain e sua equipa da ZA. Não adianta. Eu não paro de me lembrar disso.

De repente ouço um barulho mais acima e centenas de silhuetas negras e volumosas enchem o céu, cobrindo o sol. Eu grito, apesar de estarmos dentro do jipe. Arjun pega o telefone, abre um aplicativo e aponta para o céu.

— O que são essas coisas? — grito.

Ele me mostra a tela. Há uma foto das criaturas e um pequeno círculo branco girando, indicando que o telefone está funcionando.

— O aplicativo dos Coletores nos ajuda a identificar espécies nas Selvas, como um banco de dados que qualquer um pode acessar. — A tela pisca com a imagem de um morcego mal-encarado, as pontas das asas curvadas com garras de aparência cruel. Sob a imagem estão as palavras *Zambiera Desmodus*.

— Morcegos-vampiros? — pergunto.

— Quisera fossem. Não, estes são como morcegos-vampiros 2.0. Olhe para as asas deles! São malévolos, e um bando enorme como este... — Ele faz uma pausa. — Temos que segui-los. Siga os morcegos, Sam!

— O quê? Por quê?

— O sangue favorito deles é o humano. Se alguém estiver ferido, vão ser atraídos pelo cheiro.

Eu afundo o pé no acelerador, virando o volante na direção dos morcegos. Arjun se apoia contra o painel.

— Talvez a equipe da ZA esteja com problemas...

— Ou pode ser Molly. — Eu estou a toda velocidade agora. Uma corrida para encontrar Molly e chegar antes dessas feras voadoras. Cerro os dentes ao sentir as trepidações do volante em minhas mãos, os pneus saltando sobre o terreno áspero.

— Esquerda! Tudo pra esquerda!

Os morcegos ainda estão voando em linha reta, mas eu confio em Arjun.

— Ok, em frente agora!

Consigo ver agora o que ele viu. Um jipe, à nossa frente. Está estacionado diante de uma mata de árvores fechada, a mais espessa que já vi na savana até agora.

— É uma mata de galeria! — diz Arjun. — De acordo com o banco de dados, é onde os unicórnios gostam de se esconder, porque significa que existe água nas proximidades e também proteção. Talvez estejam aqui. Os morcegos vão circular um pouco, mas, quando descerem para a floresta, vão estar por toda parte, ok? Você não tem muito tempo.

Salto para fora do nosso jipe e me aproximo de outro. Espio lá dentro, mas não reconheço nada. Ele poderia pertencer a Molly e Kirsty. Pode ser da ZA. Pode ser de Emília. Eu só tenho que rezar para que seja de Molly.

Arjun desaba em seu assento. Eu posso ver a pálida determinação no rosto dele. Quando eu encontrar Molly, vou conduzir todos de volta para casa em segurança. Mas esta parte, eu vou ter que fazer sozinha. Nenhum Coletor vai me ajudar.

— Volto já — digo a ele. Depois pego o celular e digito um número. — No momento em que o sinal voltar, você liga para este número.

— Se você não estiver aqui em meia hora, vou atrás de você.

— Combinado. Ou se ouvir alguém gritando.

Ele sorri. Corro em direção à mata.

Dentro da mata, o silêncio é mortal. As árvores absorvem todo o som, e o vento, os pássaros e os morcegos, que antes pareciam tão barulhentos, agora têm seus sons abafados, substituídos por um silêncio claustrofóbico. Abro caminho através dos troncos grossos, me embrenhando na mata.

Então, localizo: um lampejo laranja estranhamente brilhante nas árvores. Apresso o passo. Quero gritar, mas algo sobre o silêncio deste lugar faz com que eu mantenha a boca fechada.

Chego a uma clareira. Kirsty está lá, à vista de todos, com uma jaqueta laranja reflexiva sobre suas roupas usuais. Mas ela não parece surpresa ao me ver. Na verdade, parece que está me esperando. Ela levanta o braço para me deter e eu congelo no lugar.

— Sam! — grita Molly. Minha cabeça se vira na direção do som. Ela está numa das árvores, suspensa numa gaiola de aparência precária, feita de galhos entrelaçados. Parece tão pequena ali que provavelmente poderia passar através dos galhos, se tentasse. Mas está muito longe do chão para poder descer com segurança.

Então, um unicórnio irrompe na clareira, no espaço abaixo da gaiola.

Eu quase desabo no chão. Nunca vi uma criatura tão bonita em toda a minha vida. Quero me jogar a seus cascos e implorar por perdão. Quero me enterrar na terra e arrancar meus olhos das órbitas; eles não merecem tamanha majestade. É uma criatura que parece nascer da própria luz, luz e beleza, e — no momento — de uma grande e terrível raiva.

Com quase o dobro da altura de Kirsty, o unicórnio passa por ela, que salta para o lado, rolando para longe, apenas alguns instantes antes de o chifre da criatura atravessar o espaço onde a cabeça dela estava. Ele galopa em círculos pela clareira, arranhando a árvore, batendo seu corpo musculoso contra o tronco e fazendo toda a mata estremecer.

Ele é como um cavalo, mas mais do que isso. Parece ter mais músculos, ser feito de mais do que apenas sangue, pele e tendões, mas também de aço, força e luz do sol e o próprio universo. Seu chifre é a sua característica mais incrível. Estende-se em linha reta, mas é feito de curvas e espirais, o que lhe dá uma aparência ainda mais ameaçadora, perigosa. Quando ele para sob a gaiola novamente, ergue-se nas patas de trás, mas não a alcança. Quem quer que tenha colocado aquela gaiola lá em cima, fez isso com máxima precisão. A ponta de seu chifre fica a centímetros de distância do fundo, mas não pode alcançá-lo. Toda vez que o unicórnio empina sob as patas traseiras, Molly se encolhe ainda mais em posição fetal, num canto da gaiola. Mas por alguma razão eu não acho que o animal queira ferir Molly. Ele quer salvá-la.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu não consigo contê-las. Sou tocada pela visão do unicórnio com tanta raiva, furioso conosco por impedi-lo de conseguir a única coisa que ele quer. Mas eu não vou deixar que ele pegue Molly. Meus olhos vasculham o lugar, à procura de um jeito de chegar até a árvore.

— Não se aproxime, Sam — avisa Kirsty. — Eu nunca vi um unicórnio agir dessa forma!

— Você não entende! — eu grito de volta. — Achamos que Emília sabotou o sinal dos celulares. E há um enxame de morcegos-vampiros zambianos vindo para cá como loucos! Vão chegar aqui a qualquer minuto.

Ao ouvir isso, o rosto de Kirsty empalidece.

O bater de asas confirma meu aviso e Kirsty olha para o céu, estreitando os olhos.

Ela se lança na clareira de novo, provocando a grande criatura. Ele fica sob a gaiola, arranhando o chão com seu casco duro como diamante.

Minha mente dá voltas a mil por hora. Se eu conseguir chegar até a árvore, se Kirsty de alguma forma conseguir fazer o unicórnio sair de lá, se Molly conseguir se libertar, se, se, se, então o quê?

Kirsty está com os olhos arregalados de pânico e o medo comprime o meu coração. Ela deve ter engendrado algum plano. Com certeza queria atrair o unicórnio para cá com a juventude e a inocência de Molly. Mas ela não tinha levado em consideração Emília, embora devesse ter feito isso. Deveria saber que Emília não vai parar até que estejamos todos mortos, inclusive a Princesa.

O unicórnio abaixa o chifre.

Kirsty fica ali, com os braços esticados, segurando sua jaqueta aberta, tentando se fazer passar por um grande e impressionante alvo.

Então o unicórnio arremete.

Nesse momento eu avanço também, saltando para a frente da minha posição atrás de uma árvore, e corro para a árvore no centro da clareira.

Não é uma escalada fácil, de maneira nenhuma. Mas reconheço exatamente que espécie de árvore é aquela, de uma ilustração de um dos meus obscuros livros de poções. Tiro uma faca da bolsa na lateral do meu corpo e corto o tronco. Imediatamente, os cortes se enchem de uma seiva pegajosa.

Âmbar Laticífero. A resina espessa da sua casca pode ser utilizada na criação de joias funerárias, pois é ideal para ligação e armazenamento de memórias.

Eu mergulho as mãos na seiva, revestindo-as de uma grossa substância brilhante dourada.

Kirsty se vira e corre para a mata, o unicórnio seguindo rapidamente atrás dela. Mas o barulho de asas batendo está cada vez mais próximo e mais alto, e eu sei que não tenho muito tempo.

Esfrego as mãos, o calor da fricção tornando a seiva mais pegajosa. Então bato a mão direita contra o tronco e salto para cima o mais alto possível. A mão gruda no tronco e eu jogo a outra mão mais para cima, os meus pés lutando para aderir ao tronco e encontrar apoio.

A seiva começa a se desprender das minhas mãos quase imediatamente, então tenho que me manter em movimento, colocando uma mão mais acima que a outra. Meus ombros ardem com o esforço, mas basta mais quatro movimentos e eu alcanço o primeiro galho. Dali em diante é mais fácil.

Salto para o próximo galho.

— Estou indo, Molly!

— Depressa! — Ela parece muito assustada, sua voz é um guincho agudo.

Há um galho logo abaixo da gaiola. Se eu conseguir remover a estaca de madeira grossa que mantém a porta da gaiola fechada, Molly poderá se lançar sobre mim e vou conseguir segurá-la. Deve ter sido assim que Kirsty colocou Molly na gaiola. Dali, eu poderia erguer Molly até o galho.

O problema é que os primeiros morcegos pousam no galho ao mesmo tempo que eu.

— Xô! Sai daqui! — grito, sentindo-me ridícula. Como é que se espanta um morcego-vampiro? Ele mostra os dentes para mim — são incrivelmente afiados e longos, mais como agulhas do que presas, perfeitos para injetar veneno e chupar sangue. Ele guincha, zombando de mim. Em seguida, abre as asas e sibila como uma cobra.

Eu pego a coisa mais próxima que tenho à mão — minha lanterna — e jogo no morcego. Acerto na mosca e o morcego guincha para mim, depois voa para longe.

— Molly, estou aqui!

Fico em pé sobre o galho e estendo a mão. Forço a estaca que fecha a gaiola, tentando puxá-la da fechadura.

Mas, nesse momento, o primeiro morcego pousa na gaiola. Suas pequenas garras, como mãozinhas, envolvem as barras, as asas batendo ferozmente contra a madeira arqueada. O peso do morcego faz a gaiola balançar, mas apenas por um momento. Então é como uma tempestade tenebrosa, quando os morcegos enxameiam a gaiola, cobrindo-a completamente, em camadas de dois, três, quatro animais, atacando e mordendo um ao outro em seu

desespero para conseguir o precioso sangue que está ali dentro. O sangue que pertence à minha Molly.

Eu nem consigo mais ouvi-la gritar. Eles bloquearam completamente minha visão dela e outros mais estão pousando, no meu galho. Não tenho tempo para tomar uma decisão. Eu me estico sobre o galho e salto para a gaiola.

Nem sequer chego perto. Um morcego bate nas minhas costas, suas garras dilacerantes em minha pele, as asas batendo contra os meus braços e cabeça. A força das suas asas e garras me faz saltar sem equilíbrio e isso é mais como uma queda do que qualquer outra coisa. Jogo os braços para cima e a seiva pegajosa em minhas mãos me ajuda a me agarrar ao galho. Eu balanço o corpo na direção do tronco, o morcego ainda enroscado no meu cabelo. Envolver as pernas ao redor da árvore, em seguida desgrudo as mãos do tronco e me concentro em afastar o morcego. Afugento-o para longe de mim, mas não antes de suas presas deixarem arranhões profundos no meu pescoço. Minha mão se desprende do galho e, assim que eu consigo, dou um golpe na asa do morcego. Ele cai.

Estou lutando agora para tentar subir de volta na gaiola, quando de repente vejo um movimento. O fundo da gaiola cai; um alçapão, um fundo falso. E Molly despenca. As criaturas não notam. Mas ela está caindo de uma grande altura.

— Molly! — grito, como se isso pudesse fazer surgir algum tipo de almofada que a protegesse. Não há tempo para reagir. Não há nada que eu possa fazer. Só posso assistir à queda.

Da floresta, o unicórnio irrompe da folhagem. Uma visão de Molly empalada no chifre do unicórnio flagela minha mente, mas ele mergulha a cabeça no último minuto e ela cai como uma boneca de pano sobre seu corpo. Seus braços instintivamente agarram o pescoço do unicórnio e ele a leva para dentro da mata. Uma nuvem de morcegos os segue, vindos da gaiola e do céu.

Eu desço da árvore, espantando os morcegos que ainda restam e que se precipitam sobre mim, mas a maioria tem a atenção desviada.

Cambaleio na direção do unicórnio, correndo tão rápido quanto minhas pernas fracas permitem. Alguém chama meu nome, eu viro e vejo Kirsty saindo aos tropeços desde o outro lado do bosque, com o rosto coberto de sangue, a mão sobre uma ferida no ombro.

— Kirsty, ele a levou, levou Molly!

Kirsty franze os lábios, pura determinação em seu rosto. E por mais que eu a odeie, e eu a odeio neste momento, ela é a única pessoa que pode fazer isso.

Ela corre a toda velocidade e vê-la fazer isso com o ombro sangrando me dá a certeza de que eu posso correr também.

Ouvimos um relincho alto de dentro da mata.

Eu mal posso respirar, não quero nem imaginar o que está acontecendo.

Nós chegamos a outra clareira, onde há uma grande rocha coberta de musgo. Molly está lá e ainda está montada no unicórnio, os olhos fechados, as mãos estendidas. Ela tem um arranhão na bochecha de onde goteja sangue, e está usando um par de luvas de seda.

— Não, Molly, pare! — eu grito. Ela está usando magia na parte mais perigosa das Selvas.

Os morcegos mergulham e enxameiam ao seu redor, mas são incapazes de atacar. Eles estão sendo repelidos por algum tipo de campo de força gerado pelas mãos enluvadas da minha irmã. Seu cabelo castanho se agita atrás dela, mesmo não havendo um sopro de vento na floresta, e, quando o unicórnio se ergue nas patas de trás, Molly se segura com as coxas, movendo-se sobre a criatura com tanta facilidade como se tivesse cavalgado durante toda a sua vida.

Kirsty agarra meu braço.

— Deixa ela! — ela diz.

— Mas e a magia?

— Ela vai ficar bem, confie em mim.

Eu caio de joelhos na terra enlameada e cheia de musgo. E, bem nesse momento, Molly bate palmas. Seu campo de força se expande para fora e para cima, e num instante os morcegos são afugentados. Aqueles mais próximos caem como chuva em torno de nós, enquanto os outros se afastam girando no céu, longe de minha irmã e da sua poderosa magia.

O poder passa por Kirsty e por mim; sinto o resíduo crepitar como eletricidade sobre minhas costas, enviando ondas de arrepio pela minha pele e eriçando meu cabelo.

Molly desmorona no dorso do unicórnio. Ele dobra as patas, deixando que ela deslize para o chão. Em seguida, se deita próximo a ela e ambos parecem cair num sono profundo, um dos braços de Molly em torno do pescoço do unicórnio.

Lentamente, Kirsty e eu ficamos de pé. Ela segura o ombro.

— Tenha cuidado. O unicórnio está protegendo Molly. Mas ainda pode haver um resquício de magia e você não está protegida contra ela.

Faço uma careta. Nenhum perigo mágico vai me manter afastada da minha irmã neste momento.

— Molly? — sussurro. Eu posso ver seu peito subindo e descendo suavemente, a testa lisa e a aparência calma. Mas eu sei que, depois de despender toda essa energia, ela deve estar quase totalmente sem forças e vai precisar de um médico o mais rápido possível.

Nós nos aproximamos cautelosamente.

— Nunca estive tão perto de um unicórnio antes — diz Kirsty, com lágrimas nos olhos. — Quer dizer, pelo menos não por tempo suficiente para examiná-lo em detalhes.

Eu sei o que ela quer dizer. Quando o unicórnio estava enfurecido na clareira, corria rápido demais para que pudéssemos realmente apreciar sua beleza. Mas, deitado ali, tão poderoso e no entanto tranquilo em seu sono, é possível realmente apreciá-lo. Ele é branco, mas cada fio do seu pelo na verdade parece translúcido, como diamantes em forma de filamentos. Seu chifre não é perolado, como eu imaginava, mas mais como uma lança — uma folha de metais preciosos retorcida —, como prata, mas ainda mais forte. Parece ligeiramente danificado na ponta e manchado de sangue seco, que está rapidamente se transformando de vermelho em marrom-escuro.

Eu me pergunto de onde veio aquele sangue, mas agora posso deduzir o que aconteceu com o ombro de Kirsty.

— Cuidado! — diz Kirsty, quando me aproximo das duas figuras adormecidas. Estendo a mão e toco o braço de Molly. Ela se mexe e o unicórnio também se move ao lado dela.

— Mols? — sussurro.

Ela geme em resposta, mas pelo menos é uma resposta. Eu levanto o braço devagar, chegando cada vez mais perto, com a intenção de afastá-la do unicórnio. Levanto-a em meus braços e ela parece leve como uma pluma, mais leve do que o normal.

— Espere! — diz ela, através dos lábios ligeiramente úmidos. Seus olhos se abrem.

— O que foi, meu amor?

— Você conseguiu o ingrediente?

— Não se preocupe com isso, Mols — sussurro em seu cabelo, segurando-a com mais força.

— Não, tudo bem. Eu pedi a ele.

— Você... — É quase irreal demais para eu pedir uma explicação. Carrego-a de modo que ela esteja perto o suficiente para alcançar a cauda do unicórnio e ela gentilmente arranca um único fio. Kirsty está de volta, a uma distância respeitosa. Talvez colocar a minha irmãzinha em tamanho perigo tenha surtido efeito sobre ela também. Não há muitas pessoas que conhecem Molly e não passem a querer protegê-la também.

Mas, no entanto, é óbvio que minha irmã não precisa de tanta proteção quanto eu penso. Ela escapou daqueles morcegos sem a ajuda de ninguém. Não precisa de mim. Veio aqui para pegar o ingrediente, optou por ser corajosa, apesar das barreiras que colocamos ao redor dela desde que descobrimos que ela é Talentosa. Ela poderia ter se tornado mais retraída, mimada. Mas em vez disso, ficou mais forte.

Estou muito orgulhosa da minha irmã, mesmo olhando para ela agora, caindo no sono em meus braços.

Eu me viro para olhar para o unicórnio pela última vez, mas ele se foi — fundindo-se com a mata —, o espaço onde ele tinha se deitado, vazio.

As luzes começam a piscar através das árvores e eu percebo que deve ser Arjun, à espera no jipe. Podemos finalmente sair deste pesadelo... e voltar para casa.



CAPÍTULO TRINTA E OITO

♥ SAMANTHA ♥

Bem na borda da mata, um cheiro metálico atinge minhas narinas. Eu o reconheço antes mesmo que ela fale e, desta vez, já estou prevenida. Fecho os olhos e respiro, antes de me virar para encará-la.

— Muito bem, Samantha! — Emília emerge das árvores. Suas roupas estão chamuscadas e sujas, a varinha fumegante em sua mão. Ela deve ter sido atingida pela explosão de Molly. Ótimo. Só espero que isso a impeça de interferir no sinal do celular. — Para ser sincera, estou impressionada. Você é a última a sair da Caçada e ainda está inteira! Bem... mais ou menos.

— A última a sair? — Eu não consigo esconder a minha surpresa. Molly pesa em meus braços e Kirsty se apoia em mim, mal conseguindo ficar em pé. Eu a sinto olhando para Emília, mas se não tem força nem para dar uma resposta mal-humorada, não vai conseguir ajudar a me defender. A única coisa que posso fazer é manter Emília falando. — O que você fez com a ZA?

— Ah, pode ter ocorrido um acidente com o seu transporte. Para ser sincera, tem sido muito fácil. — As luzes continuam a piscar para mim e eu gostaria de poder sinalizar para Arjun, de alguma forma. Gostaria de saber se ele pode ver Emília de onde está. — Tem sido simplesmente uma questão de acabar com os adversários, um participante por vez.

— Tudo que eu quero é salvar a Princesa — digo.

— Como você é boazinha! Mas acho que os outros participantes tinham isso em mente também e não estão mais aqui. Mas não se preocupe, a Princesa vai ser curada. Nós duas sabemos que a poção está quase pronta e cada equipe derrotada me entregou o ingrediente de que eu preciso. Como serei a única a reproduzi-la, a Realeza simplesmente vai ter que

entregar a coroa a mim ou correr o risco de ver a sua amada Evelyn destruir seu próprio reino.

— Eles não vão deixar você fazer isso! — contesto.

— Que escolha têm? A família real está desesperada. A Princesa piora a cada dia, a poção do amor está deteriorando sua mente e fazendo-a perder o controle do seu poder. Ela está destruindo cada cômodo em que a colocam. Se isso continuar, vai acabar destruindo Kingstown. Não vai adiantar nem mesmo matá-la agora. Ela precisa da cura. E, em troca, o poder do trono novaense vai ser meu. — O olhar sonhador deixa os olhos dela; eles agora brilham como aço. — Me passe o último ingrediente — diz ela, muito prática agora.

— Como é que você sabe que é o último? E se houver mais?

— Nada de brincadeiras comigo, Kemi.

Eu não me movo. Não posso. Estou paralisada de medo.

— Muito bem, então vou tirá-lo de você. — Ela dispara na minha direção e agarra a minha bolsa, empurrando Molly.

— Não toque nela! — grito, meus instintos finalmente despertando. Meu rosto está molhado de lágrimas. Eu coloco Molly, que felizmente ainda está dormindo, no chão. — Pode pegar. — Eu dou de ombros e estendo a bolsa para ela, que a agarra.

— Melhor assim.

— Você não passa de uma traidora, Emília — digo com rispidez.

— Eu ia deixá-la viva, Kemi — diz ela, com a voz cheia de ódio. Ela abaixa a varinha e puxa uma arma, apontando-a para mim. — Quem vou matar primeiro. Você? — Ela move a arma em direção a Molly. — Ou sua irmã?

— Vá em frente — digo. — Quando o mundo todo vir o que está fazendo, você nunca vai governar Nova.

— O quê? — Ela olha para cima, afastando a arma.

O ar em torno de nós se enche com o barulho das hélices de um helicóptero, o vento soprando forte e girando em torno da minha cabeça. Um foco de luz projeta-se de cima e eu posso ver um homem inclinado para fora da janela, uma câmera de vídeo empoleirada no ombro. É Dan! Ele acena e mostra o polegar para cima.

— Sorria, Emília! — digo. — Você está sendo filmada e sua imagem, transmitida para o mundo todo.

Meu plano funcionou. Por que lutar contra os meios de comunicação se posso usá-los a meu favor?

Emília levanta os braços para cobrir o rosto e corre para dentro da floresta. As portas do helicóptero estão abertas e várias escadas de corda são atiradas dali.

Quatro homens de uniforme cáqui e grandes armas presas às costas descem as escadas e nos cercam.

— Ela voltou para a floresta! — grito, com medo de que Emília fuja novamente. Um dos homens grita uma ordem e os demais correm para as árvores, atrás dela.

Dan é o último a descer; depois o helicóptero faz um volteio, se distanciando. Ele corre para me ajudar com Kirsty.

— Você conseguiu! — Sorrio.

— Obrigado pelo furo de reportagem do século. Eu me transportei diretamente para Zambi depois que recebi seu telefonema, mas fiquei preocupado quando não me deu a sua localização exata. Quando finalmente recebi o telefonema de Arjun, achei que poderia ser tarde demais.

— Emília estava sabotando o sinal do celular até Molly nos salvar dos morcegos hematófagos. Você filmou Emília apontando a arma para nós?

— Filmei tudo. O mundo vai saber que ela está por trás da sabotagem da Caçada Selvagem agora. Além disso, eu trouxe reforços. — Ele aponta para os homens ao seu redor.

O responsável pela missão tem várias divisas douradas na manga. Num crachá no peito lê-se a inscrição: PROTEGER. PRESERVAR. PROGREDIR.

— Sou o coronel James Odoyo, do Departamento de Proteção das Florestas de Zambi — diz ele, estendendo a mão.

— Prazer, ou Samantha Kemi. Esta é minha irmã Molly Kemi e nossa Coletora Kirsty Donovan. Outro amigo, Arjun Patel, aquele que os chamou aqui, ainda está no nosso carro. Por favor, precisamos de um médico urgente.

— Vamos levá-los a um hospital. Mas primeiro temos de revistá-la para saber se está de posse de algum material ilegal derivado de unicórnio.

Eu assinto com a cabeça e eles revistam nossas malas e nossos corpos — exceto Kirsty, cujo ombro ainda está sangrando. A mão dela segura com força o machucado e até mesmo os guardas podem ver que tirá-la dali seria perigoso. Molly ainda está desmaiada no chão. Eu mantenho a cabeça erguida. Graças a Emília, não temos nada a esconder.

Quando o coronel Odoyo se convence de que não temos partes de unicórnio conosco, ele nos leva para fora da floresta, na direção de várias picapes enormes que nos levarão dali. Vejo Arjun já sentado na caçamba de uma picape e coloco Molly ao lado dele.

— Não vamos para o hospital — Kirsty sussurra para mim quando já estamos na picape.
— Precisamos ir direto para o terminal de transporte.
— Mas...

— Não discuta. Dê um jeito.

Eu dou uma batidinha na janela da picape.

— Coronel Odoyo, você pode nos levar para o terminal de transporte de Zambi? Preciso levar a minha irmã para casa.

— O hospital fica no caminho, senhorita — ele responde.

— Por favor. Sei que em Zambi não seguem a tradição novaense da Caçada Selvagem, mas preciso voltar. A vida da nossa Princesa está em jogo. — Eu preciso dizer a alguém, a Renel, ao Rei, a qualquer pessoa, sobre o que Emília fez e ver se podemos conseguir a cauda de unicórnio de outra maneira.

O homem sentado ao lado do coronel Odoyo se vira em seu assento, com um largo sorriso.

— Sabemos da Princesa Evelyn! Minha esposa a acompanha em todas as revistas. Ela veio para Zambi numa visita no ano passado e eu tive que sair com minha esposa apenas para que pudesse dar uma olhada na Princesa. Ela disse que a Princesa é muito mais magra na vida real do que nas fotos.

— Então você vai nos ajudar? — pergunto.

O coronel Odoyo muda a direção da picape e nos leva para o terminal.

— Vocês podem ir embora fazer o que for preciso. Mas os seus amigos — ele aponta para Kirsty e Arjun —, vão precisar ir ao médico primeiro.

No terminal, fica provado que o coronel Odoyo tinha razão — eles não deixam Arjun ou Kirsty se transportarem. Nenhum deles está apto para viajar. Arjun ainda está fraco por causa da sua primeira experiência de transporte, e eu acho que ele fica feliz com a ideia de voltar num avião mais tarde, nesse mesmo dia. Kirsty está estranhamente silenciosa, mas ela perdeu muito sangue e não é de admirar que mal consiga argumentar. Deixam que Molly e eu usemos nossas passagens de volta, principalmente porque estamos indo para casa, então Dan se oferece para ficar e se certificar de que Kirsty e Arjun receberão o tratamento adequado. E ele quer escrever no seu blog o mais rápido possível.

Antes de passarmos pela área de segurança, Kirsty me chama e pede para falar comigo em particular. O único lugar que encontramos é o banheiro feminino. Que elegante...

Presumo que ela queira se desculpar por sequestrar Molly, então entro com os braços cruzados, imediatamente na defensiva. O que ela fez foi insano, imprudente, perigoso...

Ela me puxa para um dos reservados, fecha a porta, em seguida a tranca. Quase não há espaço para nós duas ali.

— Mas que droga você quer fazer aqui? — pergunto, minha perna comprimida contra o vaso sanitário.

Ela tira a camisa do ombro, estremecendo ao fazer isso, e eu vejo uma ferida profunda e irregular onde o unicórnio a chifrou. Cubro a boca com a mão.

— Sam! — diz ela, com os dentes cerrados. — Foco. — Em seguida, ela segura uma pinça. — O unicórnio deve ter deixado lascas do seu chifre no meu ombro.

— Ah, não! Eu não vou fazer isso.

— Você tem que fazer.

— Ah, Deus... para quê? Eu não sei se consigo.

— Não temos mais a cauda, Sam. Mas espero que você possa usar as lascas no lugar.

Minha mente fica em branco.

— Eu... eu... acho que poderia funcionar... — digo, a ideia de que talvez eu não esteja, afinal, fora da Caçada tomando forma na minha cabeça. O chifre deve ter as mesmas propriedades que a cauda, mas é muito menos utilizado pela dificuldade em se adquirir.

— Ótimo, porque eu não vou me ferir a troco de nada. Eu ia vender as lascas, mas você precisa delas. Afinal, eu não teria conseguido sem...

— Sem Molly. Certo.

— Sam, ela me pediu para levá-la. Eu sei que eu... — Ela para. — Bem, de qualquer maneira, faça isso rápido.

Não é bem um pedido de desculpas, mas Kirsty é a Coletora mais durona — a pessoa mais durona — que eu já conheci. Ela já passou por muita coisa. Acho que ter sido chifrada por um unicórnio provavelmente já é castigo suficiente.

Ela respira fundo.

— Ok, estou pronta.

— Ok. — Eu pego a pinça da mão dela. Não digo nada, nem dou mais informações sobre o que vou fazer. Enfio a pinça no ferimento, tentando causar o mínimo de dor possível, mas não consigo ver nenhuma lasca do chifre perto da superfície.

— Você tem certeza...

— Deve ter uma lasca. Continue procurando. Unicórnios não podem chifrar as coisas sem perder parte do chifre. Embora normalmente os Coletores tentem incitá-los a golpear o tronco das árvores, não eles próprios.

— Isso faria mais sentido...

Finalmente, depois de algumas escavações desagradáveis, eu vejo — um pedaço de algo prateado. Pego a pontinha do fragmento com a pinça e puxo. Solto-o no porta-moedas da minha carteira, que Kirsty está segurando aberta. Então removo uma segunda lasquinha, que localizo brilhando na ferida.

— Não deixe que ninguém encontre isso — diz ela.

A ferida de Kirsty parece horrível. Eu pego um pedaço de pano e pressiono-o com força contra o ombro dela.

— Por favor, me deixe levar você a um médico agora?

Ela assente com a cabeça, fracamente.

— Sim. E você tem que ir embora. Volte e faça essa poção do amor, Sam. Vou contar a Dan sobre o plano de Emília. Ele vai conseguir espalhar a notícia. Mas ela vai agir rápido. Você tem que se apressar.

— Assim que você estiver em boas mãos — eu digo. Seguro a mão dela até que os médicos assumam. Antes que levem Arjun também — ele está numa cadeira de rodas agora —, eu lhe dou um abraço.

— Sinto muito sobre a cauda do unicórnio — diz ele.

— Não sinta — eu digo. — Kirsty encontrou outra maneira. — Sinto como se as lascas do chifre queimassem na minha carteira.

Os olhos dele se arregalam.

— Não admira que ela não quisesse que ninguém examinasse aquela ferida. Vá em frente, vá — diz ele. — Mostre a todos a alquimista que você é.

Eu o beijo na bochecha, em seguida Molly e eu passamos pela segurança e seguimos em direção às baías de transporte.

— Você primeiro — digo a ela. Molly assente e entra na tela. Faz força com os braços para passar pela tela e, por ser Talentosa — e porque está voltando para casa, um lugar que ela conhece bem e tem vínculos fortes —, não precisa que alguém a puxe do outro lado. Será uma viagem rápida e fácil para ela. Isso me deixa feliz.

Depois que chegamos em casa, fico tranquila. Molly conta à mamãe e papai o que aconteceu, mas pula a parte sobre o que ela fez — a magia que realizou. Ela diz que

desmaiou, apenas para acordar e me ver salvá-la. Ela olha para mim, os olhos brilhando. Acha que eu fiz isso. Não percebe que era *ela* o tempo todo. Eu a corrijo e ela sorri timidamente como se não acreditasse.

— Mas nós temos a cauda do unicórnio, não é, Sam? — pergunta, com os olhos cintilando.

— Não exatamente. — Hesito em contar sobre Emília, mas não sei por que estou querendo fazer segredo, especialmente porque eles vão ver tudo no noticiário. Conto tudo sem nem respirar e a expressão dos meus pais vai do horror, passando pela raiva, até o alívio por estarmos vivas.

Então chego à parte onde eu realizo a pequena cirurgia em Kirsty e papai parece que está prestes a vomitar. Eu abro minha carteira e despejo as duas lascas de chifre sobre a mesa.

Enquanto olho para elas, posso sentir que vão funcionar bem com os outros ingredientes, o processo se desenrolando diante dos meus olhos. De repente, minhas mãos coçam com a vontade de misturar ingredientes, esmagar as fibras até transformá-las em pó e começar o processo de fazer a poção. Ainda assim algo está faltando.

— Tenho que falar com a família real.

Vou até a Tela de Evocação, enquanto minha família quase se acotovela para assistir. Eu coloco a mão na tela. Demora alguns instantes, mas logo o rosto de poucos amigos de Renel aparece e minha garganta se fecha.

— Encontrei Emília Thoth outra vez — consigo dizer.

Ele me faz parar antes que eu possa continuar.

— Não importa, a Princesa será salva. Emília já não é um problema.

— O quê? — Meu queixo cai.

— A equipe da ZA produziu a cura.

Estou atordoada demais para falar. Meu pai assume.

— Eles descobriram a receita da poção do amor e todos os ingredientes?

Renel olha para nós com menosprezo, como se mal conseguisse se dignar a responder a pergunta.

— A Zol tinha uma equipe de cientistas e misturadores avançados desenvolvendo uma versão sintética da cura na sede da ZA desde que a Caçada começou. A família real concordou que a solução dessa família muito *Talentosa* é a melhor opção para a Princesa e que os ingredientes sintéticos provaram ser tão poderosos quanto os naturais.

— Mas não precisa ser uma cura por reflexo? O Chifre não vai aceitar apenas uma poção natural?

— O Chifre ficará satisfeito se a Princesa estiver fora de perigo. Claro, a ZA não vai *ganhar* a Caçada exatamente, mas a Princesa vai ser curada, qual a diferença? Os passes fornecidos para a Caçada vão ser agora rescindidos e a família real solicita que todas as atividades relacionadas com a Caçada cessem imediatamente.

— Não! — eu grito. Não pode ser, não quando estamos tão perto. Não depois de tudo que passamos.

— A família real pede que vocês destruam quaisquer vestígios de uma poção do amor em formação, pois ainda se trata de uma poção ilegal. Eles agradecem à família Kemi pela participação na Caçada. Boa noite.

A comunicação é cortada. Eu pressiono o vidro de novo e de novo, mas ele não retorna.

Minha mãe põe a mão no meu ombro.

— Lamentamos muito, Sam.



CAPÍTULO TRINTA E NOVE

♥ SAMANTHA ♥

Deito na minha cama, enrolada debaixo do edredom. A Caçada tinha sido minha distração, mas, agora que estou fora, não consigo fechar os olhos. Porque, sempre que faço isso, tudo que consigo ver é Zain Aster e a Princesa Evelyn. O Príncipe das trevas, a bela Princesa.

Então vejo eu mesma. A garota nerd comum — cujo destino é se esconder no laboratório com frascos de Barba de Mago e plantas estranhas como companhia, não viver uma grande história de amor. Não há lugar para mim nessa fórmula. Sou um ingrediente de reposição, não a poção final.

Meu coração dói.

Minha mente procura uma cura, mas não há nenhuma. Não existe nenhuma poção para curar o que sinto — a menos que seja o sono mais profundo que eu possa imaginar, aquele que vai me arrebatar por um tempo, até as minhas lembranças de Zain estarem distantes e desbotadas, como fotografias deixadas ao sol. Mas essa poção não existe.

Sinto um surto de loucura e quero rir sem parar. Mas, em vez disso, eu me concentro na minha respiração. Engulo, mas minha garganta está apertada.

Não posso imaginar por que alguém iria querer uma poção do amor. Por que alguém iria querer passar por essa dor? Por que sofrer com isso voluntariamente? Pois, se existe uma coisa que a história já nos ensinou sobre poções do amor é que elas sempre, sempre!, terminam em tragédia.

A Princesa será uma exceção. Ela não percebeu que o garoto para quem ela queria dar a poção já estava apaixonado por ela. Ela vai acordar da sua loucura — acordar por causa dele, se essa história for escrita com perfeição — e eles vão perceber a sorte que têm de

terem um ao outro. Ela vai perceber que agiu errado, vai pedir desculpas por ser tão tola e ele vai perdoá-la.

E o meu momento na montanha com Zain? Uma falha técnica.

A Princesa nunca vai saber.

Eu não vou dizer.

Sei onde vou estar.

Minha vida não vai ser assim nunca mais, nas Selvas, coletando ingredientes ao lado de Kirsty. Eu já vivi aventuras suficientes por uma vida. Talvez vá fazer aulas de negócios à noite, aprender a ter um lucro decente — o suficiente para sobreviver —, enquanto assisto minha incrível irmã aprimorar seu poder. Ela vai fazer coisas maravilhosas e sempre saberá onde me encontrar.

Talvez com o tempo, eu volte a ver Zain e a Princesa Evelyn, quando me juntar à multidão, prensada contra grades de metal, para assistir aos seus grandes eventos — o noivado, o casamento, o primeiro bebê. Vou ser apenas mais um rosto na multidão. Talvez eu vista algo com um barrado de pelo branco, só para ver se consigo fazê-lo se lembrar do abominável, da montanha, mas seus olhos vão passar por mim, sem me enxergar, e se fixar em quem vier em seguida. Ele não vai querer se aproximar de mim. Porque sou a única que sabe.

Sou a única que sabe que, para ficar com a pessoa que ama, ele teve que pisar sobre todas as pessoas comuns que passaram por ele. Inclusive eu.

Meu celular vibra na minha mesa de cabeceira. É Anita me passando uma mensagem. *Você já viu os noticiários?*

Eu ligo a televisão, mas tiro o som e só deixo a imagem. Posso ler o letreiro com as notícias passando pela parte inferior da tela: ZA SALVA A PRINCESA. Eu gemo. É isso realmente que Anita quer me mostrar? Mas depois há uma segunda manchete: EMÍLIA THOTH PRESA PELA POLÍCIA EM ZAMBI. Há uma imagem de Emília com um tipo de algema encantada capaz de conter um Talentoso, com o rosto e as mãos cobertos de sujeira e o cabelo desganhado.

Sinto um rompante de felicidade se sobrepondo ao meu ânimo sombrio. Pelo menos algo de bom aconteceu na nossa viagem para Zambi. A cena com Dan é mostrada, mas nós mal somos mencionadas. Os apuros que passamos já são notícia velha, em comparação à cura oferecida pela ZA.

Uma imagem do comunicado de imprensa da ZA brilha na tela. É um frasco de vidro com o logotipo da ZA. O frasco está cheio com um líquido vermelho-escuro, como sangue espesso.

Exatamente como se esperaria que fosse uma poção do amor.

Eu respondo a mensagem de Anita. *Pelo menos Emília estava errada. A Princesa está segura. Boa sorte para eles.*

Anita responde quase que imediatamente. *Você não precisa bancar a corajosa, querida. Vou até aí assim que puder.*

As palavras trazem as primeiras lágrimas aos meus olhos, pois eu me sinto grata por ter pessoas que me amam. Mas não estou sendo corajosa. Fico feliz que a Princesa esteja segura, mesmo que isso signifique que o meu avô estava certo: no final, a Realeza de fato distorce as regras para que se adequem ao que eles querem. E Zain partiu meu coração para salvá-la.

A Princesa. É engraçado que eu não tenha pensado nela ao longo de todo esse processo, mesmo que na verdade tudo tenha a ver com ela.

Sentada sozinha em meu quarto agora, penso em como seria ter que recorrer às medidas mais desesperadas. Ter medo da rejeição a ponto de tentar impedi-la a qualquer custo. Pergunto-me se a Princesa Evelyn algum dia foi rejeitada em toda a sua vida.

Não é da rejeição que eu tenho medo. Deus sabe que já sofri rejeição suficiente na vida: na escola, dos Talentosos. Pelo menos, se eles estão me rejeitando, estão prestando *algum tipo* de atenção em mim.

Não, meu maior medo é o anonimato. O esquecimento. A obscuridade. O medo de que eu não vá fazer mais nada na minha vida que não seja apodrecer na loja da minha família. O medo de que eu vá viver a vida toda sem fazer algo que possa causar impacto. O medo de que vá encontrar o garoto a quem eu queira dar o meu coração só para vê-lo me ignorar. Me esquecer.

Zain.

Estou com nojo de mim mesma por ficar chafurdando na tristeza, mas a imagem do rosto dele está estampada atrás das minhas pálpebras. Não preciso de uma poção do amor; preciso de um antídoto *contra* o amor, para aliviar essa dor.

É como se eu tivesse bebido uma daquelas poções sombrias. Aquela que provoca dor — outra mistura proibida. Poções para a dor são idiossincráticas. Pessoais ao misturador. Elas exigem que este cause em alguém uma imensa dor física durante os momentos finais da

criação. Quanto mais excruciante a dor, mais forte a poção. Sem dor, ela não vai funcionar — exceto, talvez, causar ao destinatário uma dor de estômago leve. Com uma dose muito forte de dor — se você matar enquanto prepara a poção, por exemplo —, ela também não vai funcionar. A poção vai calcinar e grudar na panela.

O misturador teria que ser uma pessoa horrível para concordar em fazer uma dessas poções, e quem iria querer comprar ele? Você poderia se tornar a próxima vítima.

E poções do amor não têm nada a ver com o amor, têm? Elas provocam uma ilusão de que existe amor, uma fantasia. Elas têm a ver com luxúria, paixão. Eu já vi o amor de verdade. Meus pais têm amor um pelo outro, por exemplo. Não há nada de unilateral nele. São duas pessoas concordando em enfrentar o mundo juntas, não importa os desafios. É uma questão de respeito.

É pessoal.

De repente, como uma fissura causada por um terremoto, um abismo se abre no fundo da minha mente. *Não, cérebro, por favor, não agora.* Mas ele não é como um rádio que possa ser desligado.

Minha intuição grita que algo está errado.

Minha mente salta de volta para aquele momento na biblioteca. As palavras que se destacaram para mim, numa língua antiga. *Eluvium* é a hera. *Indicum*. Índigo. Essa é a cor que eu teria procurado. Não vermelho. Seria muito óbvio.

Balanço a cabeça, para espantar essa ideia. Eles não vão deixar a Princesa beber uma poção do amor com defeito. Se não podem usar o Chifre para verificar a autenticidade da poção, vão testá-la com rigor. Não há nenhuma maneira de a ZA cometer um erro. Há muita coisa em jogo. A reputação deles. Seus negócios. Para não mencionar a vida da Princesa.

Sento-me ereta na cama. A ZA fez tudo errado.

A poção do amor que eles criaram está errada. Não vai funcionar.

E eu sou a única que pode consertar isso.



CAPÍTULO QUARENTA

♥ SAMANTHA ♥

Eu abro a pesada porta de madeira que leva ao laboratório do meu avô sem pedir licença e solto um suspiro de alívio. O laboratório está totalmente arrumado — irritantemente arrumado —, exatamente como o meu vovô gosta de mantê-lo.

Em vez de ligar a lâmpada do teto, vou direto até as lamparinas e as acendo com um longo palito de fósforo. Isso confere ao lugar um brilho misterioso, a luz suave se refletindo nas miríades de frascos de vidro e poções em preparação. Vou até a longa mesa de carvalho, que fica no centro da sala.

Ouçó a porta se abrindo e então vejo um tufo de cabelos brancos, uma mão enrugada, e a tensão desaparece dos meus músculos.

A cabeça do meu avô aparece na porta e me olha por cima dos óculos de meia-lua.

— Está tudo bem, Sam?

Meus olhos se enchem de lágrimas e eu balanço a cabeça.

— Eles entenderam errado.

Ele anda devagar até a mesa e coloca a mão sobre a minha.

— Eu sei.

— Eles não vão me ouvir se eu tentar usar as Telas de Evocação. E se ela já tiver tomado?

— Só há uma maneira de convencê-los.

Eu apoio a cabeça no ombro dele.

— Tenho que fazer isso, não tenho?

Ele mexe o ombro para que eu seja forçada a olhar para cima e então pega meu queixo entre os dedos.

— Você não é obrigada a fazer nada. Mas, neste momento, você sabe a verdade. Se quer salvá-la, então é a única que pode fazer isto.

Eu concordo. Eu quero salvá-la?

Claro que quero. Ela é a garota a quem Zain ama. Quero devolvê-la a ele. Ele merece isso, mesmo depois de tudo.

Enxugo as lágrimas dos olhos.

— Boa menina! — diz meu avô. — Você tem um ponto de partida forte aqui. — Ele caminha até onde o meu pai guardou a base da poção que preparei em Loga. Minha cabeça está confusa, mas eu a balanço para remover as teias de aranha do meu cérebro. Levanto a mistura de pérola de Afrodite, água de rosas e hera-eluviana, girando o fraco de vidro.

— É linda! — sussurro. Levanto a tampa do frasco e o ar em torno de mim é infundido com um perfume delicado — como rosas e a crista das ondas do mar e o céu azul engarrafado. Eu quase derreto de prazer ao sentir aquele cheiro delicioso. — Ai, meu Deus, eles deveriam fazer disso um perfume!

Meu avô pisca para mim.

— Agora você sabe a receita do Elixir N° 5, o perfume que é a marca registrada da Casa Perrod.

Meus olhos se arregalam. Esse perfume é vendido em lojas de departamento por uma fortuna. Eu passo a base por um filtro, recolhendo quaisquer fragmentos minúsculos de pó que não tenham dissolvido completamente. Quando ela parece tão clara quanto possível, acendo um queimador de chama azul e coloco uma panela de ferro fundido em cima. Despejo o líquido dentro dela de uma certa altura, observando-o cair e virar vapor quando atinge as bordas quentes da panela. Nessa luz, a partir dessa altura, a mistura assume um tom quase champanhe, uma luz amarelo-ouro cintilando delicadamente. Pisque e você não vai vê-la brilhar.

Meu avô me observa, mas não ajuda. Tudo isso deve ser feito pela minha mão, especialmente se eu quiser que a poção seja tão forte quanto precisa ser.

Em seguida, corto o jasmim cor-de-rosa do vaso que Anita me deu, suas raízes ainda enterradas na terra. Isso vai ajudar a dar força à poção também. De alguma forma, tudo veio na minha mão quando foi preciso. Essa poção sou eu que tenho de fazer, sei disso.

Trituro as pétalas delicadas do jasmim uma ou duas vezes na mesa de carvalho, tirando o rubor da flor, transformando o rosa num tom quase marrom. Então a solto na base.

Imediatamente ele começa a fazer fumaça e engrossar, o líquido borbulhando ferozmente. Isso é bom. É isso que eu quero. *Virilidade*.

O pelo do abominável é o próximo ingrediente. Minhas mãos tremem quando eu desembrulho o papel pardo em que armazenei três fios finos e incrivelmente longos de pelo translúcido. Uns sobre os outros, eles parecem o puro e profundo branco da montanha, mas, separadamente, parecem mais como cristal. Eu os comparo com o chifre de unicórnio. Eles são semelhantes em muitos aspectos. Mas não há nenhum brilho no pelo do abominável. É frio e fosco. Um é solidão. O outro é pureza.

O pelo do abominável é frágil e, quando pego um fio, ele se desintegra em meus dedos. Jogo os pedacinhos num grande almofariz de mármore, então pego o pilão e começo a triturar. É um instante de alívio para o meu estresse. Torço e retorço os fios do abominável, observando-os se separarem, enrugarem, dançarem no fundo do almofariz. Então começo a bater, empurrando a substância com força contra a pedra. É ridículo quanto prazer esse pequeno ato de violência me traz.

Raspo a lateral do recipiente com o pilão, não deixando que nem uma única molécula escape do castigo.

Ele ainda precisa ser mais fino, então enfio o almofariz debaixo do braço e continuo a triturar de um ângulo mais próximo. Quando acabo, só resta um pó fino. Despejo tudo cuidadosamente numa jarra de vidro que o meu avô rotulou com sua caligrafia alongada. Eu só preciso de uma pitadinha do pelo de abominável triturado, o resto vai voltar para as prateleiras da nossa loja.

Pelo de abominável triturado. Para uso em poções do amor, para descongelar ombros frios e aliviar a agorafobia.

Acrescento meia colher de chá de pelo de abominável triturado à mistura e abaixo o fogo do queimador. A mistura para de borbulhar, descansando num cozimento brando.

— Vamos tomar uma xícara de chá — diz meu avô. — Temos uma longa noite pela frente.

Eu olho para a mistura com expectativa, mas nada vai acontecer nos próximos minutos — preciso reduzi-la pela metade antes de adicionar o chifre de unicórnio.

— Pode me fazer um de hortelã? — pergunto, me permitindo um pequeno sorriso, o primeiro depois do que me parece um longo tempo. Eu o sigo até a cozinha. Ele enche a chaleira com água e a coloca em nosso fogão quente. O fogão é minha parte favorita da cozinha. É feito de um ferro fundido pesado e pintado de vermelho brilhante; está sempre aceso, mantendo esta parte da casa quente e acolhedora, mesmo quando a cozinha ainda não

está sendo usada. Olhando em volta, para nossos surrados armários e a pintura descascada, de repente acho que talvez possamos ter dinheiro em breve para mudar tudo isso.

— Vô, por que você nunca mudou a loja de endereço?

— Sam, querida, nunca vou mudar esta loja de endereço.

— Mas por quê? A gente poderia ter uma localização muito melhor, com mais pedestres passando na frente; digitalizar o estoque, acompanhar as receitas pelo computador... e ainda assim manter os aspectos mais tradicionais do nosso laboratório e a nossa forma de preparar poções. Que mal há em nos atualizar, se tivermos dinheiro? Poderíamos transformar a Loja de Poções Kemi num negócio de verdade, outra vez. Mesmo que essa poção do amor não funcione... podemos mudar as coisas. E, se toda essa experiência nos trouxe alguma coisa boa, é que todo mundo vai se lembrar do nome Kemi.

— Isso mesmo, o que significa que eles saberão onde nos encontrar, se quiserem.

— Mas...

— Sam, não existe um “mas” quanto a isso. Enquanto eu viver e respirar, esta loja não vai se mudar para lugar nenhum. Você pode achar que apenas os Talentosos têm permissão para acessar a magia, mas isso não poderia estar mais longe da verdade. A magia faz parte da nossa atmosfera, do ar que nos permite viver e respirar. Os segredos que estão aqui — ele aponta para o meu diário, onde acabei de registrar essa parte da receita — vale a pena proteger. Há mais magia nas prateleiras desta loja do que haverá em qualquer outro edifício moderno. Magia transmitida a nós por gerações de Kemi, que viveram e trabalharam nesta loja antes de nós.

O apito da chaleira interrompe meu avô e eu não tenho energia para insistir no meu questionamento. Tenho a vida inteira para desvendar os segredos da loja — e do meu avô. Mas, primeiro, preciso fazer essa poção direito.

Depois que termino o chá, voltamos para o laboratório. Assim que abro a porta, espirais de fumaça cor-de-rosa pálido invadem a cozinha. Deve ser o jasmim. Antes de verificar a poção, pego um par de óculos de um gancho e examino se ela dissolveu e se transformou numa substância branca e espessa, quase gelatinosa. No momento, não se parece em nada com uma poção do amor e não restam muitos ingredientes para adicionar. Eu mordo o lábio inferior, mas me lembro de que, às vezes, as reações corretas só acontecem depois que todos os ingredientes já estão na panela.

Desenrosco a tampa do frasco contendo o chifre de unicórnio e despejo as lascas sobre a mesa. Parecem tão frágeis! Mas, ao contrário do pelo do abominável, não se quebram ao

primeiro toque. Ou no segundo. Ou quando uso uma faca afiada. Elas não se quebram por nada neste mundo!

— Vovô, você tem alguma ideia?

Ele pega um pedacinho do chifre de unicórnio. Rola na palma da mão o fragmento, testando sua resistência com os dedos.

— Você acha que talvez seja melhor só misturá-la à poção do jeito que está? — pergunto em dúvida.

— Você precisa dar um jeito de extrair os nutrientes que estão dentro do chifre. Se simplesmente usar como está, os outros ingredientes só vão reagir com a parte externa do chifre.

— Mas não consigo quebrá-lo. Quer dizer, ele não cede, por mais pressão que eu faça.

— Bem, então talvez você tenha que ser mais sutil.

Eu quero gritar com ele, POR QUE VOCÊ SIMPLEMENTE NÃO ME DIZ A RESPOSTA? Mas esse não é o jeito do meu avô. Ele dá um tapinha na minha mão e sai do laboratório. Esse é o incentivo de que preciso. Se ele está saindo, é porque está confiante de que vou descobrir sozinha. Se eu ao menos tivesse a mesma confiança em mim...

Grossas colunas de fumaça cor-de-rosa saem da panela agora, então coloco por cima dela uma das campanas de laboratório, que parece um grande copo de cabeça para baixo. A ideia é armazenar um pouco da fumaça, pois ela pode ser útil mais tarde. Estou espantada ao ver tanta fumaça, embora o fogo do queimador esteja baixo.

Neste momento me dou conta. Posso extrair os nutrientes do vapor do chifre de unicórnio! Coloco o fragmento numa peneira grande e equilibro-a sob a campana e em cima da panela de ferro fundido. Depois observo enquanto a fumaça a engolfa, girando em torno dela, até que começam a surgir no chifre de unicórnio pequenas gotinhas de vapor. Só espero que isso funcione.

Vejo quando uma das gotinhas cai na panela. Imediatamente a mistura branca no fundo do recipiente fica rosa-escura onde a gota cai. Aliviada, deixo o chifre suar um pouco mais.

Enquanto isso, vou até a mesa, onde meu diário está aberto. Pego a pena do meu avô e, lentamente, anoto os ingredientes restantes, as quantidades que usei e o método da própria receita. Penso na Princesa trabalhando, sem saber, com sua tia malvada para encontrar a receita. Mas Emília não parecia saber qual era o ingrediente final. O mesmo que eu tinha descoberto na noite passada e que não teria que ir às Selvas para encontrar. Mas que é tão perigoso quanto os outros, para mim.

Quando o pensamento seguinte me assalta, o que sinto é pânico. Minha cabeça está apoiada sobre a mesa, a pena deslizou na minha mão e a tinta mancha a minha palma. Pego o relógio — 5 da manhã. Eu dormi por quatro horas!

A poção.

A mistura.

Eu não cuidei dela.

Corro até a poção, derrubando a cadeira ao me levantar. A fumaça se extinguiu quase completamente e o pedaço de chifre de unicórnio desapareceu. Espio dentro da panela de ferro fundido, temendo o que posso encontrar lá. Mas, ao contrário do que eu pensava, a mistura se parece muito com um líquido novamente. Flutuando na superfície, vejo a parte externa do chifre de unicórnio. Pego a colher para pescá-la.

Usando luvas, retiro a panela do queimador e desligo o fogo. Então despejo cuidadosamente o líquido numa proveta de vidro transparente. Quase derrubo a poção quando vejo a cor. Um belo e profundo tom carmesim, exatamente como a poção que a ZA mostrou na televisão. Com a aparência que uma poção do amor deveria ter. Se eu não soubesse que ela não está concluída ainda, diria que está perfeita.

Mas eu sei que não está. Agora é hora do meu palpite sobre a última peça do quebra-cabeça, o verdadeiro ingrediente final da poção. De uma gaveta no lado oposto da sala, pego uma faca de prata de cabo longo, com a lâmina extremamente afiada. Seguro com delicadeza o cabo entre dois dedos e volto para a mesa.

Apoio a mão na borda de vidro da proveta.

— Pronta? — digo a mim mesma em voz alta. Odeio fazer isso. Meu estômago dá uma guinada, mas eu me forço a ficar calma. É apenas um corte. Já fiquei emaranhada numa heraeluviana. Fui arranhada por um abominável. Mordida por um morcego-vampiro. Posso aguentar um cortinho de nada.

Faço um corte com a faca.

A lâmina mal precisa tocar a minha pele para que o sangue aflore. Coloco a mão em punho sobre o recipiente e vejo uma gota de sangue cair na mistura. Onde o sangue a toca, ela adquire um tom índigo.

Estou ali, admirando meu trabalho, quando a porta se abre outra vez. Esperava que fosse meu avô, mas não, é minha mãe. Seu cabelo está despenteado e ela usa roupão e chinelos.

— Você ouviu?

— Ouvi o quê?

— A poção sintética passou em todos os testes. Eles estão prestes a dá-la à Princesa agora.

— Não! — eu grito. — Não, eles não podem!

— Ah, meu Deus, Sam, o que aconteceu com a sua mão?

Eu olho para baixo e o sangue está escorrendo agora. Abro a mão e minha mãe corre para pegar um lenço de papel sobre a mesa ao lado, pressionando-o contra a minha palma.

— Mãe, você não entende! — digo, mal reparando na minha mão. — Eles não podem dar a poção a ela. Não vai funcionar. Vai fazer com que piore ainda mais. Eu tenho a poção certa.

Eu me viro e pego a proveta da mesa. Mas em vez do líquido que eu esperava, a mistura se transformou completamente em pó e a cor mudou para um azul-escuro profundo.

— Tem certeza? — minha mãe diz, olhando do meu rosto para o pó dentro da proveta em minha mão.

— Nunca estive tão certa em toda a minha vida.

— Então é melhor você se apressar.

Corro para fora do laboratório e pego uma garrafa de água na porta da geladeira na cozinha. Meço uma colher de chá de pó e misturo com a água. Então corro para a Tela de Evocação. Se eu não chegar a tempo, a Princesa estará perdida, para sempre.

Quando chego à Tela de Evocação, toco a superfície, hesitante a princípio e depois com mais determinação, até que eu me vejo golpeando com força a superfície semelhante a vidro.

Grito o nome de Renel, mas, se ele está lá, se pode me escutar, não está dando ouvidos.

— Renel! — grito novamente. — Vocês estão cometendo um grande erro! A poção da ZA está errada. Vocês vão envenená-la!

— Ele não vai responder — diz meu avô. — Venha comigo.

Não tenho escolha a não ser seguir meu avô, mesmo enquanto me pergunto se não seria melhor correr para o castelo e gritar, gritar, até que me deixem entrar no Palácio. Eu o sigo até o quarto dele, que é tão bagunçado e cheio de livros e apetrechos de alquimista quanto o laboratório.

Mas ali, sobre a cômoda, há uma telinha de televisão. Exceto pelo fato, como meu avô logo deixa claro, que não é uma tela de televisão coisa nenhuma. É outra Tela de Evocação.

Ele coloca a mão sobre a tela e ela imediatamente acende.

— Ostanes? É você?

O rosto enrugado do outro lado da tela me deixa sem fôlego.

É a Rainha-mãe.



CAPÍTULO QUARENTA E UM

♥ SAMANTHA ♥

— Tabitha.

— Ostanes. — A expressão de alívio no rosto da Rainha-mãe é aparente. — Por que demorou tanto? Eles estão prestes a dar a ela aquela vil abominação sintética. Por um momento pensei que você poderia falhar comigo. — Ela coloca a mão através da Tela de Evocação, pronta para me puxar.

— A família Kemi nunca falhou com você — meu avô diz. A mão dele ainda segura com firmeza o meu braço, não me deixando passar. — *Vocês* falharam conosco.

— Ostanes, por favor. É da minha neta que estamos falando.

— E foi a minha neta que vocês colocaram em perigo por não cuidarem da própria família.

O fogo arde entre os dois antigos titãs deste mundo e, se eu conheço o meu avô e pelo pouco que sei da Rainha-mãe, esse impasse pode continuar por muito tempo. Mas eu não tenho muito tempo. Nem Evelyn. Puxo a manga do meu avô.

— O que quer que esteja acontecendo aqui, não me interessa. Preciso chegar até Evelyn.

A boca do meu avô continua esticada numa linha rígida. Mas ele me liberta e eu pego a mão enrugada da Rainha-mãe. Ela me puxa da minha casa diretamente para o seu quarto. Meu queixo cai quando olho ao redor. Há uma grande rachadura de cima a baixo numa parede, quadros quebrados no assoalho de madeira escura, cacos de vidro em toda parte. Um dos mastros da cama de dossel caiu, derrubando consigo uma pesada peça de tapeçaria e deixando-a em farrapos.

É o caos.

— Depressa, filha! — Para alguém que parece tão frágil nos noticiários, ela é bem rápida. Eu me esforço para acompanhá-la pelos corredores sinuosos do Palácio.

À certa altura, ela caminha em linha reta através de uma parede de tijolos.

Um momento depois, reaparece.

— Eu esqueço que vocês, comuns, têm que usar portas. Que inconveniência! — Ela não conjura uma porta para eu usar, no entanto. Simplesmente causa uma explosão e abre um buraco na parede, deixando que eu encontre um caminho através dos escombros fumegantes.

Chegamos aonde a Princesa Evelyn está sendo mantida. Guardas se alinham no corredor de ambos os lados e uma alcova está lotada de cinegrafistas e repórteres. Estou surpresa de que tenham recebido autorização para entrar naquela parte do Palácio.

Assim que avistam a Rainha-mãe e eu, começa um pequeno tumulto enquanto voltam suas câmeras para nós, prontos para conseguir uma boa foto. Já é raro conseguirem um registro da Rainha-mãe em circunstâncias normais.

— Saiam do meu caminho! — ordena a Rainha-mãe, demonstrando todo o seu poder, apesar da estatura pequena. Seu isolamento com relação à imprensa também significa que ela não se deixa contaminar pelos disparates que às vezes os meios de comunicação disseminam. Acho revigorante.

Ela atravessa a parede da sala da Princesa e desta vez uma porta aparece diante dos meus olhos, para que eu possa entrar. No quarto está Zain — a primeira pessoa que meus olhos encontram. Zol também está lá, junto com Renel, a Rainha e o Rei.

Eles todos parecem chocados ao nos ver.

A Princesa Evelyn está dormindo em sua cama. Renel está com a poção sintética nas mãos.

Evelyn se mexe, seus cílios vibram e ela deixa escapar um gemido baixo de dor. Zain continua olhando para mim e, embora meus olhos pisquem de volta para ele, o que vejo em sua expressão é a última coisa que pensei que veria. Alívio.

— Você chegou tarde demais — sorri Zol. — Nossa poção já foi ministrada...

Os pelos dos meus braços se eriçam, arrepios percorrem a minha pele de cima a baixo. É poder se concentrando e se acumulando. Um cheiro de rosas enche o ar, tão espesso, doce e enjoativo que quase me sufoca. Magia, pura, crua e incontrolável.

Um raio explode na sala, fazendo-nos todos voar pelos ares. Protejo os olhos com as mãos e, quando olho para Evelyn, eu a vejo flutuando acima da cama, relâmpagos se projetando dos seus dedos.

— Não deu certo! — grita Zain. Ele salta para a cabeceira de Evelyn, tentando controlá-la.

Uma tempestade é conjurada dentro do quarto, o teto ameaça se desprender das paredes. O chão treme e objetos voam pelo cômodo; a atenção de todos está voltada para Evelyn, mas a minha está focada em outro lugar: no chifre de Auden, que foi transferido para o quarto da Princesa.

Eu disparo até ele, a poção na minha mão. No que eu espero que seja um instante de calma, abro o frasco sobre o Chifre, mas outra onda de energia irrompe da Princesa e me faz derramar o líquido para todo lado.

— Não! — grito.

— Sam, depressa! — diz Zain. — Confio em você. Administre a poção!

O que resta no frasco é a quantidade exata. Dou um salto e corro em direção à Princesa, ao mesmo tempo que a terra se levanta sob os meus pés. Um buraco se abre no piso, deixando aparente o céu azul brilhante. Salto sobre a abertura até a cama da Princesa, agarro o braço estendido de Zain e deixo que ele me puxe, como se estivéssemos lutando contra um furacão. Finalmente eu a alcanço. Ela está gritando.

Eu derramo a poção na boca da Princesa. Ao mesmo tempo, os olhos dela se abrem e perfuram os meus. Uma explosão de magia me arremessa para longe da cama e através do quarto, até me fazer desabar com tudo contra o pódio e derrubar o Chifre de Auden com estrépito no chão.

Fico esparramada ali, como um saco de batatas. Mal consigo me mover. Mas posso ver o Chifre. E posso ver que ele está dourado.

O barulho, o vento, o relâmpago, a tempestade cessam.

— Zain? — ouço Evelyn dizer.

— Ei, Evie! — ele sussurra para ela, e a ternura em sua voz me deixa arrasada. — Como está se sentindo? — Zain se inclina e pega do chão um caco de espelho quebrado. Os guardas, Renel, Zol, o Rei, a Rainha e a Rainha-mãe esperam com a respiração suspensa, espalhados pelo que resta da sala. Se a minha poção não tiver funcionado, pode ser o fim.

— Nossa! — exclama Evelyn. — Estou com uma aparência horrível! — Ela empurra o espelho e ouve-se um suspiro coletivo de alívio. — Ei o que está acontecendo? O que aconteceu aqui? Será que o meu aniversário de 18 anos saiu um pouco do controle?

Agora que sei que a Princesa está segura, a dor me assalta. Minha visão escurece e eu sinto cada pedra dos escombros sob o meu corpo. Alguém se ajoelha ao meu lado e

aconchega minha cabeça em suas mãos.

— Você está bem?

É Zain.

— Amor não correspondido... — digo, finalmente capaz de dar a resposta para a pergunta que Zol tinha feito. — Esse é o ingrediente que faltava.

— Você conseguiu, Sam — diz ele. — Você venceu a Caçada.



CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

♥ SAMANTHA ♥

Estou de pé, toda sem jeito, num vestido bonito que foi comprado numa das lojas mais caras de Kingstown. Aparentemente, nada no meu armário era bom o suficiente para um primeiro jantar com a Realeza. Recuso os saltos altos, no entanto. Já serei a única comum na sala, é melhor que não seja a *gigante* comum.

Mas, antes do jantar, pedem que eu aguarde. Meu estômago se contorce de expectativa. Eles curaram meus machucados e ossos quebrados e aplicaram um encantamento de alto nível para me deixar mais corada, mas não conseguiram usar magia em meu cérebro cansado. Sinto que poderia dormir durante um ano inteiro. Renel me conduz até a sala espelhada, adjacente ao quarto da Princesa. Há um desconfortável sofá pata de leão, em que tento me sentar, mas ele é tão duro e bulboso que volto a ficar de pé. Também estou um pouquinho preocupada com a possibilidade de arruinar meu vestido.

Ouçoo um crepitar de eletricidade e de repente a Princesa está no quarto comigo. Engulo em seco. Apesar de ter ficado perto dela o suficiente para despejar a poção do amor em sua boca, vê-la acordada e olhando para mim é intimidante. Ela é incrivelmente bela de perto.

A Princesa se apressa até onde estou e pega minhas mãos como se fôssemos grandes amigas que não se veem há muito tempo.

— Samantha Kemi! — Ela me beija nas duas faces. De perto, exala o aroma do Elixir Nº 5.

— Então você é a mente brilhante que me salvou!

Meu rosto adquire um tom vermelho profundo.

— Acho que foi mais um trabalho em equipe...

Ela faz um gesto com as mãos, descartando a ideia.

— Está brincando? Sabe quanto tempo levou para eu encontrar uma receita de poção do amor? *Anos!* Quero dizer, descobrir sobre o amor não correspondido. — Ela me olha firmemente através de suas íris azuis. — Isso requer habilidade.

Eu mordo o lábio, pensando no que dizer. A Princesa me detém com a mão.

— Você salvou minha vida. E tenho certeza de que o que tornou a poção ainda mais potente foi o fato de por acaso amarmos a mesma pessoa.

Agora eu não coro mais (porque não é possível!), mas quero afundar no chão e rezo para que ele me engula.

— E ele ama você também — gaguejo. — Você não precisava da poção, afinal.

Ela ri. Não é bem a reação que eu estava esperando. Ela estende a mão e pega meu pulso.

— Ah, Sam, não seja boba. Ele não me ama coisa nenhuma. Pelo menos não *desse* jeito. Ele não foi tão esperto quanto você, mas você vai descobrir sobre isso em breve. E sinceramente, não tenho certeza se um dia já o amei desse jeito também. Você tem que entender que Zain é o meu melhor amigo. Conquistar seu coração, embora de um jeito falso, era a meu ver o único caminho para ter algum tipo de felicidade no futuro. Veja só, a verdade é que eu não amo ninguém. Ainda não.

Eu sorrio. Estou começando a me simpatizar com a Princesa Evelyn, mesmo sem querer. Ela deve sentir isso, porque se inclina novamente e me beija nas duas faces.

— Obrigada — diz. — Você está com seu celular?

— Hmm... — Eu abro a minha bolsinha, que também é nova. Nunca precisei usar uma bolsinha antes. — Aqui — digo, entregando meu celular a ela. A princesa registra o número dela em meus contatos.

— Pronto, desse jeito podemos ser amigas e você pode vir ao casamento.

— Casamento? — Arregalo os olhos.

Evelyn sorri tristemente para mim.

— Eu brinquei com a minha responsabilidade e olha o que aconteceu. Ainda tenho que me casar. É chato, mas o que se pode fazer? Vejo você no jantar?

— Oh, eu não sei bem onde é...

— Não se preocupe, vou mandar alguém acompanhá-la.

E antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ela desaparece. Felizmente este cômodo tem portas ou eu teria realmente me sentido aprisionada ali.

Exploro o ambiente. Foi aqui que tudo aconteceu, de acordo com os noticiários. Há uma mesinha perto da janela, com um par de copos sobre ela. Uma garrafa de cristal brilhante

repousa numa bandeja de prata, mas ela está vazia.

— Eu não confio em mulheres que ficam ao lado dessa mesinha... — diz uma voz perto da porta.

Eu me viro. É Zain.

— O que você quer?

Se ele está magoado com o meu tom brusco, não demonstra. Em vez disso, faz uma reverência.

— Estou aqui para acompanhá-la ao jantar.

— Sério? É você quem vai me acompanhar? Olha, prefiro ir para casa do que sofrer mais essa humilhação, ok?

Por fim, a expressão dele vacila.

— Sam...

— Não, e não me venha com essa de “Sam”. Eu vivi um inferno por sua causa, sabia?

— Eu sei. Meu pai, ele...

— Você não pode simplesmente culpar seu pai por isso.

— Sam...

— Você acha que só porque a Princesa brincou com os seus sentimentos, isso lhe dá o direito de brincar com os meus para salvá-la? Existem coisas que são tão fortes, não, que são *mais* fortes do que as poções do amor que você conhece. Os sentimentos verdadeiros.

— Sam...

Eu não consigo me conter. Estou muito, mas muito zangada com ele.

— Pensei que tínhamos algo entre nós... Você não podia enfrentar o seu pai desta vez? Ou tudo era apenas uma grande mentira?

— Não é.

— O quê?

— Não é uma mentira. Eu *realmente* sinto algo por você, assim como eu disse. Pensei que Evelyn tinha me dito que o ingrediente final era o amor. Eu contei ao meu pai e ele disse que isso significava que a poção tinha que ser feita por alguém que acreditava estar apaixonado por aquele que pretendia tomá-la.

Cruzo os braços sobre o peito.

— Foi por isso que você deu aquela entrevista na televisão.

— Exatamente. Achei que, se eu fizesse uma declaração pública do meu amor, a poção funcionaria. Mas meu pai estava errado, assim como eu. Era amor não correspondido. E

você descobriu, mesmo não tendo que fazer isso. Não posso acreditar que parti seu coração! Mas escute, de certa forma, estou feliz de ter feito isso.

Eu estreito os olhos.

— E por que está feliz?

— Porque espero poder passar o resto do verão tentando fazer as pazes com você.

Eu quero dizer alguma coisa, rebater com uma resposta espirituosa, mas quando abro a boca não sai absolutamente nada. Boca traiçoeira... Em vez disso, digo:

— Você não vai se casar com a Princesa?

— O quê? Não!

— Mas ela disse... — Então eu paro. Ela não disse que ia se casar com Zain. Só que ainda precisava se casar.

Zain aproveita a oportunidade. Ele estende a mão e pega a minha.

— Não existe ninguém como você, Sam Kemi. Vai me deixar recuperar a sua confiança?

Eu me permito sorrir um pouquinho.

— Vou pensar.

Ele pega meu braço.

— Vamos nos atrasar para o jantar.

— Deixe que esperem — digo. Então levanto o rosto e beijo sua boca.

AGRADECIMENTOS

Este livro possuiu sua própria alquimia especial desde o início: a ideia partiu de um *tweet* aleatório em 2010, que foi então acrescido de muitos meses diante do computador, escrevendo nas horas mais escuras da noite e, agora, com a ajuda de tantas pessoas, ele está finalmente pronto para ser servido.

Meus primeiros agradecimentos vão para Juliet, a quem este livro é dedicado, e a Sarah — o time dos sonhos em termos de agentes literários, que qualquer pessoa gostaria de ter a sorte de encontrar. O trabalho duro dessas duas significa que eu posso continuar garantindo meu sustento fazendo o que gosto e me divertindo muito com isso.

Também quero agradecer muito a Elv e Zareen, meus editores da S&S Reino Unido e EUA, por seus enormes esforços para dar a este livro a forma que ele tem hoje. Vocês dois foram muito além do seu dever e este livro não seria o mesmo sem vocês. A Liz, da S&S Reino Unido, obrigada por seu incrível trabalho de marketing e publicidade, e por ser uma líder de torcida deste livro desde o início.

Nenhum escritor seria o que é sem amigos confiáveis para ajudá-lo na redação de suas obras, e os meus são os melhores. Obrigada, Kim e Laura. Sem seus pensamentos iniciais, bons conselhos e ombros para chorar, eu não teria sobrevivido a esta jornada! Espero que existam muitos mais retiros em nosso futuro.

Para minha mãe, meu pai e Sophie — obrigada por serem sempre os primeiros a ler e os primeiros a se deliciar com cada etapa que consigo vencer.

E, por último, a Lofty — obrigada por não precisar de uma poção para ser o amor da minha vida.



O Estranho Mistério das Quartas-Feiras

Bourbeau, Julie

9788564850743

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

O vilarejo de Max é absolutamente normal em todos os sentidos e em todos os dias da semana... exceto às quartas-feiras. A maioria dos habitantes tranca portas e janelas para se esconder das muitas coisas estranhas que acontecem nesses dias, coisas como gatos presos dentro do aspirador de pó, bolos de aniversário que pegam fogo ou escorregões com desfechos catastróficos. E Max, de 10 anos de idade, não gosta de ficar trancado em casa. Inquieto e curioso, ele quebra todas as regras do vilarejo e sai à procura da causa de todas essas esquisitices das quartas-feiras. O que ele descobre é um segredo tão bizarro e sobrenatural que sua vida jamais será a mesma. O próprio Max nunca mais será o mesmo! De repente, os acidentes inexplicáveis tão comuns às quartas-feiras passam a acontecer com ele também às quintas, às sextas e até mesmo aos sábados! O que aconteceu com Max? E, mais importante, será que existe uma cura para esse estranho mistério das quartas-feiras? Mistério, magia, monstros perigosos e outras

bizarrices você encontra aos montes nesta história fantástica de um garoto que quer desesperadamente que sua vida volte ao normal!

[Compre agora e leia](#)

A Guardiã do Tempo

(TIMELESS - LIVRO 2)

Uma História de Amor além da Eternidade

ALEXANDRA MONIR



A guardiã do tempo

Monir, Alexandra

9788555390524

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

No primeiro volume, Michele Windsor descobre que consegue viajar no tempo através do diário que encontrou na casa da avó. E em sua viagem para 1910, ela se apaixona por Philip Walker. Agora, neste último volume e de volta ao seu tempo, ela vê entrar em sua classe um novo aluno e mal pode acreditar: é o seu grande amor Philip Walker. Porém, ao procurá-lo, Michele descobre que ele não se lembra dela e nem do Philip Walker de 1910. Michele busca respostas nos diários antigos de sua família, e descobre que seu pai era um viajante do tempo, que tinha envolvimento com uma organização misteriosa chamada Sociedade Temporal, e vivia um conflito com uma antepassada vingativa. Michele logo se vê no centro de um embate que existe há 120 anos e cujo desenlace pode trazer consequências fatais.

[Compre agora e leia](#)

NIEL BUSHNELL

"Que ideia incrível para um thriller arrepiante sobre viagens no tempo! Gostaria de tê-lo escrito eu mesmo!"

- Stephen Cole, autor de Doctor Who

TÚNEIS DA MORTE

O PASSADO NÃO ESTÁ DEFINIDO.
CEMITÉRIOS NÃO SÃO O FIM...



Túneis da Morte

Bushnell, Niel

9788564850750

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Jack Morrow descobre que não é um menino comum, ele é arrastado quase imediatamente numa aventura surpreendente, muito além de qualquer coisa que um dia tenha imaginado. Isso porque Jack é um Viajante, alguém com a capacidade de viajar através das Necrovias, túneis multidimensionais que ligam cada lápide ao dia em que a pessoa morreu. Ao se ver na Londres devastada pela Segunda Guerra Mundial, na companhia de David, seu avô, na época ainda adolescente, Jack percebe que sua chegada a 1940 não passou despercebida. Forças malignas de um mundo secreto são convocadas a encontrá-lo. Enquanto Jack luta para sobreviver nessa aventura cheia de perigos e surpresas, ele acaba por desvendar o segredo sombrio da sua família, e se empenha, numa corrida contra o tempo, para tentar mudar o seu destino...

[Compre agora e leia](#)

CUIDADO...

Eles podem estar mais perto do que você imagina!

SCANNER

ALIENÍGENAS ENTRE NÓS

WALTER JURY

Produtor do filme
Divergente

SARAH FINE



Scanner - Alienígenas entre Nós

Fine, Sarah

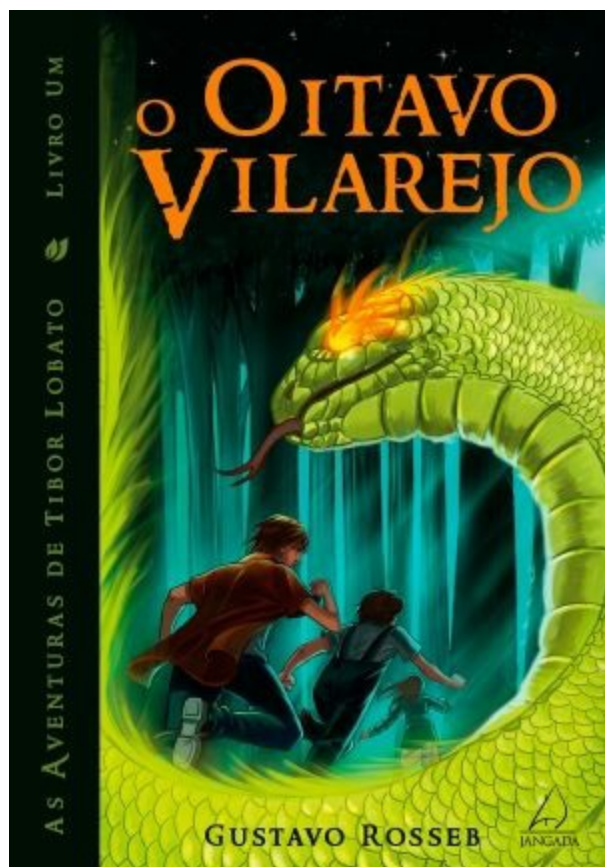
9788555390135

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tate não se dá bem com o pai. Ele não compreende por que é tão pressionado para ser o melhor em tudo. Ele só começa a entender para o que o pai o preparava quando furta uma de suas estranhas invenções - um misterioso dispositivo tecnológico com o poder de identificar, pela luz, quem são os alienígenas entre nós - e mercenários armam uma emboscada em sua escola, matando o pai e obrigando Tate a fugir de aliens com aparência humana. Tate só pode contar com seus próprios conhecimentos e habilidades e isso pode não ser suficiente para salvá-lo quando ele é lançado numa guerra secreta entre espécies. Ajudado apenas pela namorada e a mãe, com inimigos poderosos fechando o cerco em torno dele, Tate inicia uma corrida frenética para desvendar o segredo por trás da invenção do pai e impedir que ela caia em mãos erradas, colocando em risco a existência da espécie humana.

[Compre agora e leia](#)



O Oitavo Vilarejo

Rosseb, Gustavo

9788555390142

536 páginas

[Compre agora e leia](#)

Depois de perder os pais num terrível incêndio no acampamento cigano onde moravam e passar dois anos num orfanato, Tibor Lobato e sua irmã Sátir são encontrados pela avó e vão morar no seu sítio. Ali fazem amizade com Rurique, um garoto conhecedor das lendas e histórias de assombração do lugar. Durante a quaresma, coisas muito estranhas começam a acontecer na região e seres fantásticos do folclore - como a Mula Sem Cabeça, o Boitatá e a Cuca -, ganham vida e começam a assombrar os habitantes dos Sete Vilarejos. Os três começam a correr perigo quando descobrem segredos que ligam a família dos irmãos a esses seres fantásticos e a um lendário Oitavo Vilarejo. A partir daí inicia-se uma odisseia cheia de magia, que levará os três amigos a reconhecerem e valorizarem virtudes como lealdade, coragem, esperança e amizade.

[Compre agora e leia](#)